

Autora do best-seller *As violetas de março*

Sarah Jio



Os caras errados

“Uma história de amor comovente.
Eu simplesmente adorei este romance!”

— *Emily Giffin*



Livros da Alice

*Os caras
errados*





Sarah Jio

*Os caras
errados*



tradução
FLAVIA DE LAVOR



Livros da Alice



Título original: *Insignificant Others*

Copyright © 2025 by Sarah Jio & Chris Goldberg

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Livros da Alice, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Av. Rio Branco, 115 — Salas 1201 a 1205 — Centro — 20040-004

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

J61a Jio, Sarah

Os caras errados / Sarah Jio; tradução de Flavia de Lavor. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Livros da Alice, 2025.

Formato: epub com 2,8 MB

Título original: *Insignificant Others*

ISBN: 978-65-85659-43-7

1. Literatura norte-americana. I. Lavor, Flavia de. II. Título.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-31

André Felipe de Moraes Queiroz – Bibliotecário – CRB-4/2242

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA:



Para Brandon e Viviana



A viagem mais longa
de todas consiste
nos cinquenta centímetros da
sua cabeça até o
coração.

— *Thích Nhất Hạnh*



SUMÁRIO

PRÓLOGO

PARTE 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

PARTE 2

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

PARTE 3

Capítulo 7

PARTE 4

Capítulo 8

Capítulo 9

PARTE 5

Capítulo 10

Capítulo 11

PARTE 6

Capítulo 12

Capítulo 13

PARTÉ 7

Capítulo 14

Capítulo 15

PARTÉ 8

Capítulo 16

PARTÉ 9

Capítulo 17

Capítulo 18

PARTÉ 10

Capítulo 19

Capítulo 20

PARTÉ 11

Capítulo 21

PARTÉ 12

Capítulo 22

Capítulo 23

AGRADECIMIENTOS

PRÓLOGO

Ouç-o ressonar antes mesmo de abrir os olhos. Seu braço esquerdo está sobre mim, a respiração na minha pele. Um novo dia, um novo cara. Conforme o sol nasce, observo, com curiosidade e inveja, as sombras dançarem na parede do quarto. Pairam desimpedidas — livres e leves —, lembrando-me de como a minha vida anda de cabeça para baixo.

Os últimos dias foram tão confusos, e, para ser sincera, ainda estou tentando entender a situação. Porém, não me dou ao trabalho de me virar para o lado e dar uma olhada no homem. Ele é alto? Ou baixo? Será que é genioso? Tem barba por fazer? Um sotaque estrangeiro, talvez? Ele pode ser qualquer uma ou todas as alternativas acima. Pode ser um humanitário, um vigarista, um neurocirurgião ou um filantropo. Mas não estou nem aí. Só quero entender o que está acontecendo e dar um fim a essa história toda.

— Bom dia, gostosa — sussurra ele, aproximando-se de mim.

Ele beija o meu pescoço, logo abaixo da orelha esquerda, e sinto um cheiro forte de perfume — forte até demais. Sua voz me parece familiar, embora eu não consiga identificá-la de imediato nem lembrar como nos conhecemos.

Fecho os olhos e permaneço imóvel, fingindo dormir, e fico aliviada quando ele finalmente se dá por vencido, boceja e vira para o outro lado. Assim que volta a roncar, é a minha deixa: está na hora de ir embora — e bem depressa.

Por sorte, consigo sair da cama sem ser notada. Levo um momento para me orientar, examinando o espaçoso loft na cobertura de um arranha-céu de uma cidade qualquer. Esse cara nitidamente é bem-sucedido. Há uma enorme pintura a óleo pendurada na parede oposta. Parece algo que uma criança de seis anos poderia fazer com uma tela e alguns potes de tinta, embora deva custar algo em torno de seis

dígitos. Como sempre.

O ar frio atinge minha pele nua e eu me arrepio ao ver o meu reflexo no espelho de corpo inteiro. Não sei de quem foi a ideia do body de renda vermelha, mas me encolho de vergonha mesmo assim. *Roupas. Preciso de roupas.* Felizmente, vejo um closet à minha frente, e que closet!

Dividido ao meio, os pertences dele ficam à direita e os dela à esquerda. O homem deve ser um executivo, a julgar pelos ternos. Há tantos ternos! Olho para o outro lado, me perguntando sobre a mulher que mora aqui — bem, sobre a vida dela. Sei quem ela é, lógico, mas não de verdade. Ela é apenas um esboço, um rabisco num bloco de anotações. Será que é feliz? Bem-sucedida? Entediada? Olho de relance para o corredor que leva ao quarto, imaginando se ela estaria apaixonada pelo homem que ronca sob os caros lençóis de linho. Será que ele é tudo para ela?

Suspiro, passando a mão pela prateleira de suéteres de caxemira extremamente macios, dobrados em pilhas perfeitas. Escolho um suéter preto e examino a impressionante coleção de sapatos. Ela tem uma queda por Jimmy Choos, lógico — e por bolsas Louis Vuitton. Pego uma delas — por que não? — e depois procuro uma calça jeans e uma sandália sem salto. *Número trinta e sete, perfeito.*

Sigo de fininho até a sala de estar e paro perto da ilha da cozinha com tampo de mármore, onde há uma garrafa de vinho vazia e duas taças — uma delas com batom na borda — ao lado de uma carteira.

Olho pela janela e vejo o observatório Space Needle e o edifício Smith Tower, com seu telhado em forma de pirâmide. *Seattle!* Meu coração dispara enquanto tiro o American Express do porta-cartão e pego o resto do dinheiro na carteira: algumas notas de cem dólares e outras de vinte — por que não?

— Lena? — chama ele do quarto.

Meu coração dispara e eu corro na direção da porta, esgueirando-me para o corredor e fugindo para o elevador. Fico com um pouco de pena do cara, mas não tenho tempo de voltar e me explicar. Não. Tenho que sair daqui. E bem depressa.

Como a maioria dos homens antes dele, provavelmente não voltarei a vê-lo. Ele continuará a ser insignificante. Suspiro quando o elevador começa a descer. Como

adorei esse suéter de caxemira!

O ar frio fustiga meu rosto enquanto desço a colina até a rua Pike, acelerando o passo ao me embrenhar por uma multidão de turistas perto do mercado municipal. Tenho que pegar a balsa e resolver um *monte* de coisas. A prioridade máxima é: DESCOBRIR COMO RECUPERAR A MINHA VIDA DE ANTES.

Parte
um

ANTERIOREMENTE...

— Preciso que abra mais a boca, por favor — diz a dentista enquanto raspa os meus dentes com o que parece ser uma versão em miniatura do braço protético do Capitão Gancho. Não faço ideia se ela geralmente é irritada ou se o meu aborrecimento é contagioso. Provavelmente a última opção.

Não sei por que Samantha, minha assistente de 23 anos, marcou uma consulta no dentista justo para *hoje*, mas, já que estou aqui, abro a boca obedientemente quando me pedem — enquanto seguro o celular sobre a cabeça para ler as últimas mensagens do trabalho. Os rendimentos da empresa saem na semana que vem e estamos passando por dificuldades.

— Quantas vezes por dia você usa fio dental? — pergunta a dentista num tom de voz desconfiado e acusatório.

— Duas — minto.

— Hum — murmura ela, nada convencida. — Bem, suas gengivas contam uma história bem diferente.

Ignoro a fiscal de gengivas. Minha chefe, Christina, está me ligando e não posso ignorá-la.

— *Afô?* — balbucio, com a mão da dentista ainda na minha boca.

— Lena?

— *Festou no fentista.*

— O que você está fazendo no *dentista*? Logo *hoje*?

Por mais difícil que Christina seja de lidar, fico genuinamente impressionada. Ela entende a língua de quem está no *dentista*.

Eu devia explicar que foi culpa da minha assistente, que passa mais tempo no TikTok do que organizando a minha agenda, mas deixo para lá. Além disso, percebo,

pelo seu tom exasperado, que o nosso diretor-executivo está em pé de guerra.

— Posso até adivinhar: Phil a pressionou sobre a pauta da reunião? — pergunto assim que minha boca fica momentaneamente livre.

— Para dizer o mínimo — responde ela com um suspiro exagerado. — Mas, sim, ele me fez algumas perguntas. Um monte delas. Quando você vai voltar para o escritório?

— Em breve — digo, olhando para o relógio antes de recusar o tratamento com flúor.

A dentista faz cara de magoada, mas não tenho tempo para fazer o joguinho da vergonha dentária. Tenho que resolver um problemão no trabalho, ir ao cabeleireiro e fazer uma reserva para jantar hoje à noite — uma reserva muito importante.

Uma hora depois, encontro Samantha no meu escritório, de costas e debruçada sobre a minha mesa. Está segurando o porta-retratos com uma foto minha com Kevin, uma selfie que tiramos no ano passado durante uma trilha até Alamere Falls, a única cachoeira na costa oeste que deságua no Oceano Pacífico. Era linda, mas fazer trilha não é o meu forte — longe disso. Na verdade, consigo pensar numa longa lista de coisas que prefiro fazer a caminhar por colinas lamacentas, sem fôlego — como lavar o banheiro, por exemplo. Mas, por Kevin, eu faço até trilha. Ele adora, e tenho de admitir que o momento de carinho que compartilhamos naquele dia, no penhasco com vista para o mar, fez valer a pena todo o esforço. Ele pegou a minha mão, olhou nos meus olhos e disse que achava que tínhamos sido “feitos um para o outro”. Nessa época, estávamos juntos há um ano, e nosso relacionamento ia muito bem. E continua assim.

Dou um pigarro, me dando conta de que Samantha não me ouviu entrar.

— Ah! — exclama ela, erguendo o olhar, sobressaltada. — Pensei que você estivesse no... dentista. Eu só estava... tirando o pó. — Ela dá um sorriso nervoso, parecendo o gato de *Alice no País das Maravilhas*. — Você é uma mulher de sorte, sabia? — continua, puxando o meu saco de um jeito exagerado. — Kevin é um partidão. — Ela coloca o porta-retratos de volta na minha mesa.

— É — digo, colocando-o no lugar certo antes de me sentar na cadeira e abrir o e-

mail. — É, sim.

Não é nenhum segredo que Samantha tem uma queda pelo meu namorado. Quer dizer, já notei como ela fica radiante quando ele liga ou passa no escritório. Mas não me sinto ameaçada por isso. Samantha não faz o tipo dele. Ela veste seus três gatos com macacões de bebê e se refere a eles como “filhos”.

— Reparei na reserva de jantar na sua agenda para hoje à noite — comenta Samantha, demorando-se ali. — Le Rêve... que chique! — Ela faz uma pausa, com os olhos arregalados. — Acha que ele vai... te pedir em casamento?

Sinto meu rosto esquentar. O que há de errado com essa geração e sua falta de limites? É óbvio que Kevin vai me pedir em casamento, mas não preciso conversar sobre isso com a Samantha. Namoramos há dois anos e cumprimos todos os requisitos. Ele me levou a Nashville para conhecer a família dele no Natal passado e amanhã vamos para Seattle visitar minha tia Rosie na ilha de Bainbridge. Também já conversamos sobre o futuro — viagens, a casa que imaginamos em Sausalito, com um jardimzinho, a poucos passos da praia. Mas a visita à joalheria Tiffany, há alguns meses, é que foi o momento crucial. Apontei casualmente para um anel de noivado que chamou a minha atenção, e ele abriu um sorriso sagaz e pediu o cartão da vendedora. Sim, tudo está correndo conforme o planejado. E hoje à noite? Vai ser o auge.

— Tem certeza disso? — perguntara minha melhor amiga, Frankie, uma noite dessas pelo FaceTime.

Ela estava usando uma máscara de lama e relaxando no sofá de seu apartamento em Nova York enquanto tomávamos uma taça de vinho juntas a quase cinco mil quilômetros de distância. Não é que ela não goste do Kevin. Ela o adora, óbvio. Todo mundo gosta dele, principalmente a minha assistente. Acenei com a cabeça em resposta a Frankie naquela noite, mas evitei contato visual enquanto tomava um longo gole de vinho.

— Ei — continuara ela. — Desculpa. Só quero ter certeza de que... *você* tem certeza disso.

Certeza. É óbvio que tenho. No mundo dos negócios, meus instintos são mais

afiados do que uma faca japonesa de dois gumes. Sou capaz de convencer os conselhos de administração das quinhentas maiores empresas eleitas pela revista *Fortune* e guiar diretores-executivos pelo campo minado do mundo corporativo como o Flautista de Hamelin. Sou decidida, focada e dura como um diamante. E quanto ao amor? Na minha vida amorosa, aplico as mesmas técnicas: avalio os prós e analiso os contras estrategicamente. Como o juiz mais implacável do *American Idol*, não tenho nenhum problema em dar o X a alguém. Para que perder tempo com quem não é o cara certo para mim?

Foi então que surgiu o Kevin. O “currículo” dele? Perfeito. Além disso, ele fica ótimo de terno, sabe trocar um pneu e seu apartamento é impecável. Contratado.

— Vou te contar como *eu* tive certeza — dissera Frankie, sorrindo nostalgicamente ao contar a noite em que conheceu o marido, Christian. — Era como se ele fosse a peça do quebra-cabeça que eu estava procurando a vida inteira. — Ela fez uma pausa, olhando para mim através da tela. — Tem certeza de que é assim que você se sente em relação ao Kevin?

Frankie falara com tanta certeza, com tanto conhecimento de causa, que tenho de admitir que suas palavras tocaram meu coração: *será que o Kevin é a peça do quebra-cabeça que me faltava?* Mas logo recuperei o juízo. Ele é bem-sucedido, gentil e absurdamente bonito. Dã!

— É lógico que me sinto assim em relação ao Kevin! — exclamei na ocasião, meio chateada. — Agora, dá pra parar de me deixar ansiosa? Podemos começar a falar sobre o que vou vestir para o jantar no Le Rêve?

Sim, essa noite será o começo do resto das nossas vidas — se eu conseguir aguentar o resto do dia de trabalho. Endireito os ombros e abro o e-mail de Christina sobre as objeções do nosso diretor-executivo a respeito da pauta de reunião que preparei mais cedo. Estou a par do protocolo — é um ciclo infinito de erguer a cabeça, apaziguar, aplacar e repetir tudo — e já conheço o resultado: mudar tudo e depois voltar ao que era antes. Sei muito bem o que fazer.

— Ah, eu já ia esquecer! — exclama Samantha, ainda parada na porta. — Você recebeu algumas ligações enquanto estava fora: Jen da contabilidade, Nick da

Blackrock, hã, e...

— Não tenho tempo agora — interrompo. — Tenho que cuidar do drama do Phil antes de ir para o meu compromisso.

Samantha olha para mim com a cara de confusão que faz quando a máquina de xerox pifa ou quando a contabilidade lhe pede para enviar o relatório de despesas mais cedo.

— Você está falando do seu *compromisso no cabelereiro*, certo?

Ignoro o tom de julgamento na voz dela.

— Por favor, feche a porta ao sair, tá bom?

Chego ao salão quase sem fôlego e cumprimento minha cabelereira de longa data, Kristen, com um abraço. Ela rola a galeria do celular com orgulho para me mostrar as últimas fotos da filha de oito meses, com uma faixa floral cor-de-rosa enfeitando a cabecinha careca.

— Ah, ela é tão fofa! — exclamo, com uma expressão animada, mas forçada. *É impressão minha ou os bebês são todos iguais? Parecem até alienígenas.*

Sento na cadeira de Kristen no instante em que Frankie volta a me ligar pelo FaceTime.

— Oi — digo com um suspiro.

— O que aconteceu? — pergunta ela, estreitando os olhos.

— O trabalho anda uma loucura — explico. — Tenho que resolver um problema atrás do outro. Sério, esse trabalho ainda vai acabar comigo algum dia desses.

— Mas hoje, não — responde Frankie com um sorriso encorajador.

Sorrio, aliviada por estar fora do escritório, mas ainda repassando as tarefas do dia.

— Não vou mentir para você — continuo. — Estou *bastante* entusiasmada com os ajustes que fiz nas observações do nosso CEO para amanhã. Acho que encontrei uma maneira mais holística de diagnosticar os problemas dos nossos acionistas; sabe, gerar valor para criar eficiência operacional nos resultados.

Frankie revira os olhos.

— Lena, fale na minha língua, por favor?

— Desculpa — digo, rindo, sabendo como a linguagem corporativa a faz

estremecer.

Frankie (Francesca) e eu nos conhecemos no primeiro ano de faculdade, quando fomos colegas de quarto na Universidade de Nova York. Tão parecidas a ponto de conversarmos sobre as questões importantes da vida e tão diferentes a ponto de nos fazer rir, criamos laços a partir de inúmeros detalhes bobos: a aversão à comida do refeitório e às garotas doidas por rapazes do nosso andar, a preferência por luzes de Natal multicoloridas em vez de brancas, o cheiro de lápis recém-apontados, os livros de Anne Lamott, os Strokes e Zooey Deschanel.

— Enfim, estou no salão de beleza agora — continuo, sorrindo para Kristen no espelho. — Pensei em dar tudo de mim para hoje à noite.

— Só me promete uma coisa — diz Frankie em tom de brincadeira —: nada de franja.

Rio sozinha, lembrando daquela noite na faculdade em que decidimos cortar a franja uma da outra. Ainda consigo ver Frankie chorando em pânico diante do espelho do nosso banheiro minúsculo, depois de eu ter cortado uma mecha enorme do cabelo dela.

— Ah — respondo, rindo tanto que minha barriga chega a doer —, *até* que ficou... bonitinho.

— Em *você* — ironiza ela. — Eu fiquei parecendo um poodle, Lena. Você devia ter me dito que garotas de cabelos cacheados não ficam bem com a franja da Zooey!

— Eu tinha 18 anos — retruco, ainda rindo. — O que é que *eu* sabia da vida?

Depois de passarmos vários anos como colegas de quarto pós-faculdade no Brooklyn, recebi uma oferta de emprego em São Francisco, e Frankie ficou em Nova York para terminar o último semestre do MBA. Apesar de ser a melhor da turma na faculdade, ela recusou oportunidades lucrativas em Manhattan e, em vez disso, aceitou um cargo numa organização sem fins lucrativos em Greenpoint que atende a jovens carentes. A Frankie é assim.

Quando Kristen me leva até o lavatório para lavar o meu cabelo, a ligação com Frankie termina abruptamente, do jeito que só melhores amigas são capazes de fazer.

— Que tal fazermos umas ondas soltas? — sugere Kristen depois que estou com o

couro cabeludo massageado e condicionado. — Algo feminino, romântico.

— Ondas? — Hesito. — Sei lá. Não acha que pode ficar... meio exagerado?

Kristen responde que não com a cabeça.

— Não vou deixar você sair daqui parecendo a Shirley Temple, prometo.

Qual é o problema com umas ondinhas?, imagino Frankie dizer, passando a mão pelos cachos escuros que combinam tão bem com sua personalidade animada.

Olho para o meu cabelo loiro-médio, liso e escorrido, lembrando de um comentário que Kevin fez meses atrás antes de eu ir para o salão. O corte reto sempre foi a minha marca registrada, mas ele sugeriu que eu mudasse um pouco o visual, quem sabe escolher um “estilo mais leve”.

— Tá bom, vamos fazer umas ondas *suaves* — digo por fim, mordendo a isca. — Mas nada muito exagerado. Acho que não consigo sustentar o visual icônico de Frankie.

Ela *é* um ícone, em todos os sentidos. Inteligente, engraçada, pé no chão — bonita, mas não de um jeito exibido. Sua mãe é professora de uma pré-escola montessoriana na Sicília; seu pai, um banqueiro de Ohio; mas Frankie é única. Com aquele tom de pele marrom-claro, penetrantes olhos castanhos e aqueles cachos, ela é linda, mas sem fazer esforço algum — o tipo de mulher que nem repara quando atrai o olhar das pessoas.

Enquanto isso, eu não sou nada *icônica*. Sou magra, meus olhos são verde-musgo, o que me disseram que é uma raridade, e tenho belas panturrilhas — gosto de pensar que isso compensa as minhas deficiências no departamento dos cabelos.

— Vou fazer uma mágica em você — diz Kristen, empunhando o modelador de cachos de um lado para o outro, e borrifando, amassando e despenteando a minha juba sem vida até ficar, bem... maravilhosa. — Pronto — diz ela por fim, dando um passo para trás enquanto sorri para mim no espelho, satisfeita. — Lena, você está *deslumbrante*.

Engulo em seco, analisando o meu reflexo. Apesar de ser bastante disciplinada em relação à minha aparência — um pouco de maquiagem, sem exageros, uma corrida diária de cinco quilômetros para manter o corpo de 56 kg em forma, roupas de

trabalho de bom gosto —, esse é um novo eu bem mais *leve*. Kevin vai gostar, tenho certeza. Mas será que eu gosto? Sinto um nó na garganta.

— Ei — diz Kristen, sentindo a minha inquietação. — Que cara é essa?

Mordo a pontinha do lábio.

— É normal ficar meio ansiosa — diz ela. — Eu estava uma pilha de nervos antes de ficar noiva. — Ela faz uma longa pausa. — Ou é outra coisa?

— Tá tudo bem — respondo depressa, endireitando os ombros. — É como você disse, só estou meio nervosa.

Meu coração dispara quando saio do táxi e olho para o restaurante logo adiante. Com duas estrelas Michelin, o Le Rêve (“O Sonho”, em francês) tem uma lista de espera de seis meses, um verdadeiro fã-clube entre os apreciadores de gastronomia e, como se pode notar pelo olhar presunçoso da recepcionista, um inconfundível ar de pretensão.

Olho ao redor do saguão à procura de Kevin, mas, como não o vejo, verifico o celular e encontro sua última mensagem:

Desculpa, foi um dia insano.
Estou atrasado.
Pegue a nossa mesa, chegarei
entre 15 e vinte minutos.

Digo a mim mesma para não ficar aborrecida. Kevin trabalha no setor imobiliário; seu trabalho é tão caótico quanto o meu, talvez até mais, e hoje tinha concordado de última hora em acompanhar a excursão do sobrinho de seis anos.

— Sua mesa está pronta, senhorita — diz a Recepcionista Presunçosa enquanto tento me livrar da decepção.

Sigo um homem de roupa branca engomada até ao centro da sala de jantar. Na mesa, sozinha, sinto como se tivesse sido jogada num aquário gigantesco quando as pessoas jantando começam a me encarar. Por sorte, o sorriso do garçom que se aproxima de mim acalma os meus nervos — assim como a taça de champanhe que ele me oferece. Tomo um bom gole.

— Boa noite — cumprimenta ele, com uma das mãos às costas de modo formal.

— Enquanto espera pelo seu convidado, posso perguntar se vamos celebrar algo especial esta noite?

Bebo um pouco mais de champanhe e depois abro um sorriso.

— Bem — começo, abaixando a voz até virar um sussurro. O vestido de lantejoulas pretas pinica minhas axilas, por isso me endireito na cadeira. — Cá entre nós, acho que o meu namorado vai me pedir em *casamento* hoje à noite.

— Ah, mas que maravilha! — exclama o garçom. — Vou avisar os violinistas.

Como se tivessem ouvido a deixa, os músicos aparecem — e começam a pairar em volta da minha mesa como se fizessem uma sinfonia para... uma pessoa só. Dou um sorriso sem graça e aceno com a cabeça algumas vezes antes de olhar de novo para o celular. Felizmente, eles entendem o recado e partem para outra mesa.

Vinte e cinco minutos e duas taças de champanhe mais tarde, Kevin finalmente chega, bonito como sempre.

— Oi — diz ele com um suspiro ao se sentar na cadeira, recusando o champanhe oferecido pelo garçom com um aceno de mão. — Bourbon. Duplo. Com gelo.

— Oi — digo, me perguntando se ele gostou do meu cabelo.

— Desculpe o atraso — continua ele, esfregando a testa. — Max se recusou a ir embora antes de vermos os tigres, e acabei pegando o trânsito na hora do rush.

Abro um sorriso.

— Tio do Ano.

— Contanto que seja só *uma vez* por ano — responde Kevin com uma risada. — Não sei como meu irmão e a minha cunhada dão conta. Crianças são muito cansativas.

Concordo com a cabeça, estendendo a mão para ele, mas Kevin pega o celular.

— Espera, tenho que tratar de um último assunto de trabalho.

— Ah! — exclamo, me recostando na cadeira no exato momento em que os ansiosos violinistas reaparecem. — Tá bom.

Observo-o digitar a mensagem, imaginando se a aliança está no bolso da calça ou no interior do casaco. Digo a mim mesma que ainda vamos rir disso algum dia. Contaremos a história em jantares, lembrando que ele chegou atrasado, que eu

estava arrumada demais para a ocasião e ele, malvestido. Todo mundo vai sorrir e...

— Qual é o problema desses violinistas? — pergunta Kevin, lançando um olhar irritado para os músicos à nossa volta.

— Hã — começo a dizer quando o garçom retorna com o bourbon de Kevin. — Sei lá. Você não acha... agradável?

Ele esfrega as têmporas e continua digitando no celular.

— Não quando se tem uma dor de cabeça de rachar.

Nosso garçom recebe o recado e manda os músicos partirem discretamente para outra mesa enquanto eu vasculho a minha bolsa atrás de uma cartela de Advil, mas não encontro nada.

Finalmente, Kevin baixa o telefone e pigarreia.

— Sinto muito por isso. — Ele endireita os talheres, depois os copos, de água e bourbon, em linhas paralelas antes de dar um tapinha na lapela do casaco, orgulhoso. — Enfim. Tenho uma surpresa para você.

Inclino-me sobre a mesa, em expectativa, de olhos arregalados.

— Sei que já falamos disso há um bom tempo — começa ele — e que as circunstâncias não eram as melhores no ano passado, mas...

Sorrio e meu coração bate mais depressa quando Kevin enfia a mão dentro do casaco.

— Mas acho que *agora* é o momento certo.

Pego na mão dele.

— *Sim*, é, sim — digo, radiante, com os olhos cheios de lágrimas enquanto ele pega... um envelope.

— Coldplay — conclui ele, agitando dois ingressos para o show enquanto meu coração se parte. — Lembra que eu queria ir no ano passado, mas você estava gripada? Bem, eles vão voltar em maio, e eu decidi ir com tudo: entrada VIP, acesso aos bastidores, lugares na primeira fila. Talvez a gente até conheça o Chris Martin!

Coldplay? Eu nem gosto muito da banda. Quer dizer, “Fix You” é uma música boa, mas... *Coldplay*?

— Kevin — balbucio, examinando o rosto dele à medida que a minha confusão se

transforma em raiva. — Mas que... merda é essa?

— Ué, o que foi? — pergunta ele, atordoado. — Você não gostou? Lena, tem noção de como foi difícil arrumar esses ingressos? Pensei que você ficaria... mais entusiasmada.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto e percebo vagamente que o trio de violinistas voltou a se aproximar da nossa mesa. Vivaldi nunca soou tão cruel assim.

— Querida — murmura Kevin. — Qual é o problema?

— Qual é o *problema*? — retruco, balançando a cabeça. — Kevin, achei que você fosse... — Paro de falar, desviando o olhar.

— Ah — responde ele depois de um bom tempo, digerindo as minhas palavras enquanto abaixa a cabeça. — Lena, eu...

— Por favor, Kevin — murmuro, envergonhada, olhando para baixo. — Não fale mais nada.

— Você sabe que eu gosto de você — diz ele, me paparicando. — E eu sei que temos conversado sobre esse... *assunto*, mas... — Ele para outra vez, esfregando a testa como se a conversa tivesse transformado a dor de cabeça de tensão numa enxaqueca violenta. — Escuta, tenho que ser sincero com você. Não sei se estou pronto para dar um passo tão grande assim. Quer dizer, você está?

— Tão grande... *assim*? — retruco, me perguntando se a sala está girando ou se é culpa do champanhe.

Ele coça a cabeça.

— Sei que nos divertimos juntos, mas você acha mesmo que nós dois... *combinamos*?

Faço que não.

— É sério que você está me fazendo essa pergunta, depois de dois anos juntos?

— Lena — continua ele, fazendo que não com a cabeça —, você nem gosta de fazer trilha.

— Trilha? Você só pode estar brincando! — Agarro a beira da mesa. — Isso não tem nada a ver com trilhas! Kevin, a gente já conversou sobre o futuro, nós... — Respiro fundo. — Naquele dia, na Tiffany, eu te mostrei o anel de que mais gostava.

Pensei que estivéssemos em sintonia, que você quisesse dar o próximo passo. Você até pediu o cartão da vendedora!

Kevin parece um suspeito sob interrogatório da polícia, prestes a invocar seu direito de ficar em silêncio. Fecha os olhos e, em seguida, volta a abri-los.

— Escuta — diz ele, fazendo uma pausa enquanto passa as mãos pelos cabelos. — Lena, você é uma mulher realizada, divertida, bonita... especial.

Por que é que parece que ele está lendo o meu obituário em voz alta?

— Mas, só porque estamos com alguém há dois anos... — continua ele — bem... não significa que devemos ficar juntos... para sempre.

— Entendi — digo, magoada e furiosa ao mesmo tempo. — Então me diga: o que isso significa?

— Não sei — responde ele, franzindo a testa. — Olho para os nossos amigos e colegas, e mais parece uma fábrica, é como se as pessoas estivessem numa esteira rolante e, quando chegam àquele momento da vida em que a sociedade espera que se casem, sentem-se obrigadas a isso. É como se fosse a próxima etapa da linha de montagem. Nem importa se é amor verdadeiro, uma conexão de almas... seja lá como você quiser chamar. Elas apenas se contentam com a pessoa que está ao seu lado na esteira. — Ele faz uma pausa, puxando a gola da camisa. — Eu não quero fazer isso.

— Nossa! — exclamo, perplexa. — Então é isso que você pensa de mim? Sou só mais uma pessoa de passagem numa... esteira rolante?

— Não, Lena — responde ele, com uma expressão mais branda. — Às vezes, temo que seja assim que você... me vê.

Olho para ele, boquiaberta. Sinceramente, não sei o que dizer, e tudo isso um dia antes de viajarmos para Seattle. Imaginei tanto o momento em que anunciaríamos o noivado à minha tia Rosie, a irmã mais velha da minha falecida mãe que me criou depois de ela ter falecido. Devo ter repassado a cena na minha cabeça centenas de vezes, imaginando a expressão de alegria em seu rosto ao lhe mostrar o anel, com Kevin enfiado num colete acolchoado e sorrindo carinhosamente com o braço em volta da minha cintura.

Sinto-me uma tola, idiota e completamente envergonhada quando o garçom olha

para mim de uma mesa próxima e faz uma cara de pena. *Ele sabe.*

— Kevin — digo por fim, meus olhos ardendo com as lágrimas. — Não é uma esteira rolante. É a vida real. Pensei que você quisesse dar o próximo passo. Eu estava... enganada.

— Sinto muito, Lena — diz ele, estendendo a mão sobre a mesa, mas eu não a pego.

Parece que o restaurante inteiro me observa quando ponho a bolsa no ombro e me levanto, a cadeira rangendo sobre o assoalho de madeira. Trôpega nos saltos altos, ajeito a bainha do vestido enquanto olho para a saída. Tenho certeza de que sempre desprezarei lantejoulas — e Vivaldi.

— Adeus, Kevin — digo por fim.

Vejo-o abrir e fechar a boca, formando palavras — uma frase ou duas ou três —, mas não entendo nada que ele diz. Tudo que consigo ouvir são as batidas do meu coração e o som nauseante da música barroca. Kevin agarra o meu braço, mas dou um salto para a frente, libertando-me dele e disparando em direção à porta.

Deixo as chaves na tigela da mesinha no saguão do meu apartamento, ao lado da planta murcha que há muito desistiu de viver, depois afundo no sofá e desato a chorar — o rímel forma uma mancha sob os meus olhos e me faz parecer um guaxinim.

“SOS”, envio para Frankie, o nosso código de emergência. Ela me liga imediatamente pelo FaceTime, apesar de já passar de meia-noite em Nova York.

— O que foi? Tá tudo bem?

Entre rios de lágrimas, desabafo os infelizes acontecimentos da noite.

— Talvez seja só um mal-entendido — diz ela, tentando entender a situação. — Ele já te ligou? Mandou mensagem?

— Não, ele não deu nem um pio — respondo com um suspiro. — E *não* foi um mal-entendido.

Com o estômago roncando, vou até a cozinha, desejando ter pedido ao menos um aperitivo antes da minha vida ir pelos ares. Em vez disso, olho para a geladeira, examinando minhas opções: uma embalagem de peito de frango cru, espinafre, um pacote de cuscuz do mercado, iogurte e uma garrafa de sauvignon blanc, que pego da prateleira de cima. Nada me parece apetitoso nem tenho energia para cozinhar. Prefiro pedir comida — pra já.

— Sei como é difícil para você — diz Frankie. — Você gosta mesmo do Kevin, e eu entendo os motivos: ele é bem-sucedido. Sabe cozinhar. Gosta de cachorros. Os pais dele são normais. Até bebem gemada na véspera de Natal, *usando pijamas combinando*, não é?

Solto um muxoxo.

— Por favor, não esfregue essas coisas na minha cara.

— Querida, presta bem atenção. O que aconteceu hoje à noite foi horrível, mas...

talvez seja melhor assim. Sim, o Kevin é perfeito — continua ela —, mas talvez não para *você*.

Deixo escapar outro soluço choroso e sirvo o sauvignon blanc numa taça.

— É fácil para alguém que é feliz e casada com sua alma gêmea falar uma coisa dessas.

— Pode até ser verdade, mas Christian e eu não temos um casamento perfeito. Nem de longe. Às vezes acho que ele nem sequer *escuta* o que eu falo. Como hoje de manhã, quando voltou do mercado com duas sacolas de compras cheias de coisas que não estavam na lista que eu fiz.

Sei que Frankie só está tentando ajudar, mas a situação dela não tem nada a ver com a minha. E daí se Christian não leu o memorando sobre tomates orgânicos? Kevin não leu *nadica de nada* do memorando! Eu me recosto no sofá, cobrindo o rosto com uma almofada por um bom tempo antes de voltar à tona, repetindo as palavras de Kevin na minha cabeça.

— Tem mais uma coisa — começo, balançando a cabeça, ainda tentando entender aquela história toda. — Ele tinha uma teoria bizarra... a respeito de uma esteira rolante.

— Há? O que foi que você disse?

Mordo a pontinha do lábio.

— Sei lá. É sobre como... estamos todos numa linha de montagem na vida, e que a maioria das pessoas acaba fazendo parceria com quem está ao lado delas.

— Que romântico! — ironiza Frankie.

Concordo com a cabeça.

— Kevin *me* acusou de só querer estar com ele porque, bem, estava no lugar e na hora certa.

Frankie fica calada por um instante e depois dá um longo suspiro.

— Ah, Lena. Odeio dizer isso, mas talvez ele tenha razão.

— Espera aí! Você vai mesmo ficar do lado *dele*?

— Eu te amo, mas presta atenção. Não se pode tratar um relacionamento como se fosse uma carreira, e eu sei como você gere a sua carreira.

Volto a cobrir o rosto com a almofada.

— Tudo o que estou dizendo, Lena, é que o Kevin era... é... perfeito na teoria, mas você é tão focada nos seus objetivos que talvez tenha se apressado em fechar o negócio. Por exemplo, talvez não tenha reparado nas suas características menos agradáveis. — Frankie faz uma pausa e abre um sorriso sarcástico. — Quer dizer, ele é tão tenso.

Só consigo pensar nas trilhas. Detesto fazer trilha, mas podia ter me esforçado mais. Será que eu devia ter me esforçado mais?

— Querida, sei que não vai ser fácil ouvir isso, mas acho que o Kevin não era... o cara certo para você.

— Era, sim... é, sim — refuto, saindo de trás do meu forte de almofadas. Nessa hora, percebo que tudo o que pensava ser verdade, tudo o que esperava que acontecesse, escorregou por entre os meus dedos. Mas como? Eu fiz tudo certinho. — Frankie, como foi que eu entendi tudo tão errado assim?

— Talvez você estivesse tão ocupada riscando as coisas da sua lista de tarefas que nem percebeu que Kevin era só a pessoa que estava ao seu lado na linha de montagem.

Solto um resmungo.

— Podemos parar de falar sobre linhas de montagem, *por favor*?

— Desculpa — responde Frankie com uma risadinha. — Ei, por que você não pega um avião pra cá e me faz uma visita? Eu te ajudo a passar por mais essa, e talvez a gente possa dar um jeito no seu perfil nos aplicativos de namoro.

— Pra ser sincera, prefiro me tornar a mulher que adota todos os gatos de rua de Presidio do que mergulhar o dedinho do pé no esgoto dos aplicativos de namoro.

— Ah, não! — responde ela com uma gargalhada. — Não vou deixar você virar a maluca dos gatos, se puder evitar.

— Tanto faz — murmuro. — Mas eu vou para Seattle amanhã, lembra? Eu ia apresentar Kevin a Rosie. — Dou um suspiro. — Agora já era.

— Quem perdeu foi ele — diz Frankie sem pensar duas vezes. — E fico feliz que você vá para casa... Você precisa disso. Mas venha me visitar em breve.

— Vou, sim. Prometo.

Desligamos e eu me apresso em pedir comida chinesa antes de me enfiar na cama para ligar para Rosie.

— Olá — digo para a única figura materna da minha vida. — Sou eu.

— Lena! — A voz de Rosie parece a mesma, afetuosa e sábia, mas também um pouco cansada, e é então que percebo que já passa das dez e que a acordei.

— Desculpa por te ligar tão tarde — começo —, mas, Rosie, hoje foi... um *dia e tanto*.

— Fala comigo, querida. O que houve?

— Foi o Kevin — respondo, enxugando uma lágrima. — Nós terminamos o namoro.

— Ai, meu Deus! — responde ela. — O que aconteceu?

Sinto-me abatida e paralisada. Ao contrário dos dramas corporativos, não é uma situação que eu possa resolver com uma planilha.

— Pensei que ele fosse pedir a minha mão em casamento — explico por fim —, mas... não. Foi exatamente o contrário.

— Ah, Lena! — diz Rosie, sua voz é um bálsamo para os meus ouvidos. — Sinto muito. Sei o quanto isso dói. Mas você vai superar. Vamos resolver tudo assim que você chegar em casa.

Solto um longo suspiro. *Casa*. Chego até a sentir o gosto da maresia.

— Vou pegar o voo da tarde amanhã. Sem o Kevin, óbvio.

— O Kevin que se dane — diz Rosie. Logo visualizo o rosto dela. Forte e firme, com um brilho travesso nos olhos. — Vamos nos divertir mais sem ele.

O avião pousa na nublada Seattle no dia seguinte, bem no final do dia de trabalho. Recolho as minhas coisas e corro para a retirada de bagagem. Se tiver sorte, conseguirei pegar um táxi até o centro da cidade a tempo de embarcar na balsa das sete da noite para a ilha de Bainbridge. Quanto tempo faz desde a minha última visita? Dois anos? *Tempo demais!* Sim, o trabalho sempre foi uma boa desculpa, mas Kevin também. Sinto uma pontada de arrependimento, lembrando-me dos feriados recentes que passei com a família dele em vez de fazer a tão esperada viagem para casa.

Quando minha mãe morreu, eu tinha apenas 12 anos. Sua ausência, ainda mais

numa idade tão delicada, me destruiu, mas Rosie estava lá para catar os meus caquinhos e me tirar do desespero. E ela fez isso com brilhantismo. De certa forma, era como se ela estivesse destinada a ser a minha mãe e eu, a sua filha.

Mamãe e eu estávamos morando com Rosie há quase dois anos quando ela morreu. Antes disso, nunca tive um lar estável. Passamos por tantos apartamentos sujos quanto minha mãe trocava de namorado. Perdi a conta de em quantas escolas estudei, sempre a nova garota da turma. Por sorte, eu não era nada parecida com ela. Mamãe era atormentada por altos e baixos e passava dias na cama lutando contra os próprios demônios.

Enquanto eu só me desenvolvia cada vez mais sob os cuidados de Rosie, minha mãe foi se deteriorando aos poucos. Ela tentava trabalhar nos seus quadros, mas sem nenhuma consistência. O chão de seu quarto era cheio de telas inacabadas. Novos namorados iam e vinham, e, quando partiam, ela sumia, às vezes por dias a fio. Quando finalmente voltava, seus olhos estavam vazios e seu coração em outro lugar.

Depois de uma decepção amorosa particularmente ruim, ela já estava desaparecida há dois dias quando o xerife bateu à nossa porta, dando a notícia avassaladora que nenhuma garotinha jamais deveria receber. Um motorista bêbado, que seguia em sentido contrário numa saída da autoestrada, tinha a atropelado.

Eu me lembro de sentir como se tivesse saído do meu corpo, minha jovem alma pairava no ar, assistindo à cena se desenrolar como se fosse um filme: Rosie chorando, o xerife oferecendo condolências desajeitadas, eu em posição fetal no tapete da sala. Não parecia real. E como podia ser? Como é que ela podia ter... morrido? Minha mãe era extremamente complicada, e precisei de anos de terapia para perceber que, apesar de sentir muito a falta dela, sua ausência acalmara as águas turbulentas. Na verdade, depois que ela se foi, o mar se tornou límpido como vidro. Talvez a alma dela também se sinta assim.

Quando o táxi sai da autoestrada, virando em direção ao centro da cidade, sinto um aperto no peito. *Seattle*. As lembranças voltam de uma vez só, me atingindo por todos os lados: Pearl Jam no Showbox, tardes de passeio pelos recantos mais escondidos do Pike Place Market (de coturno da Doc Martens, lógico) e tantos

sábados chuvosos, sentada em cafeterias acolhedoras, saboreando um *latte* de baunilha cheio de espuma com as minhas amigas. De certa forma, a cidade está exatamente como a deixei, embora não possa dizer a mesma coisa sobre mim.

Penso no Café Vita, escondido sob o mercado. Foi o meu refúgio no verão após a faculdade, quando fiz estágio numa empresa de capital de risco antes de voltar para Nova York. Sorrio, lembrando de todas as horas que passei na cafeteria antes e depois do trabalho. Era a minha segunda casa, e ainda consigo visualizar todos os seus personagens: Spencer, o barista, sorrindo atrás da antiga máquina de café La Marzocco; Annelise, na caixa registradora com seus óculos de gatinho e jeitão de Lisa Loeb; Vaughn, o cliente esquisito/mas-nem-tanto de sobretudo preto e fones de ouvido enormes que pedia um *doppio con panna* às sete e meia todas as manhãs. Rio sozinha, lembrando daquela vez que Spencer perguntou o que ele estava ouvindo. Todo mundo presumiu que seria heavy metal, mas não. “Mozart”, respondeu ele, como se não houvesse outra resposta plausível. “Sempre Mozart.”

Pelo menos não era Vivaldi. Estremeço ao me lembrar da noite passada enquanto embarco na balsa. Alguns minutos depois, o capitão dispara a buzina; o som familiar é como um abraço forte ao me sentar num lugar do convés principal. Quantas vezes já peguei a balsa para ir e vir da ilha? Mil? Mais de mil? As lembranças, como velhos amigos, surgem dos recônditos da minha mente: Rosie me levando ao dentista e às consultas médicas na cidade, e viagens tarde da noite para casa com amigos, navegando por Puget Sound em embarcações que mais pareciam enormes bolos de camadas iluminados em meio à escuridão. Sinto o familiar cheiro de maresia, óleo de motor e café queimado na cozinha da balsa. *Estou quase chegando em casa.*

Trinta minutos depois, quando a balsa atraca na ilha, pego as malas e desembarco, fazendo sinal para um táxi no estacionamento do terminal. A estrada que leva até a casa à beira-mar de Rosie na baía de Manzanita parece intocada pelo tempo — a placa da fazenda local que vende ovos frescos, o pinheiro-azul ao pé da colina, a casa da minha velha amiga Natalie com o gazebo na frente, onde Robbie Fenway tentou me beijar no verão em que fiz 14 anos, embora eu tenha me esquivado bem na hora em que ele se inclinou para mim fazendo beicinho. Não é que eu não gostasse dele. O

problema eram os aparelhos — o dele e o *meu*. Todos ouvimos o boato sobre o casal do nono ano cujo aparelho ortodôntico ficou preso durante um beijo. Tiveram que chamar os bombeiros. Sim, Robbie era uma gracinha, mas o risco de passar por uma humilhação era grande.

Parece que foi ontem, mas também que foi há um milhão de anos. Quando o táxi vira à esquerda, passando por uma pitoresca casa estilo Craftsman com uma cerquinha branca, imagino Robbie, agora adulto, mas com o mesmo sorriso pateta e cicatrizes de acne nas bochechas, casado, com dois filhos — um balanço no quintal e uma esposa que faz muffins de mirtilo. Enquanto a minha vida correu na velocidade da luz nos últimos dez anos desde que passei a morar na Califórnia, parece que a ilha de Bainbridge ficou parada no tempo, tal como eu a deixei.

— É aqui? — resmunga o taxista, encostando na entrada de cascalho e me arrancando do devaneio.

Emocionada demais para falar, faço que sim com a cabeça, pago a corrida e tiro a bagagem do porta-malas. Enquanto o motorista se afasta, olho para a velha casa empoleirada na enseada cintilante da baía de Manzanita. Construída em 1922 e protegida por dois hectares de mata, a extensa casa de fazenda branca tem cinco quartos — seis, se contarmos com o sótão. Vista de fora, a casa parece saída de um filme de Natal de Bing Crosby. O interior é igualmente charmoso — com uma grande cozinha aberta, janelas amplas viradas para o mar e uma lareira a lenha na sala de estar adjacente.

Percorro a passagem de tijolos que leva à porta de entrada. As adoradas hortênsias de Rosie, com suas enormes flores cor-de-rosa e lilás, ladeiam o caminho. *Por que fiquei tanto tempo longe daqui?*

Não bato à porta, apenas giro a maçaneta e deixo as malas caírem no chão com um baque, sentindo o cheiro familiar de fogo ardente, do perfume de sândalo de Rosie e... das lembranças. *Estou em casa.*

— Rosie! — chamo, olhando para a sala de estar, onde a encontro de livro na mão, sentada na poltrona junto à lareira, onde as brasas resplandecem em laranja e vermelho sob a luz tênue.

Antes que minha tia possa se levantar, corro até ela, reparando imediatamente nas rugas ao redor dos olhos e nos sulcos pronunciados em suas bochechas. Ela fez setenta anos no mês passado; meu tempo longe de Rosie a envelheceu — talvez a ambas.

— Estou tão feliz por você ter vindo — sussurra ela, me puxando de encontro ao peito. — Senti tanto a sua falta! — Seus olhos cintilam à luz do fogo.

— Sinto muito por ter ficado longe por tanto tempo — digo, com o coração apertado.

— Não precisa se desculpar — diz Rosie, levando a mão ao coração. — Para mim, você nunca foi embora.

Aceno com a cabeça, afundando na poltrona estofada ao seu lado e vendo as chamas dançarem na lareira.

— Quer conversar? — pergunta ela.

Dou um suspiro.

— Sobre o Kevin?

Rosie assente.

— Não sei se tenho algo a dizer — começo. — Só que estou em estado de choque e que me sinto uma idiota. Estávamos juntos há dois anos. Pensei que fosse... *amor*.

— Sei como é — responde ela. — Seus sentimentos são válidos, querida, mas vão passar com o tempo. Um dia, talvez você até se sinta grata por tudo isso.

— Grata? — Encolho os ombros, me lembrando da expressão no rosto de Kevin na noite anterior, a humilhação tomando conta de mim. — Não sei, não. — Deixo

escapar um longo suspiro, enterrando o rosto nas mãos. — Como me enganei tanto assim? Pensei que queríamos as mesmas coisas.

Rosie se remexe na poltrona.

— Querida, você não pode tratar o amor como se fosse um plano de negócios.

— É, foi isso que a Frankie me disse. — Suspiro. — A culpa é toda minha, pelo visto.

Ela sorri, deixando o livro de lado enquanto eu olho para a lombada.

— Rosie! — exclamo, rindo pela primeira vez em 24 horas. — *Cinquenta tons de cinza*?

Ela dá de ombros, com o cabelo grisalho à altura do queixo mais fino do que eu me lembrava.

— Bem, não sou mais tão jovem. Achei que deveria saber o motivo para tanto alvoroço antes que seja tarde demais!

— E aí? — Abro um sorriso malicioso. — É... bom mesmo?

Ela sorri, hesitando por um segundo.

— Bem, eu não chamaria de alta literatura, mas... se é *interessante*? Com toda a certeza.

Rosie e eu sempre partilhamos o gosto pela leitura. Embora o meu apartamento em São Francisco seja escassamente mobiliado, os livros formam uma pilha alta na minha mesinha de cabeceira, assim como estão empilhados na sala de estar de Rosie.

— Me diz uma coisa: o Kevin gosta de ler? — pergunta Rosie, olhando para mim com curiosidade.

Faço uma pausa, lembrando-me dele — de fones nos ouvidos e iPad na mão — assistindo a séries na Netflix enquanto eu ficava com a cara enfiada num livro.

— Na verdade, não.

— Hum — murmura Rosie. — Você costumava dizer que jamais conseguiria ficar com alguém que não gostasse de livros.

Desvio o olhar, melancólica.

— Seu “plano de negócios” era falho.

— Estava mais para condenado — respondo, olhando para a estante na parede

oposta. — Estou vendo que você ainda coleciona pedras.

— Cristais, querida — corrige ela, assentindo com orgulho. — São bastante poderosos, sabia? E têm propriedades de cura.

Embora Rosie e eu sejamos parecidas em muitos aspectos, não herdei sua afinidade por todo o tipo de misticismo.

— Pegue o cristal rosa, o da prateleira de cima à direita — continua ela.

Na ponta dos pés, pego a pedra, sentindo a superfície fria na pele antes de entregá-la a Rosie.

— Não — diz ela apressadamente. — Quero que você fique com ela.

Olho para a pedra quadrangular rosa-clara em minha mão. É quase iridescente sob o brilho tênue da lareira.

— Ela é muito sábia, essa daí — pondera Rosie.

Não sei se todos os amantes de cristais se referem às suas pedras como “ela” ou se é uma coisa de Rosie.

— E incrivelmente poderosa — continua ela. — O quartzo rosa é um dos mais benéficos para o coração. É capaz de trazer um amor harmonioso para a pessoa.

— Amor harmonioso, é? — comento, meio sarcástica, colocando a pedra na mesa entre nós duas. — Eu te amo, Rosie, mas acho que seria preciso um caminhão cheio de quartzo rosa para consertar a minha vida amorosa.

— Por que não fica com ela por algum tempo? — Rosie dá um sorriso. — Você vai ver só.

— Tá bom — digo, cedendo, mas só porque sei que isso a deixará feliz.

Os olhos sábios de Rosie estudam o meu rosto. Ela sempre consegue ler os meus pensamentos, às vezes de uma maneira assustadora.

— Deixa eu te fazer uma pergunta — recomeça ela. — Como o Kevin fazia você se *sentir*? Quer dizer, quando você estava na presença dele?

Dou de ombros.

— Não sei. Acho que nunca parei para pensar nisso.

— Bem, pois deveria, é crucial. Foi assim que eu tive certeza do Bill. Com ele, tudo parecia... *certo*. Nós nos encaixávamos certinho.

— Posso até adivinhar — digo com uma pontada de sarcasmo. — Como duas peças de um quebra-cabeça?

— Bem, na verdade, sim.

Reviro os olhos.

Ela olha para a escuridão do outro lado da janela, onde as ondas quebram na praia, dizendo boa-noite. Ao contrário de mim, Rosie conheceu o amor — o amor verdadeiro. Quando a vejo sorrir tranquilamente, imagino se está pensando nele.

Embora Bill tenha morrido pouco depois de eu nascer, as descrições vívidas de Rosie me faziam sentir como se o conhecesse: a caixa de equipamento de pesca com mosca no vestíbulo, a voz rouca, o amor por escondidinho de carne. Eles adoravam rir, Rosie me contou, mas sobretudo adoravam dançar. Eu gostava de imaginar os dois na sala de estar, sapateando ao ritmo de um velho disco de jazz — Rosie dando gritinhos de alegria quando Bill a abaixava nos braços. Depois da morte dele, ela não voltou a se casar nem a namorar. Quando uma vez lhe perguntei o porquê, ela me disse que não precisava, que seu coração já estava satisfeito.

Ela dá um tapinha no meu braço, sentindo a minha inquietação.

— Você vai encontrar o seu caminho, querida.

Penso na minha mãe e em sua porta giratória de namorados e decepções amorosas — a versão dela de “esteira rolante”, suponho — e não consigo deixar de cogitar se estou destinada ao mesmo desfile de desilusões.

Rosie volta a sorrir, com seus olhos grandes e sábios.

— Lembre-se: o coração é um músculo que deve ser exercitado. É preciso prática.

— Não sei, não — respondo, incerta. — Talvez eu esteja destinada a ficar sozinha. Seria muito mais fácil.

— E muito mais solitário — contrapõe ela.

Não consigo deixar de imaginar se Rosie é feliz morando sozinha nesta ilha à beira-mar, vagando pela casa com seus cristais e suas lembranças.

— Bem, é melhor eu ir dormir — diz ela com um bocejo. — Coloquei lençóis limpos na sua cama, e há toalhas no banheiro.

Dou um abraço em Rosie.

— Obrigada por... tudo.

— Boa noite, querida — diz ela por fim, com a voz um pouco trêmula, enquanto segura o meu rosto em ambas as mãos, seus olhos um tanto turvos. — Até amanhã.

Fico sentada em silêncio por um bom tempo, aproveitando o conforto de casa enquanto as últimas brasas da lareira crepitam e soltam faíscas, resplandecendo em vermelho e laranja. Quando meu olhar se volta para a porta do quarto da minha mãe, do outro lado da sala, as recordações retornam com tudo, me pegando desprevenida.

Tenho 35 anos, mas poderia muito bem ter dez anos de novo, com trancinhas no cabelo. Contenho as lágrimas e avanço, atravessando a sala até pousar a mão na maçaneta, fria ao toque.

Lá dentro, vejo a colcha bem esticada sobre a cama vazia. Os únicos vestígios dela são uma caixa de papelão cheia de tubos de tinta seca no chão e dois cavaletes encostados na parede oposta, um com uma pintura de paisagem, o outro com uma natureza-morta em andamento, mas não totalmente acabada — um jarro de cerâmica aninhado ao lado de duas peras maduras. Chego mais perto, incapaz de tirar os olhos da tela; é uma cena tão simples, mas ainda assim majestosa. Ouço na mente a voz da minha mãe: “Às vezes, as coisas mais bonitas da vida estão bem diante dos nossos olhos. Só precisamos aprender a enxergá-las.”

Suspiro, abrindo a gaveta de cima da cômoda e pegando um suéter de lã roído pelas traças. Eu o aproximo do rosto, inspirando seu cheiro, embora a essência da minha mãe tenha desaparecido há muito tempo. Sentindo o peso deste momento — e das últimas 24 horas —, volto-me para a mesinha de cabeceira, onde noto um retrato ao lado do abajur. Pego a foto, soprando a poeira acumulada na moldura. Lá estou eu — com uns três, talvez quatro anos —, sentada no colo da minha mãe, fitando-a de olhos arregalados. Estou segurando o coelhinho de pelúcia que eu adorava, mas que tragicamente deixei num apartamento qualquer. Quando me dei conta de que ele tinha desaparecido, já era tarde demais para buscá-lo. *Bola de Neve*. O nome dele era *Bola de Neve*.

Pela primeira vez, percebo a habilidade com que escondi o passado, trancando todas as lembranças dolorosas nos recônditos da mente, fechando o cadeado e

jogando a chave fora. Mas agora a porta está aberta — escancarada — e está tudo aqui, disputando a minha atenção.

Vejo as coisas como são, apesar de não querer enxergar: sou alérgica a territórios inexplorados e tenho pavor do desconhecido, desabo quando as coisas não saem conforme o planejado, talvez porque a minha mãe nunca teve um plano B.

Fecho a porta atrás de mim como se quisesse trancar aquilo tudo de novo, soltando o ar enquanto vou até a cozinha e pego uma garrafa de pinot grigio na geladeira. À procura de um saca-rolhas, vasculho uma gaveta embaixo da bancada, onde encontro uma velha chave de latão afixada a uma etiqueta onde se lê: CASA DE HÓSPEDES.

A cabana nos limites da propriedade está trancada há muito tempo, desde que entrei lá de fininho com o Mike, meu namorado do ensino médio, e ela se tornou o local do meu primeiro beijo oficial (livre de aparelhos). É óbvio que Rosie nos encontrou e, a partir de então, a casa de hóspedes se tornara proibida para mim e, à medida que fiquei mais velha, apenas uma recordação distante.

Tomada pela curiosidade, enfio a chave no bolso, abro o vinho e encho uma taça até à borda antes de encontrar um casaco pendurado num gancho ao lado da porta dos fundos. Lá fora, a lua cheia paira baixinho no horizonte, atravessando uma fileira de nuvens que se aproxima da costa. O astro ilumina a baía como se fosse um holofote superpotente, lançando uma luz ambiente na extremidade da propriedade, onde se situa a casa de hóspedes, bem na beira no penhasco.

A brisa assobia por entre os pinheiros, agitando os mensageiros de vento na varanda dos fundos de Rosie enquanto atravesso o gramado, esquivando-me das gotas de chuva a cada passo. Sigo o caminho de cascalho até a porta e espio pela janela a casa às escuras antes de finalmente enfiar a chave na fechadura. As dobradiças rangem, como se liberassem décadas de tensão reprimida. Afasto uma teia de aranha e entro. Há luar suficiente para enxergar o que me rodeia: uma escrivaninha, uma cama de casal bem arrumada e um quadro na parede com ondas quebrando na costa.

É esquisito estar de volta a este lugar proibido — esquisito, mas também estranhamente reconfortante. Deixo a taça de vinho em cima da escrivaninha, depois

tiro o quartzo rosa do bolso, soprando uma camada espessa de pó da mesinha de cabeceira. Coloco-o ao lado da coleção de cristais brilhantes de Rosie e de tesouros encontrados na praia.

Também acabei de chegar através do mar e me sinto subitamente exausta ao me sentar na cama velha, com suas molas firmes e macias. O vento uiva do lado de fora da cabana enquanto pouso a cabeça no travesseiro. Sei que deveria voltar, mas a caminhada pelo gramado parece tão assustadora quanto atravessar o deserto do Saara sem um camelo — ou água. Em vez disso, puxo a colcha de retalhos. Qual seria o mal de descansar aqui só um pouquinho? Com as pálpebras pesadas, viro para o lado, bocejando, e me cubro. A chuva cai no telhado, soando como uma canção de ninar.

A decorative graphic featuring a curved dotted line with four four-pointed stars at its ends. The text "Parte" and "dois" is written in a cursive font, with the dotted line passing through the letters.

Parte
dois

A luz do sol entra pela janela — quanta claridade. Dou um gemido, afundando o rosto no travesseiro. A noite passada é um borrão e demoro um bom tempo para lembrar onde estou, mas, nesta hora tudo volta à tona: a ilha de Bainbridge, o vinho, a casa de hóspedes. *A casa de hóspedes*. Sento na cama, esfregando os olhos para me livrar do sono. *Que horas são? Há quanto tempo estou dormindo? Rosie deve estar preparando o café da manhã*. Fico paralisada quando o ambiente ao meu redor entra em foco — as janelas de painel antigas equipadas com cortinas de linho diáfanas, o lustre de cristal no teto, o... *négligé* de seda preto que estou vestindo, sem nada por baixo. Arfo, puxando o edredom branco para cobrir o peito. Esta não é a casa de hóspedes nem a ilha de Bainbridge.

Onde é que eu estou?

— Olá, *mon amour* — diz um homem sem camisa que vem da porta, segurando uma bandeja de prata, e é neste momento que dou um grito estridente.

— O que foi? — continua ele, aproximando-se e colocando uma bandeja de café da manhã com croissants e ovos mexidos ao meu lado. — Você teve um pesadelo?

Meus olhos vasculham o quarto, parando quando reparo numa vela grande sob uma redoma de vidro grosso na mesinha de cabeceira. É gigantesca, do tamanho de uma arma, e, quando me arrasto alguns centímetros para a direita, fica bem ao meu alcance. Se tiver sorte, posso acertar a vela na cabeça dele e deixá-lo tonto por tempo suficiente para dar o fora daqui.

— Qual foi desta vez? — pergunta o homem, e o meu coração dispara quando ele se aproxima. — O pesadelo do acidente de avião ou o outro? Sabe, aquele em que você tenta falar e não sai nada?

Seu sotaque é pronunciado — francês, sem dúvida — e *familiar*, embora eu não

consiga reconhecê-lo nem me lembrar de como vim parar aqui. Fui sequestrada, é óbvio — e provavelmente dopada. Rosie deve estar à minha procura neste exato momento, já deve até ter ligado para a polícia. Minhas mãos tremem enquanto seguro a vela hercúlea sob o lençol, a adrenalina correndo pelas veias. Sinto que estou num filme de terror, mas o pavor é real. *Se ele chegar mais perto, eu vou...*

— Já sei o que vai te deixar animada — diz ele com um sorriso malicioso. Em seguida, finca o cotovelo na cama e apoia o rosto na palma da mão. — O que *sempre* te deixa animada.

Ele afasta uma mecha do cabelo castanho ondulado dos olhos, depois enfia a mão debaixo das cobertas e acaricia a minha coxa esquerda.

— Tire as mãos de mim! — grito, cheia de adrenalina enquanto pego a vela, pulo da cama e corro para o canto do quarto, onde o encaro, tremendo como um animal assustado.

O homem dá uma risada, caminhando na minha direção como se pensasse que esse é algum tipo de jogo, por mais bizarro que parecesse.

— Estou vendo que você está a fim de uma briguinha hoje de manhã.

Atiro a vela em sua direção, mas ele se abaixa, e ela se quebra contra a parede, deixando uma bagunça de cacos de vidro verde-musgo e pedaços de cera ao lado da janela.

— Lena? Mas que porra é essa? — Ele balança a cabeça, murmurando algo em francês que não consigo entender. — Já entendi. Você não está no clima. Mas há maneiras melhores de transmitir a mensagem do que destruir uma vela de Monique Pierre. — Ele suspira. — Bem, acho que é o que ganho por me casar com uma mulher estadunidense.

Por se casar... comigo?

Ele está delirando, com toda a certeza, mas eu não tenho nada a discutir com meu sequestrador. É melhor me comportar bem até descobrir como sair daqui.

— *Merde* — resmunga ele ao olhar para o Rolex de ouro, depois veste uma camisa branca feita sob medida e uma calça. — Fiz aquele café com aqueles grãos de Seattle que você adora. Beba enquanto ainda está quente.

Ora, então ele é um sequestrador *hospitaleiro*? Mesmo assim, ainda não estou livre. A qualquer momento, ele pode me algemar à cama. Em vez disso, amarra os sapatos e se dirige à porta.

Dou um pigarro.

— Então, você... vai me deixar aqui, sem mais nem menos? — pergunto com a voz entrecortada e aguda.

Ele faz que sim com a cabeça, visivelmente confuso.

— Não vai... me amarrar ou algo do tipo? — continuo, arrependendo-me na mesma hora das palavras que acabaram de sair da minha boca. Pelo visto, sou a idiota que dá ideias ao próprio sequestrador.

— Não, minha esposa safadinha — responde ele, sacudindo a cabeça com uma risada. — Mas podemos fazer isso mais tarde, se você quiser.

Esposa. Fico parada, sem saber o que dizer, enquanto ele pega o celular e a carteira antes de me mandar um beijo da porta.

— Ah, não se esqueça de chegar antes das seis, viu? Só para garantir que tudo esteja perfeito. Você sabe como esta noite é importante para mim.

— Antes das seis — murmuro, desanimada, enquanto os sapatos dele ressoam no piso de madeira.

Quando a porta se fecha, caio de joelhos, soltando o ar. Fico aliviada por estar sozinha, embora imagine que ele tenha trancado a porta pelo lado de fora. Por que não? Digo a mim mesma para não entrar em pânico, embora meus braços estejam arrepiados. Será que tive algum ferimento na cabeça? Procuro por um galo no couro cabeludo — nada —, e é então que percebo que devo ter sido dopada. Já vi programas de TV de crimes reais em que a bebida da mulher é adulterada e ela acaba num quarto de hotel desconhecido ou coisa pior.

Não. Vou dar um jeito de sair daqui. Mas primeiro preciso me vestir.

Olho ao redor do quarto, mas a calça jeans e o suéter que eu estava vestindo ontem à noite parecem ter desaparecido — ele destruiu as provas, sem dúvida —, por isso ando na ponta dos pés até o closet e fico chocada ao encontrar uma miscelânea de roupas femininas. Ele deve manter um estoque para as vítimas, presumo, embora não

perca tempo me concentrando nas nuances da mente de um criminoso. Esta é a minha chance de escapar, e preciso agir *depressa*.

Visto uma calça leggings preta e um moletom com capuz cinza-claro, que cabem perfeitamente em mim, e calço um par de sandálias nude de aparência cara que encontro na sapateira — exatamente do meu tamanho —, e é então que ouço um estrondo vindo do cômodo ao lado. A adrenalina corre nas minhas veias conforme saio na ponta dos pés do closet, grata por encontrar um atizador de aço apoiado na lareira do quarto, que apanho imediatamente.

As tábuas do piso de madeira rangem sob meus pés enquanto me dirijo à porta. Examino cuidadosamente a enorme sala de estar do apartamento e a cozinha bem equipada digna de um chef, admirando o fogão Lacanche e a impressionante coleção de panelas vermelhas da Le Creuset. *Pelo visto, psicopatas podem ter ótimos gostos.*

Ao me certificar de que estou sozinha, largo o atizador, mas bem nesta hora uma massa de pelo preto cai em cima de mim como um dervixe rodopiante. Perco o equilíbrio e, segundos depois, me vejo deitada de costas no chão da cozinha, presa por quatro patas e uma língua cheia de baba.

— Sai! — ordeno, tentando me sentar. — Quer dizer, não! Para! Não! Quietos?

O enorme cachorro obedece, retirando-se para a sala de estar, onde se deita no tapete com um suspiro derrotado que ecoa minha própria exalação confusa. Pesando bem mais de setenta quilos, ele se parece com um São Bernardo, com o peito e as patas dianteiras brancas e uma mancha marrom na barriga — fofo, para quem gosta de animais que babam sem parar.

Onde é que eu estou?

Olho para a varanda do outro lado das portas de vidro — numa cidade grande, óbvio. Mas onde? Seattle é a única explicação lógica, no entanto... aqui *definitivamente não é Seattle*. Estudo a paisagem lá fora, seguindo as fileiras de telhados de duas águas e os pitorescos edifícios de pedra com aspecto centenário, até onde a vista alcança. Na rua lá embaixo, um idoso caminha ao longo da calçada — com uma bengala numa das mãos e uma baguete na outra. Quando olho mais ao longe, fico toda arrepiada. É impossível, lógico, mas lá está ela: a inconfundível Torre

Eiffel, despontando das nuvens baixas como uma pintura.

Ofego, segurando a beira do peitoril da janela. *Paris?* Não. *De jeito nenhum.* Devo ter sido dopada mesmo e os efeitos ainda não passaram. *Água. Preciso de água.* Encontro um copo na cozinha e o encho, bebendo até a última gota.

Depois de girar rapidamente a maçaneta da porta da frente, fico aliviada por descobrir que está destrancada. (Sair pela janela não seria um plano B muito agradável.) Mas, antes de sair, faço uma pausa, notando um celular carregando na bancada da cozinha. Guardo-o no bolso do moletom e, em seguida, abro a gaveta da bancada, que felizmente parece ser a gaveta da bagunça. Há um punhado de notas e alguns trocados que também enfio no bolso. Enquanto dou uma última olhada ao redor do apartamento em busca de algo útil, um porta-retratos na mesinha de centro chama a minha atenção. Pego a foto para examiná-la com cuidado. Meus olhos quase saltam das órbitas. Ali estou eu, num vestido de noiva branco e bufante, o cabelo preso em um coque solto e os braços em volta do... sequestrador francês.

Não. Isso não está acontecendo. Não é real. Estou apenas sonhando ou sob o efeito de alguma substância psicodélica. Fui dormir na casa de hóspedes na ilha de Bainbridge. Como é que eu acordei aqui? Com ele? Casada? Meu estômago se revira. Cambaleio até um vaso de plantas ao lado de uma janela e vomito no fundo de uma urna artesanal.

De joelhos, limpo o rosto e respiro fundo, olhando para o anel de diamante de aparência vintage no meu dedo anelar esquerdo. O diamante amarelo de formato oval é impressionante, e dou um pequeno suspiro quando o porta-retratos escorrega da minha mão. Sua colisão com o piso de madeira em parquet deixa um padrão irregular em forma de teia de aranha no vidro, borrando os sorrisos na foto — apenas os olhares permanecem visíveis, quatro olhos penetrantes. É aí que eu lembro.

Sebastian. O nome dele é Sebastian. Sacudo a cabeça, tentando assimilar as lembranças à medida que vêm à tona, uma após a outra, como ondas que depositam relíquias perdidas na costa. Foi há seis anos? Ou sete? Nós nos conhecemos no casamento de um amigo em comum e, por sermos os únicos solteiros na recepção, passamos a maior parte da noite conversando... bem, na verdade, questionando a instituição do casamento.

— Quer apostar quanto tempo eles vão ficar juntos? — sussurrara Sebastian para mim quando os recém-casados se dirigiram para a pista de dança enquanto a voz de Elvis cantava nos alto-falantes: “I... can’t... help... falling in love with you.”

— Do que você está falando? — retruquei, meio indignada. Como ele não respondeu, estudei seu rosto com curiosidade. — Você não está feliz pelos dois?

— Lógico que estou — respondeu ele. — Só estou dizendo que eles não têm ideia de que esse é o momento de maior felicidade. A partir de agora, é só ladeira abaixo.

A princípio, refutei seus sentimentos, que me pareceram um tanto indiferentes, mas as palavras me causaram uma impressão e tanto — para ser sincera, atingiram-me em cheio. Afinal de contas, vi a mesma coisa acontecer na vida da minha mãe antes de ela falecer. O fluxo interminável de relacionamentos que começavam com fogos de artifício e terminavam em ódio, a busca constante pelo *cara certo*, só para encontrá-lo... e perdê-lo — repetidas vezes.

— Talvez você esteja cansado disso — falei, avaliando-o. Ele era pelo menos dez anos mais velho do que eu e muito bonito. *Bonito até demais*.

— E talvez você seja ingênua — brincou ele com um sorriso jocosos.

Rejeitei o comentário com um aceno de mão enquanto tomava outro gole de champanhe. Ainda assim, talvez houvesse uma dose de verdade no seu cinismo, não? O que eu sabia sobre o amor, afinal de contas? Só que acabava. Mas então me lembrei dos casais felizes que conhecia — Christian e Frankie, por exemplo.

— Bom — concluí com desdém —, pois eu acho que eles vão ficar muito bem.

— Aham, talvez — respondeu ele com uma piscadela cúmplice enquanto observávamos o casal feliz na pista de dança.

— Então, você é contra casamentos?

Ele respondeu que não com a cabeça.

— Você não está entendendo o meu ponto de vista.

— Por favor, me explique, então, ó sábio.

Sebastian chegou mais perto de mim.

— Não sou contra casamentos nem acho que os dois estejam fadados ao fracasso. Apenas sou realista. Uma pessoa não pode significar *tudo* para alguém. Só acho que as

peessoas deveriam permanecer abertas às outras pessoas e experiências que a vida tem a oferecer, sabe?

Arqueei as sobrancelhas.

— É algo que só um francês diria.

— *Touché!* — respondeu ele com uma gargalhada. — Mas me diga uma coisa: por que todo mundo é tão determinado a colocar o amor numa caixinha? Nem tudo está destinado a durar... para sempre. Alguns relacionamentos são tórridos no começo, tão ardentes que resta pouco combustível para sustentá-los. Outros cozinham em fogo médio e talvez até melhorem com o tempo. Só estou dizendo que ninguém sabe ao certo. Mas, quando nos deparamos com momentos bonitos — ele fez uma pausa — como este... devemos aproveitá-los ao máximo.

Ele roçou a mão na minha, deixando-a ficar ali por um bom tempo.

Afastei a minha cadeira, achando suas palavras igualmente desagradáveis e provocantes.

— Quer dançar? — perguntou Sebastian.

Tomei um gole de vinho e sorri em resposta. *Por que não?*, pensei enquanto ele me levava para a pista de dança, onde ambos sorrimos e acenamos para os noivos e a adorável daminha de honra que rodopiava no seu vestido de tule branco.

Enquanto ele me conduzia pela pista de dança, voltei a pensar em minha mãe. De coração grande e sensível, ela vivia numa espécie de roda de hamster, perseguindo o amor sem jamais alcançá-lo. E para quê? Para acabar exausta e desiludida? Sozinha? Para ela, o amor foi só decepção. Mantinha-se à vista, mas sempre fora de alcance. Por quê? Seus problemas eram resultado de suas próprias falhas ou culpa dos homens por quem ela se apaixonava — homens que nunca poderiam amá-la por completo?

Quando a canção acabou, eu disse a Sebastian que estava com dor de cabeça e precisava me sentar. Para ser sincera, ele me deixou meio mal. Não sabia o que me incomodava mais: sua hipótese irreverente sobre o amor e o compromisso ou o meu medo profundo de que ele tivesse razão.

Depois de voltar da lua de mel no Caribe, a noiva me ligou para confessar que tinha colocado Sebastian e eu na mesma mesa na esperança de estabelecermos uma

conexão.

— Vocês dois se deram bem? — perguntou ela. — Tive a impressão de que sim!

— Ah, sim — respondi. — Ele é... engraçado.

Não tive coragem de lhe contar que Sebastian anotara seu número de telefone na parte de trás de um guardanapo durante o jantar e que eu o tinha jogado no lixo na mesma noite.

O enorme cachorro de Sebastian encosta o focinho na minha perna, com a coleira na boca. Aperto a cabeça, tonta. Nada faz sentido. Nadica de nada. Tudo o que sei é que *preciso dar o fora daqui — e o mais rápido possível.*

— Olá, amigão — digo, coçando o pescoço do cão enquanto olho para a medalhinha dourada na coleira. — O seu nome é Claude, hein? Tão distinto. — Sorrio, prendendo a coleira enquanto ele abana o rabo cada vez mais rápido... e perto demais da luminária na mesa de apoio. — Vamos lá, garoto. Vamos dar um passeio.

Não venho a Paris desde 2012, não que a viagem de cinco dias com Frankie tenha me deixado com alguma aptidão para andar pela cidade. Estou *perdida* — no sentido mais perturbador da palavra.

— Claude, devagar! — grito, segurando a coleira com todas as minhas forças enquanto ele sai correndo do prédio e desce a rua. — Junto!

Logo decido ser inútil, pois não conheço a palavra equivalente em francês, ou qualquer outra palavra francesa, que presumo que ele compreenda. Afinal de contas, é um cachorro francês. Em todo o caso, não sei por que decidi fugir com um São Bernardo mais pesado do que eu, mas agora estou arrependida — ainda mais quando ele se dirige para o parque logo adiante, onde uma mulher mais velha e de aparência chique com óculos de aro preto parece acenar... para mim?

— Mademoiselle Gateau! — cumprimenta ela, aproximando-se de mim. Claude salta e lhe dá um beijo babado na bochecha esquerda; é nítido que a conhece. — *Bonjour!* — diz ela, limpando a baba da bochecha, sem se aborrecer. — *Ce soir c'est le grand soir! Êtes-vous prêts, toi et Sebastian?*

Sacudo a cabeça, completamente confusa.

— Ah, vejo que não está com disposição para falar francês hoje, hein? — diz ela

em inglês, rindo. — Sem problemas. Encontrei o Sebastian na cafeteria. Ele me disse que você teve uma manhã difícil. Tadinha! Bem, *c'est la vie*. Você tem que sair dessa. A grande inauguração é hoje à noite!

— Perdão — digo, apertando a coleira quando Claude avista um pombo e tenta avançar. — Hum, como foi que nos conhecemos mesmo?

O sorriso da mulher desaparece.

— Ah, minha querida — diz ela, encostando as costas da mão na minha testa. — Você está doente. Devo chamar um médico?

— Não... Tá tudo bem — murmuro, procurando o celular. — Só... preciso ligar para a minha tia.

Ela franze a testa.

— Querida, eu posso te ajudar...

— Obrigada, mas... — paro de falar quando Claude avança, puxando-me com ele. — Eu... tenho que ir.

Passamos em zigue-zague pelos bancos do parque, evitando por pouco esbarrar nos cestos de piquenique, antes de eu avistar uma cafeteria a alguns quarteirões de distância, onde um garçom aponta para uma mesa vazia. Amarro a coleira de Claude a uma grade de metal e depois me sento numa cadeira virada para a rua, recuperando o fôlego.

A fotografia no apartamento. A francesa que eu acabei de ver e parece me conhecer. Os sapatos no closet — exatamente do meu tamanho. *Será que estou perdendo o juízo? Não. Impossível. Preciso ser racional. É só um sonho.* Cravo uma unha na palma da mão, estremecendo de dor. *Acorda, Lena. Acorda logo!* Infelizmente, o único resultado da minha dor autoinfligida é uma gota de sangue e uma série de olhares preocupados das pessoas nas mesas ao redor.

Tiro o celular do bolso e reparo na imagem que aparece na tela principal — outra foto minha e do... Sebastian, ele de terno azul-marinho e eu num minivestido justo cor-de-rosa, se é que aquilo pode ser chamado de vestido, mais parece uma sobra de tecido. A bainha mal chega às minhas coxas. Estudo a foto com atenção. Brindamos com taças de champanhe como se comemorássemos alguma coisa — como se

estivéssemos *felizes*. O reconhecimento facial desbloqueia o celular e eu examino a galeria de fotos. Claude com um gorro de Papai Noel; fotos de jantares requintados; viagens a praias tropicais; Sebastian na cama — seu peito musculoso em contraste com os lençóis de linho branco. Afundo a cabeça nas mãos. *Chega*.

Disco o número de Rosie o mais depressa possível, mas há algo de errado — uma mensagem de erro soa em francês, palavras que não compreendo. Tento de novo, com o mesmo resultado, e depois ligo para Frankie. Felizmente, a chamada é feita e ela atende.

— Olá! — diz ela. — Onde é que você está?

— Hum, em Paris.

— Dã — comenta ela, imperturbável. — Ainda está em casa?

— Frankie! — começo a falar, com a voz trêmula. Um adolescente passa pela cafeteria, segurando uma baguete sobre o ombro como se fosse uma espingarda. *O que há com os franceses e sua mania por baguetes?* — Escuta, *aconteceu* uma coisa. Há algo... errado.

— Do que você está falando?

— Sei lá — respondo, as mãos tremendo. — Fui dormir ontem à noite na casa da Rosie, na ilha de Bainbridge, e acordei aqui...

— Então você teve um pesadelo, é isso? — Posso até imaginá-la estreitando os olhos no seu modo de resolução de problemas. — Sei que você sente saudade de casa desde que se mudaram para Paris. É natural que...

— O que você quer dizer com desde que nos *mudamos* para Paris?

— Hum — responde ela, séria —, se você está brincando, Lene, não tem a menor graça.

— Eu não estou brincando. — Mordo a pontinha do lábio. — Estou assustada, Frankie.

Há um longo silêncio do outro lado da linha antes de ela voltar a falar.

— Onde você está agora? — pergunta ela. — Fiquei preocupada.

Meus olhos ficam cheios de lágrimas, mas pisco para contê-las.

— Como disse antes, em Paris! Com um cachorro enorme!

— Ótimo, você está com Claude.

— Como é que você conhece o Claude?

Ela murmura algo ininteligível, embora definitivamente em francês. *Quando foi que a Frankie aprendeu a falar francês?* Minha vida parece um globo de neve excessivamente sacudido e cheio de rachaduras, prestes a explodir.

— Lena, você bateu com a cabeça ou algo do tipo?

— Não! Quer dizer... acho que não. — Faço uma pausa. — Acho que fui... sequestrada.

— Certo — diz ela devagar. — Pode me dizer em que rua está?

Olho para uma placa de rua ali perto.

— Hum, rua Rue?

— Lene — responde ela com um suspiro. — *Rue* é a palavra em francês para rua. *Qual delas?*

Dou outra olhada na placa.

— Hum... Cler?

— Rue Cler, certo. Fique aí. Vou pegar um táxi e chego daqui a alguns minutos.

— Espera, você também está em Paris?

— Uau, você está mal mesmo. — Ela faz uma pausa. — Não vá embora, tá bom? Estarei aí em breve.

Enquanto guardo o celular no bolso, uma mulher bonita de vinte e poucos anos, vestida com uma calça jeans e um top preto justo, acena para mim de uma mesa próxima. Ela tem o cabelo loiro-escuro preso num coque baixo, com mechas emoldurando o rosto, e um cigarro na mão esquerda. Parece que me conhece, embora eu não a reconheça de lugar nenhum.

— Lena — chama ela, antes de dizer algo em francês.

Lá vamos nós de novo.

Caminho até ela, balançando a cabeça, confusa.

— Inglês hoje — diz ela com um aceno de cabeça. — Tá bom. Sebastian me disse que você teve uma manhã difícil.

Franzo a testa. *Difícil* mal descreve o que estou passando, mas não paro para

explicar. Em vez disso, tento entender a situação.

— Você falou com o... *Sebastian*?

Será que todo mundo — Frankie, a mulher no parque, esta mulher aqui no café — está metido numa brincadeira? Minha melhor amiga *é* do tipo brincalhona — não é uma das suas qualidades mais louváveis, admito. Como posso esquecer a vez que ela pintou uma barra de sabonete no nosso chuveiro com esmalte transparente? Ah, não.

Ainda assim, isso está muito além de algo que Frankie faria. Na verdade, parece que estou estrelando um daqueles reality shows pavorosos, nos quais colocam um pobre coitado numa situação horrível que o leva à beira do desespero enquanto seus amigos assistem e morrem de rir.

Mas não há câmeras. Só um cachorro imenso e eu em PARIS, onde tenho um marido, e há uma mulher com maçãs do rosto incrivelmente salientes olhando para mim.

Ela meneia a cabeça com curiosidade.

— Hã, você está bem, Lena?

A pergunta que não quer calar. Dou de ombros, fazendo que não.

— Não sei.

Ela encolhe os ombros, sem qualquer vestígio de preocupação no rosto.

— Bem, seja o que for que você esteja passando, saia dessa logo, tá bom? Como eu estava dizendo, falei com Sebastian mais cedo, bem, umas 14 vezes só esta manhã, e *merde!* Temos muita coisa para fazer. Se conseguirmos realizar este evento, será um milagre. — Ela solta um suspiro desdenhoso e os cantos da boca formam um sorriso novamente, embora forçado. — Enfim, mas o que você está fazendo aqui?

— Hã — digo, fazendo uma pausa quando passa um táxi; não é a Frankie. Volto-me para minha interrogadora elegante. — Eu só estava... dando um passeio.

— Hum. Bem, já que você está aqui — diz ela, apagando o cigarro —, podemos colocar a conversa em dia. Já sabe que a florista nos deu um bolo hoje à noite, não sabe? — Ela suspira. — Parece que o filho dela ficou doente. Ora, quem é que cancela tudo na última hora? De qualquer forma, fiquei ao telefone a manhã inteira e acho que acabei de encontrar uma substituta adequada. Ah, e vou buscar o seu vestido

daqui a uma hora. Posso levá-lo para o apartamento por volta das três, tá bom?

Meu vestido. A florista. Sebastian. Hoje à noite. Agarro a coleira de Claude com uma das mãos e esfrego a testa com a outra.

— Lena? — continua ela, arqueando uma das sobrancelhas. — Você parece mesmo *distraída*.

— Hã — digo com um suspiro. — É o que o Sebastian disse. Estou... tendo uma manhã difícil.

O celular dela vibra sobre a mesa, sacudindo a xícara de café *espresso* no pires ao lado de sua mão direita.

— Argh, é um cara com quem saí no mês passado — explica ela, fazendo uma careta. — Ele tem me ligado a semana toda. *Homens*. Não fazem a menor ideia de quando nos dar espaço. — Ela revira os olhos.

— Aham — murmuro enquanto um táxi para ao meu lado.

Frankie — *graças a Deus*. Ela coloca a cabeça para fora da janela aberta e acena para mim.

— Entra aqui!

A visão do rosto da minha melhor amiga é o tônico de que tanto preciso. Atravesso a rua de paralelepípedos e corro para o outro lado da Mercedes preta.

— Nem pensar — diz Frankie. — Não há lugar para o Claude aqui. — Ela aponta para a mulher na cafeteria. — Deixe-o com a Ella. Ela pode levá-lo para casa.

— Ella?

— É para isso que serve uma assistente, não? Além disso, temos uma reserva para o almoço. Você não pode levar um cachorro de quase setenta quilos para o restaurante.

Ella. Minha assistente. Certo.

— Hum, tá bom — respondo, voltando para a mesa. — Você se importaria de levar o Claude para casa? Surgiu um imprevisto e... preciso que você o leve para mim.

Ella acena com a cabeça a contragosto e então lança um sorriso doce a Frankie enquanto pega a coleira de Claude.

— Obrigada — digo, correndo de volta para o táxi.

— Sinto muito que não pudemos nos encontrar para beber ontem à noite — diz Frankie, dando-me um abraço. — Nosso voo chegou tão tarde. Já passava das onze quando pousamos.

Estudo o rosto dela enquanto meus olhos se enchem de lágrimas.

— Lena — diz ela conforme sua expressão assume um ar de preocupação. — Fala comigo. *O que está acontecendo?*

Dou um longo suspiro enquanto o taxista desce uma rua estreita a toda velocidade, quase atropelando uma mulher de bicicleta com um buquê de tulipas no cesto da frente.

— Não sei o que está acontecendo comigo, Frankie.

— Você já comeu alguma coisa? — pergunta ela, lançando-me um olhar demorado e maternal, do jeito que só melhores amigas são capazes de fazer. Melhores amigas que também lembram uma à outra que está na hora de depilar o buço.

Faço que não com a cabeça.

— Bem, não é à toa que esteja agindo como uma lunática. — Ela olha para o relógio. — Você precisa de comida. O Christian está no Orsay. — Ela revira os olhos. — Meu marido obcecado por museus. Ele fez uma reserva para o almoço no restaurante de lá.

Começo a rir, lembrando-me de uma história que Frankie contou há alguns anos sobre uma de suas primeiras discussões como casal: a ideia dele para comemorar o aniversário de casamento era uma viagem ao Guggenheim. A dela? Longe disso.

— O escândalo do Guggenheim — digo, dando uma piscadela.

A frase familiar alivia a minha ansiedade e, por um instante, volto a me sentir normal. Posso até estar em Paris, casada com um completo desconhecido, mas Frankie continua a mesma... bem, ao menos acho que sim.

Ela resmunga, ainda aborrecida tantos anos depois.

— Mas *quem* é que considera o Guggenheim um destino romântico?

Sorrio, apesar de ambas sabermos que Christian e eu temos a afinidade pela arte em comum. De certa forma, sou tão próxima do Christian quanto da Frankie. Afinal, eu estava presente no dia em que os dois se conheceram. Sorrio, lembrando como a

desafiei a falar com o cara bonito sentado nos fundos do bar; o resto é história. Sim, Christian tem sido tão meu amigo quanto Frankie — principalmente no ano em que ela fez malabarismos com o emprego em tempo integral durante o dia e os estudos de pós-graduação à noite. Christian e eu fazíamos companhia um ao outro.

— Quer dizer que as luzes fluorescentes não te deixam excitada?

Frankie ri enquanto apoia a cabeça no ombro dela, sentindo o cheiro do seu perfume habitual — Chanel N°5, um presente que a avó lhe deu quando ela estava na faculdade. Tudo em Frankie continua igual: o tamanho dos seios, os cabelos escuros e cacheados, a pequena cicatriz na mão esquerda, o jeito como ela sempre foi capaz de olhar para mim e *saber* tudo.

— Estou tão feliz por você estar aqui — sussurro, aproveitando o conforto da familiaridade.

— Muito bem, vamos fazer um balanço — diz ela, fitando-me profundamente.
— Você brigou com o Sebastian? Ele está sendo grosseiro com você? Preciso falar com ele? Ou talvez você esteja sensível demais? Lembra como pirou no dia do seu casamento?

— Eu... pirei no dia do... meu casamento?

— Preciso te lembrar que demorei meia hora para te arrancar do banheiro? — zomba ela. — Olha só, Lena... seja o que for que esteja acontecendo, tenho certeza de que vai passar. Sei que vocês têm um casamento meio... *complicado*, mas ele te adora, isso é fato. Não foi ele que te levou para Nice no mês passado? — Ela finge um desmaio. — Agradeça aos céus! Pelo menos você não vai passar as férias de verão no Smithsonian. — Ela dá uma risada. — Mas, sério, me avise se quiser que eu fale com ele. Afinal, não há nada como um quebra-pau com a melhor amiga da sua esposa. — Ela sorri, flexionando o braço direito. — Já te contei? Comecei a fazer CrossFit. Olha só esses músculos!

Não sei se chamaria os pequenos bíceps de Frankie de “músculos”, mas não deixo de admirar sua coragem. Ela tem mais força no dedo mindinho do que a maioria das pessoas tem num punho cerrado. Ainda assim, a imagem do físico de Sebastian na cama hoje de manhã continua fresca na minha memória, e sei que, no hipotético

confronto com Frankie, ela certamente seria a perdedora.

— Escuta — digo, sondando seus grandes olhos cor de avelã. — Há algo de errado comigo, algo bem ruim.

Ela franze a testa, a bravata desaparece de seu rosto e, no lugar, surge uma séria preocupação.

— Lena, o que está acontecendo? Você está machucada? Alguém... fez alguma coisa com você?

Balanço a cabeça.

— Não. Quer dizer, não sei. É só que eu... acordei hoje de manhã... em Paris, com o Sebastian, e... — Faço uma pausa, o coração acelerado. — Não sei como explicar de outra maneira, mas, Frankie, *esta não é a minha vida*.

Ela acena com a cabeça.

— Então você está tendo uma crise de meia-idade.

— Não, não. Não é uma crise de meia-idade. Nem tenho idade para isso, tenho?

— Suspiro. — Mas com certeza é uma crise.

— Tem certeza de que não bateu com a cabeça?

— Para ser sincera, não tenho certeza de nada neste momento.

— Talvez você tenha tomado algo estragado ontem à noite. Será que alguém adulterou a sua bebida?

— Eu *não* fui dopada. Já te disse. Dormi na casa da minha tia, na ilha de Bainbridge.

Frankie reflete por um bom tempo.

— Bem, ouvi dizer que o absinto é capaz de bagunçar com a gente, tipo, até levar algumas pessoas à psicose. Não foi proibido nos Estados Unidos? — Ela acena para si mesma. — Provavelmente é isso: você está se recuperando da ressaca de absinto.

Se ao menos fosse assim tão fácil. Suspiro, olhando pela janela enquanto percorremos uma rua ladeada por opulentos prédios de apartamentos antigos. É o tipo de paisagem que se encontra nos postais de Paris, com uma loja de macarons na esquina. O letreiro cor-de-rosa balançando na brisa.

— Escuta, Frankie — digo, voltando-me para ela. — Sei que parece loucura, mas

você tem que acreditar em mim. — Mordo a pontinha do lábio. — Esta vida que deveria ser minha? — Balanço a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas. — Não é.

— Tá bom — murmura Frankie, esfregando a testa. Espero que ela continue, mas não diz mais nada. Em vez disso, ficamos sentadas lado a lado por um bom tempo, envoltas num silêncio pesado.

— Você acha que eu sou maluca, não é? — digo por fim. — Acha que eu pirei de vez.

Ela olha pela janela, deliberando por alguns instantes.

— Olha, eu não sei o que está acontecendo com você, e sim, é um pouco difícil de entender, mas, seja o que for que você esteja passando, vamos enfrentar isso juntas, tá bom?

Aceno com a cabeça, bastante desanimada quando o táxi para em frente ao Musée d'Orsay. Frankie paga a corrida e passa o braço pelo meu enquanto seguimos até a entrada.

— Se eu aprendi alguma coisa em todos esses anos, é que os museus costumam ter restaurantes surpreendentemente bons. Graças a Deus! Sabe quantas vezes deixei o Christian parado diante de uma pintura de nu antigo enquanto eu saía de fininho para beber uma taça de chardonnay?

— Depois que você vê um nu antigo, os outros são todos iguais, não é? — comento, entrando na brincadeira.

— Esta é a minha garota — diz ela, apertando o meu braço.

Sorrio, admirando a capacidade de Frankie de me animar e ajudar a encontrar o meu caminho. Mesmo agora, quando estou enlouquecendo (ou possivelmente com uma concussão, envenenada ou em psicose — talvez todos os três?), a simples presença da minha melhor amiga é como uma injeção intravenosa de dopamina — acompanhada de Xanax e uma dose de eletrólitos.

— Vamos correr! — diz ela quando a chuva começa a cair, acelerando o passo.

Assim que pega na minha mão, Frankie desbloqueia uma lembrança — nós duas desviando das poças de lama no primeiro dia de faculdade. Ela tinha acabado de terminar a primeira aula, mas eu estava perdida e atrasada para a minha.

— Você não trouxe o mapa? — perguntara ela, referindo-se ao maço de papéis que recebemos durante a orientação.

Neguei com a cabeça.

— Desculpa, mas sou péssima com mapas.

Frankie enfiou a mão no bolso do casaco enquanto a umidade deixava seus cachos ainda mais enroladinhos.

— Eu tenho um aqui e sei como ler. Agora, me diz para onde você tem que ir.

Com a sua ajuda, encontrei minha sala de aula naquele dia e cheguei com apenas dois minutos de atraso. Ela era a minha bússola naquela época, como continua sendo agora.

— Venha logo — diz Frankie, puxando o capuz sobre a cabeça quando a chuva fica mais forte. — Vamos ficar encharcadas. — O céu parece ter sido pintado por um impressionista mal-humorado. Quando chegamos à entrada, ela aperta a minha mão. — Não se preocupe. Não vou contar nada ao Christian.

— Pode contar, se quiser — digo, dando de ombros. — Eu confio nele. Além disso, talvez ele tenha algumas ideias sobre o que está acontecendo comigo, não?

Frankie acena com a cabeça.

— É verdade. Meu marido pode até não ser um francês charmoso com uma casa em Nice, mas *é* um ótimo solucionador de problemas. — Ela dá um sorriso. — Venha. Vamos discutir tudo isso enquanto tomamos uma garrafa de Sancerre.

Pegamos o elevador para o terceiro andar, seguindo o cheiro de dar água na boca de frango assado até o restaurante, que parece uma página arrancada do Versalhes de Maria Antonieta, com móveis de madeira revestida de ouro, lustres de cristal e um enorme afresco no teto. Christian acena do canto mais distante, sentado a uma mesa virada para a janela, coberta por uma toalha de linho branco e decorada com vidro soprado à mão em uma infinidade de cores. Fico grata ao ver uma garrafa de vinho branco aberta à minha disposição. *Preciso de uma bebida.*

— Lena! — exclama Christian, levantando-se para me dar um abraço. — Estamos tão animados para comemorar com vocês dois hoje à noite.

Olho para Frankie e depois de volta para Christian.

— Tá certo, alguém poderia me contar o que vai acontecer hoje à noite?

Christian dá uma risada.

— Você está brincando, né? — Ele ri, pegando a mão de Frankie. — Não perderíamos a ocasião por nada.

— Eu não estou brincando — digo, séria. — Perder o quê?

— A inauguração do hotel, óbvio — continua Christian, meio confuso.

— Inauguração do hotel — murmuro, inexpressiva, pois as palavras não evocam nenhuma lembrança em mim, enquanto nos sentamos no restaurante lotado e cheio de luz.

Christian olha para Frankie e depois de volta para mim.

— Houve algum problema? — pergunta ele, servindo a cada uma de nós uma taça de vinho, que bebo imediatamente, ou melhor, viro de uma vez só. — Quer dizer, com a inauguração.

— Querido — diz Frankie ao marido. — Lena... não está... *se sentindo muito bem*.

Christian franze a testa.

— Ah, não! Você está doente?

— Mais ou menos — respondo enquanto Frankie estuda o meu rosto. Sei que ela espera que eu assuma a liderança, o que faço, contando a Christian o que havia explicado à sua esposa no táxi.

Ele pigarreia.

— Então você está com... amnésia?

— É tipo isso, mas não foi provocada por um acidente, pelo menos até onde eu sei.

Ele assente, recostando-se na cadeira pensativamente. Christian continua tão bonito quanto era há sete anos, quando Frankie e eu o vimos naquele bar em Nova York — alto, de cabelo preto e barba por fazer. Eu o notei primeiro, não que isso importe. Ele lançou um sorriso para nós enquanto bebia seu martíni. Lembro da azeitona recheada de queijo no copo dele, da música que tocava nos alto-falantes: “Summertime Sadness”, da Lana Del Rey. Eu teria ido até ele e me apresentado se não estivesse namorando na época — era um péssimo namoro, sim, mas não deixava de ser

um namoro. Em vez disso, eu disse a Frankie — que estava solteira — que pagaria a próxima rodada se ela aceitasse o meu desafio: ir até o gostosão misterioso nos fundos do bar, se apresentar e passar o número de telefone para ele. Embora Frankie não fosse nem um pouco tímida, abordar homens em bares não era o seu estilo. Porém, para a minha surpresa, ela tomou um gole de cosmopolitan, endireitou os ombros e enfrentou a situação.

De certa forma, perdi a minha melhor amiga naquela noite. Bem, não exatamente, embora ela tenha passado o resto da noite conversando com Christian — e a noite seguinte, e a outra, e muitas mais por semanas a fio. Três meses depois, ela me disse que os dois estavam falando em casamento e que ela iria se mudar do nosso apartamento no Brooklyn para o loft *très* chique dele em Tribeca.

Assim é a vida, eu disse a mim mesma. Na verdade, depois que ela se mudou, até comprei um quadro com a expressão *c'est la vie*, que pendurei no banheiro que costumávamos compartilhar, logo acima do vaso sanitário. Senti muita falta dela — ah, e como senti! —, ainda mais depois que voltei a ser solteira. Tive de me lembrar que, embora algumas coisas mudem, outras permanecem iguais. Neste caso, embora eu tivesse perdido Frankie como colega de quarto e companheira do dia a dia, não perdi a nossa amizade; era só um pouco diferente. Agora tínhamos mais um parceiro: Christian. Eu até participava de alguns encontros dos dois.

— Você será sempre bem-vinda — garantira minha melhor amiga. Ela nunca quebrou essa promessa.

É por isso que me sinto à vontade para me abrir com Christian. Confio nele, lógico, mas também o respeito. Ele faz, nos negócios, o que os médicos de emergência fazem durante a triagem. É o cara que as empresas em dificuldade contratam para resolver a bagunça e salvá-las da falência. Será que poderá me salvar?

— Quer dizer que você não se lembra de nada? — pergunta Christian, chamando o garçom para pedir outra garrafa de vinho.

— Nadica de nada — respondo, recostando-me na cadeira. — Será que eu devia ir ao médico?

— Não. — Frankie apressa-se a dizer. — Você sabe o que fazem aqui na França

com gente que age de um jeito meio...

— Doido? — concluo, terminando a frase dela.

Ela assente com cautela, baixando a voz para um sussurro.

— Já vi um vídeo no YouTube sobre o assunto. Podem até te internar aqui.

Christian dá uma gargalhada.

— Vejo que temos uma professora da universidade do YouTube.

Frankie revira os olhos.

— Querido, isso não tem graça! Só estou tentando ajudar!

— Tá bom, tá bom — digo rapidamente. — Vamos para o Plano B, então.

— Você ligou para a sua tia? — pergunta Frankie.

— Sim, tentei falar com ela mais cedo — respondo, pegando o celular. — Mas não consegui.

Volto a ligar para o número de Rosie, mas continuo sem sorte.

— Me deixa tentar. — Frankie digita os números e depois franze a testa. — Que estranho!

Olho para o meu celular — que tenho vontade de atirar para o outro lado da sala — quando aparece na tela a notificação de uma mensagem, em francês, de alguém chamado... *Jacques*? Não consigo entender o que está escrito.

Frankie dá uma olhada e estuda a tela.

— Aqui diz — ela faz uma pausa, trocando olhares com Christian —: Boa sorte hoje à noite e, hã... Parabéns pela inauguração do hotel.

Dou de ombros.

— Para que tantos emojis de coração?

— Você conhece os franceses — explica Frankie. — Eles são muito... emotivos.

— Espera aí — digo, confusa. — Como é que você sabe falar francês?

Ela suspira, olhando para mim como se eu tivesse acabado de perguntar se o Papai Noel existe.

— Nossa, você está mal mesmo. Querida, não lembra que fiz o mestrado na Sorbonne?

Nego com a cabeça.

— Não, nada disso. Você foi para a Universidade de Nova York.

Frankie olha para Christian e depois de volta para mim, bem na hora que o garçom chega com a nossa comida. Comemos em silêncio por alguns minutos — cada um de nós contemplando as peças desconstruídas deste quebra-cabeça enlouquecedor.

— Lena, tem uma coisa que não consigo entender — diz Frankie por fim, erguendo o olhar da salada de rúcula. — Quando a visitamos no verão passado, você era fluente. O que aconteceu?

— Não sei — respondo, de olhos baixos.

Ela dá um suspiro.

— Certo, bem, preciso ir ao banheiro.

Assim que ela sai, afundo o rosto nas mãos.

— Ela está preocupada com você, só isso — diz Christian. — Eu também estou. — Quando afasto as mãos, nos entreolhamos por um bom tempo, antes de eu me virar e ele empurrar o bife e as batatas fritas comidas pela metade para o lado. — Qual é a última coisa de que você se lembra? Talvez possamos começar por aí.

A expressão em seu rosto... já a vi antes, há muito tempo. Fecho os olhos com força, abro-os de novo e entreabro a boca para falar, mas nenhuma palavra sai dali. As recordações que passam pela minha cabeça não deviam voltar a aparecer. Na verdade, passei muitos anos tentando expurgá-las da minha mente: aquela noite, em Nova York, num pequeno restaurante italiano perto do Carnegie Hall, quando Frankie estava passando a noite toda com os colegas de pós-graduação e Christian e eu nos encontramos para jantar. Ela sabia, lógico. Não era nenhum segredo obscuro. Ela adorava o fato de fazermos companhia um ao outro. Tínhamos a sua bênção; no entanto, nós dois sabíamos que ela não teria abençoado o que aconteceu naquela noite.

Eu poderia colocar a culpa na garrafa de Barolo, embora Christian tivesse bebido muito mais, ou no hilariante espetáculo off-Broadway a que fomos mais tarde, ou talvez no bar subterrâneo pouco iluminado em que entramos depois, onde Christian, com seu 1,80 m de altura, mal passava pela porta. Em todo o caso, ambos sabíamos —

e ainda sabemos — que tínhamos passado dos limites naquela noite. O jeito que ele olhou para mim, o jeito que entrelacei o braço no dele depois do espetáculo, o roçar dos nossos joelhos debaixo do balcão do bar quando nos sentamos bem pertinho — até demais. Ficamos perigosamente perto do abismo naquela noite, e nós dois sabíamos disso.

Quando o bar anunciou a saideira e chegou a hora de chamarmos nossos respectivos táxis, ficamos na calçada, juntinhos para nos proteger do frio. É verdade que fazia menos seis graus lá fora, mas não era o ar do Ártico que aproximava nossos corpos, e sim outra coisa — algo muito mais intenso. Parecia uma força magnética, um ímã até, que nos deixava fracos.

Uma parte de mim sentia vontade de ceder naquela noite; derreter no calor de seus braços fortes e me render, até mesmo contar a verdade: que, às vezes, desejava que tivesse sido eu, e não Frankie, a abordá-lo no bar tantos anos atrás. Eu poderia ter lhe dito todas essas coisas naquela noite fria, mas não disse. Não consegui. Em vez disso, entrei no meu táxi e lhe desejei boa-noite, porque amo a minha amiga.

E sempre amarei.

Nossos olhos voltam a se encontrar, mas não deixo que o meu olhar se demore nele.

— Ei — diz Frankie, voltando a sentar-se no seu lugar. — Os banheiros franceses são de outro mundo. Sempre esqueço que devo dar gorjeta à atendente. E se eu não tiver nenhum euro no bolso?

— Nada de sopa para você! — diz Christian com um sorriso.

Frankie balança a cabeça, um tanto irritada.

— Querido, eu estou falando do banheiro, não de sopa.

Christian e eu trocamos um olhar cúmplice: é óbvio que ela não assistiu àquele episódio de *Seinfeld*.

— *Enfim* — continua Frankie, desapontada, enquanto muda de posição na cadeira para me fitar. — Como vamos te ajudar a sobreviver a este dia?

— Sei lá.

— Acabei de perguntar à Lena do que ela se lembra — diz Christian.

— Bem pensado — continua Frankie. — Lena, do que você se *lembra*?

Coloco o cotovelo sobre a mesa, apoiando a cabeça na palma da mão direita.

— Como já disse, peguei um avião em São Francisco para visitar a minha tia Rosie na ilha de Bainbridge.

— São Francisco? — pergunta Frankie, chocada.

— Hã, sim, onde eu moro. E trabalho.

Frankie olha para Christian e depois de volta para mim.

— *Tá ceeeerto.*

— Kevin, o meu namorado, bem, ex-namorado, e eu terminamos na noite anterior. Pensei que ele fosse me pedir em casamento, mas em vez disso me deu um ingresso para o show do Coldplay.

— Um ingresso para o show do Coldplay? — Frankie cruza os braços.

Faço que sim com a cabeça.

— Foi horrível. — Eles me ouvem com ceticismo à medida que continuo: — Naquela noite, na ilha, a lua estava cheia, caiu uma tempestade, e eu... acabei dormindo na casa de hóspedes.

— Talvez tenha sido apenas um sonho — sugere Frankie.

— É, mas, se foi, então quer dizer que ainda estou sonhando?

Christian balança a cabeça.

— Não está, não. Você está aqui, sim, e esta é a realidade. — Ele aponta para a minha mão esquerda. — Está vendo o arranhão no seu dedo? Você está sangrando. Isso é uma prova.

Prova de quê? De que acabei de ser arrastada por Paris por um cachorro enorme?
Limpo o pequeno corte com a ponta do guardanapo enquanto Frankie procura um Band-Aid na bolsa.

— Talvez você seja uma viajante do tempo — continua Christian, intrigado. — Não, espera! Um ser interdimensional? Ou talvez seja uma espécie de simulação!

Frankie dá uma gargalhada.

— Hã, acho que alguém andou assistindo a filmes de ficção científica *demais*.

— Hum — balbucio, em dúvida. — Que dia é hoje?

Frankie olha para o próprio celular.

— Oito de abril de 2023.

— Eu estava na ilha de Bainbridge ontem, sete de abril.

Frankie acena com a cabeça.

— A teoria da viagem no tempo foi oficialmente desmentida. — Ela olha ao redor. — Christian, vamos pedir a conta e levar a nossa garota perdida para casa.

Ele dá o cartão de crédito ao garçom e assina a conta antes de nos dirigirmos à saída.

— Absinto — diz Frankie de modo conclusivo enquanto caminhamos para a rua. — É a única explicação. Vai passar logo, mas precisamos colocar a sua cabeça no lugar para você arrasar hoje à noite.

Resmungo ao pensar naquele “evento”.

— Você pode me informar mais a respeito disso? — pergunto. — Fale comigo como se eu fosse uma menininha de cinco anos.

Frankie assente.

— Tá bom. Então, Sebastian é hoteleiro... Sabe, proprietário de uma *rede de hotéis*?

— Ora, eu não sou uma completa idiota.

— Certo, mas foi você que disse que tinha cinco anos. — Ela dá um sorriso malicioso. — Ele é proprietário do grupo hoteleiro La Maison Rouge. Eles têm propriedades nas cidades mais chiques da França... sabe, Nice, Saint-Tropez, Avignon, esse tipo de lugar. De qualquer forma, sua empresa acabou de concluir a construção do hotel mais recente, La Maison Rouge Paris. A festa de inauguração é hoje à noite. É por isso que estamos aqui, para comemorar com vocês.

— Entendi — digo, quase tropeçando num paralelepípedo. — E *eu* trabalho para o grupo hoteleiro?

Frankie balança a cabeça.

— Não, bem, sim, no sentido de que é casada com o Sebastian, mas não de forma direta. Você é uma organizadora de eventos.

— Uma organizadora de eventos?

— Sim, uma das mais bem-sucedidas de Paris, na verdade. No mês passado, você deu uma festa para Brigitte Macron.

Arregalo os olhos.

— Você está falando da primeira-dama da França?

Frankie sorri.

— A própria. Você é uma estrela no mundo dos eventos e será a anfitriã da festa desta noite.

De repente, sinto minhas mãos suarem.

— Por que tenho a sensação de que vai ser um desastre?

— Não seja ridícula — continua ela. — Quando falamos ao telefone ontem à noite, você deu a entender que estava tudo pronto, mas é óbvio que não se lembra disso.

— Não.

— Enfim, você me disse que todo o trabalho pesado estava praticamente feito. Pense nisso da seguinte maneira: os músicos já tomaram seus lugares. Os instrumentos estão afinados e polidos. Tudo que você precisa fazer é subir no palco e... conduzir.

— Uma orquestra conduzida por uma maestra que não entende nada de música?
— murmuro. — O que poderia dar errado?

— Você pode segurar uma prancheta — sugere Christian em tom de brincadeira.
— As pessoas vão achar que você tem tudo sob controle.

Nem Frankie nem eu achamos aquilo engraçado, mesmo que ele esteja apenas tentando aliviar a tensão. Ainda assim, não consigo me livrar da sensação persistente de pavor.

— Gente... eu só... quero ir para casa.

— Entendo, querida — responde Frankie, pegando minha mão. — E sei que neste momento tudo parece de pernas para o ar, mas prometo que você vai ficar bem.
— Ela olha para o relógio. — Ainda são duas da tarde. Aposto que você vai sair desta névoa mental daqui a uma ou duas horas. E, hoje à noite, estarei ao seu lado. “SOS” é o nosso código sob circunstâncias normais, mas esta noite basta tocar no brinco

direito duas vezes que vou ao seu socorro. — Ela sorri. — Além disso, você tem aquela sua assistente para fazer o trabalho pesado. — O tom de Frankie deixa bem evidente que ela não é fã da garota. Aceno com a cabeça, lembrando-me da conversa com Ella hoje de manhã. Parecia bastante simpática. Sem dúvida, uma pessoa esforçada. — Coloque-a para trabalhar, Lena.

Frankie tem razão, posso dar conta disso. Se consigo lidar com um diretor-executivo egoísta que só pensa em lucro, posso organizar uma festa para um bando de franceses bêbados. Vou seguir os planos, dar um passo de cada vez, até que esta ilusão bizarra desapareça. E vai desaparecer. *Tem que ser assim.* Olho para o celular e vejo uma mensagem de Sebastian.

Mon amour, não tive mais notícias suas.
Só queria saber se você está se
sentindo melhor e se está tudo
pronto para hoje à noite.
Te encontro lá, tá bom?

Passo o celular para Frankie, com um resmungo.

— O que eu deveria responder para ele?

— Aqui — diz ela, digitando. — Você vai dizer: “Olá, bonitão, eu...”

— Não! — exclamo. — *Não* flerte com ele.

Ela dá uma risada.

— Que tal: “Olá, eu estava mesmo pensando em você. Já estou me sentindo melhor. Está tudo encaminhado para esta noite. Beijo.”

— Aham — digo por fim, assimilando o absurdo da situação. — Pode enviar, acho.

— Enviada — diz ela, devolvendo o celular para mim. — Agora vamos te levar de volta para o seu apartamento. Estamos hospedados num Airbnb a poucos quarteirões de distância. Por que não voltamos por volta das cinco para te buscar? Pode ser?

Concordo com a cabeça.

— Muito bem, agora vai colocar um vestido. Fique bem glamourosa. E não se

esqueça do batom vermelho e dos saltos. As francesas sempre usam saltos.

— Detesto saltos.

Ela me dá uma piscadela com um ar de divertimento.

— Bem, é uma pena, porque você tem um closet cheio deles.

— Certo — digo nervosamente. — Tá bom. Vou me esforçar ao máximo.

— Esse é o espírito da coisa — diz Frankie.

— Quanto tempo temos até que os convidados comecem a chegar? — pergunto a Frankie quando o táxi para em frente ao hotel.

— Bastante — responde ela, olhando para o relógio. — Pelo menos uma hora.

Aceno com a cabeça, olhando nervosamente pela janela do La Maison Rouge Paris, situado numa rua pitoresca do bairro de Montmartre. É tão encantador, com enormes ciprestes que cercam a entrada ladeada por lamparinas e o caloroso brilho âmbar da luz das velas que cintila no peitoril das janelas de cada quarto de hóspedes. Arranjos bem agrupados de rosas vermelhas revestem as escadas que levam à porta dupla dourada.

— O que você acha? — pergunta Ella, de repente materializando-se atrás de mim. Está vestida a rigor num minivestido de lantejoulas vermelhas que acentua o corpo esbelto e o decote profundo. Sinto-me sem graça em comparação a ela, tendo escolhido um vestido preto de gola alta e mangas compridas. A garota aponta para uma placa dourada ao lado da entrada: UN ENDROIT POUR TROUVER L'AMOUR. — “Um lugar para se apaixonar” — traduz ela, sorrindo. — Sebastian adorou a sua ideia!

Um lugar para se apaixonar? *Para mim, parece mais um lugar para ter um colapso mental.*

— As flores estão lindas, não? — continua ela, ajeitando o cabelo cacheado e preso de um lado. Sinto-me bem menos glamorosa com o meu coque apertado.

— Estão mesmo — diz Frankie, já que eu não respondo. — Agora, como posso ajudar? Me coloque para trabalhar!

— De jeito nenhum — responde Ella. — Você é uma *convidada*. Por favor, entre e beba um pouco de champanhe. Sebastian insistiu que esta noite fosse de primeira!

Por falar em Sebastian, vejo-o logo adiante, sorrindo confiante no átrio do hotel,

ao lado de uma escultura de gelo de um homem e uma mulher — nus, ao estilo de Davi — abraçando-se à medida que seus lábios se encontram. Christian olha para o objeto com curiosidade. Tudo no hotel é grandioso — desde as luxuosas cortinas de veludo até os lustres de cristal no teto.

Ella muda o peso de um pé para o outro enquanto Sebastian se aproxima e fica radiante quando ele beija sua mão.

— Um lugar para se apaixonar — diz ele, passando o braço em volta da minha cintura. — Minha esposa brilhante.

— Hum, oi — digo, meio sem jeito.

— Olá, *mon amour* — sussurra ele, pressionando os lábios nos meus. Por milagre, não me afasto nem bato na cabeça dele com a minha bolsa Chanel. Fico imóvel, assombrada pelo alerta de Frankie sobre o destino dos pacientes psiquiátricos na França. Quer seja verdade ou não, faço uma anotação mental para não levantar suspeitas. — Está tudo perfeito, não?

Aceno obedientemente com a cabeça.

— Tenho que agradecer a você. E a Ella.

— *Merci* — diz Ella enquanto passa o braço pelo de Sebastian de um jeito casual e íntimo.

Não me importo com isso, lógico (*por que me importaria?*). Além do mais, é algo bem típico dos *franceses*, mas não consigo deixar de pensar: será que a minha assistente tem uma *quedinha* por ele? Quando olho para Frankie, vejo que ela concorda comigo. Mas o que há com as minhas assistentes hoje em dia, tanto no mundo real quanto nesta realidade alternativa?

— A sua visão é digna de um gênio — diz Ella, piscando para Sebastian.

— Uma festa linda, lotada de mulheres bonitas — responde ele. — Sou o homem mais sortudo de Paris.

Quando começo a me sentir tonta, fico grata por Frankie segurar meu braço com firmeza, ainda mais quando Sebastian me dá a mão.

— Querida, venha comigo. Quero te mostrar a suíte mais magnífica de todas.

Fito os olhos de Frankie. *Não se preocupe!*, diz ela telepaticamente para mim. *Vai*

lá!

— Suíte? — pergunto, com certo nervosismo, enquanto ele me leva para o elevador.

— Sim — responde ele, colocando o braço em volta da minha cintura. — Na cobertura. — Quando a porta do elevador se fecha, Sebastian se aproxima na penumbra e sinto seu hálito na minha pele. — Senti a sua falta — diz ele, passando a mão pelo meu braço, o que me deixa toda arrepiada.

Fico surpresa com o choque de eletricidade que corre pelas minhas veias, mas também aliviada quando as portas do elevador voltam a se abrir. Sebastian me leva até o final de um corredor mal iluminado e passa um cartão-chave ao lado de uma porta à direita.

— *Voilà* — diz ele, entrelaçando a mão na minha quando atravessamos a soleira da porta.

A suíte é *realmente* magnífica. Na verdade, rivaliza com qualquer um daqueles posts de casais apaixonados no Instagram, que retratam a vida parisiense de *pied-à-terres*, doces requintados e banhos de espuma indulgentes.

Olho para a cama ornamentada, para onde Sebastian parece me atrair. Meu coração bate mais depressa a cada passo, principalmente quando ele me toma nos braços e pressiona o meu corpo delicadamente contra a parede, passando a mão ao longo da minha coxa. Quando ele me beija, sinto-me leve e tonta — como se a única coisa que existisse fossem os poucos metros quadrados que ocupamos.

— Espera — digo, recuperando o bom senso. Dou um passo para trás e ajeito o vestido. — Não é melhor voltarmos lá para baixo e cumprimentarmos os nossos convidados?

Ele balança a cabeça e me puxa de volta para seus braços.

— Vamos chegar elegantemente atrasados — sussurra no meu ouvido, seu hálito é leve como uma pena no meu pescoço. — Quero você.

Quando ele me beija de novo, não consigo resistir. E se for isso? Talvez isso seja amor — o *amor* que sempre imaginei, mas nunca encontrei, e tudo porque joguei um pedaço de papel no lixo depois de uma festa de casamento? Será que é a minha chance

de fazer a coisa certa?

Como se tivessem vontade própria, meus dedos encontram os botões da camisa de Sebastian e os abrem um a um. Reprimos a parte cautelosa do meu cérebro, aquela que me diz que estou sendo uma idiota, que perdi a cabeça, conforme ele começa a abrir o zíper do meu vestido, beijando a parte de cima das minhas costas, quando sua calça começa a... vibrar.

— *Merde* — resmunga ele, passando a mão pelo cabelo antes de enfiar a mão no bolso e olhar para o celular. — É melhor eu atender esta ligação.

— Ok — digo, levantando-me enquanto ele se dirige para o banheiro, falando em voz baixa em francês. — Tá tudo bem? — pergunto assim que ele volta.

— *Oui, oui* — responde ele, abotoando a camisa. — Não era nada, meu amor. — Ele me dá um beijo no rosto antes de me ajudar com o zíper. — Mas você tem razão. Devemos ser bons anfitriões e ir lá para baixo.

— Sim — apresso-me a dizer. — Com certeza. Só vou... calçar os sapatos.

Ele sorri afetuosamente para mim no elevador, mas não consigo deixar de sentir uma mudança. Quem quer que tenha telefonado, seja qual tenha sido a conversa, acabou com toda a paixão dele.

— Aí está você! — exclama Frankie quando entro no saguão do hotel, onde há uma dúzia de pessoas reunidas. — Onde é que você se meteu? — sussurra ela. — Já estava ficando preocupada. — Ela faz uma pausa, depois franze a testa. — Nossa, o seu batom está borrado. Espera, você estava...?

— Na suíte da cobertura com o Sebastian — digo nervosamente.

Frankie dá uma gargalhada.

— Ah, ainda bem que vocês dois estão... mantendo o ritmo... apesar do seu estado de espírito. Como é que... foi? — Ela olha para o salão com nostalgia. — Quer dizer, quando se está casado há tanto tempo quanto Christian e eu, as coisas podem acabar, bem, caindo na *rotina*, sabe? Não consigo sequer imaginar a emoção de vivenciar a nossa “primeira vez” de novo.

— Não, a gente não...

Paro de falar, olhando para a entrada, onde um casal na casa dos sessenta anos

acaba de surgir. Os dois parecem ser da realeza, como se pertencessem a um castelo adornado com móveis da época de Luís XV. A mulher se porta como uma condessa, exalando uma vivacidade que, de alguma forma, a torna mais atraente do que qualquer outra mulher presente. Até os homens mais jovens parecem cair sob seu feitiço, incluindo um que conversa com Ella e não consegue tirar os olhos da mulher mais velha.

— Quem é aquela ali? — pergunto a Frankie, que tira uma página dobrada da bolsa.

— Ella me pediu para te dar isso — diz ela. — A lista de convidados, com anotações sobre cada participante: preferências por alimentos, peculiaridades etc.

— Ou seja, a minha cola? — Consulto a página em vão. — Que maravilha, está em francês. — Suspiro, devolvendo a lista a Frankie. — Você consegue entender o que está escrito?

Ela examina o documento que tem em mãos e assente.

— Bingo. A mulher é Claudine Trousseau, ou Madame Trousseau, como é conhecida, uma das designers de lingerie mais famosas da França. Ela e o marido acabaram de voltar do seu castelo do século XVII, no sul, e, de acordo com estas anotações, Sebastian tem considerado seu interesse em investir no grupo hoteleiro La Maison Rouge.

Franzo a testa.

— Ótimo. Quer dizer que tenho de puxar o saco dela.

— Bingo — repete Frankie enquanto Sebastian atravessa o salão e sussurra alguma coisa no ouvido de Ella. Minha assistente ajeita o colarinho dele antes que ele se afaste para cumprimentar a Madame Trousseau.

— Frankie — sussurro —, acha que ele estava *flertando* com a Ella?

— Lógico que não — responde ela, embora seu tom de voz não seja nem um pouco convincente.

Aceno e sorrio para pessoas que não conheço, evitando conversas a todo custo.

— Cadê o Christian?

— Ah, ele deve estar admirando as obras de arte do hotel — brinca Frankie,

pegando uma taça de champanhe. — Tudo bem. Eu disse a ele que você é o meu par hoje à noite.

— Obrigada — digo — por me ajudar com tudo isso. Não sei... o que eu faria sem você.

— Há, você seria um desastre. E não precisa me agradecer.

Passa-se uma hora e depois mais outra. Deve haver cerca de cem pessoas conversando e se divertindo, desfrutando do champanhe servido à vontade e do jazz instrumental. A festa é um sucesso — ao menos até onde sei —, isto é, até eu passar por Madame Trousseau. Sinto a obrigação de parar e cumprimentá-la, mas me arrependo imediatamente da decisão quando ela se vira para a mulher ao seu lado e murmura alguma coisa em francês, com uma expressão fria e cautelosa no rosto.

— Eu... lamento pela... interrupção — apresso-me a dizer antes de voltar para junto de Frankie, que tinha acabado de surrupiar um *bors d'œvres* da bandeja de um garçom.

— Você tem que provar esses canapés — diz ela entre uma mordida e outra. — São deliciosos!

— Frankie, acabei de cometer uma gafe. Fui cumprimentar a Madame Trousseau e, sei lá... Devo tê-la ofendido de alguma maneira, porque ela me ignorou completamente.

— Tem certeza? Será que você não interpretou mal a situação?

Concordo com a cabeça.

— Pode ser.

— Não se preocupe com a Vovó Trousseau — diz Frankie, colocando outro pedaço na boca. — Deixe o Sebastian lidar com ela.

— Ok — digo, reparando num homem que nos encara do outro lado do salão. É um pouco mais novo do que eu, bem-vestido, com cabelos castanho-claros que caem sobre o olho esquerdo. Ele o afasta do rosto depois de beber um gole de vinho e sorri na nossa direção. Dou um toque no braço de Frankie. — Viu aquele cara olhando para nós duas?

— Você está falando de todos os caras nesta festa? — Frankie ri, entrelaçando o

braço no meu enquanto me leva para o outro lado do salão e dando uma olhadela por cima do ombro ao virarmos a esquina. — Anda, vamos procurar o banheiro. Aposto que tenho uma cebolinha enorme presa entre os dentes da frente. Também preciso pegar o seu batom emprestado.

— Claro — digo, vasculhando a bolsa, onde encontro meu celular vibrando. Parece ser a mesma pessoa da mensagem de hoje cedo no museu, cheia de emojis. — Mal posso esperar para dar o fora daqui — confesso, guardando o celular com um suspiro.

— Eu também — diz ela, fazendo beicinho para o próprio reflexo no espelho do banheiro e depois aplicando uma camada de batom vermelho mate. — Quer que eu busque o Christian e peça para ele nos arranjar um táxi? Aposto que ninguém vai notar se escapulirmos daqui. Podemos *sair à francesa*.

Aceno com a cabeça.

— Verdade, mas acho que eu devia encontrar o Sebastian primeiro. O que digo a ele?

— Que você está mal do estômago — sugere Frankie. — Essa desculpa sempre funciona.

Sorrio, voltando-me para a porta do banheiro, quando Ella entra com um envelope de papel pardo na mão.

— Aí está você! — exclama ela, com a pele impecável e viçosa. *Vinte e poucos anos*. — Ótima festa, não?

— É, sim — digo, sorrindo meio sem jeito.

— Muito bem, antes que eu me esqueça, só queria confirmar que reservei os voos para Saint-Tropez. Partimos hoje, à meia-noite. Foi difícil conseguir um jato particular, mas — sua voz assume um tom cantante — adivinha quem mexeu uns pauzinhos? — Ela sorri, visivelmente orgulhosa de si mesma.

— Hã, obrigada? — murmuro, um tanto confusa. — Desculpa, acho que não li o memorando que dizia que íamos viajar esta noite. É meio estranho pegar um avião tão tarde, depois de um evento tão importante. Eu nem fiz as malas.

Ella balança a cabeça.

— Não, não. *Você* não vai a lugar nenhum. — Ela dá uma risadinha. — Só Sebastian e eu. — Ela abre o envelope, folheando a papelada. — Ah, e reservei a suíte que ele adora. Aquela com uma varanda com vista para o terraço de árvores cítricas.

Dou um passo para trás, alternando o olhar entre ela e Frankie.

— Vocês dois vão para Saint-Tropez? Por quê?

— Para uma... reunião de negócios — responde ela, parando para pigarrear. — Sabe, com a Madame Trousseau.

— Então por que você vai?

— Ele... me pediu para ir junto para... facilitar as coisas.

— Para... facilitar *que* coisas?

— Bem... todas — continua ela, um pouco surpresa. — Lena, é isso que eu faço.

— Aposto que sim — digo, sacudindo a cabeça. — Foi você, não foi? A pessoa que ligou para o Sebastian quando estávamos na suíte antes da festa começar?

Ela nega com a cabeça.

— Não sei do que você está falando.

— Sabe, sim — continuo, com o maxilar cerrado. — Você está tendo um caso com o meu marido, não é?

Frankie parece estar à beira de um ataque cardíaco quando Ella arfa, colocando a mão no peito.

— De jeito nenhum.

Sua resposta é bastante crível, mas tiro o envelope das mãos dela em busca de provas, lendo as informações da reserva do hotel.

— Aqui diz que há dois quartos reservados — digo, depois de ler as informações da reserva. — Um de solteiro e outro de *casal*. — Passo a folha para Frankie, que assente, confirmando o meu trabalho de detetive.

Antes confiante e equilibrada, Ella agora mais parece uma ratinha assustada tremendo diante de uma vassoura. Ela esfrega a testa.

— Lena, sinto muito. Eu... achava que você sabia. Eu... achava que você e Sebastian tinham um... *acordo*.

— Um acordo?

Frankie me puxa pelo braço.

— Lena, vamos embora, tá bom? Não se preocupe, podemos resolver isso mais tarde.

— Não — afirmo. — Quero resolver isso agora.

Ella parece apavorada, embora eu não consiga decidir se a expressão em seu rosto é de empatia ou arrependimento. Ela apenas assente, se preparando para o embate.

— Lena, depois de tantos anos, pensei que você soubesse que a Madame Trousseau é... amante do Sebastian.

Estou tão atônita que fico de boca aberta. Não mereço me sentir traída nem tenho motivos para sentir a raiva que sobe pelo meu peito, mas não deixo de senti-la mesmo assim.

— É sério, eu... — continua Ella, meio perdida. — Não fazia a menor ideia de que você não sabia, ainda mais porque...

— Obrigada, Ella — interrompe Frankie. — Foi uma noite e tanto. Acho que devíamos arranjar um táxi logo. — Ela me empurra para fora do banheiro em direção ao saguão e me diz para esperar enquanto procura por Christian.

Concordo com a cabeça, desanimada, olhando adiante, onde vejo Sebastian num canto afastado, conversando com *A Madame*. O marido dela já foi embora, com a própria amante, presumo. Ainda assim, não consigo deixar de imaginar a lingerie que ela colocou na mala para o fim de semana romântico. Será que ele vai abraçá-la do jeito que me abraçou hoje à noite? Ele a ama? Ele me ama?

Não tenho as respostas, mas de uma coisa eu sei: Sebastian me mostrou sua verdadeira face anos atrás. Na verdade, ele previu aquela situação. Estou tão distraída que mal reparo no homem ao meu lado — mais uma pessoa insignificante nesta farsa bizarra —, isto é, até ele sussurrar “Olá, *mon chéri*” no meu ouvido.

Dou um passo para trás, arregalando os olhos. É o cara de antes — aquele que sorriu para mim do outro lado do salão. Ele me parece bem normal — em outras palavras, não tenho a impressão de que seja do tipo que me arrastaria para um beco escuro —, no entanto, há algo de estranho na sua presença, e por que ele está tão perto de mim?

— Desculpa, quem é você?

— Ah, vejo que vamos fazer um teatrinho hoje à noite — diz ele, estendendo a mão. — Oi, eu sou o Jacques.

Quando ele se aproxima e coloca a mão na minha lombar, deixando-a descer bem devagar, dou mais um passo gigante para trás. O salto prende no meu vestido e eu tropeço para o lado, agitando os braços enquanto tento desesperadamente recuperar o equilíbrio. Mas a gravidade, cruel como é, me pega de jeito, atirando meu corpo bem de encontro à escultura de gelo.

Ao balançar em cima dos saltos, agarro sua borda fria para me apoiar, o que acaba por ser uma péssima ideia, pois um pedaço dela se quebra e a coisa toda começa a inclinar para a esquerda, derrubando-me como uma árvore cortada. *Madeira!*

Quando dou por mim, estou deitada de costas, esparramada no chão. Quase não sinto dor — só uma sensação latejante ao longo da perna direita, e suspeito que vou ficar com um hematoma bem feio daqui a algumas horas. Ah, mas sinto os olhares dos outros convidados da festa fixos em mim como lasers. O salão fervilha num burburinho de cochichos, e aqui estou eu, deitada no chão ao lado de uma escultura de gelo ligeiramente pornográfica, parte da qual começa a pingar na minha testa — é a própria tortura francesa da água.

Minha visão fica embaçada quando a sala começa a girar. Será o fim? Se eu fechar bem os olhos, será que vou acordar deste pesadelo e voltar para a casa de hóspedes na ilha de Bainbridge? Por um segundo, acho que sim. É o fim da minha alucinação desvairada, a última cena de um pesadelo assustador. A qualquer momento, vou me sentar na cama, suando frio, aliviada por estar em casa. Vou ligar para a Frankie e daremos boas risadas.

Mas não. Quando abro os olhos, ainda estou aqui, em Paris, deitada ao lado da maldita escultura de gelo. Os únicos pontos positivos são os rostos de Christian e Frankie pairando sobre mim — dois faróis me guiando em um mar tempestuoso. Jacques? Sumiu de vista.

Frankie se ajoelha ao meu lado, colocando a mão na minha bochecha.

— Lena, você consegue mexer as pernas? Será que quebrou alguma coisa?

— Sim, e não... bem, pelo menos acho que não.

— Ainda bem — diz ela, assentindo e se voltando para o Christian. — Vou chamar um táxi, você poderia...

— Eu a pego — afirma ele, me levantando sem dificuldade nos braços fortes.

Os convidados se aproximam de nós, observando a cena aos cochichos. Não há nenhuma empatia em seus olhos; é puro entretenimento, mas fico aliviada por não ver o Sebastian ou a Madame Não-Sei-das-Quantas na galeria improvisada. Muito provavelmente ele a levou até a cobertura para continuar de onde *nós* paramos, mas não dou a mínima para isso. Só quero sair logo daqui.

Quando a multidão não se mexe, Frankie resmunga alguma coisa em francês e depois continua:

— Qual é o problema de vocês? Saiam do caminho. Temos que tirá-la daqui! — Ela parece fula da vida, e é por isso que eu a amo.

Há um táxi minúsculo à nossa espera na rua, e Christian me ajuda a sentar no banco traseiro.

— Acho que não há espaço aí para mim — diz ele a Frankie. — Vocês podem ir na frente. Fique com ela esta noite. É melhor que Lena não fique sozinha. Vou arranjar uma carona para o Airbnb, ok?

— Ok — responde Frankie, com os olhos radiantes de amor enquanto bota a cabeça para fora da janela para dar um beijo de despedida nele.

A princípio, não falamos nada, talvez porque nenhuma das duas saiba por onde começar ou o que dizer. Mas, quando o celular vibra na minha bolsa, olho para a mensagem de texto e o entrego a Frankie.

— Me diz uma coisa... — começo, sentindo um nó no estômago. — A pessoa que me mandou mensagens o dia todo, o homem que deu em cima de mim hoje à noite... Frankie, me conta o que está acontecendo. Dê algum sentido a tudo isso.

Ela olha pela janela por um bom tempo e depois se volta para mim.

— Tá bom — diz ela por fim, respirando fundo. — Lena, é verdade, o Sebastian está tendo um caso. Mas...

— Mas...?

— Você também está.

Aceno com a cabeça, assimilando em silêncio a bomba que ela acabou de lançar.

— Como é que você sabe disso?

— Porque você me contou durante um telefonema há uns dois meses.

Não consigo identificar exatamente como me sinto, mas é uma mistura de vergonha e tristeza, com uma pontada de repulsa. Aqui estou eu, uma mulher supostamente casada e feliz, que acaba de descobrir que o marido tem uma amante e — novidade — eu também! Sacudo a cabeça, sentindo o peso da revelação de Frankie.

Encosto a cabeça no carro.

— É tudo tão triste.

— É, sim — responde Frankie. — Mas eu não te julgo, querida.

Dou um suspiro.

— Pois deveria. Até *eu* mesma me julgo.

— Bem, pelo menos ele é bonito.

Faço uma careta.

— O Jacques?

Ela faz que sim com a cabeça.

— É óbvio que o nome dele só poderia ser Jacques.

Nós duas rimos — sem motivo algum e por todos os motivos do mundo — e voltamos a ficar em silêncio.

— Frankie — digo depois de uma longa pausa. — Eu... não estou apaixonada por ele... por Jacques... estou?

— Nem pensar. Você me disse com todas as letras que se tratava apenas de um... lance.

— Um lance. — Mordo a pontinha do lábio. — Tá... E quanto ao Sebastian? Eu... o amo? Será que eu o amo de verdade?

Ela sorri, com os olhos curiosos e sábios.

— Você jura que sim, mas é a única que sabe a resposta dessa pergunta, querida.

Aceno com a cabeça, digerindo suas palavras, enquanto o motorista para em frente ao meu apartamento. Assim que saímos do táxi, coloco as mãos nas costas.

— Minha nossa, acho que estirei algum músculo.

— Advil e gelo — diz ela, me ajudando a entrar no prédio.

Dentro do apartamento, Claude nos recebe com um entusiasmo exuberante antes de tirarmos os vestidos e saltos altos, despindo os adereços daquela noite bizarra. Perdi um brinco em algum lugar, o que me parece estranhamente hilário. Imagino a bijuteria caída no piso do saguão do hotel, bem ao lado da escultura de gelo que, a essa altura, já deve ter virado uma poça.

— Do que você está rindo? — pergunta Frankie.

— De tudo — respondo enquanto ela joga um pijama que tira da gaveta da cômoda para mim.

Ela sorri e também veste um pijama, depois me traz um frasco de Advil, uma bolsa de gelo e uma xícara de chá de ervas.

Enquanto Frankie leva o Claude para fazer xixi, reflito sobre os acontecimentos chocantes do dia. Estou bem longe de entender o que está acontecendo, tudo que sei é... que está acontecendo comigo. Bem, espero que amanhã este pesadelo infernal desapareça. Tem que desaparecer.

Alguns minutos depois, Frankie se deita na cama ao meu lado e ficamos juntas em silêncio durante bastante tempo, envoltas pela manta protetora da nossa amizade de 17 anos. Não há palavras — agora não, ao menos nenhuma que precise ser dita. A presença dela aqui comigo é o suficiente. Duas almas exaustas compartilhando o mesmo espaço. O resto, resolvemos mais tarde.

Lembro quando conheci Sebastian muitos anos atrás, como fiquei aborrecida com as teorias dele a respeito do amor. Na época, imaginei, com certa apreensão, se haveria alguma verdade naquela história toda. Mas, depois de hoje, Sebastian fez com que até o Sr. Esteira Rolante parecesse mais atraente. Pelo menos ele não tinha uma vida dupla.

Solto o ar longamente, afundando a cabeça no travesseiro, onde acordei hoje de manhã.

— Te amo — sussurro para Frankie, seus cachos escuros caindo em cascata sobre os lençóis brancos.

— Também te amo — responde ela com um bocejo.

Com o luar entrando pelas janelas, olho para a Frankie — a máscara de cílios borrada sob as pálpebras, a boca aberta. Enxugo um pouco de baba da sua bochecha com a manga do pijama quando ela começa a roncar. Frankie parece até um filhote de elefante com sinusite. Sorrio sozinha. Duas melhores amigas, dividindo uma cama king-size em Paris, sob as circunstâncias mais absurdas e inacreditáveis possíveis. Sim, isso *também* é amor.

A decorative graphic featuring a curved dotted line with several four-pointed stars of varying sizes. The stars are positioned at the beginning and end of the curve, with smaller dots filling the gap.

*Parte
très*

Um galo canta ali perto — tipo, bem ao lado da janela. Sento-me na cama, em pânico, olhando para as mãos sem esmalte, com uma grossa camada de terra debaixo das unhas, e noto a aliança na minha mão esquerda. Olho para o modesto diamante aninhado num engaste art déco. Tem toda a cara de ser uma herança de família — algo herdado de uma bisavó que fazia biscoitos de gengibre. Com certeza, ninguém que seja parente do Sebastian.

Sebastian. Arfo, olhando ao redor do quarto. *Frankie!* Viro para a esquerda, vasculhando a cama desconhecida e vazia — pensativa, preocupada. Não estou em Paris nem em casa.

Não! De novo, não! Pelo visto, o “sonho ruim” de ontem se transformou em um *pesadelo* da vida real — e recorrente. Recupero o fôlego, coço a nuca e vejo alguns vergões vermelhos na parte de trás dos braços. Uma reação alérgica ou estresse? Não sei, mas *estou cheia de urticária.*

Saio da cama com cuidado e ando na ponta dos pés até a porta entreaberta, de onde espreito e encontro uma escada que leva ao andar de baixo.

— Olá? — digo, com a voz aguda e meio tímida. — Tem alguém... aí?

Dou um passo para trás quando ouço o bater de botas pesadas no chão de madeira rangente. Meu coração dispara quando um homem alto e barbudo aparece na porta.

— Bom dia, dorminhoca — diz ele com um sorriso. — Não me lembro da última vez que você ficou na cama depois das oito. Acho que devia estar precisando de um descanso.

— Ah, sim — balbucio, puxando a bainha do moletom quando percebo que *estou sem calça.*

— Fiz uma fritada — continua ele, sem se incomodar com o meu corpo à mostra. — Venha comer uma fatia antes que esfrie. O tempo deve virar esta tarde, pode até cair granizo. Teremos bastante trabalho hoje.

Aceno com a cabeça, fechando depressa a porta atrás de mim e correndo para o banheiro, onde tiro o moletom e me olho no espelho. A situação da urticária é *real*, mas, surpreendentemente, o hematoma de ontem na parte superior da minha coxa sumiu. Ainda assim, as lembranças de Paris continuam na minha cabeça — a escultura de gelo, Jacques sussurrando ao meu ouvido, a Madame Não-Sei-das-Quantas. Estremeço.

Sim, já saí desse pesadelo, mas agora estou em outro? Olho pela janela do banheiro, o que só me deixa mais confusa. Há um jardim de flores ali embaixo, um celeiro vermelho ao longe, fileira após fileira de árvores repletas de florezinhas brancas e vacas pastando num campo ali perto, salpicado de flores silvestres. A cena é tão encantadora quanto desconhecida. Na verdade, sinto que acabei de acordar num quadro de Norman Rockwell. Só falta a torta de abóbora.

Então estou em uma fazenda? Eu não conheço nenhum fazendeiro. Espera, conheço, sim! Quer dizer, *conhecia*. Cara alto e barbudo — quem é você? Ele me parece vagamente familiar, mas a minha memória não está colaborando. *Pensa, Lena, pensa.*

Fazendeiro John. Isso, o Fazendeiro John! Quer dizer, o nome dele não era John, mas, depois de alguns encontros, seis ou sete anos atrás, Frankie lhe deu esse apelido e pegou. Bem, pelo visto, nós também acabamos juntos de alguma maneira.

Nathan! O nome dele é Nathan. Nós nos conhecemos numa feira de produtores locais na cidade logo depois da faculdade, quando Frankie e eu morávamos no quinto andar daquele prédio sem elevador no Brooklyn cheio de vizinhos horríveis que não paravam de bater portas. Fui até a barraca dele para comprar... maçãs, talvez? Ou eram batatas? Não — maçãs, com certeza. Enfim, ele era doce, sincero e, ah, sim, bonito de um jeito rústico. Embora não fizesse o meu tipo, depois de uma série de encontros ruins com homens de Wall Street (nem me lembre de Harry, o executivo de fundos de investimento a quem Frankie apelidou de “Porco-espinho”, embora não fosse tão

fofo quanto o mamífero de mesmo nome), decidi dar uma guinada total na minha vida. Sim, John, há, Nathan era uma lufada de ar fresco — honesto, descomplicado, trabalhador. Ele tinha acabado de assumir o controle da fazenda da família nos arredores de Lancaster, na Pensilvânia, se não me engano — uma área cultivada por seus antepassados há gerações. Gostei dele, de verdade. Mas, quando Nathan me mandou uma mensagem de última hora para remarcar o que seria o nosso terceiro encontro, fiquei chateada e sumi de vez. Foi o nosso fim — ou não?

— Querida? — grita ele lá de baixo bem na hora que aquele galo insuportável volta a cantar. — Já vai descer?

— Há, vou, sim — respondo meio nervosa enquanto procuro uma calça. — Eu... só tenho que colocar umas roupas.

Vasculho o armário com um suspiro desapontado, separando pilhas de suéteres de lã práticos e sem graça e calças jeans dobradas e bastante usadas. Meu uniforme, presumo. Vejo o meu reflexo no espelho do banheiro. Tenho as bochechas rosadas e o cabelo surpreendentemente comprido (olá, Laura Ingalls Wilder!), e é então que reparo numa cicatriz na minha barriga, logo abaixo do umbigo. Não é do cor-de-rosa vibrante de uma ferida recente — já deve estar ali há anos. Apendicite, talvez? Rosie tirou o apêndice aos trinta anos; ela tinha me avisado que eu provavelmente perderia naquele jogo de roleta genética. Que divertido.

Rosie. Quero desesperadamente ligar para ela, ouvir sua voz me dizendo que vai ficar tudo bem, que eu vou sair dessa, mas não há nem sinal de um celular na mesinha de cabeceira — nem mesmo um carregador. É a vida fora das redes, presumo.

Prendo o cabelo num coque bagunçado antes de abrir a porta do quarto com cautela. Seguindo o cheiro de dar água na boca do café da manhã, desço as escadas e viro à direita, o que me leva à sala de estar. Parece uma página arrancada da revista *Country Living*, com a lareira de pedra de rio, o sofá almofadado e o quadro de uma paisagem serena pendurado na parede. Logo adiante está a cozinha — e, ah, que cozinha! Ensolarada e luminosa, com uma parede de janelas viradas para o jardim e panelas de cobre polido penduradas sobre um enorme fogão vintage. No meio do aposento, uma enorme mesa de jantar de madeira rústica recebe os convivas, onde

encontro Nathan sentado, bebendo café.

— Aí está você! — exclama ele, erguendo o olhar da série de pacotinhos de papel pardo que tem à sua frente. — Só estava organizando as sementes.

— Hum, é uma boa — digo, agarrando o encosto de uma cadeira para me apoiar. Ele examina um dos pacotes de sementes e o deixa de lado.

— Acho melhor a gente não plantar os tomates San Marzano este ano. Lembra quanto tempo demoraram para germinar na primavera passada?

— Aham — respondo, apática. — Lógico que lembro. Ele faz uma pausa.

— E os ácaros só pioraram a situação.

Sinto um arrepio na espinha. Alguns dias atrás, eu estava em São Francisco, tratando dos lucros de uma grande empresa listada na revista *Fortune*, e agora sou uma... fazendeira que cuida de... ácaros?

— Sem dúvida — concordo, fazendo o possível para participar daquele teatrinho. Nathan assente, decidido.

— Então tá certo. Vamos abandonar os San Marzano e optar por — ele faz uma pausa, pegando outro pacote de sementes — uma mistura de tomates Brandywine e Rainha da Noite. — Em seguida, aponta para o fogão. — Tome o café da manhã, querida.

Faço que sim com a cabeça, localizando o armário de louças logo de cara. A gaveta dos talheres é um pouco mais complicada, mas, por sorte, Nathan parece não notar.

— Gostou? — pergunta ele, depois de eu me sentar numa cadeira e provar a comida.

— Está uma delícia — apresso-me a dizer, olhando para uma prateleira lotada de frascos de vidro na parede oposta: uma coleção impressionante de cenouras, pepinos e tomates em conserva. Pelo visto, somos fãs de pickles.

Ele parece satisfeito e seu rosto se descontrai.

— Estamos um pouco atrasados com a abóbora espaguete. Quer dizer, temos alguns brotos na estufa, mas quero plantar as sementes de bolota e moranga hoje, antes que comece a esquentar no final de semana.

Aceno com a cabeça, totalmente perdida.

— Detesto te dar essa incumbência, mas você pode cuidar das vacas esta manhã?

— Cuidar das... vacas?

— Sim.

Arregalo os olhos.

— Você está falando de tirar leite?

Nathan começa a rir.

— Sim, é isso mesmo.

— Tá certo — digo com uma risadinha nervosa.

— E das galinhas — continua ele.

Quase me engasgo com o último pedaço de comida.

— Tirar leite das... *galinhas*?

Ele dá uma gargalhada.

— Você está bancando a comediante hoje de manhã, né?

Hahaha.

— Bem — continua Nathan, suspirando ao se levantar —, essas sementes não vão se plantar sozinhas. — Ele faz uma pausa, enfiando a mão no bolso da calça cargo. — Ah, já ia esquecer. Pode entregar isso aqui a Barb e Babbs? — Ele me dá um pacote de sementes com as palavras “Cucurbita Maxima” escritas em tinta preta. — Não sei o que nossas vizinhas produtoras de couve querem com abóboras-gigante, mas você sabe como a Babbs fica quando mete uma ideia na cabeça.

— Tá bom — respondo, olhando para a cafeteira na bancada. *A boa e velha Babbs.*

Nathan coloca as mãos fortes nos meus ombros e me dá um beijo na nuca, o que me deixa toda arrepiada. Consigo até escutar a voz debochada de Frankie na minha cabeça: “O Fazendeiro John é um gostosão!” Ele era mesmo, e *ainda é*.

— Ei, que horas a Frankie e o Christian vão chegar hoje à noite?

Meus olhos se iluminam.

— Hã, ainda não tenho certeza.

— Tá bom, depois me avisa — continua ele, indo para a porta dos fundos. —

Quero preparar as *carnitas* a tempo.

Um homem que prepara o café da manhã *e* o jantar? *Por que foi mesmo que eu sumi da vida deste cara?*

— Boa sorte ao tirar leite das galinhas — diz Nathan com um sorriso e sai porta afora.

Bebo uma xícara de café e enfio os pés num par de botas verdes.

— Muito bem, vaquinhas, já vou cuidar de vocês — murmuro.

Ao passear pelo jardim, paro para admirar os canteiros de flores, mastigando um raminho de hortelã que arranco de um vaso de terracota — pelo menos, acho que é hortelã. Uma borboleta pousa num botão de rosa enquanto respiro o ar fresco da manhã e olho para o pomar ao longe, com fileiras e mais fileiras de macieiras cheias de florezinhas cor-de-rosa que parecem algodão-doce. Que contraste em relação a ontem, em Paris, com os meus mil tons de asco por mim mesma. Posso estar longe de casa, deslocada e mais perdida do que jamais estive na vida, mas há algo de reconfortante neste lugar. Os brotos verde-claros que irrompem do solo! O ar fresco! As galinhas vagando por aí. Paro de andar, observando uma galinha particularmente gorda se banquetear com uma enorme... minhoca. Coloco a mão na boca, reprimindo o grito que quase sai da minha garganta. *É a natureza*, digo a mim mesma. *É apenas a natureza*.

Encontro as vacas no celeiro, ruminando fardos de feno alegremente em suas baias individuais. *Certo, não é nenhum bicho de sete cabeças*, tento me convencer. *Arranje um balde, agarre uma teta e tire o leite da vaca!* É moleza, não é?

Fico ao lado de Maybell, pelo menos é o que diz a etiqueta nela, e arregajo as mangas.

— Oi — começo, sentando no banquinho da baia. — Sou a Lena, vou fazer a ordenha hoje.

Maybell solta um mugido longo e insatisfeito conforme eu me aproximo dela.

— Sei que é meio desconfortável... para nós duas... mas vai ficar tudo bem — continuo, sentindo-me como uma ginecologista antes de um exame pélvico. — Agora vou iniciar *o processo*. — Ergo a mão bem devagar para alcançar um dos seus seios

inchados. Ou seria uma teta? Sei lá. Nunca fiz isso antes. Sequer tenho um celular para pesquisar no Google! — Calma, calma — peço quando ela começa a ficar agitada. — Vou só colocar a mão aqui, bem devagar, e então nós vamos...

De repente, Maybell estremece, me derrubando do banquinho, de cara numa cama de feno.

— Escuta só — digo, tirando pedaços de palha do cabelo. — Sei que você não gosta disto. Eu também não adorei essa ideia. — Encaro seus enormes olhos castanhos. — Mas *preciso* da sua colaboração. — Hesitante, volto a me sentar no banquinho. — Vamos fazer um acordo: você fica quieta por alguns minutos e depois eu te deixo em paz. E nunca mais teremos que nos ver. Fechado? — Faço que sim com a cabeça para mim mesma. — Fechado.

Coloco o balde debaixo dela e, com cuidado, volto ao trabalho. Por sorte, ela cumpre a sua parte do acordo, mas não antes de eu esguichar leite bem no meu olho esquerdo.

— Até que não é tão ruim assim, é? — pergunto, rindo enquanto limpo o rosto com a manga do suéter.

Ela muge como se dissesse: *Você sabe que é, sim.*

— Tá bom, dá para ver que eu estou nervosa, não dá? Você sabe que nunca fiz isso antes.

Aceno com a cabeça para mim mesma. Preciso aprender a fazer *poker face*. A música da Lady Gaga me vem à cabeça e começo a cantarolar alguns versos. Pelo visto, Maybell é fã de música pop, pois, quando acabo a canção, o balde está quase cheio, o que me dá uma estranha sensação de alívio e realização. Posso até ser uma garota da cidade grande que trabalha no mundo corporativo, mas dou conta disso.

As seis bovinas seguintes não são tão cooperativas, mas, de alguma maneira, consigo terminar o trabalho e armazenar a ordenha em um tanque de refrigeração antes de passar para as galinhas, completamente perdida quanto à próxima tarefa. Nada de ordenha, ainda bem, mas o quê, então?

Olho para dentro do galinheiro, onde um bando de galinhas animadas se sobressalta. Ovos? Não vejo nenhum, só um monte de excrementos. Tapo a boca com

a mão, quase vomitando o café da manhã, mas, por sorte, as duas mulheres que acenam no pasto do outro lado da cerca me dão a coragem necessária para aguentar ou, pelo menos, fingir.

— Hã, oi — digo, encostando a pá no galinheiro antes de caminhar até lá.

As duas mulheres na casa dos cinquenta e poucos anos, as duas usando macacão, sorriem assim que me aproximo, e então eu me lembro das sementes de abóbora que o Nathan me entregou mais cedo. Devem ser as produtoras de couve.

— Olá, querida — diz a mais alta, com o cabelo grisalho bem curtinho. — Está fazendo um dia bonito, não é? Mais fresco do que o normal, mas a couve adora isso, não é, Babbs?

A outra mulher assente. Vestida de macacão jeans e camisa de flanela, exibe com orgulho uma cesta trançada repleta de verduras.

— Nossas primeiras couves toscanas! Vamos colocar na salada que levaremos hoje à noite.

Enfio a mão no bolso.

— Ah, eu tenho... sementes para vocês. Do Nathan.

— Que maravilha! — exclama Babbs, visivelmente entusiasmada.

Sua esposa cruza os braços sobre o peito, menos animada.

— Babbs teve uma ideia de jerico de fazer um canteiro de abóbora para as crianças locais este ano... Sabe, fardos de feno, colheita de maçãs, esse tipo de coisa. Estou tentando convencê-la de que deveríamos continuar no nosso quadrado. Somos produtoras de couve, não de abóbora. — Ela dá de ombros. — Mas... esposa feliz, vida feliz, não é esse o ditado?

Já adoro essas duas.

— É, sim — concordo com um sorriso.

— Ei — continua Barb, com um pouco de cautela —, como você se sente... sobre esta noite?

— O que é que tem esta noite?

As duas mulheres trocam um olhar cúmplice.

— Ah, sabe, ver o... bebê da Frankie pela primeira vez?

O bebê da... Frankie? Tento me manter firme enquanto assimilo o que ela acabou de falar. Minha melhor amiga é... mãe? A amiga que nunca mencionou nada sobre bebês? A amiga cujo emprego numa organização sem fins lucrativos às vezes significava tanto para ela que preferiu trabalhar em vez de comemorar o aniversário do próprio marido no ano passado? É um fato, mas, mesmo que seja verdade, por que essas mulheres estão olhando para mim como se eu fosse uma xícara de chá antiga prestes a rachar? É óbvio que estou surpresa, mas por que não ficaria feliz pela Frankie?

— Sei que é difícil para você, querida — acrescenta Babbs —, levando em conta tudo o que tem passado.

— Ela vai se sair muito bem — interrompe Barb. — Aquela bebezinha vai adorar a tia Lena.

Frankie tem uma filhinha? Forço um sorriso, sem saber o que dizer, mas Babbs acaba com o silêncio constrangedor.

— Acho que nunca te contei como as coisas ficaram difíceis pouco depois de nos conhecermos. — Ela faz uma pausa, sorrindo para Barb por um segundo. — Nós duas éramos apaixonadas pela agricultura orgânica... e uma pela outra. — Ela ri. — Estávamos trabalhando em nossos empregos na cidade, cada uma com seus respectivos sonhos agrícolas. Mal sabíamos que tínhamos solicitado o mesmo subsídio governamental extremamente disputado para iniciar uma atividade agrícola no condado de Lancaster. Enfim, quando a Barb me ligou para contar que tinha sido escolhida, senti uma flecha cravada no meu coração. Ali estava a pessoa pela qual eu estava me apaixonando, e eu deveria ter ficado feliz por ela. Mas a verdade é que suas boas notícias apenas intensificaram a minha própria decepção... Isto é, até eu recuperar o juízo e me obrigar a analisar a situação toda. — Ela sorri para Barb e depois olha para a propriedade ao redor. — Perder o subsídio doeu muito... de verdade. Mas foi um mal que veio para o bem, não só porque me deu a dose de humildade de que obviamente precisava, mas também porque me abriu os olhos para a alegria inesperada que pode nascer de uma decepção. O subsídio da Barb foi o começo desta bela vida que compartilhamos. Eu só era teimosa demais para enxergar

isso na época.

Barb concorda com a cabeça.

— Você deve estar vivendo a mesma coisa, ao seu modo, querida — acrescenta ela. — Mas vai ver só, coisas boas podem brotar das ervas daninhas. Pode acreditar.

Dou um sorriso educado. São sentimentos amáveis, sem dúvida, mas as duas me interpretaram mal.

— Tá tudo bem — digo com uma risada nervosa. — É sério. Estou emocionada pela Frankie e o Christian. Para ser sincera, não tenho o menor interesse na maternidade.

Babbs e Barb trocam um olhar curioso.

— Sério, nada de fraldas para mim, por favor.

— Enfim — diz Babbs, examinando o pacote de sementes. — É melhor voltarmos ao trabalho antes que comece a chover. — Ela dá um sorriso esquisito. — Vejo você hoje à noite, querida.

Engulo em seco. *As duas obviamente sabem de algo que eu não sei.*

Enquanto Nathan está nos canteiros do jardim, volto para dentro de casa, onde encontro um celular carregando na cozinha — *isso!* — e ligo imediatamente para Rosie.

— Oi, querida! — diz ela, com a familiar voz calma.

Seguro o telefone como se apertasse a mão de Rosie, com os olhos cheios de lágrimas.

— Sinto tanto a sua falta.

— Minha menina querida — continua ela, sentindo a minha angústia —, qual é o problema?

— Tudo — respondo, entre o riso e o choro.

— Ah! — exclama ela, como se entendesse. — Não me diga que um coioote entrou no galinheiro outra vez?

Engulo em seco, balançando a cabeça.

— Não, não... — sussurro. — Não é isso. É só que... Rosie, eu estou com medo.

— Com medo de quê, querida?

— Vai parecer uma loucura — começo, soltando um longo suspiro. — Mas... me escuta, tá bom?

— Você não é louca, e eu estou ouvindo.

— Rosie, *eu estou empacada*. Há algo acontecendo comigo, e tudo começou quando fui para casa te ver e acabei dormindo na casa de hóspedes.

Ela fica calada por um bom tempo, digerindo o que acabei de dizer.

— Quando foi que você veio aqui e dormiu na *casa de hóspedes*?

Faço uma pausa, esforçando-me para recordar quanto tempo se passou.

— Alguns dias atrás? Não sei... Tudo parece um borrão para mim.

— Tá bom, querida, agora me escuta com bastante *atenção*...

De repente, a ligação falha e a voz de Rosie soa entrecortada, até cair de vez. Quando tento ligar de novo, a ligação não é completada.

Desanimada, afundo no sofá da sala de estar, examinando as fotos na galeria do celular.

— Ei — diz Nathan, arrancando-me do devaneio ao sentar no sofá ao meu lado.

Olho para ele, nervosa, e volto a fitar uma foto de nós dois no dia do nosso casamento. Uso um vestido simples de cetim branco e ele, um terno. Estamos debaixo de uma árvore repleta de flores brancas.

— Foi o melhor dia da minha vida — diz ele, olhando por cima do meu ombro.

— Bem, esse é o dia em que você aceitou o meu pedido. Nossa, eu estava uma pilha de nervos, lembra?

Concordo com a cabeça, fingindo me lembrar de tudo.

— Não sabia se você ia gostar do anel da minha avó. — Ele faz uma pausa, sorridente. — Ainda mais depois que o Christian pediu a Frankie em casamento com aquele diamante enorme. — Ele suspira. — Eu estava tão preocupado que você fosse ficar decepcionada, mas depois vi como os seus olhos se iluminaram quando coloquei a aliança no seu dedo... e passei a te amar ainda mais.

Olho para o anel no meu dedo anelar, com o engaste art déco e o diamante de antes da guerra, imaginando-o na mão da avó de Nathan enquanto ela cuidava da fazenda, criava os filhos, sovava a massa do pão, e de repente sinto uma estranha

sensação de pertencimento — a algo maior do que eu, a um passado e uma família que talvez nunca venha a conhecer, mas que, por ora, são meus. É ao mesmo tempo reconfortante e perturbador, mas também... bonito.

— Tá com fome? — pergunta ele, mudando de assunto.

Nego com a cabeça.

— Eu também não. Aquela fritada sacia bastante, não é? — Ele olha para o relógio. — Além disso, o Christian me mandou uma mensagem. Os dois vão chegar às cinco, é melhor colocar logo a carne de porco na panela de cozimento lento.

Concordo com a cabeça, continuando a examinar as fotos, até que uma delas chama a minha atenção — e a de Nathan também.

— Querida — diz ele, com uma expressão apreensiva no rosto. — Quer mesmo... se lembrar disso agora? — Faz uma pausa, sentado ao meu lado. — Você tem andado tão feliz ultimamente. Por que estragar as coisas?

No começo, não entendo o que ele quer dizer, mas depois olho a foto mais de perto — eu, de pé na varanda da frente, embalando minha barriga visivelmente grande. Sinto um aperto no peito. Não sei nada sobre gravidez, é óbvio, só que estou — ou *estava* — grávida naquela foto... nesta vida. Devia estar com uns quatro, talvez cinco meses. De olhos brilhantes e bochechas rosadas, pareço imensamente feliz. *O que será que aconteceu?* Com o coração disparado, continuo a rolar a galeria, encontrando mais fotos de mim grávida, e é então que me dou conta: a cicatriz na barriga, o aparente desconforto por ver Frankie com a bebezinha hoje à noite; a preocupação das vizinhas. De repente, tudo faz sentido. Havia um bebê crescendo dentro de mim — o nosso bebê —, e depois não havia mais.

Não faço ideia do que vestir — além de estar abalada, não há muitas opções disponíveis. *Faça-me o favor*, penso, olhando para o armário quase vazio. *Deve ter um vestido aqui, em algum lugar.* Vasculho os cabides até encontrar um simples vestido longo de linho branco. Passo-o sobre a cabeça e dou uma olhada demorada no espelho. *Meu Deus, preciso fazer luzes e passar um corretivo — pra já.*

Ainda estou me recuperando das fotos quando Nathan sorri para mim da cozinha. Sinto o impulso instintivo de calçar as botas e fugir dali, embora saiba que é

uma ideia idiota. Para onde eu iria? Uma fazenda vizinha? Pedir ajuda a um Amish empurrando um arado? E depois? Ligar para a polícia e dizer que acordei casada com um homem com quem não me casei, e que isso já aconteceu *duas vezes*? Por mais real que a situação seja para mim, sei que parece uma loucura. Não, a única maneira de sair disso é *seguir em frente*. Devo manter o curso até encontrar o caminho para casa.

— Você está bonita — diz Nathan, erguendo o olhar do fogão, onde mexe uma panela fervendo.

Estou?, pergunto a mim mesma. *Sem graça* seria uma expressão mais adequada para descrever a minha aparência e, no entanto, Nathan sorri para mim com adoração, o que me deixa mais tranquila por um segundo, até lembrar que Frankie e Christian vão chegar a qualquer momento. Eu deveria estar contente por ver meus melhores amigos, então por que sinto um nó no estômago? Por que pressinto que vai desabar uma tempestade?

— Precisa de ajuda? — pergunto, tentando me controlar.

Ele balança a cabeça.

— Não, querida. Está tudo sob controle. — Ele faz uma pausa, sorrindo ternamente enquanto eu me aproximo dele. — Talvez você possa servir o vinho, que tal?

— Lógico — respondo, sentindo o cheiro almiscarado e masculino de sua pele recém-lavada.

Fico ansiosa quando ele aponta para a garrafa de vinho branco em cima da bancada. Depois de encontrar o saca-rolhas numa gaveta, ponho mãos à obra e sirvo uma taça para cada um.

— Saúde — diz Nathan, brindando comigo antes de tomarmos um gole.

Nossos olhares se fixam por um bom tempo enquanto estamos juntos na cozinha, sentindo as emoções à flor da pele. Aquele homem poderia ter sido o pai do meu filho. É bizarro, comovente e bonito — tudo ao mesmo tempo. Percebo que ele também sente o peso disto, desta ferida que será sempre nossa, e só nossa. Mas será o amor que nos une, ou apenas a dor? Dou um passo adiante, querendo saber se ele é — ou foi — o grande amor da minha vida. Absorta naquele momento, toco o rosto de

Nathan, mas ele logo se afasta e esfrega a testa.

— Eu... desculpa, Lena... — Ele se vira para a panela no fogão. — Eu... preciso terminar o jantar. Não temos muito tempo até a chegada dos nossos convidados.

— Ok — digo sem jeito, encostando-me na bancada da cozinha. *O que aconteceu? Por que ele se afastou de mim?*

Nathan dá um suspiro.

— Desculpa. Eu... só quero que o jantar seja perfeito.

Quando ele para de falar, olho para a refeição elaborada disposta em cima da bancada: tortilhas caseiras e vários acompanhamentos deliciosos para as *carnitas*. Fico com vontade de dizer: *Ah, você é incrível. Sabe disso, não sabe?* Mas então vejo o seu rosto, inundado de angústia e dor, mas também de algo mais: distanciamento. Será que, depois que perdemos o bebê, ele se fechou? Ou apenas me afastou?

— Nathan — chamo, estudando o seu rosto.

— Ah — diz ele, transformando a expressão de dor em pragmatismo. — Você se importa de colher algumas flores para a mesa? Eu pretendia fazer isso, mas esqueci completamente.

— Sem problema — respondo, pegando uma tesoura na mesa da cozinha.

Lá fora, no jardim de flores, corto alguns botões de rosas e um pouco de alecrim para o arranjo. Penso em como Nathan estremeceu com o meu toque agora há pouco. Talvez estejamos sem prática depois de uma perda tão grande. Ou será que é outra coisa, algo maior? Já li a respeito de casais que enfrentam dificuldades com a dor compartilhada, casamentos consumidos pelo luto, mas viver essa experiência é uma coisa completamente diferente.

Nathan assente em sinal de aprovação quando lhe entrego as flores bem na hora que a campainha toca.

Dirijo-me até a porta — com o coração batendo mais depressa a cada passo. Em qualquer outro dia, eu ficaria toda animada para ver a minha melhor amiga, mas hoje estou uma pilha de nervos e sinto-me aliviada ao encontrar Barb e Babbs na varanda da frente.

— Oi, querida! — diz Barb, entregando-me uma garrafa de vinho branco gelado.

Babbs me dá um beijo na bochecha e coloca a salada de couve na mesa de jantar.

— Tá um cheiro incrível aqui. Pelo visto, Nathan já está fazendo mágica na cozinha.

Sorrio, servindo uma taça para cada uma delas. Quando a campainha toca de novo, meu sorriso desaparece.

— Você consegue — sussurra Babbs, apertando a minha mão.

Respiro fundo ao abrir a porta, sorrindo hesitante para Frankie, Christian e a menininha adorável em seus braços.

Frankie praticamente me puxa para um abraço.

— Não acredito que faz tanto tempo que não te vejo! — exclama ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Como é que você... está?

— Hã, bem — começo a dizer, sentindo a necessidade de colocar a minha melhor amiga a par da bizarrice que anda acontecendo comigo, mas hesito quando a bebê Emma começa a balbuciar.

— Querida, essa é a sua madrinha, a tia Lena.

Emma é perfeita. Ela se parece com a Frankie e com o Christian também, por mais estranho que pareça.

— Dá para acreditar que ela já tem seis meses?! — exclama Frankie, olhando-me com cautela. — Quer pegá-la no colo?

Faço que não com a cabeça.

— Eu... não entendo nada de bebês.

Frankie dá uma risada.

— Bem, eles comem e fazem cocô... sem parar. É só isso que você precisa saber.

Sorrio, vendo o rosto de Christian pela primeira vez. Ele parece exausto — e mais magro.

— E também têm um talento especial para tirar o sono dos pais — acrescenta ele, sorridente.

Frankie tira Emma dos braços do marido.

— Christian é fantástico com ela — diz. — É o único que consegue fazê-la dormir à noite. Canta musiquinhas para ela, lê historinhas e faz as vozes de todos os

personagens.

Christian sorri, todo orgulhoso.

— É a menininha mimada do papai.

Frankie se vira para mim, abaixando a voz.

— Ele é completamente apaixonado por ela.

Sorrio, observando os dois com a filha, quando Nathan aparece e cumprimenta nossos convidados.

— Tá tudo bem, querida? — pergunta Frankie, aproximando-se de mim enquanto balança o corpo ritmicamente para cima e para baixo e de um lado para o outro, com a bebê Emma presa ao peito numa engenhoca que parece complicada.

— Sim, claro — apresso-me a responder.

— Emma teve cólica nos três primeiros meses — continua Frankie. — Ela já está fora de perigo... *graças a Deus...* mas acho que me acostumei a balançar. Era a única maneira de fazê-la dormir. Christian costumava sentar numa daquelas bolas de exercício e balançá-la até ela cair no sono. — Ela ri, voltando-se para o marido. — Lembra disso, querido?

Ele faz uma careta.

— Ah, e como me lembro!

— Nossa! — exclamo, absorvendo as informações. — Parece ser... um desafio e tanto.

— Para dizer o mínimo. Mas ela está bem melhor agora. Só acorda duas vezes para mamar.

Quase me engasgo com o vinho.

— Espera, você disse que ela acorda *duas vezes* durante a noite?

— Isso mesmo — responde Frankie. — Mas já é melhor do que cinco!

— Certo — murmuro, meio atordoada enquanto ela pega a minha mão e me leva até o sofá da sala de estar.

— É complicado para você? — pergunta ela, continuando a balançar enquanto eu me sento. — Quer dizer, sei que deve ser, e detesto isso. Lena, sinto muito que... — Frankie balança a cabeça. — Não sei nem o que dizer.

Eu também não sei o que dizer. Queria contar a ela sobre a minha situação — sobre tudo —, mas ela está ocupada com Emma, que acabou de jogar a chupeta no chão e está começando a fazer birra. Pego a chupeta e a devolvo a Frankie.

— Vocês dois andam... *tentando*? — pergunta ela.

— Tentando? — Arregalo os olhos. — Ah! Tipo, tentando *fazer um bebê*?

— É. — Frankie começa a balançar de modo mais vigoroso quando Emma volta a fazer manha.

Dou de ombros.

— Não sei. Eu... acho que sim.

— Bem — continua ela —, talvez esteja na hora de considerar algumas *alternativas*.

Recosto-me no sofá, suspirando.

Frankie se aproxima de mim.

— Quer dizer... pode ser por fertilização in vitro — conclui ela, abaixando a voz.
— Ou talvez até mesmo... adoção.

— Adoção? — Sacudo a cabeça enquanto Frankie tira Emma da engenhoca e se aninha ao meu lado no sofá.

Ela segura a ponta da camisa para puxar o sutiã para baixo, revelando o enorme seio esquerdo.

— Você não se importa, né? — Ela sorri enquanto coloca a boquinha de Emma no mamilo. — Acho que ela só está com fome. Tadinha, a longa viagem da cidade para cá foi demais para ela.

— Não — digo às pressas, sentindo o coração disparar. — Eu... Eu... — Meus olhos ficam cheios de lágrimas. — Quer dizer, tá tudo bem. — De repente, sinto as mãos úmidas e meu coração parece prestes a entrar em combustão espontânea. — Só vou... correr até o banheiro.

Fecho a porta atrás de mim e suspiro, olhando-me no espelho enquanto luto para controlar as emoções. Não mereço chorar. Não há motivo para sentir tristeza por algo que sequer passei — que nem vivi. Então por que dói... tanto?

— Esta salada de couve é maravilhosa — diz Frankie, balançando Emma no colo entre

uma garfada e outra. — Preciso demais da receita.

Barb e Babbs sorriem, satisfeitas, e Christian começa a contar uma história sobre os primeiros meses de vida de Emma, com Frankie interrompendo-o de vez em quando. A parentalidade parece brutal, mas também surpreendentemente bela. Os dois parecem soldados que passaram pela guerra juntos e ficaram com feridas de batalha, mas também ganharam medalhas de bravura e construíram um vínculo profundo.

— Desculpa — sussurra Frankie quando Nathan muda abruptamente de assunto.

— Não tive a intenção de...

— Tá tudo bem — respondo, forçando um sorriso. — De verdade.

— Mesmo?

Bem, não exatamente, tenho vontade de dizer, ainda mais quando vejo a expressão sofrida de Nathan. É verdade que não o conheço muito bem, mas, de certa forma, parece que sim. Também passamos pela guerra juntos, mas as nossas feridas de batalha são profundas. Sem pensar, coloco a mão por baixo da mesa para procurar a de Nathan, mas a ternura que sinto naquele momento desaparece quando ele afasta a mão e pega a garrafa de vinho para encher a taça de Barb.

Depois que todos vão embora, Nathan se aproxima de mim na penumbra, encolhida ali na cama.

— Sei que esta noite não foi fácil — diz ele. — Mas você lidou com a situação com tanta graça.

— Obrigada — digo, virando a cabeça no travesseiro.

Ele pousa a mão na minha barriga, traçando carinhosamente a cicatriz embaixo do meu umbigo. Não estremeço nem me afasto, sobretudo porque mal consigo sentir o toque. A pele ao redor da incisão está dormente — talvez eu também esteja assim. Talvez nós dois estejamos.

— Tem sido uma estrada tão longa — sussurra ele. Posso ouvir a dor em sua voz.

— Imagino se finalmente vamos alcançar a luz no fim do túnel.

Pego a mão dele sob as cobertas. Provavelmente não haverá amanhã, ao menos não para nós dois. Se hoje for como ontem, vou dormir e acordar ao lado de outro

homem, em uma nova vida desconhecida, cheia de armadilhas e complexidades. Mas agora não consigo parar de pensar nesta vida: as vacas no celeiro, as excêntricas produtoras de couve do outro lado da cerca, meu belo fazendeiro de coração delicado — a vida que construímos com nossas próprias mãos e o bebê que fizemos... e perdemos.

Há tantas coisas que eu deveria dizer a Nathan nos nossos últimos momentos juntos. Queria dizer a ele que, apesar da nossa perda imensa e da dor latente que pode perdurar por anos — talvez para sempre —, podemos superar isso. Como Babbs disse hoje cedo, há alegria em meio às ervas daninhas — só temos que encontrá-la.

Afago o cabelo de Nathan enquanto sua respiração se torna mais leve e ritmada. Ele é um *bom* homem, e esta seria uma *boa* vida — aconchegante, confortável, mais feliz do que a maioria, embora bem diferente de tudo que eu esperava ou imaginava para mim. Sim, de uma beleza inesperada, mesmo com toda a crueza e sujeira. E, no entanto, aqui estamos nós, não apenas imobilizados pela nossa dor, mas também despreparados para enfrentá-la.

Bocejo, ouvindo as batidas rítmicas no telhado — granizo, tal como Nathan previra. Mas não existe barômetro para o que virá a seguir. Se eu ficasse aqui — se esta fosse a minha eternidade —, quanto tempo conseguiria suportar? Encontraríamos uma maneira de superar a dor e recuperar a felicidade? O tempo poderia nos curar, nos tornar inteiros de novo? Não sei. Não sei de nada. Mas talvez amanhã tudo faça mais sentido.

*Parte
quattro*

Acordo com um peso no peito. É — *Frankie, o bebê, o balançar, a perda do bebê... Nathan*. É tudo muito pesado, mas esta sensação é completamente diferente, como uma pressão no esterno. Há alguma coisa *em cima* de mim.

Dou tapinhas no ar até meus dedos atingirem uma massa de pelo... pelo *animal*, provocando um grito estridente. Parece mais um rugido do que um miado; é definitivamente um gato — um gato *zangado*. Eu me atrapalho toda para acender o abajur ao meu lado e fito um felino enorme a poucos centímetros da minha cara, com as costas arqueadas e pronto para atacar.

— Caramba — murmuro, pressionando as costas contra a cabeceira da cama. — Ei! Seja bonzinho, ok? — O gato emite um som gutural, pulando da cama e sibilando para mim de um canto do quarto. *Ele sabe*. Estremeço, pensando na experiência de ontem com a vaca Maybell e, antes disso, com o cachorro francês que, embora fosse carinhoso, me arrastou por metade de Paris. *Os animais sempre sabem*.

Faz três dias que estou nesta confusão, mas parecem três anos, talvez até uma vida inteira — ou melhor, um monte de minividas. É como se eu estivesse presa numa daquelas montanhas-russas nauseantes que só conseguia aguentar quando era adolescente. Quero descer. Quero a minha vida de volta, mas não sei como fazer o brinquedo parar.

Reprimo um nó na garganta, tentando não chorar, e então reparo no estreito aro de prata no meu dedo anelar.

Prata? Sério? Gosto mesmo é de ouro.

Esfrego os olhos, que estão cada vez mais inchados e pinicando. Por sorte, encontro dois frascos de comprimidos na mesinha de cabeceira: Prozac e desloratadina. O rótulo no segundo diz: “Tome diariamente para alergia a gatos.” Sem

perder tempo, ignoro o Prozac e tomo o outro. Agora preciso descobrir... *onde* estou e, o mais importante, com *quem* estou. O quarto sem graça fornece poucas pistas — apenas o básico: uma cama king-size coberta por um edredom cinza desbotado que ostenta várias marcas de garras, lençóis brancos encardidos (se é que ainda posso chamá-los de brancos) e uma cômoda que parece ter sido comprada na IKEA e montada de qualquer jeito. Olho pela janela e tudo entra em foco: o céu escuro, do qual cai uma chuva fraca e incessante, as calçadas de paralelepípedos, o letreiro onde se lê MERCADO PÚBLICO CENTRAL em enormes letras vermelhas. Meu coração quase salta do peito. Estou em *Seattle* — num apartamento com vista para o Pike Place Market, pertinho — bem, a uma viagem de balsa — da casa de Rosie. Estou em casa! Mais ou menos.

Vou até o banheiro da suíte para fazer xixi e me encolho quando o meu traseiro bate na borda gelada do vaso sanitário. *Ele deixou o assento levantado. Que ótimo.*

Depois de dar uma olhada no espelho, franzindo a testa ao ver minha pele ressecada e o cabelo de comprimento médio com as raízes escuras, tiro a camiseta do Nirvana, larga e esfarrapada, e examino a barriga. Passo a mão pela pele, onde ontem havia uma cicatriz bem abaixo do umbigo, mas agora... sumiu. O bebê que eu perdi, Nathan, a vida na fazenda na Pensilvânia — ficou tudo na memória. E, hoje, é o começo de outra vida.

Visto um suéter e uma calça jeans, calço tênis Vans de xadrez preto e branco e me preparo ao colocar a mão na maçaneta da porta. *Lá vem a surpresa.*

— Hã, oi? — digo, pisando com cuidado numa sala de estar bastante bagunçada, onde há caixas empilhadas por toda a parede oposta. Olho dentro de uma delas e vejo que está cheia de... joguinhos — não... brinquedos giratórios? Comprei um para o sobrinho do Kevin no Natal passado, mas não sei nem o que pensar ao ver tantos modelos — pandas, sapos, patos —, ainda mais quando me volto para a cozinha e vejo um monte de louça na pia e uma enorme pilha de correspondências por abrir em cima da bancada.

Como num jogo de Jenga, puxo um envelope com o meu nome e o endereço de remetente de um escritório de advocacia na ilha de Bainbridge e o enfio no bolso de

trás da calça, depois volto a analisar a pilha de cartas, o que me leva a uma fatura de cartão de crédito. Arregalo os olhos ao ver o saldo chocante e o histórico de pagamentos mínimos, mas, quando reparo no nome ao lado do meu no topo da página, perco completamente o fôlego.

Mike Hanson? Nem pensar. Eu nunca me casaria com o Mike. Como pude fazer uma coisa dessas?

— Oi — diz ele, olhando para mim de cueca boxer e bocejando enquanto a barriga se projeta da bainha da camiseta como uma boia de piscina desinflada.

— Hã... oi — respondo, bastante chocada. Digamos que, da última vez que o vi, ele se parecia mais com um dançarino do filme *Magic Mike* e não com... *Mike, a Boia da Piscina*.

— Lena, já passa das *nove*! — exclama ele, perplexo. — Por que você ainda está aqui?

Sacudo a cabeça, confusa.

— Ainda?

Ele solta um suspiro de decepção.

— Querida, você está atrasada de novo. Sei que odeia trabalhar naquela central de atendimento, mas é o que paga as nossas contas.

Central de atendimento? Imagino-me enfiada num cubículo sem janelas, de fone de ouvido e com lâmpadas fluorescentes no teto. Quer dizer que sou uma *operadora de telemarketing*? *Não é de admirar que eu tome Prozac*. Mike tira um dos brinquedos de uma caixa — na forma de um pato — e o gira entre os dedos, sorrindo como um garoto de 11 anos.

— Você não vai ter que fazer isso por muito tempo. Meu negócio vai ser um sucesso, ainda mais com os NFTs em que estou trabalhando.

Olho para ele, sem entender nada.

— Lembra? Quando alguém compra um PetSpinner, ganha um NFT correspondente — explica ele. — É genial. Cada um deles é único e tem um nome específico. Como esse carinha aqui. — Ele exhibe o brinquedo que tem na mão. — Seu nome NFT é “Dr. Reginald Duckworth”.

Esfrego a testa, completamente perturbada.

— *Então...* quanto foi que custou tudo isso?

— Bem, não foi nada barato — responde Mike, coçando a banda esquerda da bunda enquanto se dirige para a cozinha. — Mas pode confiar em mim: vai valer a pena. As pessoas *adoram* objetos personalizados. — Ele vasculha a geladeira e pega uma fatia de pizza fria. — Quer dizer, o boneco do Elmo foi uma sensação na época do lançamento, agora imagina se a Tyco tivesse associado cada bonequinho a um NFT? — Ele acena com a cabeça, confiante.

Fico atônita, lembrando do Mike que namorei quando éramos adolescentes. No ensino médio, ele era presidente do grêmio estudantil e um empresário em início de carreira. No último ano, já tinha um negócio bem-sucedido de lavagem de alta pressão e foi eleito o “Aluno Com Mais Chances de Ser Bem-sucedido” pelos nossos colegas de turma, que, ao que parece, não poderiam estar mais enganados.

Mantivemos um relacionamento a distância durante o primeiro ano de faculdade, e foi quando as coisas começaram a degringolar. É verdade que Mike teve contratempos — alguns fora do seu controle, como a morte do pai e um acidente de bicicleta que o deixou com as duas pernas engessadas. Mas se meter com drogas, abandonar a faculdade e, pior, me trair foi tudo culpa *dele*. No segundo ano, dei um fim ao namoro de uma vez por todas.

— Bora lá — diz ele, limpando um pouco de molho de pizza do queixo enquanto abre uma lata de cerveja. — Se você sair logo, ainda dá para bater ponto e fazer meio expediente.

Cerro os punhos.

— Como é que é? — pergunto, sacudindo a cabeça. — É sério que você está aqui *só de cueca* e ainda me *manda* ir trabalhar?

Ele dá de ombros.

— Hum, sim, querida. Você tem um emprego.

— E você? E quanto ao *seu* emprego?

— Isso não é justo — diz ele, cruzando os braços como uma criança petulante. — Estou dando um duro danado para que a PetSpinner comece a deslanchar. — Ele

suspira. — Dá um tempo, você sabe que acaba com a minha empolgação quando fica desse jeito.

— Saquei — digo, apertando o interruptor de luz da cozinha, mas a lâmpada só faz um zumbido patético. — Enfim — continuo, entregando a ele o extrato do cartão de crédito. — Desculpa por... “acabar com a sua empolgação”, mas parece que você fez uma dívida e tanto.

Ele joga o extrato na bancada com um revirar de olhos.

— Você não entende nada disso. Não é empreendedora.

Mike está visivelmente frustrado, mas eu insisto:

— Você espera mesmo que *eu* tire a gente do buraco? — Balanço a cabeça. — O que aconteceu com você, Mike?

Lembro de uns anos atrás, quando Frankie e eu decidimos pesquisar os nossos ex-namorados no Google enquanto bebíamos vinho. Na época, o perfil de Mike no LinkedIn apresentava uma imagem bem mais atraente da sua década sem mim do que o cenário atual. Parece que ele era dono de uma empresa de construção bem-sucedida nos arredores de Seattle. Ainda assim, nosso rompimento confuso me deixou com poucas certezas, e sempre me perguntei se eu também era culpada pelo jeito que as coisas terminaram — a traição, as drogas, essa história toda. Quer dizer, sei que foi ele que tomou essas decisões, mas e se eu o tivesse apoiado, principalmente depois do acidente?

Bem, este seria o resultado: uma longa e dispendiosa queda até o fundo do poço, que me lembra do filme *Vida de solteiro*, quando a personagem de Bridget Fonda lamenta ter um namorado tão decepcionante: “Por volta dos 24 anos, a excentricidade vira imaturidade.” Pois o Mike já tem... hum... *35 anos*.

— Não me aborreça, Lena — diz ele com um resmungo. — Por que tanta raiva?

— Raiva? Mike, são quase dez da manhã. Você está desempregado e já abriu uma *lata de cerveja*.

Ele franze a testa.

— Querida.

— *Não*. Não me chame de *querida*. Você se saía bem dessa quando tínhamos 19

anos, mas não mais. — Fico enojada pela minha versão mais jovem. E pela minha versão atual. Como eu aguentava uma coisa dessas? — Vou embora, Mike. Vou te deixar.

— Lena, espera aí — suplica ele enquanto eu pego o que acredito ser a minha bolsa em cima da bancada. — Lena Bena!

Estremeço. O que antes era um apelido carinhoso agora só me provoca repulsa e arrependimento. Saio pela porta — sem olhar para trás.

Lá fora, na rua, fico prestes a hiperventilar — tipo, seria ótimo respirar dentro de um saco de papel. Como todo mundo, é óbvio que já imaginei como seria a minha vida se eu tivesse ficado com o meu primeiro amor. Mas isso? É um verdadeiro desastre. *Eu* sou um desastre, e estou perdendo o juízo. *Controle-se, Lena*. Vasculho a bolsa. Nada de celular — decepcionante, mas não vou voltar lá. Por sorte, encontro alguns trocados, um pacote de chiclete e um cartão de crédito. Primeira coisa do dia: caféina. Segunda? Pegar uma balsa para a ilha de Bainbridge. *Rosie vai me ajudar a resolver tudo*, digo a mim mesma. *Ela saberá o que fazer*.

Embora Mike tenha sido uma decepção, o Pike Place Market não é — na verdade, continua do jeitinho que eu me lembrava. Aquele cantinho de Seattle sempre ocupou um lugar especial no meu coração, desde aquele ano após a faculdade em que trabalhei para uma empresa de capital de risco na rua Pike. Havia tantas mesas naquele loft que a empresa deve ter violado todas as regras de prevenção de incêndio. Rio sozinha, lembrando do cheiro que exalava das peixarias do mercado nos dias quentes. Meus colegas de trabalho reclamavam, mas eu não dava a mínima. Para mim, tinha cheiro de casa — o oceano, a maresia, o óleo de motor da balsa —, assim como a pequena cafeteria no andar de baixo, escondida bem no meio do mercado. O Café Vita era, para mim, o que o Central Perk era para os personagens de *Friends*. Cheio de clientes habituais — na sua maioria recém-formados como eu e estagiários exaustos que tentavam equilibrar bandejas de papelão para levar bebidas para os chefes —, o local emanava calor e pertencimento.

Caminho até a entrada do mercado, depois desço as escadas e fico feliz por ver o velho letreiro pendurado no toldo. Meu coração dispara assim que entro ali, sentindo

o aroma familiar dos grãos de café recém-moídos e dos scones assando na cozinha dos fundos. E então me detenho, olhando atentamente para o homem atrás do balcão — Spencer? Nós nos conhecemos no verão depois que me formei na faculdade, quando consegui meu primeiro emprego. Eu passava na cafeteria pelo menos duas vezes por dia — foi uma época de muito excesso de cafeína na minha vida —, e Spencer e eu logo nos tornamos amigos.

Ele acena da caixa registradora, um tanto surpreso, enquanto eu avanço.

— Lena?

— Oi — digo, sorridente. — Nossa... quanto tempo!

Spencer parece meio confuso.

— Se não contar as vezes que vejo você passando pelo mercado uma semana sim e outra não.

— Ah! — exclamo, com o rosto todo corado. *Mas é lógico. Eu moro aqui.*

— Mas... Ainda bem que você finalmente resolveu entrar — continua ele. — É o melhor café do bairro... quer dizer, do mundo todo. — Ele sorri. — Já estava começando a achar que você tivesse nos abandonado pelo Starbucks.

— Eu? — Rio, esfregando o pescoço (a urticária sumiu, graças a Deus). — Nem pensar.

— Quer sentar? — pergunta ele, apontando para uma mesa vazia enquanto tira o avental.

Faço que sim com a cabeça, tomada por uma sensação de déjà vu.

— Este lugar continua do jeitinho que eu me lembrava. — Abro um sorriso. — Você também.

Ele me fita com curiosidade.

— Devo encarar isso como um elogio?

— Sim, quer dizer, é como se nada tivesse mudado. Já faz uns dez anos e... você ainda é barista.

— Ainda barista — repete ele, estendendo a mão para mim. — É um prazer te conhecer.

Fico toda vermelha.

— Desculpa — digo, me arrependendo da péssima escolha de palavras. — Não foi isso que eu quis dizer. Acho que só não esperava te ver aqui. Você não pretendia fazer uma pós-graduação... em Chicago, não era?

— Você já deve ter ouvido aquele ditado a respeito dos nossos melhores planos.

— Sou a prova viva disso no momento, pode acreditar.

— Como assim?

Dou um suspiro.

— Bem, para começar, acabei de... bem... deixar o meu marido.

— Ah! — exclama Spencer, com um olhar cheio de preocupação. — Sinto muito por isso.

— Não sinta, sério. Mike e eu simplesmente... não fomos feitos um para o outro.

— O que posso fazer para ajudar?

Dou de ombros.

— Que tal me preparar algo para beber, como nos velhos tempos?

Ele sorri.

— Ainda gosta de *chai latte*?

— Gosto — respondo, impressionada com a sua memória —, embora não beba há muito tempo.

Depois que termina de fazer o meu *latte*, Spencer serve um café para si mesmo e se junta a mim à mesa. Enquanto saboreamos as bebidas, colocamos a conversa dos últimos 12 anos em dia. Spencer me conta que, há alguns anos, o proprietário idoso do Café Vita pediu-lhe para administrar o lugar depois de ficar doente, com o acordo de que um dia poderia comprar o negócio. Por ora, no entanto, ele continua de avental.

— Acho que parece uma vida meio provinciana, se você parar para pensar nisso — reflete ele. — Passei toda a minha carreira nesta cafeteria, mas eu a adoro. Os clientes de sempre, a maneira como se pode mudar o dia de alguém com a quantidade perfeita de espuma ou apenas um sorriso. Talvez não seja o trabalho mais importante do mundo, mas é o que eu faço.

— Lógico que é um trabalho importante — contraponho, pensando na minha

própria carreira. Sim, estou no topo da cadeia corporativa. Subi na hierarquia da empresa, até cheguei a vice-presidente, mas os últimos dias me fizeram pensar se não estava faltando alguma coisa.

— Quando este lugar for finalmente meu — continua Spencer —, vou fazer algumas mudanças: nova iluminação, bancadas de mármore no bar, pedidos por celular.

— Só não me diga que vai se desfazer destas cadeiras velhas. — Dou um tapinha na beira da cadeira surrada, com o tecido de veludo verde gasto e esfarrapado de um jeito charmoso.

— Ah, não, não posso fazer isso. Todos os clientes antigos iriam se revoltar.

Dou uma risada.

— Iríamos mesmo.

Spencer aponta para a parede atrás de mim.

— E sabe mais o quê? Eu alugaria a loja adjacente e a tornaria nossa sede de torrefação. Sempre achei que poderíamos fazer algo com os grãos de café, embora o proprietário não tivesse tanta motivação. Eu poderia fazer isso e dividir uma parte dos lucros com os fazendeiros sul-americanos.

— Que ideia mais bonita — digo a ele. — Um brinde à manifestação dos seus sonhos.

Ele estuda a expressão no meu rosto.

— Você acredita nessas coisas?

— Em manifestação? — Dou uma risadinha. — Na verdade, não. Além disso, tudo o que consigo manifestar hoje em dia são relacionamentos disfuncionais. — Dou de ombros. — E você?

— Acho que se pode dizer que mantenho a mente aberta — responde ele. — Temos um jogo de palavras aqui na cafeteria e, na semana passada, a resposta do enigma diário era “tilápia”.

Franzo a testa.

— O peixe?

Spencer faz que sim com a cabeça.

— Então, naquela manhã, eu disse a palavra *tilápia* em voz alta.

— Posso até adivinhar: você foi para casa à noite e encontrou um monte de peixes na sua porta?

— Não foi bem assim. Meu vizinho me convidou para comer tilápia no jantar. Foi tão aleatório que tive de acreditar que algo maior estava em jogo. Ah, e o molho de manga estava incrível! — Ele faz uma pausa, abrindo um sorriso. — Ei, talvez eu tenha manifestado *você* de volta na minha vida.

— Ah, é? Me conta como conseguiu fazer isso.

— Não posso. — Ele sorri. — É contra as regras da manifestação.

— Ok, tá certo — respondo, rindo de novo. — Se você *manifestou* que eu voltasse aqui, quem sabe não consegue manifestar uma vida melhor para mim?

— Só um segundo — diz Spencer, fechando os olhos e pressionando a ponta dos dedos ritmadamente. — Feito.

É bom rir com ele como nos velhos tempos. Quando nos conhecemos, tantos anos atrás, ele me convidou para jantar na casa da sua família em Queen Anne Hill. Eu tinha vinte e poucos anos, mas as lembranças continuam frescas na minha memória: a mãe dele tirando a massa gratinada do forno e o pai me ensinando a jogar Rummikub, que logo se tornou um clássico para Spencer e eu. Era uma casa animada, cheia de amor. Embora a irmã caçula estivesse na faculdade, os adoráveis e bagunceiros gêmeos de 12 anos jogavam futebol na sala de estar, com Spencer de árbitro autoproclamado. “Um caos feliz”, foi como a mãe dele descreveu a vida da família. De fato. Mas, de certa forma, também era perfeita.

— E aí, o que você vai fazer agora? — pergunta Spencer, me arrancando das recordações.

— Tenho que ir para a casa da minha tia Rosie na ilha de Bainbridge — digo a ele. Ele arregala os olhos.

— Ah, acho que você não ficou sabendo das notícias.

— Que notícias?

— Os trabalhadores da balsa estão em greve. A frota inteira está parada.

Recosto-me na cadeira, derrotada, então me lembro do meu cartão de crédito

(quase sem saldo).

— Acho que posso pegar um táxi.

Spencer balança a cabeça.

— Uma viagem de táxi de *duas horas*? Nem pensar. Eu te levo.

— Não — digo. — Não posso te pedir uma coisa dessas.

— Uma viagenzinha de carro com uma velha amiga? — Ele sorri. — Eu topo. Sério, não tem problema. Só me dê um minutinho para resolver as coisas com a equipe e podemos ir.

— Que divertido! — exclama ele, passando um embrulho de sanduíche para mim. Não consigo deixar de reparar na tatuagem que Spencer tem na parte interna do braço direito e que parece ser uma série de datas. — Gostou da minha tattoo, hein?

— Ah, é, acho que... não imaginava que você fosse do tipo que gostasse de tatuagem — digo com uma risadinha.

— Bem, eu não acredito nesse lance de tipos de pessoas. — Spencer sorri. — Admito que a minha mãe demorou um pouco para se acostumar com a tatuagem no ano passado. Mas não muito. — Ele mostra o braço para mim. — São as datas de nascimento dos meus pais e irmãos.

— Uau! — exclamo, passando o dedo ao longo do braço dele. — Mas que bacana! Ele assente.

— Eles estão comigo aonde quer que eu vá.

Dou um sorriso. A família é tão importante para ele. Sempre admirei sua proximidade com os irmãos e pais — uma dinâmica familiar que sempre desejei, mas nunca cheguei a vivenciar.

O Volvo da década de 1990 começa a chacoalhar quando ganhamos velocidade na I-5. Com sorte, já estarei em casa à tarde e a Rosie vai me ajudar a sair desta confusão.

— Me empresta o seu celular? Acho que esqueci o meu no apartamento.

— Lógico — responde ele, entregando o iPhone para mim.

Disco o número de Rosie, mas não há nenhuma resposta, apenas a saudação alegre e familiar na secretária eletrônica. “Oi, é a Rosieeee! Desculpa por não te atender. Deixe uma mensagem, por favor, e eu ligo de volta!” Tento mais três vezes,

então devolvo o celular a Spencer com um suspiro, disposta a manter a esperança enquanto desembrulho o sanduíche — queijo-quente com pimenta doce — e dou uma mordida.

— Hummm, este sanduíche está *divino*.

Spencer sorri.

— Gostou?

— Hummm, *adorei*!

— É uma reação muito boa — diz ele. — Quase o coloquei no cardápio há uns seis meses, mas a minha namorada disse que era horrível, o que meio que acabou com o meu entusiasmo.

— A sua namorada, é?

— Quer dizer, *ex*-namorada. — Ele sorri. — É engraçado como tudo se resume aos detalhes. Por exemplo, é possível ficar com alguém que não aprecia a grandiosidade de um sanduíche de queijo com pimenta?

— Estou com você nessa — digo, rindo enquanto dou outra mordida.

— E para você? — continua Spencer. — Qual é o seu limite?

Penso no assento levantado do vaso sanitário hoje de manhã e na pilha crescente de contas, então minha mente se volve para Kevin, com uma nova perspectiva.

— Gente que não gosta de ler.

— Concordo totalmente com você. — Ele acena com a cabeça. — Então foram os livros que causaram o fracasso do seu casamento? — pergunta ele. — Ou, melhor dizendo, a ausência de livros?

Sacudo a cabeça, com a mente pulando de Sebastian para Mike e depois para Nathan.

— Talvez eu desperte o pior nas pessoas.

— Nem pensar — responde ele, virando os expressivos olhos azuis para mim antes de voltar a se concentrar na estrada. — Você é a Lena! Lena, a Grande!

Sorrio ao me lembrar do apelido que ele me deu e que surgiu das nossas frequentes rodadas de Rummikub no Café Vita. Quando eu saía do trabalho e o turno dele acabava, costumávamos recrutar outros clientes para jogar. É óbvio que ele

ou eu sempre ganhávamos — na maioria das vezes, eu.

Ele agarra o volante, meio nervoso.

— Escuta só, não sei bem como dizer isso, mas, naquela época, todos os caras do Vita tinham uma quedinha por você. — Ele faz uma pausa. — Inclusive eu.

Arfo, soltando uma risadinha nervosa.

— Não! Não tinha *nada*!

— Tinha, sim.

— Mas... você tinha namorada, não tinha?

— Carrie? Aham. Quando não estávamos separados. Na verdade, eu costumava fantasiar sobre te convidar para sair, mas nunca tive coragem. Além disso, sempre soube que você era areia demais para o meu caminhão.

— Areia demais para o seu caminhão? — Dou uma risadinha de desdém. — Nunca pensei dessa maneira.

É verdade. Não pensei mesmo. Mas também nunca olhei para o Spencer de um jeito romântico. Além disso, na época eu estava prestes a me mudar para Nova York para aceitar um emprego que achava que ficaria bem no meu perfil do LinkedIn.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, olhando pelo para-brisa e ouvindo “Fade Into You”, do Mazzy Star, cada um de nós reproduzindo as cenas do nosso passado na cabeça — as curvas certas e as erradas, e talvez até as portas que nunca tentamos abrir.

No fim da tarde, a ilha de Bainbridge surge à nossa vista. Sinto um milhão de tons de nostalgia quando chegamos à ponte Agate Pass, saindo da 305 para o desvio que leva à praia de Manzanita e à velha estrada de cascalho que me leva para casa. Olho pela janela, com o coração explodindo dentro do peito. Todos os pinheiros e cedros parecem se agitar ao sabor da brisa, como se acenassem para mim. Pela primeira vez nos últimos dias, sinto uma réstia de esperança. Estou em casa e sei que Rosie vai me ajudar a sair desta confusão.

— Nossa, este lugar não mudou nada! — exclama Spencer, parando o carro na garagem da Rosie. — Lembra do verão em que nos conhecemos, quando você me convidou para comer mariscos cozidos na praia?

— Ah, é mesmo! — digo, lembrando de tudo. — A gente subiu naquele velho balanço de corda...

— E a parte de cima do seu biquíni quase caiu — acrescenta Spencer.

Cubro o rosto com as mãos.

— Não! Me diz que *não* caiu!

— Você se safou dessa — garante ele. — Mas chegou perto de ser a maior gafe de vestuário que esta ilha já viu.

Rio, pegando a minha bolsa.

— Bem, obrigada por vir até aqui só para me trazer em casa.

Spencer abre um sorriso.

— O prazer foi meu.

Eu me sinto mal por não convidá-lo para entrar, mas Rosie e eu temos assuntos particulares para discutir. Por outro lado, ainda há tempo. Ele poderia, pelo menos, ficar um pouquinho.

— Ei — digo por fim. — Por que você não fica uns minutinhos? A Rosie adoraria te ver.

— Tem certeza? — pergunta ele, mexendo no cinto de segurança.

— Absoluta — digo a ele.

O cascalho estala sob os nossos pés enquanto percorremos o caminho até a porta da frente, que está trancada. Estranho. Encontro a chave extra debaixo de uma pedra junto ao capacho que pintei no verão em que completei 13 anos. Escrevi o meu nome ali, rodeado de borboletas e corações.

— Rosie? — grito, olhando para dentro de casa enquanto afasto uma teia de aranha que percorre toda a extensão da soleira da porta. — Sou eu! Cheguei! — Ajeito o quadro na parede do hall de entrada, cuja moldura está meio inclinada para a direita. — Rosie?

Spencer me segue até a cozinha, onde paro no meio do caminho. A bancada está cheia de pratos e copos sujos, e uma baguete mofada na tábua de cortar parece quase petrificada.

— Tem alguma coisa errada — digo, assustada, correndo até a adorada poltrona de leitura da minha tia na sala de estar, que está estranhamente vazia. Uma camada de poeira cobre a capa de *Cinquenta tons de cinza* na mesinha lateral.

— Rosie! — grito, entrando em pânico. — Cadê você?

Não me detenho quando Spencer pousa a mão no meu ombro, como se quisesse dizer: *O que quer que esteja acontecendo, vai ficar tudo bem*. Em vez disso, disparo pelo corredor, passando pelo meu quarto da infância e indo até o de Rosie, onde encontro uma cama de hospital vazia com os fios e cabos desconectados ao lado de uma máquina de monitoramento médico.

— Não, Rosie. Não. Não, não, não, não, não. — Pressiono as mãos sobre os lençóis amarrotados e caio de joelhos no chão. — Não acredito nisso — sussurro. — O que aconteceu? Por que ela não...

Abaixo a cabeça, tomada pela dor, tendo como único consolo o fato de que talvez... *talvez*... eu acorde amanhã e tudo isto esteja desfeito. Mesmo assim, fico arrasada.

— Ela estava doente? — pergunta Spencer, ajoelhando-se ao meu lado, com o rosto refletindo o meu estado de choque.

Balanço a cabeça.

— Não. Quer dizer, não que eu soubesse.

— Vem cá — diz Spencer, puxando-me para si quando começo a chorar. Frankie o chamaria de “choro feio”, que é exatamente como eu descreveria meu estado atual: com a maquiagem borrada, a cara inchada, e histérica. Ele me abraça por um bom tempo e, quando finalmente me endireito e enxugo as lágrimas, sinto algo amassado no bolso de trás da calça: a carta do advogado que enfiei ali hoje de manhã. Puxo-a para fora, rasgando a borda do envelope.

Prezada sra. Westbrook,

Como você deve saber, a sua tia, Rosie McAllister, faleceu na semana passada, tragicamente, devido a uma infecção que contraiu na Índia. Eu e todos na Branson, Fairchild & Fleming oferecemos as nossas condolências. A sra. McAllister contratou a nossa empresa para tratar da partilha da sua propriedade, a qual, fico feliz em relatar, deixou para você. Por favor, ligue para o nosso escritório o mais rápido possível para que possamos ajudá-la com a transferência de bens.

Atenciosamente,

Mitchell Branson.

Branson, Fairchild & Fleming

— Nossa! — exclamo, digerindo as informações.

Em que mundo eu ficaria sabendo da morte da Rosie por meio de um advogado? Estremeço. Neste aqui, pelo visto. Nós nos afastamos? Será que ela desaprovava o meu casamento com o Mike? Não posso lhe pedir que me conte os detalhes. Não posso proporcionar a ela e ao Spencer um momento de reencontro. Não posso contar a ela sobre a minha situação nem lhe dar um último abraço. Ela se foi, mas espero que não de verdade, só neste universo alternativo, ou seja lá o que for. Só posso esperar... e ansiar pelo amanhã, quando o meu mundo irá sem dúvida mudar outra vez. Posso até parar em outro lugar, com *outra pessoa*, mas talvez Rosie ainda esteja aqui, viva, sentada na sua poltrona junto à lareira, lendo *Cinquenta tons de cinza*. Meu Deus, que assim seja. No entanto, quando vejo os olhos gentis de Spencer e sinto o calor do seu sorriso terno, não consigo deixar de me sentir um pouco culpada por querer ficar

aqui — só mais um pouquinho.

— O que posso fazer por você? — pergunta ele, pegando minha mão. Seu toque é tão natural, como se tivéssemos compartilhado milhares de momentos iguais a este.

Dou um longo suspiro e solto a mão dele.

— Que tal me servir uma bebida? — Embora o que eu realmente precise é contar a ele uma verdade muito louca: que estou presa numa espécie de universo alternativo e preciso encontrar uma saída.

— Feito — diz ele enquanto caminhamos até a cozinha. Ele tira uma garrafa de pinot grigio da geladeira de Rosie, seu vinho preferido, depois pega duas taças e um saca-rolhas.

— É tão esquisito — comento enquanto ele enche a minha taça. — Este lugar não parece mais o mesmo. O espírito dela... sumiu.

Spencer me entrega a taça, acenando com empatia.

— Sei como é. Mas esse espírito continua com você. *Ela* continua com você.

Analiso a expressão no rosto dele.

— Como é que você pode saber disso?

— Porque, quando amamos alguém, essa pessoa nunca nos abandona. — Ele aponta para o próprio coração. — Ela continua bem aqui dentro.

Enxugo as lágrimas outra vez, pensando nas diferentes versões da minha vida, em Paris e naquela fazendinha na Pensilvânia, mas especialmente nesta aqui — como uma única escolha, um certo relacionamento, pode afetar tudo. Não posso deixar de sentir que, nesta versão da minha vida, causei o destino de Rosie — indiretamente, é óbvio, mas as circunstâncias importam. Se ela não tivesse feito aquela viagem, se eu tivesse ido com ela... Só sei que estraguei tudo de alguma maneira. Preciso consertar essa situação.

— Quero te contar uma coisa — digo, tomando um gole de vinho. — Algo que vai me fazer parecer, bem... clinicamente insana.

Spencer levanta a taça de modo insolente.

— Me conta, então.

— Não, eu estou falando sério. O que vou falar é... loucura, coisa de gente doida

de pedra.

Ele dá de ombros.

— Vá em frente.

— Então tá — digo, olhando pelas janelas da cozinha. — Que tal continuarmos a conversa lá na praia?

— Eu levo a garrafa — responde ele enquanto nos dirigimos para o deque.

É maré baixa e a praia está cheia de vida: conchas brilhantes de cores variadas, faixas de algas verde-esmeralda secando ao sol, uma gaivota bicando alguma coisa na areia e um monte de filhotes de caranguejos espreitando das rochas cobertas de cracas. Quando era criança, eu adorava aqueles caranguejinhos e passava horas espiando por baixo das rochas para ver a sua colônia. Rosie me ensinou a determinar se eram machos ou fêmeas. Mamães-caranguejo e papais-caranguejo — meus olhos voltam a ficar cheios de lágrimas.

Spencer e eu nos sentamos em duas cadeiras junto à costa, na pequena área que Rosie chamava de “sala de estar ao ar livre”. Ainda consigo ouvir a sua voz na minha cabeça, me convencendo a sair de casa e me juntar a ela para tomar uma taça de vinho. “Venha se sentar comigo, querida! Vamos fazer uma festa!” Eu estou aqui agora, mas não há festa nenhuma.

— Bem... — começa Spencer, pigarreando. — O que você disse antes... Me conta o que quis dizer com aquilo.

Respiro fundo, acenando com a cabeça.

— Então... eu meio que estou... presa.

— Aham — responde ele. — Você já mencionou isso.

Balanço a cabeça.

— Não, não estou falando do meu casamento nem do Mike. É mais do que isso. Estou presa na minha vida.

Spencer assente educadamente, mas vejo que está com dificuldade para me compreender.

— Escuta — continuo —, eu te avisei que ia parecer loucura, mas preciso conversar com alguém para entender o que está acontecendo comigo.

— Você está passando por maus bocados — diz ele, os olhos gentis sondando os meus. — Primeiro, o seu casamento, e agora isso? Neste momento, está mergulhada até o pescoço na tristeza.

Aceno lentamente com a cabeça.

— Estou mesmo, sem dúvida alguma. Porém, é mais do que isso. — Mordo a pontinha do lábio. — Escuta, quatro dias atrás, acabei dormindo na casa de hóspedes da Rosie e então...

Ele arregala os olhos.

— E então o quê?

Respiro fundo.

— E então... acordei em Paris.

— Em Paris. — Spencer assente; sua expressão é uma mistura de confusão e dúvida.

Jogo a cabeça para trás com um grunhido.

— Viu só? Eu sabia que a sua reação seria essa.

— Não, não... Quer dizer, continue.

— Tá bom — prossigo, me preparando. — Enfim, acordei em Paris com um francês doido. Bem, ele não era doido. — Faço uma pausa, pensando naquela primeira manhã. — Na verdade, era... bastante sexy.

Spencer coça a cabeça.

— Entendi.

— Quer dizer, sim e não. Ele era horrível, na verdade. E *não* fazia o meu tipo.

Não sei se Spencer está planejando a própria fuga ou pensando em me internar no hospício — talvez as duas coisas.

— Ainda está prestando atenção?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Ok, na manhã seguinte a Paris, acordei numa fazendinha adorável na Pensilvânia. Naquele dia, eu estava casada com o... Nathan. — Rio de nervoso. — Você pode chamá-lo de Fazendeiro John.

— Espera aí, como é que é?

— O Fazendeiro, há, John, era um doce. A casa da fazenda, o jardim... Até tirei leite das vacas. — Rio sozinha. — Tudo era tão idílico, mas havia algo errado. — Noto a apreensão no rosto de Spencer, por isso mudo de assunto depressa. — Não, a gente não matou ninguém... mas enfim. — Paro para me recompor. — Era apenas uma recordação, uma lembrança substituída por uma nova série de circunstâncias: Seattle, Mike, isso aqui... *você*.

Spencer coloca a taça de vinho no velho toco que Rosie transformara em mesinha de centro e cruza os braços sobre o peito.

— Sei o que você está pensando — continuo, engolindo em seco. — Se alguém me contasse a mesma história, eu também não acreditaria. Não faz o menor sentido.

Spencer olha para a água, depois pega novamente a taça de vinho.

— Ok, acho que entendi.

— Entendeu? — pergunto, ansiosa, sentando sobre os calcanhares. Não faz tanto tempo assim, apenas alguns dias, mas a minha solidão é palpável. O fato de ele entender (ou, pelo menos, tentar entender) faz meu coração se encher de alegria. — Sério?

— Bem... — responde ele. — Estou tentando.

Sorrio, com lágrimas nos olhos — por causa da Rosie, do peso dos últimos dias.

Spencer tem um ar pensativo.

— Então, esses caras que você mencionou... faziam parte do seu passado, é isso?

Faço que sim com a cabeça.

— Mike era o meu namorado do ensino médio. Conheci Sebastian, o francês, há muito tempo, em um casamento, e o Nathan numa feira de produtores locais no ano em que me mudei para Nova York.

Ele sorri de um jeito meio cúmplice para mim.

— E você esteve casada com todos eles, quer dizer, nos últimos dias.

Afundo a cabeça nas mãos.

— Sei muito bem o que parece, mas juro que...

— Não estou te julgando — interrompe Spencer —, apenas tentando entender tudo.

Aceno com a cabeça.

— Certo, então essa experiência está... te oferecendo um vislumbre de como seria a sua vida se você tivesse seguido um caminho ou outro, não é?

Dou de ombros.

— Sei lá, talvez?

Spencer entrelaça as mãos sobre o colo.

— E esses homens com quem você... acorda todos os dias... vamos chamá-los de *caras errados*... algum deles parecia mais certo do que os outros?

Faço uma longa pausa.

— Não. Quer dizer, não se você está perguntando se eu consigo me ver casada com algum deles na vida real. — Faço uma pausa, sacudindo a cabeça. — Mas...

— Mas o quê?

— Mas acho que houve momentos *importantes* que surgiram de tudo isso.

Ele se aproxima de mim.

— Momentos românticos?

— Não, não — respondo. — Estou falando de aprendizados, percepções, sabe? Tipo, eu jamais toleraria uma infidelidade, não importa a circunstância. Também não gosto de ficar com terra debaixo das unhas ou de ordenhar vacas, nem conseguiria sobreviver numa relação com mágoas não resolvidas. — Faço uma pausa e dou uma risada. — E jamais conseguiria ficar com um empreendedor de brinquedos giratórios.

— Não sei, não, viu? — comenta Spencer. — Tem certeza sobre o empreendedor de brinquedos giratórios? E se ele fizer um sucesso estrondoso? — Ele ri, aliviando a tensão.

Reviro os olhos.

— Não me faça lembrar disso.

Ele dá uma gargalhada.

— Então, como é que isso vai terminar? Será que você vai voltar à vida real quando encontrar o par perfeito?

Faço que não com a cabeça, com o cérebro — e o coração — em curto-circuito.

— Sei lá. Pode ser. Ou talvez eu fique presa nesse ciclo pelo resto da vida. — Faço

uma pausa, observando a velha boia coberta de cracas, que me lembro da minha infância, flutuar na água salgada. Como desejo voltar a ficar ancorada num lugar só. — É por isso que eu queria vir aqui, para falar com a minha tia sobre essa história toda.

— Você achava que ela saberia como te tirar dessa confusão?

— Bem, é o que eu esperava — respondo com um suspiro derrotado. — Na noite em que fui à casa dela... Não paro de repassar a nossa conversa na cabeça. Eu tinha acabado de terminar um namoro em São Francisco.

— Espera, quer dizer que há *outro* cara?

— Sim, mas este pertence à minha *vida real*. — Mordo a pontinha do lábio, me dando conta do quanto tudo isto soa estranho.

— Certo, a vida real, em oposição a essa aqui, neste exato momento.

— Eu sei, é tudo... tão confuso. — Encho as nossas taças de vinho. — Não paro de pensar na noite em que cheguei aqui em casa. Será que esqueci alguma coisa?

Spencer muda de posição, chegando mais perto de mim.

— Bem, eu não sou físico, apenas um humilde barista, mas sei que uma coisa é verdade. — Ele faz uma pausa, pegando minha mão. — *Isto* é real: você, eu, a praia logo ali. — Ele sorri. — É tudo real. Mesmo que você vire uma abóbora à meia-noite.

— Você tem razão — digo. — Não vou me esquecer disso, com certeza. Mas e se você esquecer?

— Mas é lógico que não — responde ele, surpreso. — Por que eu me esqueceria?

— Sei lá. — Dou um suspiro. — Para ser sincera, essa história toda me dá dor de cabeça.

Ele esfrega a testa como se também estivesse com dor de cabeça, por solidariedade.

— Enfim, me deixa ver se entendi o que você disse. Quando você dormir, tudo isso vai... desaparecer?

— É, tipo isso — respondo pouco antes de arregalar os olhos. — Espera! *A casa de hóspedes!*

Ele sacode a cabeça, confuso.

— O lugar em que dormi na primeira noite, onde tudo começou. — Com o

coração disparado, pego a mão dele. — Spencer! Talvez seja a minha saída desta confusão!

Seguimos em frente, passando pelo velho balanço de corda pendurado no cedro à beira da praia — a cena do crime (ou melhor, da minha gafe de vestuário) de tantos anos atrás.

Spencer me acompanha pelo gramado, mas eu paro de supetão.

— O que foi? — pergunta ele, com uma expressão apreensiva e confusa no rosto.

— A casa de hóspedes... era... bem aqui. Bem, pelo menos, costumava ser.

O lugar onde ficava situada a cabana agora é uma pilha de escombros: madeira lascada, pedaços de fundação e cacos de vidro. Não faço a menor ideia do que aconteceu nem por quê, mas, se já me sentia empacada hoje de manhã, agora me sinto mil vezes pior. Foi ali que comecei esta jornada, e agora *sumiu*. Meus joelhos fraquejam, meu coração fica apertado. Como é que eu vou entender essa história? Como vou conseguir... voltar para casa?

Atravessamos o gramado de volta para casa e sentamos no sofá da sala de estar de Rosie, onde encosto a cabeça no peito de Spencer. Permanecemos juntos em silêncio enquanto o sol começa a se pôr no horizonte.

— Já leu aquele livro da Maria Semple? — pergunta ele, quebrando o silêncio. — *Hoje vai ser diferente?*

Nego com a cabeça.

— É ótimo. E a Maria também. Ela mora aqui... sempre vem à cafeteria. — Ele sorri. — Enfim, há um trecho no livro em que ela descreve um fenômeno que acontece quando duas pessoas estão viajando: o Viajante Capaz e o Viajante Desamparado. A ideia é que, em qualquer momento de um relacionamento, uma das pessoas pode estar meio mal, por isso a outra tem que assumir o controle da situação. Vou te dar um exemplo. Digamos que saímos de férias juntos...

— Para Istambul — interrompo. — Sempre quis ir para Istambul.

— Ok, para Istambul. — Ele ri, entrando na brincadeira. — Acabamos de sair do avião, mas eu estou com dor de barriga e a companhia aérea perdeu a minha bagagem.

— Então, eu... saio correndo para comprar Pepto-Bismol para você e depois dou

uma bronca daquelas na funcionária do atendimento ao cliente?

— Exatamente. Neste cenário, eu estou desamparado, então você se torna a Viajante Capaz.

— Até que gostei disso.

Ele assente.

— E já que *você* está passando por maus bocados agora...

— É, eu estou mesmo desamparada.

Ele dá um sorriso, pegando minha mão.

— Deixe que eu seja o seu...

— Viajante Capaz — falamos em uníssono.

— Espera aí — acrescento. — Quer dizer que você carregaria as minhas malas, mesmo que eu tenha a mania de enchê-las demais?

Spencer faz que sim com a cabeça, assertivo.

— Mesmo que tenhamos de pagar a irritante taxa de excesso de bagagem da companhia aérea.

Não faço ideia de quanto tempo estamos conversando, mas tenho plena ciência da passagem do tempo conforme o sol continua a se pôr.

— Espero te ver de novo — sussurro.

— Não seja tão pessimista — diz ele. — É *óbvio* que vamos nos ver de novo.

Abro um sorriso.

— Preciso de um pouco da sua confiança neste momento.

— Você está se referindo à minha Energia de Viajante Capaz?

— Sim, isso mesmo — respondo, rindo. — Da sua EVC.

Voltamos a ficar em silêncio, com a luz do dia cada vez mais fraca à medida que o dia dá lugar à noite.

Spencer estende o braço para pegar minha mão e eu deixo.

— O que podemos fazer com o tempo que nos resta... Quer dizer, antes que você escorregue por entre os meus dedos ao badalar da meia-noite?

Faço uma careta.

— Nem me lembre disso.

— Que tal jogarmos uma partida de Rummikub em nome dos velhos tempos?

— Pode ser — respondo, voltando a sorrir. — Ou então apenas... isso.

Paro de falar quando os nossos olhos se fixam — igualmente perdidos e achados no olhar dele. Spencer toma o meu rosto nas mãos, beijando-me suavemente, com ternura, mas com uma intensidade que vibra por todo o meu corpo — da cabeça aos pés.

Até hoje, eu só pensava em Spencer daquele jeitinho de sempre, o simpático barista atrás do balcão da cafeteria. Um cara legal. Um amigo. Sinto vergonha por não ter me permitido olhar com mais atenção, enxergar sua profundidade, seu coração. Quantos homens já rejeitei por não se enquadrarem no que eu considerava ser o parceiro ideal? Afinal de contas, eu tinha uma lista de exigências bastante rígida: ele deveria ser bem-sucedido financeiramente (no mínimo, vice-presidente ou diretor de empresa; nenhum advogado, exceto se fosse sócio da firma), ter MBA (de preferência da Ivy League), estar em forma, ser alto (pelo menos 1,80 m), não ter gatos, não gostar de jogar Ultimate Frisbee, não ter bigode, cabelo bonito, dentes perfeitos, não usar papete nem Crocs, ter passaporte, possuir um smoking (pontos bônus se for do Tom Ford), preferir iPhone a Android, ter um gosto impecável para móveis (nada da IKEA!), não jogar bola do tipo Hacky Sack, não ser vegano, nada de tatuagens.

Olho para o braço do Spencer, com as datas de nascimento da família carinhosamente gravadas à tinta. Embora meu dossiê para o par perfeito antes me parecesse bastante normal, agora é... um bocado ridículo. Como foi que eu fiquei com a mente tão fechada?

Suspiro, pousando a cabeça no ombro de Spencer. De manhã, provavelmente estarei em outro lugar, com outra pessoa — pode até ser um cara tatuado ou de bigode e papete, Deus me livre! Spencer talvez não se lembre de nada disso, mas eu vou lembrar. Guardarei na memória o meu doce barista, que carregou as minhas malas pesadas com tanta *competência* durante algum tempo.

A decorative graphic featuring a curved dotted line with four four-pointed stars at its ends. The text "Parte cinco" is written in a cursive script across the middle of the curve.

*Parte
cinco*

Abro os olhos quando um despertador toca a poucos centímetros do meu ouvido direito. É um daqueles modelos vintage com sinos no topo que se vê em velhos desenhos animados. Antigo ou não, tenho a súbita vontade de atirar o objeto abominável para o outro lado do quarto.

Depois de algumas tentativas fracassadas, consigo finalmente silenciar a engenhoca. Sento na cama e percebo que há alguém debaixo das cobertas ao meu lado. *De novo não*. Cada novo dia me deixa à flor da pele, ainda assim, acabei por aceitar a minha situação — a força misteriosa que me transporta de uma realidade para outra. Eu não a entendo. Não tenho como controlá-la. Tudo que posso fazer é suportar e seguir em frente.

A figura ao meu lado se remexe debaixo dos lençóis, e eu me preparo, como me habituei a fazer, à espera da grande revelação — o “cara errado” de hoje, o termo que Spencer cunhou tão bem.

Spencer. As recordações do tempo que passamos juntos voltam à minha mente — a gentileza dele, o falecimento de Rosie. Mal tive tempo de assimilar tudo o que aconteceu e agora já estou mergulhada numa nova realidade.

Olho para o outro lado da cama, tomada de repulsa e expectativa. Qual pretenso amor do meu passado será? Alguém que conheci num bar? Minha primeira paixãoite da escola primária? Aquele cara da faculdade — qual é o nome dele mesmo? — que derramou cerveja em mim num um show do Dave Matthews? Observo a silhueta ao meu lado, envolta em lençóis amarrotados. Depois descubro *onde* estou; primeiro preciso identificar o homem do dia.

— Ei — sussurro, cutucando o ombro dele com cuidado.

Quando *ela* se mexe, o meu ventrículo esquerdo quase explode.

— Espera... *como assim?* — balbucio, afastando-me para a beira da cama enquanto a mulher ao meu lado se senta e arqueia as costas, esticando os braços pequenos em direção ao teto com um bocejo.

— Bom dia para você também, boboca — diz ela, passando os dedos pelo cabelo pixie loiro platinado.

A mulher tem mais ou menos a minha idade, talvez um pouco mais nova — é bonita, com traços bem marcados, olhos azuis profundos e um forte sotaque irlandês. Quem quer que seja, não nos conhecemos — bem, acho que não.

— Hum... o que *você* está fazendo aqui? — pergunto, nervosa.

Ela revira os olhos.

— Para de palhaçada, Lena. Depois da noite passada, não consigo lidar com essas coisas.

Da noite passada? Respiro fundo.

— Escuta só — digo, cobrindo as pernas nuas com o lençol. — Não quero parecer esquisita nem nada do tipo, mas nós somos... hã, nós fizemos...? — Engulo em seco. — O que está acontecendo?

Ela dá uma gargalhada.

— Pelo visto, o efeito das cervejas de ontem ainda não passou. Você está em frangalhos.

— Em frangalhos?

— Você tá de sacanagem com a minha cara? Dois anos na Irlanda e ainda não aprendeu as gírias daqui? — Ela balança a cabeça de forma zombeteira, e então suaviza a expressão. — Tô só te provocando. Você sabe que eu te amo, mas, caramba!, não *desse* jeito.

Minha cabeça começa a girar, tentando entender esse último cenário.

— Além disso — continua ela, esticando os bracinhos no ar —, o Colm viria atrás de mim com uma forquilha.

Colm. Aaaaah, eu me lembro dele! No verão seguinte ao segundo ano de faculdade, fiz um mochilão pela Europa com umas amigas — todas elas, devo acrescentar, pegaram mononucleose e precisaram voltar para casa mais cedo, por isso

tive que terminar a última parte da viagem sozinha. Conheci Colm Dalton num trem que ia de Paris para Zurique. Ele era alto — tão alto que batia a cabeça no teto do vagão de passageiros. Embora Colm tenha colocado a minha mochila ridiculamente cheia no compartimento de bagagem, foram o sorriso largo e o senso de humor que despertaram o meu interesse. Não sei se mais alguém me fez rir tanto desde então. Talvez seja algo típico dos irlandeses, ou talvez fosse apenas... ele? Em todo o caso, quando cheguei à minha parada, Colm anotou seu número de telefone e endereço de e-mail num pedaço de papel, que enfiei no bolso da bermuda. Naquela noite, depois de ter me instalado no albergue, meti a mão no bolso e o bilhete tinha... sumido, então Colm não passara de alguns parágrafos no meu diário de viagem.

Conheci um monte de gente interessante naquele verão, mas ele é o único de que me lembro. “O Colm tinha borogodó”, dizia Frankie sempre que eu me lembrava daquela viagem de trem. Suponho que todo mundo tenha uma pessoa hipotética — um encontro casual profundo que se transformou numa... conexão perdida —, e esbarrei num monte delas nos últimos dias. Mas o Colm era especial.

— Os Dalton podem até ser casca-grossa — continua a minha companheira de cama, com uma expressão mais suave —, mas os corações deles? São de ursinhos de pelúcia. Colm ficaria arrasado se você o deixasse. E o meu Declan é igualzinho. Falando nisso, é melhor eu voltar e dar uma bronca naquele idiota. Ontem à noite, ele estava completamente obcecado. Chegou até a me dizer: “Bitsy, é melhor cuidar dessa sua língua. Você tem a boca mais suja de Kinsale.” — Ela suspira. — Três doses de uísque e já começa a se comportar como um *fanfarrão*. Homens!

— Aham, homens — comento, tentando entender o que ela está falando.

Bitsy se vira para mim com um brilho nos olhos.

— Talvez não seja uma má ideia, sabe, passar para o outro time? Seria uma boa lição para aqueles malditos Dalton.

Quando Bitsy se inclina para a frente, eu me inclino para trás, e ela desata a rir, dando um tapinha no meu braço.

— Desculpa — diz ela, rindo. — Não deu para evitar.

Sacudo a cabeça enquanto ela sai da cama e veste o corpo esbelto com uma calça

jeans e um suéter, depois olha para o relógio.

— O trem do Colm já deve estar chegando, né?

— Há, é?

— Aposto que ele está louco para te ver. Quem me dera que o Dec tivesse herdado os genes românticos do Colm. — Ela sorri e dá um suspiro. — Ei, obrigada por me deixar ficar no seu ninho ontem à noite. Nada de bom sai de uma briguinha de bar. — Ela suspira, pegando uma bolsa perto da janela. — Se o meu homem deixar de ser tão burro, talvez algum dia a gente seja comadres. — Seus olhos se iluminam. — Tipo, de verdade.

Comadres. Minha cabeça gira enquanto eu tento encaixar as peças. O nome dela é... *Bitsy*? *Ninho* deve significar... casa? O namorado dela, Declan, é... irmão do Colm? E o Colm está... voltando para casa — para cá — daqui a pouco?

— Bem, é melhor eu ver como está o meu moleque — diz ela, virando-se para a porta com um sorriso. — Te vejo no pub hoje à noite, hein?

Ela lança um beijo para mim e some porta afora.

Solto um longo suspiro. São apenas nove da manhã, e eu não só saltei para outro continente como acordei ao lado da mulher mais cheia de atitude da Irlanda. Gosto da Bitsy. Posso imaginá-la como minha amiga na vida real, se é que isso ainda existe.

Olho para a minha mão e vejo o dedo anelar vazio. Talvez sejamos um daqueles casais que não usam alianças, ou quem sabe nunca nos casamos? Espero que seja a última opção. A última coisa que preciso é de outro marido. Engraçado, alguns dias antes dessa história começar, era tudo o que eu queria. Cuidado com o que você deseja.

Vou até o banheiro e fico um bom tempo me olhando no espelho. O primeiro olhar é sempre um choque, mas desta vez? Nem tanto. Quer dizer, meu cabelo está mais claro e as sardas mais visíveis, mas as bochechas parecem viçosas e rosadas e meus olhos, brilhantes. Tenho a aparência de alguém que acabou de voltar de uma semana de férias — com serviço de quarto. *Mas será que sou feliz?*, me pergunto.

É cedo demais para saber, percebo. Ora, ainda nem vi o Colm! E se eu não gostar da aparência dele? E se ele tiver dificuldade em controlar a raiva ou, pior, for um

daqueles caras que passa o dia todo filmando a si mesmo enquanto joga *Minecraft*? Como vou saber? Só o vi *uma vez*, durante *algumas horas*, em um *trem*. Ele pode ser de qualquer jeito. Pode até ser um...

Chega, digo a mim mesma enquanto me dirijo ao guarda-roupa, escolhendo um suéter e uma calça jeans, então dou uma olhada rápida ao redor do quarto arrumado com suas paredes de gesso cor de creme e piso de madeira de tábuas largas. O quadro de um castelo está pendurado logo acima da cabeceira da cama — um achado de mercado de pulgas, talvez, carinhosamente levado para casa e colocado na parede. É o tipo de coisa que eu compraria — em outra vida.

Passo pela porta e chego a uma encantadora sala de estar e cozinha conjugada, com o teto baixo e cheio de vigas pairando sobre a minha cabeça como uma manta protetora de herança familiar. No comando da cozinha há um fogão vintage, que parece uma relíquia de outra época, com os botões de latão gastos e aquecedores embebidos em milhares de camadas de pátina e, provavelmente, a mesma quantidade de lembranças. Sirvo um copo d'água e me sento no sofá junto à lareira, onde as cinzas servem de prova do fogo aceso na noite passada.

Um porta-retratos em cima da mesinha de centro chama a minha atenção e eu me aproximo para dar uma olhada. Ali estou eu, de pé em frente a uma árvore de Natal ao lado de Colm — e de um menininho de seis ou sete anos, com um sorriso largo. Fico confusa e chocada. Será que é o... nosso filho? Parece que foi há um milhão de anos, mas penso em Nathan, na Pensilvânia, quando fiquei sabendo da perda do nosso bebê. Desde que me entendo por gente, a maternidade sempre foi um grande “não, obrigada” para mim, e é por isso que não esperava que a revelação me deixasse tão abalada, ainda mais ao ver Frankie com sua bebezinha, ciente de que talvez não pudesse ter filhos. Foi como se a possibilidade da maternidade tivesse sido arrancada de mim no exato momento que comecei a me abrir para ela.

Tento me imaginar aqui, aninhada debaixo das cobertas com Colm — e o nosso filho? —, rindo como naquele dia no trem, anos atrás. Será que ele ainda é engraçado? Ou o tempo embelezou minhas lembranças daquele dia? E se, tantos anos depois, ele for... meio chato? Talvez a fantasia sobre o irlandês que conheci em um trem na

Europa seja apenas isso, uma fantasia, e na realidade ele seja...

Meus pensamentos são interrompidos quando ouço passos lá fora. Fico paralisada, vendo a porta se abrir — as dobradiças rangendo — e um irlandês muito alto e muito bonito entrar com um buquê de rosas cor-de-rosa nas mãos.

— Aí está a minha garota! — exclama Colm, vindo na minha direção com um sorriso radiante.

— Oi — digo, perplexa.

Ele é exatamente como eu me lembrava — até melhor —, com os olhos verdes selvagens, queixo bem marcado e cabelos loiro-escuros com fios grisalhos nas têmporas. A passagem do tempo fez bem ao Colm. Até demais.

— Meu voo chegou mais cedo, então peguei o trem da manhã — continua ele, sentando-se no sofá ao meu lado. *O trem*. Foi o que nos uniu há tantos anos. — Londres estava fantástica, lógico, mas eu mal podia esperar para voltar para casa.

Sorrio, assimilando tudo — assimilando a visão *dele*. Sinto-me ao mesmo tempo confusa e prazerosamente perdida em seu olhar.

Colm passa a mão pelo cabelo.

— Eu tinha que ir para ver com os meus próprios olhos... ver essa grande oportunidade. — Ele suspira. — Foi o meu maldito orgulho, acho. — Ele se aconchega perto de mim. — Quando a minha mãe me pediu para tomar conta do pub, a princípio me pareceu uma sentença de prisão perpétua. Nunca mais sair de Kinsale, nunca ter a oportunidade de gerenciar a minha própria destilaria. — Ele dá um suspiro e arqueia as sobrancelhas. — Mas aconteceu uma coisa engraçada. Quando cheguei em Londres e vi o local que ia gerenciar, senti um aperto no peito, sabe? Não conseguia parar de pensar em Kinsale. Acho que amo este fim de mundo. — Ele ri. — Além disso, o dono da destilaria era um completo idiota.

Sorrio, tentando acompanhar o que ele está falando.

Ele acena com a cabeça.

— Também não conseguia tirar da cabeça o que você disse. Você me ajudou a enxergar que a família importa mais do que o ego ou a ambição. A questão é que sou o primogênito e a minha mãe não deveria mais cuidar do pub. Está na hora de eu

tomar as rédeas.

— Então... — começo a dizer. — Você vai... ficar?

— *Nós* vamos ficar — responde Colm, pegando minhas mãos, triunfante.

Também me sinto triunfante, apesar de confusa. Ontem, passei por momentos de choque e tristeza — e por novos sentimentos. *Spencer*. E hoje? Colm abre o coração e olha para mim com tanta adoração, como se eu fosse a única coisa que importa em todo o mundo. Não consigo deixar de imaginar o caminho que me trouxe até aqui — nesta vida, pelo menos —, o caleidoscópio de estradas percorridas ou não que compõem a nossa história.

— Tá tudo bem, Lena? — pergunta Colm, estudando o meu rosto. — Há algo te incomodando?

— Não, não — respondo. — Só estou... assimilando tudo. Quer dizer, olhe bem para nós, duas pessoas que se conheceram aleatoriamente em um trem e depois voltaram a se encontrar. E se eu tivesse desembarcado numa parada anterior ou...

— Ou não tivesse me mandado uma mensagem no Facebook. — Ele abre um sorriso radiante. — Achei que nunca mais a veria novamente, mas de repente lá estava você, na minha caixa de mensagens. — Colm acena com a cabeça. — Você me faz tão feliz, Lena. Só quero que tenha orgulho de mim.

Penso em Mike, de cueca, cercado por caixas de brinquedos giratórios e abrindo a primeira lata de cerveja do dia às nove da manhã. Colm não poderia ser mais diferente.

— Por que eu não teria orgulho de você?

Ele assente.

— Eu queria realizar grandes feitos... por você, por nós dois. Tem certeza que consegue amar um homem de avental que passa a noite enchendo canecas de cerveja no Dalton's Pub?

Sorrio ao ver o grande coração dele disposto numa bandeja diante de mim e fico imediatamente apaixonada ao ligar os pontos. Colm foi a Londres atrás de um emprego bem remunerado, mas seu coração está aqui... em Kinsale. Ele não vai ficar porque é a escolha glamourosa, mas sim a escolha certa.

— Dei uma boa olhada na cidade, refleti bastante e me dei conta de que tudo de

que preciso, tudo o que sempre quis está aqui... naquele maldito pub. — Ele faz uma pausa, sorrindo. — E nesta velha casa de campo com você. — Ele me entrega o buquê de flores. — Gostou das rosas?

— Adorei — respondo, com o coração acelerado quando nossos olhos voltam a se encontrar.

Lembro-me da mesma sensação intensa no dia em que nos conhecemos, não que eu soubesse a diferença entre uma simples atração e, bem, *algo mais*. Tudo que sei é que senti *alguma coisa* naquela época, e estou sentindo de novo — agora.

— Bem — murmuro, quebrando o silêncio quando ele chega mais perto de mim. — Eu... é melhor eu colocar as flores num vaso.

Colm faz que sim com a cabeça, enfiando a mão no bolso do casaco algumas vezes como se tivesse perdido alguma coisa. Por um instante, seus olhos parecem distantes — perdidos em outro lugar.

— Pronto — digo, colocando as flores em cima da mesa.

— Vejo que andou pintando — diz ele, apontando para um cavalete e uma tela junto à parede oposta, ao lado da janela.

Um feixe de luz atravessa a vidraça, iluminando a faixa de grama verde na paisagem. Aproximo-me, estudando a pintura, muito parecida com a que está pendurada na parede do quarto. É impressionante. As ondas parecem prestes a saltar da tela. Quase consigo sentir o gosto da maresia. *Eu pinte isso?*

Atrás de mim, Colm pousa o queixo no meu ombro.

— Sei que sempre digo isso, mas acho que talvez esta seja a sua obra-prima.

Eu? Artista? É verdade que eu costumava desenhar no ensino médio, mas desisti disso há tempos. Arte era a paixão da minha mãe, não a minha. Ela tentou me ensinar a pintar, mas eu sempre acabava com lágrimas escorrendo pelo rosto. Embora jurasse que as cores turvas das minhas telas eram bonitas, eu sabia que não eram. Jamais seria tão talentosa quanto ela. Mas agora? De pé ao lado do cavalete, não consigo deixar de me perguntar se sou mais parecida com a minha mãe do que eu imaginava. A ideia tanto me conforta quanto me assusta, ainda mais agora. Se sou capaz de pintar desse jeito, quer dizer que também sou suscetível aos demônios que a atormentavam? Será

que estão à espreita, atraindo-me para um caminho semelhante ao dela? Não, digo a mim mesma ao sentir a respiração de Colm no meu pescoço.

Ele me puxa para si e o meu corpo se rende, derretendo em seus braços como manteiga; quando Colm me beija, sua boca tem gosto de lar. Ele puxa a bainha do meu suéter, subindo as mãos pelas minhas costas. Não lhe peço para parar, mas o momento termina de repente quando a porta se abre e um garoto de oito ou nove anos entra correndo.

— Pai, Lena! Cheguei!

Lena. Se não sou a mãe dele, então o que sou?

— Liam! — grita Colm, sorridente. — Pensei que você fosse passar o dia na casa da vovó.

Ele acena com a cabeça.

— Eu ia, mas ela me disse que você ia voltar para casa mais cedo. — Ele faz uma pausa e tira uma caixa da mochila (ao que parece, um conjunto de Lego). — Olha só, a vovó me deu a Millennium Falcon! Vamos montar a nave juntos?

— Uau! — exclama Colm, despenteando o cabelo do filho. — Lógico, garotão. Vamos lá.

— Quer ajudar, Lena? — pergunta Liam, sorrindo para mim.

— Óbvio — respondo, instantaneamente apaixonada. *Minha nossa, eu sou madrasta? Ou uma segunda mãe?* Não sei bem como definir, só que este lindo menino de olhos verdes passou os braços em volta da minha cintura e eu já o amo.

— Fiquei com saudade de vocês — continua ele, descarregando o conteúdo da caixa na mesa da cozinha. — A vovó é divertida, mas não sabe fazer panquecas como você, Lena.

As panquecas da Rosie. É lógico que faço as panquecas da Rosie para ele — cobertas de mel e com uma colher de chantilly por cima. Posso até sentir o gosto.

— Espero que tenha sido educado, filho — acrescenta Colm, encaixando duas peças de Lego. — Disse “por favor” e “obrigado”, não foi?

Liam assente.

— Até ajudei a carregar lenha.

— Bom menino.

Depois de duas horas e três sanduíches de queijo-quente, a Millennium Falcon está completa. Liam corre para o quarto para ler uma revista nova de história em

quadrinhos, e Colm e eu vamos lá para fora, onde nos sentamos em duas cadeiras à beira de um penhasco gramado com vista para o mar. As aves marinhas entram e saem dos vãos ao longo da encosta, lançando mariscos sobre as rochas.

— É tão lindo aqui — digo, as palavras saindo da minha boca sem permissão conforme as ondas quebram na praia.

Colm sorri, olhando para mim com curiosidade.

— Parece que você está vendo esta paisagem pela primeira vez.

— Talvez esteja mesmo — respondo, olhando para a pequena casa de campo, com a fachada de pedra caiada e desgastada pelo tempo, a alegre porta de um vermelho vibrante e a chaminé que desponta do telhado de telhas velhas. Não é chique, só alguns cômodos à beira-mar, mas de certa forma me basta. — Adorei o que você disse mais cedo — continuo. — Sobre ficar aqui e tomar conta do pub da sua mãe. Você é um bom homem, Colm.

— Ou um homem muito burro — retruca ele com uma risada. — Como é que vou conseguir comprar aqueles sapatos de sola vermelha para você?

Faço que não com a cabeça.

— Sapatos de sola vermelha?

— Sabe, aqueles saltos altos com as solas vermelhas.

— Espera, você está falando de um Louboutin? — Desato a rir, balançando a cabeça. — Garanto que é a última coisa de que preciso aqui. — Aponto para o caminho de cascalho que leva à porta da frente. — Além disso, é só dar um passo para fora da porta que logo ficariam estragados.

— Tem razão — diz ele com um sorriso. — Se bem que eu até gostaria de te ver com um par de sapatos de sola vermelha. Se quiser, é só pedir e farei o que for preciso. Até danço sapateado sobre carvão em brasas.

Rio de novo, levando um dedo aos seus lábios, espantada ao ver como é simples e natural estar com ele.

— Chega de falar de artigos de luxo ou de dançar sobre carvão em brasas, tá bom?

Colm assente, mas seu sorriso desaparece e a expressão se torna distante. Não posso deixar de imaginar se ele está arrependido da decisão ou se é... outra coisa.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, cada um carregando o fardo dos próprios pensamentos. Sinto vontade de compartilhar o que penso com ele, mas, quando abro a boca para falar, não sai nada. Embora tenha contado a minha situação ao Spencer ontem, estou cansada e perdida demais para encontrar as palavras certas. Além disso, Colm já tem bagagem suficiente; não me parece certo sobrecarregá-lo com mais coisas. Sorrio, recordando as palavras de Spencer. Vou ser a Viajante Capaz do Colm, decido.

— A festa de aniversário da minha mãe é hoje à noite — diz ele, olhando para o relógio. — Temos que estar no pub às cinco. Deus sabe que ela vai arrancar o meu couro se a gente chegar atrasado. Ninguém é besta de se meter com a Katherine Dalton.

— Nem brinca com isso — digo, sorrindo. — Vamos nos arrumar, então?

— O jeito que você sorriu agora — diz Colm, pegando minha mão enquanto caminhamos de volta para casa — me fez lembrar da Jenny. — Ele acena com a cabeça. — A mãe do Liam teria te amado tanto quanto ele a ama.

Jenny. Pretérito perfeito. E, sem mais nem menos, o fardo que Colm carrega se torna mais claro.

São dez minutos de carro até a cidade, ao longo de uma estrada sinuosa que tem tanto de pitoresca quanto de emocionante. A certa altura, tenho a impressão de que o carro vai acabar caindo do penhasco. Por sorte, conseguimos manter o curso e, quando chegamos a Kinsale propriamente dita, fico impressionada com as graciosas fachadas das lojas que parecem ter sido congeladas no tempo. Molly's Sweets, O'Reilly's Hardware — um passeio pelo centro da cidade é como entrar nas páginas de um velho livro de contos de fadas.

— Droga — murmura Colm quando saímos do carro com Liam e gotas de chuva atingem nossos rostos. Ele olha para o relógio, nervoso. — Estamos cinco minutos atrasados. — É evidente que ele sabe que é melhor não deixar a mãe decepcionada.

O Dalton's Pub fica na esquina seguinte — as letras estão gravadas em dourado sobre a tinta preta. Já sei que vou gostar desse lugar, com suas janelas ladeadas por venezianas no andar de baixo e duas amplas águas-furtadas aninhadas junto ao

telhado. À medida que nos aproximamos, a música paira no ar — violino, mas não clássico e sim do tipo que dá vontade de bater os pés no chão.

— Vovó! — exclama Liam, disparando pela porta em direção a uma mulher com os cabelos grisalhos presos num coque e os braços abertos. Seu sorriso é caloroso, mas o olhar? Feroz. Agora entendo a ansiedade do Colm.

— Finalmente! Meu filho preferido chegou! — diz ela, beijando a bochecha de Colm antes de franzir a testa. — Não estava pensando em me deixar plantada aqui no meu aniversário, estava?

Colm balança a cabeça, obviamente apavorado.

— Não, mãe, desculpa. Só estou um pouco atrasado, nada de mais.

— Ora, ainda bem que você chegou logo — diz ela, com as mãos nos quadris, enquanto Liam corre pelo salão para junto das outras crianças. — Uma mulher não faz 65 anos todos os dias! Agora, vamos arranjar uma boa rodada para vocês dois.

No bar, Colm pede uma caneca de cerveja para cada um. Enquanto brindamos, Bitsy entra com um homem alto — Declan, o irmão de Colm, obviamente. É bonito como o Colm, mas tem os olhos intensos da mãe — e talvez o seu temperamento? Em todo o caso, no que diz respeito a ele e a Bitsy, a discussão da noite passada parece ter sido superada. Os dois estão sorridentes quando cumprimentam a família e os amigos.

— Bits! — exclama Colm, puxando-a para um abraço. — Vejo que continua com esse pateta. Você é uma santa por amá-lo tanto assim. Ele não te merece.

Declan dá um sorrisinho irônico.

— Também gostei de te ver, irmãozão.

Colm toma um gole de cerveja e ri, bem-humorado.

— Só estou te zoando, Dec.

— Olha só — grita a mãe deles quando vê Declan. — É o meu filho preferido!

Colm dá uma cotovelada nas costelas do irmão.

— Ela acabou de dizer a mesma coisa para mim.

— Mentiroso — retruca Declan. — Sou o queridinho dela, todo mundo sabe disso.

Colm cruza os braços sobre o peito, mas Katherine não quer nem saber. Pega os

dois filhos pelo braço e os leva para o outro lado da sala. Ambos pairam sobre a mulher baixinha, mas é óbvio quem é que manda ali, apesar de ela parecer ter 1,60 m de altura.

— Você está melhor? — pergunto a Bitsy quando ela se espreme na banquetta ao lado da minha.

Ela dá de ombros.

— É, acho que sim. Dec e eu fizemos as pazes... quer dizer, mais ou menos.

Vemos nossos parceiros jogarem a cabeça para trás, rindo e gesticulando de um jeito exagerado quando Katherine começa a dançar.

— Lene — começa Bitsy outra vez, observando a celebração. — Já pensou que esta família é... bem, exuberante demais?

— Admito que nunca tinha visto uma avó dançando cancan antes — respondo, rindo. — Mas é o *aniversário* dela.

Bitsy revira os olhos de brincadeira.

— Um dia desses, os Dalton ainda vão acabar comigo.

Abro um sorriso.

— Ou talvez sejam a melhor coisa que já aconteceu com você.

— Um brinde ao otimismo — diz Bitsy, batendo com o copo no meu.

— Precisa de alguma coisa? — sussurra Colm no meu ouvido, sua respiração deixando o meu pescoço todo arrepiado.

Faço que não com a cabeça, sorrindo.

— Então, é melhor eu ir lá pra cima fazer um brinde à minha mãe.

— É melhor mesmo — diz Bitsy, de acordo —, se não quiser que ela acabe com a sua raça mais tarde.

Quando os músicos terminam a canção, Colm me dá um beijo na bochecha e segue para o pequeno palco, onde bate com o garfo no copo, acenando para chamar a atenção do público.

— Olá a todos — diz ele, pegando o microfone. — Bem-vindos à festa de aniversário da nossa querida mãe. — Ele dá um pigarro. — Levando em conta que sou o filho mais velho e *preferido* dela, pensei em fazer um discurso esta noite. — Ele

faz uma pausa, sorrindo para Declan. — Fala-se muito da sorte dos irlandeses, mas a minha vida nem sempre foi feita de arco-íris e trevos. Passei por tempos difíceis e, nos momentos mais sombrios, até me perguntei se não estaria amaldiçoado. Só quando olhei para trás e vi o panorama geral é que me dei conta da sorte que tenho, e tudo começou com a minha mãe. Na verdade, sou o desgraçado mais sortudo de todos, pois fui abençoado com a melhor mãe da Ilha Esmeralda. Só não espirre na mesa de jantar nem incomode as galinhas dela ou fique do lado da sra. Higgins sobre o campeonato de Scrabble de 1974. Foi a minha mãe que ganhou e pronto. — A sala irrompe em gargalhadas. — E eu também ganhei, por ser o filho dela. — Há mais vivas e aplausos, mas Colm ainda não terminou. — Se me permitirem mais alguns momentos, tenho dois anúncios a fazer, e creio que a minha mãe vai gostar de ouvir. O primeiro? Recusei uma oferta de emprego em Londres para ficar aqui, em Kinsale, e tomar conta deste belo e velho pub. — Katherine pressiona a mão contra o peito, os olhos cheios de lágrimas. O coro de suspiros e aplausos é quase melódico. — Já está na hora da minha mãe aposentar o avental, descansar e talvez até arranjar um namorado.

Katherine balança a cabeça, corada, mas é evidente que está satisfeita e profundamente comovida.

— Depois que a minha mãe virar uma fanfarrona, vou cuidar deste buraco de rato que muitos de vocês amam há gerações. — Colm se afasta do microfone por um instante, procurando o meu rosto na multidão até os olhos encontrarem os meus. — Mas não posso fazer isso sem uma parceira ao meu lado, o ying do meu yang, o verdadeiro lar do meu coração. — Ele engole em seco. — Lena, você se importaria de fazer o favor de se juntar a mim no palco?

Dou um sorriso, nervosa.

— Eu? Agora?

Colm assente.

— Por favor?

— Vai lá, garota — cochicha Bitsy para mim, sorrindo.

— Tá bom — murmuro, atravessando a multidão até o palco.

— Lena, quando nos conhecemos naquele trem na Europa há 13 anos, senti uma

faísca inegável. — Ele faz uma pausa, voltando-se para a multidão. — Infelizmente, ela perdeu o meu telefone.

Há mais gargalhadas na sala — e algumas vaias.

— No entanto, oito anos depois, Lena me mandou uma mensagem no Facebook. Tirando o nascimento do meu filho, foi o melhor dia da minha vida porque... voltamos a nos encontrar. — Ele gesticula para Declan, que cutuca o ombro do Liam. De olhos arregalados e sorridente, ele corre até o palco e fica ao lado de Colm. Os dois se ajoelham e a demonstração de amor provoca uma onda de emoção pela sala. Katherine enxuga os olhos com um lenço e Bitsy soluça no bar, as lágrimas de alegria escorrendo pelo rosto.

Colm tira uma caixinha do bolso do casaco e a entrega a Liam.

— Lena — começa ele, pigarreando. — Temos duas perguntas para você. — Ele para de falar e olha para o pai.

— Lena — diz Colm. — Eu seria o homem mais sortudo do mundo se você fosse a minha esposa.

Liam assente, depois se vira para mim.

— E eu seria o garoto mais sortudo do mundo se você fosse a minha mãe.

Os dois trocam olhares antes de se voltarem para mim com os rostos cheios de expectativa.

— Lena, aceita se casar comigo? — pergunta Colm.

— Lena, aceita ser a minha mãe? — acrescenta Liam.

Ponho a mão nos ombros de cada um dos dois, tomada pela emoção, enquanto as lágrimas se derramam dos meus olhos, descendo pelo meu rosto como um rio em busca do mar. Nunca vi uma manifestação de amor mais bela e sincera em toda a minha vida e a sinto profundamente. Eu também não consigo evitar amá-los.

— Sim — digo enquanto Colm põe uma aliança de ouro no meu dedo. Cravejada de diamantes minúsculos, com três pequenas esmeraldas no centro, é modesta, mas perfeita.

A banda volta a tocar em um ritmo acelerado que coloca todo mundo de pé. Colm levanta Liam sobre os ombros, segurando-o com um braço e passando o outro

à minha volta.

— É justo — diz Bitsy, batendo o copo no meu e dando uma cotovelada na barriga do Declan. — Você ficou com o *melhor* irmão.

— Seja bem-vinda à família, querida — acrescenta Katherine com um sorriso largo. — Você arranhou um ótimo rapaz.

Sorrio, fitando Colm nos olhos — um ótimo rapaz, de fato.

A festa continua noite adentro, mas às onze Liam começa a cochilar, com a cabeça no ombro da avó, e Colm e eu decidimos ir para casa. Levando em conta a quantidade de uísque consumido, chamamos um táxi na rua. Colm carrega o menino sonolento para dentro do carro, onde ele repousa a cabeça no meu colo.

No caminho de volta, ficamos de mãos dadas, ambos tranquilos e felizes. Quero guardar esta sensação antes que passe, e estou muito ciente de que vai passar — em breve.

O que acontecerá com eles, com tudo isso, quando eu fechar os olhos hoje à noite? Será que vamos nos encontrar de novo? Poderemos recriar o que temos agora? Onde o amor nasceu uma vez, poderá nascer novamente, digo a mim mesma. Mas será que ele vai sentir a mesma coisa? E eu? Algo poderia ser tão perfeito assim? Não sei, não.

Colm paga ao motorista e leva Liam para dentro de casa, colocando-o na cama no quartinho ao lado do nosso.

— Tadinho — diz ele com um bocejo. — Foi uma noite importante para ele. — Colm aperta a minha mão, bocejando de novo. — Estamos ensaiando há semanas. Você o deixou tão feliz. A nós dois, na verdade.

— Papai? Lena? — chama Liam, acordando.

Eu pretendia ligar para a Rosie, mas hesito, ajoelhando-me para desamarrar os sapatos dele. Sorrio para o Colm.

— Por que não vai se deitar? Eu o coloco para dormir esta noite.

— Tem certeza? — pergunta ele, bocejando novamente.

— Absoluta — respondo, contendo as lágrimas enquanto tiro os sapatos de Liam, afagando seu cabelo enquanto ele pousa a cabeça no travesseiro.

— Canta uma música para mim? — pede ele quando eu o envolvo com o cobertor.

— Lógico, querido.

Hesito, pensando na canção de ninar que minha mãe cantava para mim. Faz tanto tempo que não penso nisso e, no entanto, continua gravada na minha memória, assim como a voz dela, que escuto agora.

— Adeus, não chore, vá dormir, meu bebezinho — começo. — Quando acordar, você terá... todos os belos cavalinhos.

Minha voz vacila quando continuo, as lembranças voltam com a força de uma represa rompida. A voz dela. O cheiro doce do seu perfume. Ela cantava “Todos os Lindos Cavalinhos” para mim todas as noites, assim como a mãe cantava para ela. Mamãe não era perfeita — longe disso. Eu a vi cair nos braços de um homem após o outro, na esperança de que um deles ficasse com ela para que tudo ficasse bem. Gostaria que a minha mãe soubesse que não precisava de um homem para isso. Ela era suficiente. E eu também — com ou sem noivo.

Suspiro, cantando mais alguns versos, até Liam abrir os olhos outra vez.

— Tudo bem se eu te chamar de “mãe” agora?

Mordo a pontinha do lábio, tentando conter as lágrimas.

— Ah, querido, eu vou adorar!

Liam sorri, satisfeito, e se vira para o lado, adormecendo em questão de segundos.

Dou um beijo na testa dele, sentindo o cheiro do seu cabelo — xampu e pinheiro. Talvez eu nunca seja mãe — ao menos não biológica —, mas, se fosse, acho que seria uma ótima mãe. Liam me fez perceber isso.

É quase meia-noite, e eu não quero partir, mas o tempo está quase acabando. Penso em Rosie novamente e sinto um aperto no peito ao me lembrar do dia de ontem. Preciso ouvir a sua voz para ter certeza de que ela está bem.

Pego o celular do Colm na bancada da cozinha — só Deus sabe onde está o meu — e ligo para o número dela.

— Lena? — diz ela com um bocejo.

Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto seguro o telefone com força. Ela está

viva, graças a Deus.

— Desculpa — balbucio. — Não sei que horas são aí, mas estava com tanta saudade e queria te ligar. Espero que não tenha te acordado.

— Só do meu cochilo — responde ela. — São 15h45.

— Desculpa mesmo — repito. — Mas tenho uma novidade que talvez a anime.

— Conta logo.

— Colm me pediu em casamento esta noite... ele e o Liam. — Faço uma pausa, presumindo que ela esteja a par da minha vida... bem, ao menos desta versão.

— Já sei disso, querida.

— Você sabe? Como?

— Porque ele me ligou na semana passada para me pedir a sua mão.

— Ele fez isso? — Meu coração palpita ao pensar no gesto adoravelmente antiquado, mas decididamente moderno. Não tenho pai nem mãe, por isso Colm perguntou à minha tia.

— Fez, sim, e foi um doce comigo.

— Então, você... aprova a nossa união?

— Só *você* pode aprovar ou não, querida. E parece que aprova, certo?

— Eu disse “sim”.

— E você está feliz?

— Estou, mas...

— Nada de “mas”.

Afundo no sofá da sala de estar.

— É só que tudo aconteceu tão rápido.

— Rápido? Você está com ele há quatro anos e na Irlanda há quase metade desse tempo.

— Verdade.

— Confie no seu coração, querida — diz ela.

— Acho que foi o que fiz esta noite.

— Pois então. Vou comemorar. O médico me disse para parar de beber pinot grigio, mas que se dane. Minha menina acabou de ficar noiva. Espera aí! E eu acabei

de me tornar avó!

— Isso mesmo — digo, rindo. — Mal posso esperar para você conhecer o Liam. Ele é um anjinho.

— Venha para casa logo — diz ela, com a voz embargada na última palavra. — Sinto tanto a sua falta.

— Vou, sim. Prometo — digo, mandando um beijo para Rosie.

Não dizemos *adeus*. Nunca. A palavra me assustava quando eu era criança, pois, quando a dizia à minha mãe, vinha acompanhada de um sentimento de medo. Nunca sabia quando ela voltaria para casa e, lá no fundo, ficava preocupada que um dos nossos adeuses pudesse ser para sempre. Depois que ela morreu, Rosie e eu aposentamos a expressão.

Coloco o celular de Colm na mesa de centro e vou para o quarto, onde tiro as roupas, deixando-as cair no chão. Deito na cama ao lado dele, pressionando o corpo contra o calor das suas costas.

— Oi — sussurro, descendo a mão pelo braço dele até chegar na sua mão, onde nossos dedos se encontram.

— Oi — sussurra ele para mim, virando-se para me beijar. — Você se divertiu esta noite?

— Foi a noite mais divertida de todas — respondo, aninhando a cabeça no seu peito nu. — Liam está dormindo, desmaiou de sono. Acabei de ligar para a Rosie. Ela ficou radiante com a novidade.

Conto a ele o quanto significou para mim o fato de ter telefonado para ela antes de me pedir em casamento e que devíamos marcar uma viagem para Seattle em breve. Como ele não responde, olho para o seu rosto tranquilo. Seus olhos estão fechados e, com um suspiro, observo o subir e descer do peito dele.

Será que é *isso*? Será que Colm é o homem certo para mim? Meu belo irlandês com um coração tão grande quanto Kinsale? E se for, como é que eu vou acordar amanhã em outro lugar, com outra pessoa? Sinto pavor só de pensar nisso, mas, acima de tudo, tenho medo deste adeus. Por mais que eu queira ir para casa, não quero abandonar *isso*. Mudo de posição e me acomodo no travesseiro. Pela primeira vez em

todos estes dias, tenho vontade de lutar contra o sono, de ficar acordada a noite toda — só para ficar mais um pouco aqui. Minhas pálpebras estão tão pesadas que parecem feitas de concreto, mas vou deixá-las abertas por mais alguns minutos. Não faço a menor ideia do que está acontecendo comigo nem de onde estarei de manhã, mas sei de uma coisa que me trouxe uma sensação inesperada de conforto: hoje, senti amor — *amor verdadeiro*.

*Parte
seis*

As buzinas dos táxis ressoam, uma após a outra, quando abro os olhos e espreito a escuridão desconhecida. Não sei onde estou, só que não estou na Irlanda, com Colm e Liam. As lembranças do dia de ontem atingem o meu coração como flechas, e estremeço. Acordei de um sonho lindo e terno, e a força que controla o meu destino, seja ela qual for, me jogou no abismo mais uma vez.

Sento-me em outra cama desconhecida, que agradeço por encontrar vazia. De camisola de seda azul, tremo de frio quando me levanto e vou até a janela. Ao abrir as cortinas, vejo que o sol ainda não despontou no horizonte, mas, mesmo sob o manto da noite, sei onde estou.

Manhattan.

Avisto o High Line ao longe, bem como o icônico letreiro de neon do Chelsea Hotel. Acho que devo estar na esquina da rua 23 com a Sétima Avenida, onde costumava comer cachorro-quente tarde da noite no Chelsea Papaya. Até hoje, não sei como uma salsicha de um dólar pode ser *tão* gostosa.

As luzes da cidade brilham através da janela salpicada de chuva, como se dissessem: *Bem-vinda à sua casa, garota*. Porém, não me sinto nem bem-vinda nem em casa. Só quero voltar à minha vida real, não nesta realidade alternativa interminável. Além disso, quem é o *homem* que está entrando no quarto de cueca?

— Oi — diz ele, fechando a porta do banheiro. Reconheço a sua voz, é óbvio. *Conheço* a sua voz, embora esteja chocada demais para confirmar. Ele para ao lado da cama, de costas para mim.

A adrenalina corre pelo meu corpo, antes mesmo que o feixe de luz atinja o seu rosto.

— Vai ser um dia infernal — continua ele, fazendo uma pausa para tomar um

gole da saideira da noite passada de um copo na mesinha de cabeceira. — É melhor beber alguma coisa para relaxar. — Uísque com gelo. Sei disso porque o *conheço*.

Todos os músculos do meu corpo ficam paralisados. O homem que volta a se deitar na cama comigo é Christian — *o marido da minha melhor amiga*.

— Não — digo, afastando-me dele. Acendo o abajur na mesinha de cabeceira só para ter certeza de que não é uma alucinação. Não é. — Não, não, não, não, não, não, não. Não é possível. Você devia estar com a Frankie!

— Frankie? — pergunta ele, completamente confuso. — Nós nos despedimos dela depois do show. — Ele sorri. — Eu a coloquei num táxi, lembra? Não se preocupe. Tá tudo bem com ela.

Sacudo a cabeça.

— Não, não está nada bem, *Christian*!

— Peraí, Lena. Qual é o problema?

Sinto-me tonta, mas não por causa das bebidas da noite passada.

— Christian, preciso que faça uma coisa para mim.

— O quê?

Sento, esbaforida, e me recosto na cabeceira da cama.

— Descreva como a gente se conheceu.

— Como assim?

— Christian, por favor — imploro, fechando os olhos com força e abrindo-os de novo. — Só... preciso ouvir você dizer isso.

— Tá bom, tá bom — concorda ele por fim.

Espero que ele explique — para que aquilo faça sentido, se for possível. Pelo que sei, a Frankie vai voltar para casa em breve. O que foi que a gente fez? O que foi que *eu* fiz?

— Beleza — diz Christian, colocando outro travesseiro às suas costas. — Vamos fazer uma viagem ao passado. Lá estava você, uma *deusa*, sentada naquela banquetta no bar do Nomad Hotel. Reparei em você primeiro, embora você sempre diga que foi o contrário. Não, *eu* a vi entrar. Pensei comigo mesmo: *Eu morreria feliz esta noite se pudesse tomar uma bebida com ela*. — Ele sorri, virando-se de lado para me encarar.

— E então aconteceu um milagre: *você* veio falar comigo.

Eu, não. Foi a Frankie que fez isso.

— Tive que me segurar no balcão do bar, mal conseguia me controlar na sua presença. — Ele faz uma pausa, sacudindo a cabeça. — Você era uma força da natureza, e continua sendo.

Olho para o enorme anel de esmeralda na minha mão esquerda, cortada em forma de almofada. De alguma maneira, a pedra cintila em meio à penumbra quando Christian se aproxima, passando a mão casualmente pela minha barriga. *Isso não é nada bom. Na verdade, é péssimo. Péssimo, péssimo, péssimo.*

— O que está acontecendo com nós dois, Lena? — pergunta ele, sentindo a minha inquietação enquanto se afasta.

Nós dois? Fico toda retraída, por puro instinto. *Não existe nós dois!*

— Éramos felizes, mas depois... — Ele para de falar e desvia o olhar.

— Christian — começo com cautela —, não sei muito bem como dizer isso, mas...

Do nada, os lábios dele encontram os meus e eu fico sem forças para resistir. Por um instante — longo demais —, eu me detenho, ou melhor, congelo, deixando-o me puxar para perto, tão perto que consigo sentir as batidas do seu coração contra o meu. Mas é só um segundo, digo a mim mesma, um momento que não deveria acontecer. E talvez nem esteja acontecendo de fato. Ontem, eu estava na Irlanda sob circunstâncias completamente diferentes. Sinto o coração quentinho ao pensar em Colm e Liam. E agora estou aqui, nos braços de alguém em quem confio, alguém que... amo: o meu amigo, mas também... marido de Frankie.

— Não dá — digo, afastando-me, meio sem fôlego e profundamente perturbada. *Não é possível. Eu jamais...*

— Ok — diz Christian, frustrado, enquanto volta para o seu lado da cama, virando-se de costas para mim.

Enfio um travesseiro no espaço entre nós — a barreira, digo a mim mesma, que não deve ser atravessada.

Mas que loucura! A última vez que vi Christian foi com a Frankie e sua *bebezinha*

na fazenda na Pensilvânia, e agora estou em Manhattan, usando uma aliança que ele me deu?

Passam-se alguns minutos, talvez uma hora. Observo os dígitos no relógio ao meu lado — uma tortura lenta e ininterrupta — até que o sol finalmente nasce, inundando o quarto de luz, e é então que Christian dá um bocejo e sai da cama.

— Bem, acho que é melhor arrancar o Band-Aid de uma vez e começar logo o dia — diz ele com um gemido enquanto tira a camiseta, revelando o abdômen definido. Desvio o olhar. — Reuniões consecutivas com a equipe de Los Angeles. — Ele veste uma calça, depois faz uma pausa e se vira para mim. — Será que devo cancelar tudo? Posso dizer que fiquei doente. A gente podia — ele se senta na beira da cama ao meu lado — lembrar dos velhos tempos mais um pouco, não? — Quando ele enfia a mão por baixo dos lençóis, sou instantaneamente levada de volta àquela noite na cidade, ao fogo que ambos sentimos. Foi tão real quanto errado, assim como é agora.

— Não — digo, retesando o corpo. — Quer dizer, é melhor você ir. É um dia importante, não é? — Encosto os joelhos junto ao peito como se fosse uma fortaleza.

— É, sim — responde ele por fim, levantando-se da cama e indo até o guarda-roupa. — Você tem razão, e eu sei que tem de escrever.

— Pois é — digo, aliviada por ter ele mordido a isca. — Tenho *tanta* coisa para... *escrever*.

— Tá certo então — diz ele, meio cabisbaixo. — Te vejo à noitinha. — Ele rola a tela do celular e então sacode a cabeça. — Ah, espera aí, hoje é o jantar de aniversário da Frankie, não é?

As palavras dele soam improváveis, como se pertencessem a outro idioma. Já é péssimo que eu esteja aqui, como é que vou encontrar a minha melhor amiga nessas circunstâncias, olhar nos olhos dela?

— Quem será que ela vai trazer desta vez? — pergunta Christian, ajeitando a gravata. — Aquela mulher muda de namorado como muda a cor do cabelo. Lembra do último cara?

Olho para ele, sem saber o que dizer.

— Sabe, aquele cara barbudo todo tatuado? Juro, ele parecia ter acabado de sair

da prisão.

— Caramba! — exclamo, preocupada.

— Enfim, a minha última reunião termina às seis, então eu te encontro no restaurante, ok? Se eu me atrasar, por favor, não me crucifique. Você sabe como é a equipe de Los Angeles.

— Ok — respondo, olhando para o terno cinza, que se ajusta perfeitamente ao corpo dele. — Nada de crucificação.

— Boa sorte hoje — diz ele e me dá um selinho. — Você já está na reta final. Aposto que vai acabar na lista dos livros mais vendidos.

Aceno com a cabeça, participando daquela encenação.

— Bem, mal posso esperar para ler o livro novo. — Ele sorri, com uma expressão hesitante no rosto. — Você manteve a história em segredo esse tempo todo.

Eu escrevi mais de um livro?

— Muito bem, te vejo à noite — conclui ele, lançando-me um último sorriso da porta do quarto.

— Isso — murmuro. — Hoje à noite...

Quando a porta se fecha, encosto a cabeça no travesseiro, soltando um longo suspiro.

Certo. Sou *escritora*, casada com o *Christian*. *O que é isso? Um pesadelo freudiano?* Quer dizer, eu escrevo bem — pelo menos, no mundo corporativo. Mas um *livro*? Não. E vamos deixar uma coisa bem clara: se Frankie me visse na cama com o marido dela agora mesmo, acabaria com a minha raça. Como foi que as estrelas se alinharam — ou desalinharam — para me colocarem aqui? Talvez aquele professor de física esquisito da faculdade estivesse certo. Não lembro nada do curso além dos seus ternos de tweed e da obsessão pela teoria do chamado “efeito borboleta” — a ideia de que uma borboleta pode bater as asas na China, por exemplo, e desencadear uma série de eventos que pode provocar um tornado em Houston ou, neste caso, na minha vida.

É melhor levantar da cama, me vestir e pensar nos meus próximos passos. No guarda-roupa, analiso as opções de roupas, tudo preto e bege. Nada de estampas. Nada floral. Nada de... cor. Bem, acho que estou numa fase monocromática. *Será que*

estou... deprimida? Ou é só porque moro em Nova York? Pego uma calça jeans e um suéter preto meio sem graça, depois calço tênis. Na cozinha americana, coloco uma cápsula na máquina Nespresso em cima da bancada, bebo uma dose de café *espresso* e faço mais uma. O apartamento é bastante agradável e limpo, embora muito desorganizado — há caixas da Amazon empilhadas junto à porta e um monte de roupa suja no sofá. Vasculho a correspondência em cima da bancada — boletos, catálogos de roupas e um cartão-postal de Rosie!

Olá, minha querida!

Como você está? E o Christian? Eu estou em Bali, num retiro de ioga na selva! É lindo aqui! Quando eu voltar, quem sabe você não terá novidades sobre o bebê?

Ah, espero que sim! Sei como tem sido difícil esta jornada da fertilidade. Quem me dera poder estalar os dedos e fazer com que tudo se realizasse.

Como anda o livro? Na última vez que nos falamos, você me disse que era mais pessoal do que qualquer coisa que já escreveu. Encarar o nosso eu interior é uma tarefa árdua, e é por isso que tenho certeza de que vai ser o seu melhor livro!

Bem, tenho que ir dormir, o ônibus do aeroporto parte às seis da manhã. Venha me visitar quando eu voltar para casa! Às vezes, sinto tanto a sua falta que chega a doer.

Abraços e beijos, e todo o meu amor.

Para sempre sua,
Rosie.

Rosie em Bali? Christian e eu... tentando ter um *bebê*? Fico toda arrepiada ao voltar para a sala de estar e ir até a escrivaninha junto à janela da parede oposta, onde me sento e abro o notebook. *Quem eu sou?* Abro uma aba do navegador e digito o meu nome no Google. Clico num link do Goodreads e vejo uma foto minha, de perfil, meio sorridente. *Que sorriso é esse — e esse cabelo?* Pareço rígida, reprimida — como se me levasse a sério *demais*.

Fecho o navegador e começo a clicar nas pastas do meu iCloud como se fosse uma detetive particular. Vejo as imagens da minha vida, bem, desta vida: Christian e eu navegando no Hudson, selfies de encontros noturnos, eu em frente à Mona Lisa, Christian em frente ao autorretrato de Van Gogh. Por que eu e não Frankie?

Fico com vontade de pegar o celular e ligar para a minha melhor amiga, mas hesito. Em vez disso, abro uma pasta intitulada “Terceiro Livro/Primeiro Rascunho”.

Talvez encontre um pouco de verdade em algum lugar da minha ficção. Clico num documento com o título “Proposta”.

E Então Você Apareceu

Uma proposta de romance por Lena Lancaster

Vera Canfield tem um marido amoroso, uma carreira gratificante como escritora e um gato atrevido chamado Elf. Quem a vê, pensa que Vera tem tudo o que deseja. Mas há algo sombrio acontecendo no seu mundinho de aparências — um antigo segredo que a assombra durante o dia e a mantém acordada à noite.

Endireito-me na cadeira e sinto um calafrio, bem na hora que o celular toca, e estremeço ao ver o nome na tela: *Frankie*.

— Há, alô? — balbucio com cautela.

— Garota, onde você está?

— Onde eu estou?

Eu me pergunto se ela consegue perceber a culpa e o nojo por mim mesma na minha voz.

— Aham — continua ela. — Você devia estar aqui há meia hora!

— Ah, desculpa — digo. — Onde era mesmo?

— No parque!

— Ah, sim, no Central Park?

— Isso aí, no próprio. — Eu a imagino revirando os olhos. — Aliás, o seu café vai esfriar.

— Tá bom — digo, meio esbaforida. — Mas, Frankie, em que *lugar* do parque?

— Alice no País das Maravilhas — responde ela, nitidamente irritada. — Dã.

Lembro-me imediatamente da estátua de bronze pela qual passávamos durante as corridas pelo Central Park uma década atrás.

— Ok. Já vou... chegar aí.

O táxi me deixa em Columbus Circle e, quando olho para o parque adiante, percebo que tenho uma boa corrida pela frente. Por sorte, calcei tênis de corrida, e então *corro* — passando por um grupo de turistas que tira selfies, por uma mãe elegante que empurra um carrinho duplo de bebê, pelos fantasmas da minha vida anterior na cidade. Vinte minutos depois, estou toda esbaforida, olhando para a estátua de bronze

da Alice no País das Maravilhas — uma metáfora bastante apropriada para mim neste momento. Ela desceu pela toca do coelho, e eu fui... para algum lugar qualquer.

— Você está 45 minutos atrasada — diz Frankie, visivelmente irritada.

Seu cabelo descolorido, com uns três centímetros de raízes escuras, está dividido ao meio num corte reto que termina logo abaixo do queixo. Queria contar a ela o que está acontecendo comigo, mas agora estou ocupada, me perguntando: *O que aconteceu com a minha melhor amiga e quem é essa garota roqueira?*

— Desculpa — murmuro, perplexa. Ela está usando um ousado vestido estilo babydoll preto com uma gargantilha no pescoço, e que tatuagem é essa no pulso? — Frankie? O que aconteceu com você?

— Do que você está falando? — Ela toma um gole de café e entrega um copo para mim. Está frio, mas não me queixo. É o meu castigo pelo atraso.

— O seu cabelo, a sua...

— Ah, gostou? — Ela sorri, alisando as mechas que emolduram seu rosto. — Estou adorando o novo salão na Sexta Avenida. O tratamento de alisamento deles mudou a minha vida.

Aceno com a cabeça, completamente chocada.

— Mas... os cachos eram... a sua cara.

— Eca — responde ela com um encolher de ombros. — Retoquei a cor, como de costume, mas desta vez mantive as raízes escuras, viu? Tá na moda. Raízes escuras, cabelos claros. Sabe, um estilo meio roqueiro.

— Mas, Frankie, você não é... roqueira.

— É, eu sei. É só um... estilo que eu quis experimentar. — Ela ajeita a gargantilha no pescoço, torcendo-a como se não fizesse a menor ideia de como usá-la. E não faz mesmo. — Além do mais, Townes gosta desse tipo de coisa.

— Townes?

Ela abre um sorriso.

— É, o cara que estou namorando!

A aparência de Frankie está drasticamente diferente, assim como a sua atitude. Ela está mais durona, mais calejada. Até a voz dela parece mais mordaz. Quero saber de

tudo, que reviravoltas da vida tiveram um efeito tão avassalador sobre ela. Mas, antes que eu possa abrir a boca, ela me passa o celular.

— *Esse é o Townes* — diz ela, toda orgulhosa. — Bonitão, né?

Olho para a foto de um homem no metrô, absorto num livro.

— Espera, é o *Graça infinita*, de David Foster Wallace?

Frankie faz que sim com a cabeça, toda orgulhosa.

— Este livro não tem, tipo... umas mil páginas?

— Ele é muito inteligente — continua ela. — Eu o vi naquela página do Instagram, @carasgatoslendo, conhece? — Ela sorri de forma conspiratória para mim.

— Enfim, talvez eu tenha mandado uma mensagem para ele.

Impossível. Frankie jamais faria uma coisa dessas!

Ela sacode a cabeça, como se tivesse lido os meus pensamentos.

— É sério? Você está me julgando?

— Não — apresso-me a dizer. — É só que, bem, e se ele for...

— Um psicopata? — Frankie dá de ombros. — Não seria a primeira vez que saio com um. Olha só, Lena, enquanto você tem um casamento feliz de sete anos, eu ando presa numa montanha-russa de encontros terríveis. Só quero conhecer um cara legal e sair desse brinquedo, sabe? Já estou cansada disso. E... sei lá, talvez eu queira ser *mãe* no futuro.

Você será uma ótima mãe no futuro.

Sinto um aperto no peito por Frankie. Dói vê-la assim — tão diferente, tão perdida. Queria agarrar seus ombros, olhá-la nos olhos e contar a verdade. Mas não posso, pois é por minha causa que a vida dela está uma bagunça. Além disso, me dou conta de que esta não é a versão de Frankie em que posso confiar. Não, esta Frankie precisa da *minha* ajuda. Tenho que ser a Viajante Capaz dela.

— Vai ficar tudo bem — afirmo para tranquilizá-la.

— E se você estiver errada?

— Sei que não estou.

Faço uma pausa, pensando no dia em que ela se casou com Christian, há tantos anos, em outra vida. Os dois dançavam ao som de Nat King Cole quando, do nada,

começaram a fazer uma coreografia que tinham ensaiado para “Disco Inferno”. Foi um momento mágico; eles estavam tão apaixonados. E agora? De alguma forma, eu me inseri na vida que deveria ser de Frankie. Sou a razão pela qual ela está se arriscando tanto, a causa da sua infelicidade. Não posso voltar no tempo, mas *posso* tomar decisões — no presente — que talvez a ajudem.

— Veremos — diz Frankie com um suspiro. — Enfim, Townes vai ao meu jantar de aniversário hoje à noite. Acho que você vai gostar dele, Lena. Eu realmente espero que sim.

Aceno com a cabeça, embora não tenha tanta certeza assim. Também estou curiosa em relação ao meu livro, ainda mais tendo em conta o que a Rosie insinuou — que é metade ficção e metade realidade.

— Eu te mandei o manuscrito do meu livro novo, não foi? — *Bem, presumo que eu partilhe meu trabalho com a minha melhor amiga.*

— Hum, *aham* — responde ela, nitidamente irritada.

Tomo outro gole de café.

— E o que você achou?

— Eu te mandei um e-mail com os meus comentários na semana passada, sua avoada.

— Ah, foi mal, eu... acho que não vi.

Frankie abre um sorriso.

— Eu adorei. De verdade. Mas, Lena, preciso te perguntar. — Ela cruza as pernas para um lado e depois para o outro. — Este livro é vagamente baseado no... *seu casamento?*

— O que te fez pensar nisso? — retruco, me fazendo de desentendida.

— Não sei bem — responde ela. — Acho que fiquei com essa impressão. Quer dizer, o Christian está louco para ter um bebê, né? E você anda meio hesitante, como a sua personagem, que está em cima do muro, mas vai até o fim pelo marido.

Meu Deus, eu sou infeliz, não sou? Durante todo esse tempo, vi a bela vida de Frankie e Christian se desenrolar em tempo real. E eu estava feliz por eles, mas, para ser sincera, também tinha certa inveja. Havia uma parte de mim, lá no fundo, que

imaginava se não deveria ter sido eu, e não a Frankie, a abordá-lo anos atrás. Penso em hoje de manhã na cama, a eletricidade que senti quando os lábios dele encontraram os meus. Nós temos química, mas essa é só uma parte da receita complicada para a felicidade. Isso nunca foi tão evidente para mim quanto agora.

— O que mais te pareceu... semelhante à minha vida? — pergunto a Frankie, me preparando.

— Bem... — continua ela, fazendo uma longa pausa. — Vera e o marido... como ele se chama mesmo?

— Preston — respondo. O detalhe continua fresco na minha memória por ter lido algumas páginas hoje de manhã; andei bisbilhotando a mim mesma, por mais estranho que pareça.

— Isso, Preston. Quer dizer, o cara é um bom partido, isso é evidente, e os dois parecem felizes, ou pelo menos é a imagem que projetam para o mundo. E talvez Vera *devesse* mesmo ser feliz e parar de se lamentar. — Frankie acena com a cabeça. — Sério, Preston é praticamente o Marido do Ano. — Ela suspira. — Mas talvez esse seja o comentário que você queira fazer: a ideia de que até as vidas mais bonitas podem ser repletas de incerteza?

— Bem — murmuro, assimilando o que ela disse —, parabéns. Foi uma análise literária e tanto.

— Obrigada — diz ela, enquanto um ciclista passa, respingando gotas de uma poça d'água na minha calça. — Ah, tem mais uma coisa. — Ela faz uma pausa, perdida nos próprios pensamentos por um bom tempo. — Conexão. Vera e Preston são compatíveis, têm uma vida sexual ótima e tudo o mais, partilham o amor pela arte, mas há algo errado com eles, sabe? Tipo, ele não tem a menor curiosidade sobre o trabalho dela, mas não para de falar do dele. Além disso, acha que *South Park* é engraçado e ela odeia aquele desenho.

Rio sozinha.

— E ainda teve uma coisinha de nada — continua Frankie. — Um detalhe que eu poderia até não ter notado, mas ainda bem que notei porque foi muito sutil, mas me identifiquei tanto com isso. Aquela parte em que Vera está na casa de uma amiga e o

marido dela chega com flores, dá-lhe um beijo na bochecha e pergunta como foi o seu dia. — Ela faz uma pausa. — Não foram as flores nem o beijo que chamaram a atenção de Vera enquanto observava a interação dos dois, e sim a pergunta. Adorei o jeito que ela disse à amiga que Preston nunca perguntava sobre o dia *dela*. É como se pensasse: “Será que ele ao menos se importa?” — Frankie sorri. — Ótimo material!

— Obrigada — digo, sorrindo de volta para ela.

— Enfim, pegue leve com o Townes esta noite, tá bom? — pede Frankie enquanto caminhamos até a calçada mais adiante. — Por favor, nada de bancar a Mamãe Urso.

Faço que não com a cabeça.

— Do que você está falando?

— Ah, acho que você se esqueceu do nosso último encontro duplo... com o Evan?

— O barbudo? — pergunto, lembrando-me do comentário de Christian sobre o ex-presidiário.

— É, bom, até que ele mereceu. Mas o Townes é diferente. — Ela sorri, fazendo sinal para um táxi. — Você vai ver.

De volta ao apartamento, sinto-me exausta, mas não me atrevo a fechar os olhos. Por mais estranha e chocante que seja esta realidade, pelo menos estou entre amigos. Além disso, quem sabe onde vou acordar depois? Por isso, quero ficar aqui — e bem acordada — o máximo de tempo possível. Tenho coisas a resolver e uma versão da minha vida que precisa ser organizada. Mas, antes que eu possa analisar a situação mais a fundo, o celular começa a vibrar.

Na tela, leio: *Lucy Sherman — Editora da HarperCollins.*

— Alô — digo ao atender a ligação.

— Lena! Ainda bem que você atendeu! Precisamos conversar.

Presumo que ela seja a *minha editora*. Minha editora *cheia de caféina*.

— Ok — digo, deixando escapar um enorme bocejo. — Tá tudo bem?

— Ah, sim! — exclama ela. — Li o seu manuscrito e amei a história, Lena. Estou apaixonada pelo livro. O jeito que você examina as nuances do casamento. Quer dizer,

eu ri. Chorei. Senti tudo tão intensamente, ainda mais na parte em que ela quebra a caneca preferida dele sem querer enquanto lavava a louça e ele perde a cabeça. Ora, não se tratava da caneca. Nunca se trata apenas da caneca. E sim do acúmulo de rachaduras que finalmente se partem por completo. Ah, Lena. Foi uma metáfora tão brilhante!

— Nossa, hã... obrigada — digo, um tanto perplexa.

— Lógico que tenho alguns comentários. Você precisa corrigir uma coisa ou outra, mas nada de mais. Já está tudo *ali*. Na verdade, os caras do departamento comercial leram o manuscrito no fim de semana e Ernie acha que a Target vai fazer um grande pedido, talvez até o escolha para o clube do livro. Pense só em todas as mulheres presas em casamentos horríveis, empurrando seus carrinhos de compras... É um público cativo, sabe?

— É — balbucio, tentando acompanhar o que ela me diz.

— Só tem uma coisa que preciso definir com você depois da reunião de hoje com a equipe do marketing. É tudo padrão, mas quero ter certeza de que você ainda está de acordo.

— De acordo? Com o quê?

— Sabe, com o que discutimos na semana passada. Sim, é uma obra de ficção, mas a equipe do marketing acredita que receberíamos mais atenção se você partilhasse um pouco da sua vida pessoal, algumas páginas dos altos e baixos do seu próprio casamento. Faz sentido? Quer dizer, não estamos pedindo que você lave sua roupa suja em público nem nada disso, mas, tendo em conta o que está passando com o Christian, aposto que há muito material para um ensaio na revista *Oprah*, talvez, ou para uma aparição no *Good Morning America*, algo do tipo.

— Espera, o que você disse sobre as coisas que estou passando com o Christian?

— O elefante na sala, não é? Querida, há quanto tempo eu te conheço? E há quanto tempo está infeliz? Escuta, não estou pedindo que você faça nada que te deixe desconfortável. — Ela para de falar e dá uma risada nervosa. — Mas, hipoteticamente, se você *fosse*, bem, se separar antes da publicação, poderíamos usar a sua história pessoal para fazer um lançamento gigantesco. Com uma combinação dessas, eu ficaria

surpresa se o livro não entrasse na lista na primeira semana.

— Tipo, na lista dos mais vendidos do *New York Times*?

Ela dá uma gargalhada.

— A própria!

— Escuta, Lucy, vou precisar de um tempo — digo. — Para pensar no assunto.

— Tá certo — diz ela com um suspiro. — Mas seja rápida. Preciso responder ao marketing. Lena, parabéns mais uma vez. Vai ser o seu livro de maior sucesso. Tenho *certeza* disso.

Lucy, seja ela quem for, não faz a menor ideia de que amanhã não estarei mais aqui — pelo menos não se esta confusão continuar a se repetir. A quatro horas do jantar de aniversário da Frankie, decido tomar mais uma dose de café *espresso* e dar uma lida no manuscrito do romance que a minha editora elogiou tanto. Quem sabe não esteja tudo ali mesmo, como ela disse, tudo que eu preciso entender — misteriosamente velado naquelas páginas.

Quando chego à última página, estou quase sem fôlego e segurando o notebook com força. Antes que eu consiga digerir o que acabei de ler — a verdade sobre a minha vida, bem, esta vida, descrita nos mínimos detalhes na tela —, a porta se abre. Ergo o olhar e vejo Christian parado ali, sentindo um frio na barriga.

— Oi — digo, com um tom de voz hesitante.

Ele não responde; limita-se a abrir a geladeira e olhar lá para dentro por uma eternidade até pegar uma Heineken e tirar a tampinha, que lança para o outro lado da cozinha. A tampa não acerta a lata de lixo e cai no chão. Ele a deixa ali.

— Você chegou cedo — digo alegremente. — Pensei que tivesse uma reunião com a... equipe de Los Angeles, não era isso?

Christian permanece imóvel, encostado na bancada de granito preto, com um olhar distante. Toma um gole de cerveja, cabisbaixo, e finalmente me encara.

— Quando você ia me contar?

Sacudo a cabeça.

— Contar o quê?

— Não precisa mais fingir, Lena — diz ele. — Eu li o e-mail que você mandou para o dr. Miller.

A princípio, fico confusa, mas então me lembro do que Frankie mencionou no parque mais cedo — minha aparente cautela a respeito do tratamento de fertilidade.

— Ah! — exclamo, fechando o notebook.

Christian se senta ao meu lado no sofá, esfregando a testa.

— Não acredito que você tenha desistido sem falar comigo antes.

Pego a mão dele, mas ele se afasta.

— Lena — continua ele, com o olhar cheio de mágoa. — Desde que nos

conhecemos, você sabe que ser pai é tudo o que eu sempre quis. — Ele faz uma pausa, com os olhos cheios de lágrimas. — Como pôde tirar isso de mim?

— Sinto muito — murmuro, ligando os pontos. Christian quer ter um bebê. Eu, não.

— Tantos meses, tantas consultas... Eu estava tão animado, Lena. Cheio de esperança. E pensei que você também estivesse. — Ele balança a cabeça, profundamente magoado. — Você devia ter me contado como se sentia. Devia ter...

— Christian — sussurro. — Eu... sinto muito. Não sei nem o que dizer. Eu...

— Só me diz uma coisa: você não quer ter um bebê ou só não quer ter um bebê... comigo?

Afundo a cabeça nas mãos, com o coração prestes a explodir.

— Sim, é o que eu esperava — conclui ele, levantando-se. — Mais uma barreira entre nós dois. — Ele pega as chaves em cima da bancada e para apertado da porta, enxugando uma lágrima e pegando a maçaneta. Faz uma pausa, ainda de costas para mim. — Lena, eu te amo, mas você está partindo o meu coração.

Fico pensativa pelo resto da tarde, repassando as palavras de Christian na cabeça, relembrando a dor em seus olhos. Quero entender tudo isso, mas, acima de tudo, quero consertar o desastre que causei. Furacão Lena — destruidora da vida dos seus melhores amigos.

Suspiro, caminhando até o closet, onde coloco um vestido de lã preto e botas altas de camurça. Enquanto prendo o cabelo num coque, tenho uma ideia: já sei o que preciso fazer para resolver as coisas.

Na sala de estar, pego alguns cartões e envelopes na escrivaninha.

Frankie me mandou uma mensagem com o endereço do restaurante mais cedo — um lugar novo e gourmet no Upper East Side chamado Graham's —, e, quando o táxi me deixa ali, vejo-a sentada a uma mesa junto à janela, conversando com um homem de costas para mim — Townes, sem dúvida.

— Olá — digo, sentando numa cadeira do outro lado da mesa. — Desculpe o atraso. O trânsito estava um horror.

— Tá tudo bem, querida — diz Frankie, radiante. — Fico feliz que você tenha

conseguido vir. — Ela se vira para o namorado. — Lena, este é o Townes.

— Que bom te conhecer — diz ele, sorrindo.

Ele parece ser bastante simpático — normal, se me atrevo a dizer — e muito bonito, até mais pessoalmente. Mas, quando estende a mão, reparo que está toda suada — quase pegajosa. Fico com vontade de correr para o banheiro e me lavar, mas acabei de chegar ali e quero tratá-lo bem — pela Frankie.

— Me diz uma coisa — diz Townes, olhando para mim com curiosidade. — Por que você não pegou o metrô? Teria te poupado uns bons 15 minutos.

Dou uma risada nervosa, enxugando a mão no vestido. *É sério que esse cara está me criticando?*

— Ah, sim, o seu meio de transporte preferido — rebato. — Frankie me mostrou a foto.

— Nem me fala — continua ele com uma risada desdenhosa. — Vou ser sincero, aquela conta do Instagram é de uma amiga minha. Foi ela que me convenceu a fazer isso, encenou a história toda.

Lógico. Sabia que ele não tinha lido aquele livro!

— Quer dizer, eu estava fazendo um favor para ela. — Ele dá de ombros. — Ou talvez ela tenha feito um favor para *mim*. Sério, se você visse a minha caixa de mensagens agora, bem...

Frankie e eu trocamos olhares enquanto ele passa o braço, meio desajeitado, em volta do ombro dela.

Charmoso.

Christian ainda não chegou, mas, quando o garçom aparece, Townes decide pedir todas as entradas do cardápio.

— Hum, não acha que é comida *demais*? — pergunta Frankie, com um tom de voz mais educado do que crítico.

— Que nada — responde ele, folheando a carta de vinhos antes de recitar sua escolha para o garçom, uma garrafa *caríssima* de Barolo.

Já tínhamos terminado de tomar a primeira taça quando Christian finalmente chega, com o cabelo salpicado de gotas de chuva.

— Desculpe o atraso — diz ele, evitando fazer contato visual comigo enquanto dá a Frankie um buquê de tulipas e um beijo na bochecha. — Feliz aniversário.

— Ah, Christian! Obrigada! — Ela sorri para mim e depois para Townes, que parece estranhamente tenso. Eu também.

— E então — diz Christian, sentando-se na cadeira vazia ao meu lado enquanto Frankie enche a sua taça de vinho. — O que foi que eu perdi?

— Nada de mais — respondo, fingindo estar animada. — Acabei de conhecer o... Townes.

— E aí, cara? — diz Christian, estendendo a mão enquanto os dois homens se encaram. — É um prazer te conhecer.

— O prazer é meu — responde Townes, pegando a garrafa de vinho e se servindo de uma boa dose, depois olhando para o outro lado da mesa como se avaliasse um concorrente. — Então, com o que você trabalha?

— Eu trabalho no setor financeiro — responde Christian, afrouxando a gravata.

— Ele está sendo humilde, para variar — diz Frankie, sorrindo orgulhosamente para Christian. — Na verdade, Christian é um gênio. Salva empresas à beira da falência.

— Quer dizer que você é uma espécie de fada madrinha corporativa? — graceja Townes.

Christian dá uma gargalhada.

— Pode-se dizer que sim, embora eu prefira ser chamado de *poderoso chefe*. — Ele solta um pigarro, nitidamente aborrecido, mas demonstrando um autocontrole invejável. — E você? Trabalha com o quê?

— Townes é músico — intervém Frankie, de olhos esbugalhados. — Ele compõe as próprias canções.

— Uau! — exclama Christian, com uma expressão repleta de ceticismo. — Mas que maravilha! Quer dizer que já assinou um contrato com uma gravadora?

— Bem — começa Townes, vacilante —, já recebi muitas propostas, mas não estou com pressa de assinar um contrato.

— Então você está fazendo caridade — rebate Christian. — Quer dizer, até a sua

carreira decolar.

Townes faz uma careta, mas, antes que possa retaliar, Frankie toma as rédeas da situação.

— Rapazes — interrompe ela com uma risadinha nervosa. — É sexta à noite. Vamos parar de falar de trabalho?

Townes pede mais uma garrafa de vinho — o mesmo de antes — e uma rodada de coquetéis para acompanhar a segunda entrada. Quando o prato principal chega, ele já está falando arrastado e contando uma coisa engraçada que a ex-namorada fez no verão passado. Frankie está visivelmente desapontada, e eu também. Quando ele sugere que a gente pule a sobremesa e vá para o bar para tomar uma rodada de shots, decido ter uma conversinha com ele. É isso aí: a Mamãe Urso entrou em ação.

— Townes — digo, me levantando da cadeira —, venha comigo até o bar.

Ele sorri, seguindo atrás de mim.

— Vamos lá começar a festa.

— Não é esse tipo de festa — retruco, apontando para uma banquetta. — Senta aí. — Olho para ele de cara feia. — Que merda é essa que você acha que está fazendo?

Ele já está nitidamente embriagado — e com soluço.

— Ei — começa ele, acenando para o barman. — Pensei que estivéssemos nos divertindo.

— Esta não é a minha definição de divertimento, e sei que também não é a de Frankie.

— Dá um tempo — continua Townes. — Vocês duas precisam relaxar um pouco.

Reviro os olhos, pra lá de irritada.

— Olha só, é o jantar de aniversário da minha melhor amiga e você está quase estragando tudo. Ou começa a se comportar ou vai para o seu amado metrô. Entendeu?

— Quer saber? — diz ele com um ar arrogante. — Eu não preciso desta energia negativa.

— Nós também não — respondo. — Acho que já está na sua hora de ir embora.

— Ela não faz o meu tipo mesmo — murmura ele enquanto cambaleia de volta para a mesa.

— Pelo visto, você está lidando com um encenqueiro — comenta o barman com simpatia. — Aqui — acrescenta ele, servindo-me uma dose de uísque. — Por conta da casa.

— Obrigada — digo, virando o copo de uma vez só enquanto vejo Townes se despedir de Frankie e cambalear em direção à porta. — Estou precisando de um pouco de coragem líquida esta noite.

Alguns momentos depois, Frankie se dirige a mim, com uma expressão furiosa no rosto.

— Lena, o que você disse para o Townes?

— Como assim? — pergunto, fingindo ignorância. — Ele já bebeu demais. Apenas sugeri que desse a noite por encerrada.

Ela cruza os braços.

— Ora, Frankie — digo, levando-a de volta para a mesa. — Não vamos deixar esse cara estragar a sua noite.

Christian continua me dando gelo, mas fico agradecida, pelo bem de Frankie, quando ele pede a sobremesa, o que espero que alivie a tensão.

— Já foi tarde — diz ele a Frankie. — Aquele cara era *convencido* demais.

— Sabe de uma coisa? Você tem razão — diz ela, finalmente recobrando o juízo. — Ora, quem pede duas garrafas de Barolo e se manda sem pagar a conta?

— Caras como o Townes — diz Christian, colocando o cartão de crédito em cima da mesa.

— Que aniversário... — murmura Frankie, tomando o último gole de vinho.

Christian chama o garçom e lhe entrega o cartão de crédito.

— Pois vamos dar a volta por cima. Agora mesmo.

Frankie dá um sorriso meio apático.

— Diz aí: como foi o seu dia *antes* daquele idiota tentar estragar tudo? — pergunta ele a ela.

Sinto um formigamento na pele; um calafrio que vai da minha nuca e desce por

toda a coluna.

Como foi o seu dia? Cinco palavras inofensivas, uma simples gentileza, na verdade, mas naquele contexto chegam a ser quase profundas.

— Ou melhor dizendo — acrescenta ele —, além do seu infeliz encontro com o solteiro *menos cobiçado* de Nova York.

Frankie ri, levando um guardanapo à boca e contando algo que aconteceu no trabalho, mas sua voz soa muito baixa. Meu coração está batendo com tanta força que abafa todo o resto.

— Escuta — digo, voltando a mim depois que Frankie acaba de comer o bolo. — Detesto ser estraga-prazeres, mas estou exausta e... tenho que entregar um novo manuscrito para a minha editora amanhã de manhã. — Abro um sorriso. — Por que vocês não vão tomar uma saideira?

Frankie olha para mim e depois para Christian.

— Tem certeza?

— Lógico! Não deixe que eu estrague a sua noite. Vá se divertir.

— Ok — diz Frankie por fim. — Quer dizer, isso se você estiver a fim, Christian.

— Mas é óbvio — responde ele. — Tudo pela aniversariante do dia.

— Aqui — digo, entregando à minha melhor amiga um envelope que tiro da bolsa. — Já ia me esquecer do seu cartão de aniversário. — Ela começa a rasgar a aba, mas eu sacudo a cabeça. — É um monte de frases melosas. Faça um favor para a gente e leia só mais tarde, tá bom?

— Tá bom — diz ela, assentindo com um sorriso.

Levanto-me, enfiando outro envelope discretamente no bolso do casaco de Christian e me virando para sair.

— Divirtam-se — digo, mandando beijos para os dois com a visão embaçada pelas lágrimas. — Amo vocês — sussurro baixinho ao sair do restaurante. — E sempre vou amar.

Passa-se uma hora, depois duas. A certa altura, perco a noção. O tempo já não importa, nem o destino. Ando sem rumo, percorrendo as ruas da cidade até avistar a Grand Central Station lá longe, como uma tocha na escuridão.

Estou exausta demais para continuar caminhando, por isso entro na antiga estação de trem e me acomodo num banco vazio. Parece ser o lugar apropriado para fechar os olhos, terminar o dia e começar o próximo, na companhia de outros viajantes cansados. Não importa qual seja o destino, estamos todos no mesmo barco — no meio do caminho... dizendo adeus ao passado e antecipando a jornada à nossa frente, aonde quer que ela possa nos levar.

Dou um bocejo. O sono chegará em breve. Mas, antes de fechar os olhos, penso na minha melhor amiga, no seu apartamento solitário, talvez lendo o meu cartão neste exato momento:

Frankie,

Há algo que sei há muito tempo, mas só recentemente ficou evidente para mim: era você que devia ter abordado o Christian naquele bar anos atrás, era por você que ele devia ter se apaixonado e com quem devia ter se casado. Ele sempre foi e sempre será perfeito para você.

Preciso me ausentar por um tempinho. Não se preocupe, vai ficar tudo bem. Por favor, dê ao Christian o amor que nunca fui capaz de dar. Vocês têm a minha bênção.

Com amor, sempre,
Lena

E em Christian. Talvez ele esteja abrindo a porta agora mesmo, colocando as chaves na bancada da cozinha. Talvez encontre o meu cartão no bolso do casaco esta noite ou amanhã, mas, assim que o ler, ele vai *entender*:

Christian,

Sinto muito por não ser capaz de te amar do jeito que você merece ser amado, mas outra pessoa é e vai amá-lo. Não é preciso procurar muito. Você já sabe quem é.

Ela é a sua alma gêmea.

Com amor, sempre,
Lena

A decorative graphic featuring a curved dotted line with four four-pointed stars at its ends. The text "Parte" and "sete" is written in a cursive font, with the dotted line passing through the letters.

Parte
sete

Quando abro os olhos, um barulho estridente e ininterrupto atravessa o ar — e os meus tímpanos. *Uma britadeira, talvez?* Seja o que for, as batidas incessantes abalam todos os nervos do meu corpo. Sento na cama, olhando com cautela para o homem que dorme ao meu lado enquanto um raio de sol lança sombras em suas costas nuas e bronzeadas. *E lá vamos nós de novo.*

Eu me preparo quando ele se remexe e vira para mim, dando um bocejo. *Sério? O cara do avião?* Tento lembrar o nome dele. Dan? Dean? Não. Greg? É, acho que sim. Nós nos conhecemos num voo saindo de São Francisco para Nova York há cerca de seis anos, quando passei para a primeira classe e me sentei ao seu lado. *Greg.* Ponho a cabeça para funcionar, tentando me lembrar dos detalhes mais pertinentes. Ele trabalhava no mercado imobiliário, acho. Bem-sucedido e incrivelmente charmoso, pelo que me lembro. Naquela noite, fomos jantar num sofisticado restaurante japonês no SoHo. Ele puxou a cadeira para mim e pagou a conta de valor considerável, já que ambos pedimos omakase. Nós nos divertimos — pelo menos, acho que sim —, e não consigo lembrar por que não voltei a vê-lo. Meu trabalho era uma loucura naquela época. Talvez apenas... não tenha tido tempo?

— Bom dia, linda — sussurra Greg, sorrindo para mim do outro lado da cama. Com o queixo quadrado e os cabelos pretos, ele é tão atraente quanto eu me lembrava, um *doppelgänger* moderno do Don Draper de *Mad Men*.

— Hum... bom dia — respondo, olhando para a minha mão esquerda. Nada de aliança, mas vejo uma linha mais clara inconfundível em seu lugar. Estremeço quando ele se aproxima de mim, acariciando a minha lombar por baixo dos lençóis. Sério, mais cedo ou mais tarde, um desses caras ainda vai me fazer enfartar, ou melhor, eu vou deixá-lo de olho roxo.

Por sorte, Greg estica os braços musculosos e sai da cama — só de cueca boxer. De repente, sinto-me afogueada, com o rosto todo vermelho. Uma gota de suor desce do pescoço até o meu peito, parando entre os meus seios. *Que lugar é este? O inferno?*

— Desculpa, querida — diz o meu colega de cama, franzindo a testa. — O ar-condicionado deve ter parado de funcionar outra vez. Não se preocupe, vou ligar para o cara da manutenção.

Aceno com a cabeça, forçando um sorriso, enquanto ele liga o ventilador de teto e espia pela janela por um bom tempo.

— Não vai demorar muito para a piscina ficar pronta — continua ele. — Só precisamos cavar mais fundo para colocar o concreto. Daqui a alguns meses, beberemos sangria em boias de flamingo.

Ele faz uma pausa, sem saber que eu *odeio* sangria — e boias em forma de flamingo.

— Ou então podemos vender esta casa e ganhar uma boa grana, hein?

Em vez de esperar pela minha resposta, Greg examina o celular, com uma expressão animada.

— Ah, boas notícias! — continua ele. — Jensen acabou de me mandar mensagem. Seu anel já foi consertado e está pronto. Eu ia buscá-lo, querida, mas a minha agenda está cheia. Marquei um café da manhã com o meu padrinho e depois tenho uma tonelada de coisas para fazer na Danbury Estates. Você se importa de passar lá hoje de manhã?

Padrinho. Certo, então ele está no AA.

— Há, tudo bem — respondo, meio confusa, como de costume, é óbvio.

Ele veste uma calça azul-marinho e uma camisa branca, então se senta na beira da cama ao meu lado, colocando a minha perna direita no colo.

— Que tal uma massagem nos pés antes de eu sair?

Sem esperar pela minha resposta, ele começa a amassar o meu calcanhar. É uma sensação boa — estranhamente boa.

— Como eu tive tanta sorte? — reflete ele, pegando o meu outro pé. — Não se preocupe, querida. Quando este negócio for concluído, vamos ficar com a vida ganha.

Você terá tudo o que quiser.

Sorrio nervosamente enquanto ele vai até a cômoda, pegando a carteira e as chaves enquanto a britadeira continua seu canto raivoso lá fora.

— Ah, não se esqueça da nossa reunião às onze horas. Victoria Campbell. Está na agenda. Esta é crucial. — Ele abre um sorriso. — Preciso do seu tempero mais do que especial.

No espírito da autopreservação, faço que sim com a cabeça, obediente.

— Eu te amo — diz ele, me dando um beijo na bochecha e seguindo para a porta, onde se volta por um instante, como se esperasse a minha resposta.

— Hum... — murmuro. — Também... te... amo.

Ouçõ os passos de Greg se desvanecerem no ar, então solto um longo suspiro e dou uma olhada no quarto esparsamente mobilado, observando todos os detalhes. A pintura é nova, o carpete também. Um cheiro de carro novo permeia o ambiente abafado. Tem uma aparência de casa recém-construída — sem cortinas nem quadros na parede, apenas algumas caixas num canto do chão junto ao guarda-roupa. *Hum, será que acabamos de nos mudar?*

Recosto a cabeça no travesseiro, tentando lembrar o que Greg acabou de falar sobre a aliança. Que eu deveria buscá-la? Pego o celular na mesinha de cabeceira e abro a agenda compartilhada: *9h Buscar Aliança* ao lado do compromisso de Greg — *Café da manhã no AA*.

Refresco o corpo na frente de um ventilador por um bom tempo e vou até o guarda-roupa, franzindo a testa ao ver uma imensidão de conjuntos de blazer e calça — em quase todas as cores do arco-íris. Os trajes parecem fazer sentido como militares à espera de ordens. Relutante, escolho um conjunto azul-marinho, combinando-o com uma regata de seda bege e sapatos azul-marinho, e me olho no espelho do banheiro durante um bom tempo. Meu cabelo está um pouco mais escuro do que ontem e noto uma mecha grisalha nas têmporas. Chego mais perto, chocada. *O que é isso?* Não tenho cabelos brancos, ao menos *ainda não*, e o que é *isso* no meu rosto? Aproximo-me do espelho para ver melhor a cicatriz desbotada, mas substancial, na parte superior da bochecha direita, logo abaixo da cavidade ocular. *Caramba — o que*

aconteceu? Vasculho as gavetas até encontrar um frasco de corretivo, que passo ali.

Moderadamente satisfeita com a minha habilidade de camuflagem, examino o quarto uma última vez à procura de pistas sobre esta vida. O lado de Greg do guarda-roupa me diz o que já sei: ele é o tipo de homem que gosta de ternos feitos sob medida, tem um monte de sapatos de grife bem engraxados e ainda mais camisas engomadas. Não é nenhuma surpresa, mas outra coisa no guarda-roupa me deixa admirada. Eu me ajoelho para ver melhor, e ali, no canto mais afastado, há um cofre embutido na parede. Puxo a maçaneta, mas o teclado alfanumérico está bloqueado.

Suspiro, atravessando o quarto até a mesinha de cabeceira de Greg. Abro a gaveta de cima e encontro um tubo de creme para os olhos e uma daquelas máscaras de seda que companhias aéreas oferecem em voos internacionais. Em seguida, checo a gaveta de baixo e engulo em seco ao encontrar uma... pistola disposta discretamente ao lado de um frasco de Advil. Assustada, pressiono uma das mãos contra o peito e me empertigo toda. Com o coração acelerado, enfio a mão dentro da gaveta e seguro o cabo da pistola. Nunca peguei numa arma antes. Devo ficar preocupada? Será que o Greg é... um criminoso? Digo a mim mesma para não ser ridícula. Um monte de gente possui uma arma. Afinal de contas, estamos nos Estados Unidos.

Um pouco abalada, devolvo a sinistra descoberta com cuidado à gaveta de baixo. Pego o celular e uma bolsa Chanel bege pendurada no guarda-roupa e desço as escadas.

O piso inferior está mobilado de forma igualmente esparsa, com mais caixas de mudança empilhadas ao redor. Espio uma delas — panelas e frigideiras — e levanto a aba de outra, onde encontro uma coleção de porta-retratos embrulhados em plástico bolha. Rasgo o plástico de uma foto de 20 x 25 cm do dia do nosso casamento. Lá estamos nós, sorrindo como se fôssemos as pessoas mais felizes do mundo — cercados por madrinhas e padrinhos. Alguns reconheço, outros não, mas o que mais me surpreende é a notável ausência de Frankie. *Por que ela não estava presente?*

Deixo a foto na mesa de centro e entro na cozinha, onde examino a geladeira — vazia, com exceção de algumas embalagens de comida para viagem e um frasco de ketchup. Na ilha de granito, há uma variedade de folhetos, pastas e inúmeros

materiais de marketing impressos em papel brilhante e colorido. Abro um dos pacotes, que está cheio de informações de vendas de uma nova comunidade para aposentados: *Condomínio Danbury — onde a aposentadoria encontra o luxo*. As fotos retratam pessoas sorridentes na casa dos setenta ou oitenta anos, aparentemente na melhor época da vida: jogando golfe, bebendo vinho ao lado de um jardim de rosas, comendo comida gourmet servida por um chef com um enorme chapéu branco. Deve ser o grande “negócio” que Greg mencionou mais cedo. Guardo um dos folhetos na bolsa e depois pego um molho de chaves na ilha da cozinha.

Se eu achava que o quarto estava quente, penso melhor quando saio na rua e sou atingida por uma barreira de umidade. Olho para a direita e depois para a esquerda, observando o mar de casas à minha volta — todas praticamente iguais. *O que é isso? O Show de Truman?* Uma menina de uns oito anos pedala uma bicicleta pela calçada, com o irmão mais velho de patinete logo atrás.

— Bom dia, Lena!

Viro para a direita e vejo uma mulher de roupão de banho com rolinhos no cabelo acenando para mim da varanda. Ela tem uns sessenta e poucos anos, talvez mais — é difícil de dizer.

— Está fazendo um calor infernal, hein? — continua ela, se abanando enquanto eu me aproximo.

— Com certeza — respondo, transpirando mais a cada segundo.

Ela sorri alegremente, apertando a faixa do roupão.

— Ah, querida, só queria dizer que Bob e eu estamos muito felizes por sermos investidores do Condomínio Danbury.

Aceno com a cabeça, pensando nos materiais de marketing na ilha da cozinha.

— Com a dor nas costas dele e o meu quadril ruim — ela faz uma pausa, apertando a lateral do corpo —, mal podemos esperar para nos mudar. E pensar que vocês... escolheram a gente... para participar desta empreitada. Bem, querida, não poderíamos estar mais agradecidos. Enfim, não se esqueça de dizer ao seu marido maravilhoso como somos gratos a vocês dois.

— Hum, pode deixar — respondo com um sorriso tímido, tentando acompanhar

a conversa.

— Ah — continua ela, radiante —, vi o seu novo outdoor na cidade!

Olho para ela, sem entender nada.

— Bem no centro de North Orange. — Ela assente, abrindo aspas no ar com os dedos. — “CONHEÇA O SEU PARAÍSO PARTICULAR EM SARASOTA.” Quando Bob e eu passamos por lá ontem à noite, pensei: *nossa vizinha é uma celebridade!* Eu o fiz dar a volta para ver mais uma vez. Ele disse: “Ellen, ela mora na casa ao lado! Se quiser vê-la, é só fazer uma visita!” — Ela ri. — Bem, parabéns, querida.

Minha nossa, sou uma agente imobiliária com o rosto estampado num outdoor.

— Hum, obrigada — murmuro, forçando um sorriso. — Te vejo mais tarde, ok?

Quando pressiono o chaveiro eletrônico, um SUV da Mercedes com placa da Flórida emite um sinal sonoro. Sento no banco do motorista e digito Jensen’s Jewelry no sistema de navegação.

Com o ar-condicionado no máximo, rumo para North Orange, pisando nos freios ao avistar o outdoor que Ellen havia mencionado. Lá estou eu, com um terninho magenta berrante — os braços cruzados com confiança e um sorriso radiante no rosto. Paro o carro no acostamento para recuperar o fôlego. *Uau, pareço até uma advogada de danos pessoais.* Embora seja doloroso, dou uma olhada com mais atenção. CONHEÇA O SEU PARAÍSO PARTICULAR EM SARASOTA!, diz o outdoor. SOU A LENA LESTER E POSSO TE AJUDAR A ENCONTRAR A SUA CASA. LIGUE PARA MIM HOJE MESMO! É pior do que eu poderia imaginar. Sou o tipo mais cafona de agente imobiliária e, ainda por cima, meu sobrenome é Lester.

A joalheria fica logo adiante e paro o carro numa vaga bem em frente.

— Oi — digo à mulher atrás do balcão. — Vim buscar... a minha aliança.

— Ah, sim — diz ela. — Eu te reconheci dos outdoors. Você é a esposa do Derrick Lester, não é? — pergunta ela, me fitando com curiosidade.

Aceno com a cabeça, meio surpresa. *Que estranho, devo ter entendido o nome dele errado.* Greg, Derrick — tanto faz. Foi há tanto tempo. No entanto, não há como confundir o sobrenome Lester.

Ela vai até a sala dos fundos e volta um segundo depois com uma caixa de veludo

preto.

— Foi tudo consertado — diz ela, levantando a tampa para revelar um deslumbrante anel de ouro com um diamante enorme no meio. — Pode ver que a... joia está bem protegida. Não terá mais problemas com esses engastes.

— Uau! — exclamo, admirada, enquanto coloco a aliança no dedo. Parece algo que você veria num museu em Londres, numa exposição de joias da coroa. — Obrigada — continuo, me recompondo. — Quanto te devo? Quer dizer... pelos reparos.

A mulher balança a cabeça, com uma expressão tensa no rosto.

— O seu marido já cuidou de tudo.

— Ah, tá certo — digo, sem conseguir tirar os olhos do enorme diamante na minha mão. — Bem, obrigada.

— Senhora — diz a mulher, lançando-me um olhar demorado.

— O que foi?

Ela faz uma pausa, com os olhos fixos nos meus, e abre a boca para falar alguma coisa, mas então balança a cabeça.

— Nada... não é nada. Eu só... espero que esteja... satisfeita com os nossos reparos.

— Com toda a certeza — respondo. — Mais uma vez, muito obrigada.

Automaticamente, ela esboça um sorrisinho.

— Tenha um bom dia, viu?

De volta ao carro, fico olhando para a pedra preciosa no meu dedo por um longo — e sufocante — momento até ligar o ar-condicionado e pegar o celular. Procuro o número de Frankie, mas não está listado nos meus contatos. Estranho. Suspiro, digitando-o — o dela e o de Rosie são os únicos números que sei de cor.

— Alô? — diz Frankie, atendendo no terceiro toque. — Quem é? — Sua voz parece diferente; mais grave, de alguma forma, mas também fria e impaciente.

— Frankie! Sou eu, a Lena!

Há uma longa pausa na linha; meu coração bate mais rápido a cada segundo.

— Por que você está me ligando?

— Eu... eu estou na Flórida. Estou...

— Com aquele canalha, presumo.

Agarro o volante com força.

— Hum... sim.

— O que você quer, Lena? Não tenho tempo a perder.

— Ah — continuo, meio magoada. — Só te liguei para... dizer “oi”.

— Tá bom, então, oi. — Ela faz uma pausa. — Mais alguma coisa?

— Frankie, o que está acontecendo? Por que você está agindo assim?

Ela dá uma gargalhada.

— É sério que *você* está me fazendo essa pergunta?

— Bem... é, sim.

— Lena, faz *seis anos*. Não dá para estalar os dedos e esperar que eu esqueça tudo o que aconteceu. Ora, se você está tendo problemas conjugais, sinto muito, quer dizer, não sinto coisa nenhuma. Você devia ter largado esse cara há muito tempo. Escuta, tenho que desligar. — Ela dá um suspiro. — Eu te desejo tudo de bom, de verdade, mas...

— Frankie, eu preciso da sua ajuda. Preciso saber o que...

— Adeus, Lena.

Depois que ela desliga, digito seu número novamente, mas cai direto na caixa postal. Eu me recosto no banco do carro, completamente perturbada e mais perdida do que nunca. *O que foi que aconteceu com a gente?* Em que versão da minha vida me afastei da minha melhor amiga? Ela é tão essencial quanto o oxigênio para mim e, só de pensar em perdê-la, mal consigo respirar. Mesmo que tudo isso evapore amanhã, ainda quero saber o que aconteceu entre nós duas. *Preciso* saber.

Fico sentada no carro por mais alguns minutos, refletindo sobre o meu problema enquanto tiro o anel do dedo e o seguro contra a luz. Noto uma inscrição na parte interna do aro. É minúscula — quase impossível de ler —, mas consigo distinguir a gravação microscópica: 2667 PARA SEMPRE. *O que é que significa isso, droga?*

Quando o celular toca, fico animada por um segundo, mas desabo assim que vejo a cara do Greg, há, do Derrick na tela. Com relutância, atendo:

— Oi.

— Oi, onde você está?

— Na joalheria — respondo. — Eu... acabei de buscar a aliança.

— Ah, que bom! Você não está muito longe. Eu me enganei. A reunião com a Victoria Campbell é às dez, não às onze. Estou a caminho. Em quanto tempo consegue chegar lá?

— Não sei, vou... fazer o melhor que posso.

— Obrigado — diz ele. — Vou esperar até que você chegue. Esta cliente é muito importante, querida. Preciso da sua magia.

— Pode deixar — digo com um suspiro.

— O endereço está na agenda. Venha depressa.

Digito a localização no GPS no exato momento em que a mulher da joalheria aparece no estacionamento, acenando com os braços enquanto se aproxima de mim.

— Oi — digo, abrindo a janela e sentindo uma rajada de ar ofensivamente úmido entrar no carro. — Esqueci alguma coisa?

Ela balança a cabeça.

— Eu não ia dizer nada — começa ela. — Prometi a mim mesma que não faria isso, mas já vi os seus outdoors. Sei que você é uma mulher de sucesso e... — ela faz uma pausa, mordendo o lábio — bem, acho que merece saber a verdade.

— Que verdade?

Ela respira fundo e depois solta o ar.

— O seu anel — continua ela. — Quando o seu marido trouxe a peça, fiz a avaliação usual que fazemos com todas as joias dos nossos clientes: verifiquei o tamanho, observei as inclusões e tudo o mais. Bem, quando analisei a pedra... — Ela faz uma pausa, engolindo em seco. — Escuta, não sei como dizer isto, sra. Lester, mas essa pedra *não* é um diamante.

Olho para o anel, completamente confusa.

— E o que é, então?

Ela sacode a cabeça.

— Moissanita, zircônia... talvez outro tipo de imitação, não sei ao certo. Tudo que posso dizer é que é falso. Sinto muito. Não sei o que o seu marido te disse. Só...

achei que você merecia saber a verdade.

Aceno com a cabeça, assimilando as informações, mais aborrecida do que qualquer outra coisa. Quem daria uma aliança falsa para a esposa? Era desse tipo de coisa que a Frankie estava falando?

Parada ao lado do carro, a mulher franze os lábios finos, olhando meu rosto com atenção.

— Sinto muito por isso.

— Imagina — respondo, recuperando a compostura, assim como a mulher no outdoor. — Tá tudo bem.

Ela assente.

— Bem, pelo menos ele fez um bom trabalho com a gravação.

Fico calada, tentando fingir que sei do que ela está falando.

— Dois, seis, seis, sete — continua ela. — Significa *amor*, não é? Num teclado alfanumérico, pelo menos. Demorei para entender, mas, quando descobri, tive que admitir que é... bastante inteligente. — Seu sorriso se desvanece aos poucos. — De qualquer forma, espero que eu não tenha te deixado chateada.

Faço que não com a cabeça.

— Agradeço a honestidade. Mais do que você imagina.

Estaciono em frente a uma velha casa colonial espanhola com o estuque rachado e um telhado em péssimo estado, agarrada à sua antiga glória como uma velha que foi coroada a rainha do baile em 1959.

— Até que enfim! — exclama Derrick quando saio do carro, esmagando o cascalho sob os sapatos.

Qualquer que seja aquele lugar, é uma verdadeira roça. Não há outra casa à vista — não que eu consiga enxergar. Com camadas de vegetação rasteira e trepadeiras subindo pelas paredes externas, é evidente que a propriedade não vê um cortador de grama desde o primeiro governo Bush. Mudo de posição, olhando com cautela à minha volta, como se a qualquer momento uma criatura pudesse sair do mato e agarrar o meu tornozelo. *Caramba, há jacarés na Flórida.*

Derrick, por sua vez, não parece se incomodar.

— Pronta? — pergunta ele, ansioso, segurando a pasta de couro enquanto olha para a casa abandonada de olhos arregalados.

Sacudo a cabeça.

— Por que estamos aqui mesmo?

— Lena — sussurra ele. — Eu já te disse. Victoria Campbell. Ela pode ser a *joia da coroa* do Condomínio Danbury.

Como a minha aliança de casamento? Guardo meus pensamentos para mim mesma enquanto o sigo até a casa, onde dois leões de pedra se empoleiram de cada lado da porta da frente. Um lagarto verde se esgueira por trás de um deles, sumindo no meio do mato quando Derrick toca a campainha.

Alguns minutos depois, as dobradiças rangem e uma mulher idosa e frágil aparece na porta, apertando os olhos contra a luz do sol. Com cerca de oitenta anos, talvez até mais, cabelos brancos desgrenhados e obviamente confusa, ela nos encara com desconfiança.

Derrick a aborda com um sorriso vitorioso no rosto.

— Sra. Campbell — diz ele, estendendo a mão. — É um prazer. Nós nos falamos ao telefone. Sou o Derrick Lester, e esta é a minha esposa, Lena.

A mulher acena com a cabeça, inexpressiva, olhando de mim para Derrick e vice-versa.

— Está tão quente aqui fora! — diz ele, enxugando o suor da testa com o pulso. — Podemos entrar?

— Você é amigo do Larry? — pergunta ela, desconfiada.

Derrick faz uma pausa, examinando as fotos de família na parede do saguão atrás dela.

— Ora, sou, sim. Um bom homem, o Larry.

O rosto da sra. Campbell se ilumina como se Derrick tivesse acabado de dizer o código secreto.

— Então, podem entrar — diz ela graciosamente, levando-nos para a sala de estar, onde há uma televisão ligada no volume máximo. Uma enorme pilha de jornais amarelados balança na beira da mesinha de centro, cheia de lenços de papel amassados

e pratos e copos sujos.

Estremeço ao ver o interior da casa, mas, se está preocupado, Derrick não demonstra. Em vez disso, abre a pasta e coloca um dossiê de marketing no colo dela.

— Como conversamos por telefone, acreditamos que o Condomínio Danbury é uma oportunidade perfeita para a senhora — começa ele. — Uma comunidade para aposentados de última geração, com todas as amenidades inclusas, e, como uma das nossas primeiras investidoras *premium*, você se qualifica para o programa de alto nível. — Ele abre um sorriso. — Sra. Campbell, já imaginou morar numa suíte na cobertura?

Ela arregala os olhos.

— Uma cobertura? Como nos filmes?

— Exatamente — responde Derrick, tirando uma folha de papel do pacote.

— Larry é apaixonado por filmes — diz ela. — A atriz favorita dele é a Barbra Streisand. Você a viu em *Alô, Dolly*?

— Um clássico — responde Derrick, virando-se para mim. — Não é, Lena?

Aceno com a cabeça, incomodada.

— Pois muito bem — continua Derrick, dirigindo a atenção da mulher para a pasta. — Estes são todos os acabamentos que você pode escolher. — Ele sorri. — Azulejos de travertino ou granito? Banheira de hidromassagem? Closet? Sei que é muita coisa para considerar, e você pode ter tudo, mas não se preocupe, ainda temos tempo. Voltarei para falar dos detalhes. A boa notícia é que a construção já está em andamento e bastante avançada. Se conseguirmos definir as especificações da sua cobertura antes do final do mês, a senhora poderá se mudar em primeiro de novembro, talvez até antes. Uma casa nova para passar o final do ano, hein? — Ele dá um sorriso e se volta para mim. — Querida, conte a ela sobre o jardim.

Hesito, nervosa, tentando me lembrar dos materiais de marketing desta manhã.

— Hã, o jardim é...

— É de rosas? — pergunta a sra. Campbell. — Adoro rosas. Larry sempre me traz duas dúzias no nosso aniversário de casamento. — Ela sorri para mim. — Ele é tão romântico.

— Mas que... gentileza — digo, lançando um olhar cauteloso na direção de Derrick.

— Sim, senhora — continua ele. — O Condomínio Danbury terá o próprio jardim de rosas. Vamos até comprar uma placa para a entrada que diz — ele faz uma pausa, levantando as mãos teatralmente —: PARE E VENHA CHEIRAR AS ROSAS.

— Ah, mas isso é tão encantador! — exclama a sra. Campbell.

— Sim, sim — diz Derrick, tirando uma folha de papel da pasta e colocando-a na mesa diante dela. — Agora vem a parte mais fácil. — Ele entrega uma caneta à mulher. — Só precisamos da sua assinatura e cuidaremos do resto.

— E eu que pensei que fosse morrer nesta casa velha. — Ela faz uma pausa, tentando ler o documento. — Isso é... uma maravilha.

— Ficamos felizes por ajudar — continua Derrick. — E não esqueça que, como investidora de primeira linha, seu retorno será significativo.

Ela sorri, satisfeita.

— Bem, acho que a minha hora finalmente chegou, não foi? Mal posso esperar para contar para o Larry. — Ela olha em volta. — Você o viu por aí? Ele já devia ter chegado em casa. — Ela coloca as mãos em torno da boca. — Larry! — grita. — Larry, venha cumprimentar estes jovens simpáticos!

— Tudo bem — diz Derrick, dando um tapinha no braço dela. — Veremos o Larry na próxima vez. Vou voltar daqui a alguns dias para revisar todas as customizações. — Ele guarda o contrato assinado na pasta, então se levanta e me lança um olhar cúmplice. — Bem, sra. Campbell, temos que ir andando. Há tanto trabalho para fazer, sabe? Vou entrar em contato em breve, viu?

— Tudo bem, querido — responde ela.

Lá fora, Derrick parece um jogador de futebol americano que acabou de levar a bola para a última área.

— Consegue acreditar no que acabou de acontecer? — pergunta ele, quase eufórico. — Lena, é sério. Você faz alguma ideia do quanto vale esta propriedade?

Sacudo a cabeça, atônita. Derrick, por outro lado, parece estar prestes a dar a volta da vitória. Ele abre o botão de cima da camisa.

— Cinco milhões, no mínimo.

Olho para a casa em ruínas, ligeiramente enjoada. Sinto vontade de lavar as mãos — ou vomitar. Talvez as duas coisas.

— Seis mil hectares. — Ele olha ao redor de um jeito desvairado, cheio de tramoias e planos na cabeça. — São trinta lotes, no mínimo. Trinta casas. Uma comunidade inteira. As construtoras vão salivar quando virem isso aqui.

Fico olhando para o vazio. Nada disso faz o menor sentido.

— Não sei, não, Derrick. A sra. Campbell tem capacidade de tomar uma decisão tão importante? E quanto ao Larry?

— Querida. O Larry morreu em 1999. Os dois não têm filhos. — Ele dá um sorriso. — Eu te disse que ia fazer um *home run*.

Cerro os punhos.

— Quer dizer que você mentiu para ela?

— Não, não — diz ele apressadamente. — Lógico que não. Olha só, se as lembranças do Larry lhe dão conforto, por que tirar isso dela? — Ele passa o braço em volta da minha cintura, sorrindo com afeição. — Você tem um coração tão grande, querida. Adoro isso em você, sempre preocupada com os outros... Mas, olha, acabamos de fechar um grande negócio e ela vai sair deste buraco infernal. Nós a estamos ajudando, e ela está nos ajudando. Todo mundo vai sair ganhando. — Ele abre a pasta e pega o documento assinado, junto com uma pilha de páginas. — Querida, estou com o dia cheio. Importa-se de assinar também e mandar a papelada para a Christina no escritório?

— Espera aí — digo, perplexa. — O que há nestas outras páginas?

— São apenas as questões jurídicas de costume — responde ele. — Não se esqueça de enviar o PDF esta tarde, tá bom? Quero manter a bola em *campo*.

Antes que eu possa protestar, Derrick me dá um beijo na bochecha e vai para o carro dele.

Depois que Derrick arranca a toda velocidade no BMW, fico parada ao lado do meu carro, com a cabeça a mil. *O que acabou de acontecer?* As promessas que ele fez àquela pobre mulher... não podem ser verdadeiras. Ele mencionou que a adesão dela daria um bom retorno, mas o instinto me diz que há algo errado.

Olho para a página que Derrick me entregou e folheio as demais — as “questões jurídicas”. Embora saiba bem pouco sobre o mercado imobiliário, meus anos de trabalho no setor financeiro me ensinaram algumas coisas sobre contratos, e é evidente que se trata de uma escritura de venda. Ou seja, ela acabou de nos entregar sua casa, a sua propriedade, em troca de uma “cobertura” numa comunidade para aposentados inacabada? É, não faz sentido mesmo. Examino as letras miúdas e, bem no final da página, encontro o endereço de uma empresa nas... Bahamas. *Mas é óbvio.* Continuo lendo e, algumas páginas adiante, eis o endereço do Condomínio Danbury. De acordo com o Google Maps, fica a cerca de 15 quilômetros de distância. Entro no carro e ligo o motor. Está na hora de dar uma voltinha.

No caminho, volto a ligar para Frankie e fico desapontada, embora não surpresa, quando ela não atende. Sei que ela é teimosa, mas não consigo esquecer o tom da sua voz mais cedo — tão fria, tão distante... como se fosse uma desconhecida. Seja qual for o motivo do nosso afastamento, deve ter sido algo importante. Estremeço só de pensar nas circunstâncias que causariam algo assim.

Depois de percorrer alguns quilômetros ao longo de uma estrada qualquer, o GPS me guia para a saída e, depois, para uma trilha sinuosa ladeada por terrenos alagados — pântanos em ambos os lados.

Verifico o endereço quando chego ao meu destino — a suposta localização do “Condomínio Danbury”. Não há canteiro de obras nem guindastes levantando vigas,

muito menos um jardim de rosas, apenas cigarras zumbindo ao longe. Ouço a voz de Derrick na minha cabeça — “Uma casa nova para passar o final do ano, hein?” — e estremeço, pensando na pobre sra. Campbell.

Fico toda arrepiada. É um golpe. Quantas pessoas inocentes entregaram suas casas para aquele cara ou investiram as economias de uma vida inteira? Afundo a cabeça nas mãos ao me lembrar da nossa vizinha, Ellen, na varanda hoje de manhã. Derrick me pediu para assinar o documento e enviá-lo para o escritório, por isso não sou exatamente uma testemunha desavisada, mas talvez algo intermediário? Fico enjoada só de pensar que posso ter participado dessa trama, e pior ainda é saber que tinha ciência de tudo e não falei nada. Será que eu sou a Bonnie e ele, o Clyde? Desgostosa, ajeito o retrovisor, olhando para a cicatriz na minha bochecha — o corretivo que passei de manhã já está saindo por causa da umidade. Se Derrick não tem escrúpulos em enganar uma idosa, então é bem capaz de me enganar também.

Pego o celular e digito o número de Frankie. Mas, desta vez, mando uma mensagem de texto em vez de ligar:

Me desculpa — por tudo. Frankie, estou encrencada.
Preciso falar com você. Você é a única pessoa que
pode me ajudar. Por favor.

Hesito, lembrando que prometemos atender o telefone toda vez que uma das duas enviasse o código secreto. **Digito** e mando um “SOS”.

Trinta segundos depois, meu celular toca: é a Frankie.

— Obrigada — digo ao atender a ligação, emocionada.

— Ok, estou ouvindo — diz ela, meio irritada. — O que foi?

— Frankie... eu... nem sei por onde começar.

— Você está bem? — pergunta ela, com um tom de voz mais suave.

— Não — respondo. — Não mesmo. Estou... cheia de problemas. Escuta, eu estou... com algum problema de memória. Acho que é amnésia.

— Então talvez seja melhor ir ao médico — sugere ela, meio desdenhosa.

— Talvez. Mas antes preciso que você... me ajude a lembrar das coisas.

— Lena, a gente parou de se falar há anos.

— Então. É isso que eu preciso entender. Por quê?

Ela deixa escapar um gemido.

— Quer mesmo que eu diga?

— Quero, sim. Frankie, eu sei que é difícil, mas, se houve um momento no passado em que você me amou, preciso que se lembre disso agora. Preciso que você me ajude a entender.

Ela dá uma risadinha de escárnio.

— Você está brincando comigo ou ajudando o babaca do seu marido com mais uma das vigarices dele?

— Não — respondo, quase sem fôlego. — Eu juro. Nunca faria uma coisa dessas com você.

— Tá bom — continua ela. — Tudo isso... o fim da nossa amizade... tem a ver com aquele cretino com quem você se casou.

— Derrick — murmuro.

— Ah, esse é o nome dele agora? — Ela ri. — Ora, ora. Quando vocês se conheceram, ele parecia bom demais para ser verdade. Eu te avisei que ele estava exagerando nas demonstrações de amor... todas aquelas viagens, jantares, presentes. E estava certa. Mas você não quis me ouvir, nem mesmo depois daquela noite horrível no bar.

— Espera aí, o que aconteceu no bar?

— Você sabe, quando tentou apartar uma briga em que ele se meteu, com aquele bandido que disse que ele lhe devia dinheiro. Não soa familiar? Ou tenho que te lembrar dos 14 pontos na sua bochecha? Eu estava lá na hora, fui eu que a levei para o pronto-socorro.

Hesito, tocando a cicatriz no meu rosto.

— Mas... o Derrick não bateu em mim, bateu?

— Não, mas dá no mesmo. Ele te colocou numa situação perigosa. — Ela suspira.

— Esse cara é uma furada, Lena. Você se recusou a enxergar na época, mas agora já

deve ter se dado conta disso.

— Já, sim — concordo, respirando fundo. — Você está certa, e sempre estive. Frankie, o Derrick está dando um golpe, enganando idosos. Convince-os a fazer investimentos numa comunidade para aposentados que não existe.

— Não me surpreende nem um pouco — retruca Frankie com um longo suspiro.
— O que você vai fazer?

— Ainda não sei...

— Você devia procurar a polícia.

— Sim — digo, com o coração acelerado.

— Você tem alguma prova incriminatória contra ele? Algo que o faça ser acusado, que garanta uma prisão?

— Acho que sim — respondo, olhando para o contrato assinado pela sra. Campbell no banco do passageiro.

— Ótimo — diz Frankie. — Lena, sei que passamos por muita coisa, mas... estou *preocupada* com você. Você tem que ficar em segurança, viu? Quem sabe do que este homem é capaz?

Ela ainda se importa comigo.

— Obrigada — digo, com os olhos cheios de lágrimas. — Frankie, muito obrigada mesmo.

Piso fundo no acelerador, saindo a toda velocidade — rápido demais. Ainda assim, se eu derrapasse e batesse o carro, será que teria alguma importância? Apenas acordaria em outro lugar, numa nova vida — sem machucados nem hematomas. Mas e se isso não acontecer — e se tudo só virar... um breu?

Esta experiência tem sido difícil de suportar. Quero sair deste pesadelo. Quero que isso acabe logo, mas a minha casa parece tão distante e a vida real não passa de uma lembrança que continua fora de alcance. Quantos dias disso posso aguentar? Quantas realidades alternativas posso suportar antes que o meu coração pare de bater, antes que eu... faça uma loucura? Pisco para conter as lágrimas enquanto acelero, descendo a estrada a 140 quilômetros por hora, depois a 150. Eu podia acabar com tudo agora mesmo, fazer o mundo virar um breu com uma guinada para a esquerda.

Colidiria com a minivan que se aproxima e — *pimba* — tudo poderia acabar. Ah, como eu quero que isso acabe logo! Agarrando o volante, atravesso a linha central, e é então que o tempo parece entrar em câmera lenta. As imagens passam pelo para-brisa como fotografias de um álbum de recortes: uma jovem mãe ao volante, bonita, sorridente, com o cabelo loiro-escuro preso num rabo de cavalo bagunçado. Alheia à minha aproximação, abre e fecha a boca como se estivesse cantando. No banco de trás, duas crianças pequenas, sentadas nas respectivas cadeirinhas, batem palmas alegremente.

Piso fundo no freio, desviando para a direita e evitando por pouco a colisão. Quero que este pesadelo termine, mas não se tiver que causar outro. Respiro fundo, enxugando as lágrimas. Deve existir uma maneira de sair desta situação. Tem que existir. Mas, até que eu a encontre, nada de sair dos trilhos. Preciso ser forte. Entro na garagem, grata que a vizinha tagarela não esteja na varanda. Dentro de casa, corro para o andar de cima e vou até o cofre no armário, digitando várias combinações de números em vão. Desanimada, paro um pouco para me recompor e recuperar o fôlego, e é nessa hora que me lembro da gravação no interior do anel: 2667.

Digito os números no teclado — *voilà!* — e espio dentro do cofre. Fico de queixo caído ao ver as armas — bem maiores que a pistola — e vários maços de dinheiro, cada um atado com um elástico. Pego o envelope de papel pardo na prateleira de cima e rasgo a aba. No interior há um monte de... passaportes. Os dois primeiros são dos Estados Unidos — ambos de Derrick, embora um deles com o nome de Greg. Estremeço ao examinar os demais — Grécia, México, Canadá —, todos com a mesma foto, mas nomes diferentes.

Fico paralisada ao ouvir as batidas na porta lá embaixo — urgentes, ruidosas. Não me lembro de ter fechado o trinco quando entrei. Fechei?

Com as mãos trêmulas, guardo o envelope no cofre e travo a fechadura, seguindo até a mesinha de cabeceira do Derrick para pegar a pistola que encontrei hoje de manhã — só por precaução. Ainda trêmula, seguro-a às costas enquanto desço as escadas, um passo de cada vez, com a testa coberta de suor.

— Lester, você está em casa? — berra um homem do outro lado da porta. Ele tem

a voz grave e um sotaque pronunciado.

Tento reunir coragem e espio pelo olho mágico.

— Quem é? — pergunto, com a voz trêmula e aguda.

— É o Sal — responde ele. — Fala para o Lester vir aqui fora. Preciso ter uma conversinha com ele.

— Hã, sinto muito — digo, tremendo da cabeça aos pés. — Ele não está... em casa no momento.

— Você está mentindo para mim, madame?

— Não, não! Eu juro... ele não está aqui.

Os passos se movem da varanda para o pátio lateral, e eu entro em pânico ao ouvir um barulho na janela da sala à minha esquerda, onde um homenzarrão careca olha para mim de cara feia. Dou um grito e meu corpo fica todo tenso. A única coisa que nos separa é uma vidraça.

— O Lester mentiu para mim — berra ele, pressionando a mão contra a janela. — Ele me deve dinheiro, e eu vim buscar.

— Por favor — imploro, assustada. — O Derrick não está em casa. Eu não sei nada sobre isso.

O homem dá uma gargalhada.

— Eu não sou burro, moça. Já vi os outdoors por toda a cidade. Sei que você é cheia da grana. — Ele se abaixa e pega uma pedra do jardim, que atira contra a janela. Eu me preparo; meu coração dispara quando os cacos de vidro voam pelos ares. — Um presentinho para se lembrar de mim.

Por instinto, saco a pistola — tentando firmar as mãos trêmulas enquanto empunho a arma, apontando o cano na direção dele.

— Calma aí, moça! — exclama ele, afastando-se da janela com as mãos para cima. — Tá bom, eu vou embora, mas avisa o canalha do seu marido que vou voltar.

Vejo o homem entrar numa caminhonete estacionada na rua e dou um longo suspiro quando ele arranca com o carro. Passam-se alguns minutos. Quantos? Não faço a menor ideia, mas, quando a campainha toca, meu coração quase para de bater. Ainda de arma na mão, espio pelo olho mágico e fico aliviada ao ver um rosto amigo

— Ellen, a nossa vizinha.

— Lena? — pergunta ela quando abro a porta. — Tá tudo bem? Ouvi gritos... vidro quebrando.

Abaixo a arma, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Ah, querida! — exclama ela, envolvendo-me nos braços. — O que aconteceu? Você está machucada?

Faço que não com a cabeça, me entregando ao abraço. É tão bom ser abraçada — ser tratada com carinho.

— Um homem tentou invadir a minha casa. Disse que o Derrick lhe devia dinheiro.

— Devo pedir ao Bob que ligue para a polícia?

— Eu mesma vou ligar — digo, fechando o trinco atrás de nós. — Antes disso, Ellen, posso falar com você?

— Lógico, querida — responde ela de olhos arregalados.

Passamos por cima dos cacos de vidro na sala de estar.

— Tenho que te contar uma coisa — começo, esfregando a testa enquanto ela se senta no sofá ao meu lado. — O meu marido... a empresa dele... bem, talvez não seja... legítima.

Ellen arfa, perplexa.

— O que você quer dizer com isso, querida?

— Quero dizer que... Derrick não foi honesto nem comigo nem com vocês. — Respiro fundo. — Muita coisa que eu sabia a respeito dele... bem, acabei de descobrir que... não é verdade. Enfim, o dinheiro que vocês deram a ele, o investimento que fizeram... é bem provável que seja um golpe.

Ela leva a mão ao peito, assimilando o que acabei de lhe contar.

— Meu Deus, entregamos o dinheiro da poupança para ele... tudo o que tínhamos!

— Eu... sinto muito mesmo. Sei que falar é fácil, mas eu juro: vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para consertar as coisas.

Ellen assente, nitidamente em estado de choque.

— Lena — continua ela bem devagar —, há quanto tempo você *sabe* disso?

Sacudo a cabeça, pensativa, preocupada. Talvez eu tenha me acostumado a ignorar os sinais de alerta ou, pior ainda, não tenha conseguido encarar a verdade. Dou um longo suspiro.

— Eu não sabia de nada, mas isso não é desculpa. Devia ter percebido tudo antes e, por isso, me sinto cúmplice dele.

— Não — diz ela, pegando minha mão. — Você é uma boa pessoa, querida. Só se envolveu com um homem horrível.

Tiro um caco de vidro da beira do sofá, desejando que aquilo fosse verdade. Para ser sincera, sinto vergonha desta minha versão: a corretora de imóveis de terninho e sorriso largo nos outdoors. Mas, por trás disso, há uma imagem mais sombria, com a qual não quero ter nada a ver.

Ellen e eu ficamos em silêncio por mais alguns minutos, cada uma das duas assimilando os fatos tenebrosos que acabaram de ser revelados. Nos últimos dias, passei pelas profundezas da perda, senti o calor da família, da amizade e do perdão, mas também a frieza da traição e da vergonha. Vi as consequências de ignorar meus próprios instintos e senti o poder que advém de aprender a confiar novamente em mim. Fiquei cara a cara com o amor — às vezes, um mero vislumbre, outras vezes, chamas que, se devidamente alimentadas, talvez se mantenham acesas a vida inteira.

Eu estava tão arrasada, tão perdida, quando cheguei na casa de Rosie sete dias atrás. Faz só uma semana? Parece que foi uma vida inteira. Uma pena de prisão perpétua. Posso ainda estar arrasada e mais perdida do que nunca, mas há uma força dentro de mim que não existia antes, uma força que só posso descrever como *conhecimento*. Agora sei que a vida é bem maior do que vencer no mundo corporativo e seguir o que eu pensava ser a receita para a vida perfeita: seguir o plano, avançar para o próximo nível, ganhar o prêmio. Olha só para onde isso me levou.

— Eu... sinto muito — digo a Ellen, estudando o rosto dela, emocionada.

Não consigo parar de me perguntar como me meti naquela confusão. A pessoa que escolhemos como parceiro, para amar, tem uma importância enorme. Embora não nos defina, o relacionamento nos faz mudar, não importa se gostamos disso ou

não. Ainda assim, o fato é que podemos escolher — eu posso escolher. E de uma coisa tenho certeza, uma verdade que corre nas minhas veias agora mesmo: *não vou escolher isto*.

Ellen assente, com uma expressão solene no rosto.

— O irmão mais novo do Bob é advogado. Vamos conversar com ele.

Engulo em seco.

— Eu queria poder...

— Uma coisa de cada vez — interrompe ela com um sorriso tranquilizador. —

Agora, você vai fazer a ligação ou deixar esta incumbência para mim?

Aceno com a cabeça, pegando o celular e olhando para a tela por um bom tempo até digitar os números.

— Aqui é o 911. Qual é a emergência?

Respiro fundo.

— Olá, meu nome é Lena. Quero denunciar um crime.

*Parte
oito*

Quando acordo na manhã seguinte, minha mente logo volta à cena horrível da noite passada: o depoimento para a polícia, a prisão de Derrick, Ellen dando a notícia inquietante ao marido, cujo rosto perdeu toda a cor na mesma hora. Não me sentia segura em casa, por isso me hospedei em um Holiday Inn nas proximidades, caindo no sono assim que deitei a cabeça no travesseiro.

Ao olhar ao meu redor, fico aliviada por estar livre do pesadelo de ontem e espero não ter sido transportada para outro. Por sorte, estou sozinha — ao menos por enquanto. O quarto grande é anexado a uma área de estar ao lado de uma varanda e a decoração é curiosamente tropical, com estampa de palmeiras nas paredes e uma enorme concha na mesinha de centro. Parece mais um hotel do que uma casa, e meu palpite é confirmado pelo menu de serviço de quarto do Four Seasons Hualalai na mesinha de cabeceira. Ou seja, passei de um Holiday Inn na beira da estrada para um resort cinco estrelas. Uma melhoria e tanto, se é que se pode chamar assim. Mas a pergunta mais importante é: o que estou fazendo aqui e com *quem* estou?

Examino a aliança na minha mão esquerda: de ouro, com um belo diamante retangular solitário. Parece familiar, assim como a maioria dos anéis de corte radiante naquele estilo clássico da Tiffany. Mas tenho certeza de que já vi este anel antes.

Fico paralisada quando a porta se abre, com os cabelos da nuca em pé. *Kevin?*

— Bom dia, dorminhoca — diz ele, segurando dois copos de café. — Trouxe o seu *latte*.

O choque toma conta de mim enquanto penso naquela noite no Le Rêve em São Francisco. Faz só uma semana desde que fui à casa de Rosie em um estado de completa confusão emocional por causa do nosso término, embora pareça ter se passado um século. Além disso, tive coisas mais importantes com que lidar. Mas e

agora? Estou casada com o Kevin como se nada disso tivesse acontecido?

Tomo um gole do *latte* enquanto ele se senta na beira da cama ao meu lado.

— Não dava para ver bem quando chegamos ontem à noite, mas este lugar é lindo — continua ele, alisando o cabelo penteado, grosso e preto, sempre arrumado, sem um fio fora do lugar. — Fiz uma caminhada ao nascer do sol e depois fui para a academia. Ah, e reservei uma cabana perto da piscina. Não foi barato, mas acho que se há uma hora para esbanjar é na nossa lua de mel.

Nossa lua de mel. Fico imóvel, assimilando o que ele acabou de dizer. Então, nesta versão da realidade, Kevin me pediu em casamento, e aqui estamos nós, vivendo felizes para sempre. Era o que eu queria antes de tudo isso começar — bem, ao menos o que eu *achava* que queria.

— Não paro de receber mensagens de pessoas dizendo o quanto adoraram o nosso casamento — continua ele. — Foi mesmo especial, não foi?

— Hum, sim — murmuro enquanto ele pega uma peça de roupa cor-de-rosa do chão (minha, obviamente), que dobra e arruma numa gaveta da cômoda.

— Minha esposa bagunceira — diz ele em tom de brincadeira.

Enquanto engulo o café, ele ajeita a gola da camisa de linho azul engomada, sorrindo diante de um espelho com os dentes perfeitamente brancos e brilhantes.

— Muito bem, minha noiva — prossegue ele. — Já vou para a cabana. Por que não se arruma e me encontra na piscina?

Aceno com a cabeça enquanto Kevin me dá um beijinho, põe os óculos Ray-Ban e sai do quarto. Vou até o banheiro e me olho demoradamente no espelho. Minha pele bronzeada (bronzeado de spray, sem dúvida) contrasta com a camisola de seda branca com renda. Traje típico de lua de mel, imagino. Estou mais magra do que o habitual e mais tonificada. Estremeço, imaginando se teria me sujeitado a meses de CrossFit antes do casamento. Eu *odeio* CrossFit. Meu cabelo está mais comprido, loiro Barbie, enrolado naquelas ondas em zigue-zague, que nunca tive paciência ou interesse em aprender a fazer, perfeitas para o Instagram.

Passo uma escova pelas pontas e um tufo de cabelo vai parar no chão, ao lado dos meus dedos dos pés (com as unhas pintadas de rosa-chiclete). Felizmente, não pareço

estar com câncer. É só um aplique de cabelo. Eu? De aplique? Fico igualmente surpresa com a enorme quantidade de produtos de cuidado com a pele e maquiagem espalhados pela bancada, como se tivesse entrado na minha própria Sephora do outro lado do Pacífico. Será que o casamento com Kevin me deixou doida ou apenas me transformou em alguém que se esforça *além da conta*?

Não consigo sequer imaginar o tempo que eu levo (este eu, lógico) para me arrumar nem sei por onde começar, por isso reduzo o processo de arrumação de 1.400 passos para dois: protetor solar e hidratante labial. Não há a menor necessidade de ficar toda glamourosa para passar o dia na piscina, eu acho.

Na cômoda, encontro um biquíni e um sarongue com a mesma estampa e depois calço sandálias da Gucci. Vejo o celular carregando no console do hall de entrada ao lado de um cartão que diz: *Bem-vindos, sr. e sra. Canfield*. Lena Canfield. Eu costumava repetir o sobrenome mentalmente, saboreando a ideia de ser a esposa de Kevin, mas agora a sensação é diferente — menos felicidade conjugal e mais, bem, clausura, como um suéter de lã que pinica a minha pele.

Pego um frasco de protetor solar e um livro, que jogo dentro de uma bolsa de tecido, então reparo num presente em cima da mesinha de centro: uma caixa de Scrabble, atada com um laço branco, ao lado de uma garrafa de pinot grigio. Abro o cartão:

Para a bela noiva e o belo noivo,

Desejo aos dois uma vida feliz, cheia de amor e risadas — diversão e jogos.

Com amor,

Rosie

— Olá — digo, sentando-me na cabana ao lado de Kevin.

— Não olhe agora — sussurra ele discretamente —, mas a Cameron Diaz está bem aqui perto.

Viro para a direita e vejo a atriz loira sentada na beira da piscina, balançando as pernas longas e bronzeadas na água enquanto ri com o homem ao seu lado.

— Querida — sussurra Kevin, balançando a cabeça —, você está dando na cara *demais*.

— Ah, desculpa — respondo, desviando o olhar depressa. — Acho que ela não

percebeu nada.

Ele assente; sua irritação passa ao dobrar a minha toalha amarrotada num quadrado perfeito, depois ele recosta a cabeça na espreguiçadeira.

— É um paraíso, não é?

— É, sim — concordo, pegando o protetor solar.

— Sem maquiagem hoje, hein?

Encolho os ombros.

— Não vamos nadar?

— Vamos, lógico — diz ele, estudando o meu rosto. — Só fiquei surpreso. Você nunca sai de casa sem base.

Toco no meu rosto, insegura.

— Foi mal — digo, mais sarcástica do que condoída, colocando os óculos escuros antes que ele possa comentar sobre a ausência de máscara de cílios.

— Não, não — replica ele. — Você só está diferente, mas continua bonita, lógico.

— Olha o que a Rosie mandou para a gente — digo, mudando de assunto enquanto tiro a caixa de Scrabble da bolsa. — E vinho também. Tão atenciosa, não é?

— Ah, que gentileza — responde Kevin.

— Vamos... jogar?

— Querida, você sabe que jogos de tabuleiro não fazem o meu... estilo.

— Tá bom — murmuro desanimada, tirando o livro da bolsa enquanto o Kevin chama um empregado da piscina para ajeitar o guarda-sol quando um raio de sol entra na nossa cabana.

— Só mais um bocadinho para a esquerda — diz ele ao homem, que, obedientemente, vira o guarda-sol para a frente e para trás, e depois novamente para a esquerda, de acordo com as suas instruções. — Pensando bem, talvez seja melhor empurrar um *pouquinho* mais para a direita. — Ele faz uma pausa, como se calculasse o ângulo exato do sol, mantendo aquele pobre homem de refém enquanto delibera.

— Kevin — sussurro, mais preocupada com o empregado da piscina do que com um pouco de sol no meu rosto —, acho que já está ótimo.

Ele franze a testa, depois solta um longo suspiro, decidindo por fim ajustar a

cortina da cabana e entregando uma nota de dez dólares ao desconcertado empregado do hotel.

— Obrigado, cara — diz ele. — Agradeço a sua ajuda.

Não me importo com o maldito guarda-sol, tenho vontade de dizer, *só jogue uma partida comigo!* Em vez disso, seguro a língua e decido dar um mergulho. Kevin me segue, trazendo toalhas para nós dois.

— Espera — diz ele quando eu entro na piscina —, não é melhor prender o cabelo?

Sacudo a cabeça, confusa.

Kevin dá um sorriso.

— Espera, acho que tenho um elástico de cabelo na bolsa. Só um segundo.

Ele volta um momento depois com um elástico, que olho por um bom tempo até prender o cabelo com relutância num coque alto. Ou ele é o marido perfeito ou o mais obsessivo do mundo.

Nadamos algumas voltas, cada um ao seu ritmo e na respectiva faixa — uma metáfora adequada para o casamento em que acabei de me encontrar. Ok, Kevin sempre foi um pouco perfeccionista (nem me lembre da gaveta de meias dele), mas aquilo é perfeccionismo *além do imaginável*. Ele está tão tenso e rígido. O pior é que parece esperar que eu me encaixe no seu roteiro cuidadosamente planejado. Penso nos seus comentários sobre a minha aparência e como pediu a bebida errada para mim. Será que esta versão de mim mesma está programada para se adequar a ele?

Este não é o casamento que eu imaginava — longe disso. Não posso deixar de reparar no casal na parte mais rasa da piscina, mais ou menos da nossa idade. Os dois estão tomando coquetéis, obviamente um pouco embriagados — ela no colo dele, que tem os braços em volta da sua cintura. Será que o Kevin me abraçaria desse jeito, ou ficaria irritado só de pensar nisso?

Pego a toalha e volto para a cabana, onde peço duas margaritas, com sal na borda. As bebidas chegam bem na hora que Kevin volta, franzindo a testa.

— Hã, com licença. Nós não pedimos isso.

— Ah, eu pedi — digo depressa, corrigindo-o.

Ele dá uma risada.

— Querida, ainda não são nem onze da manhã. É sério?

— Sério — respondo, oficialmente irritada. O garçom fica parado e de olhos arregalados, hesitante em escolher um lado, mas eu escolho o meu. — Obrigada — continuo, ignorando Kevin. — Vou ficar com os dois.

Kevin cruza os braços enquanto eu tomo um gole, lambendo um pouco do sal vulcânico preto e defumado da borda.

— O que foi *isso*?

Encolho os ombros.

— Fiquei com vontade de tomar uma bebida. Qual é o problema?

— Nada — responde ele. — É que... não é do seu feitio, só isso. — Ele coça a cabeça. — Quer dizer, você nunca bebe de manhã... nem dorme até tarde, aliás. E tenho que admitir que estou um pouco chocada por ainda não ter ido à academia.

— À academia? Não, muito obrigada. — Tomo outro gole. — Não estamos de férias?

— Ora, mas é lógico — responde ele, com a expressão bem-humorada de volta ao rosto. — Você só parece meio... fora de si hoje, só isso.

Porque estou *fora de mim*, tenho vontade de dizer. Em vez disso, examino o cardápio do almoço, sentindo o estômago roncar.

— Talvez eu só esteja com fome.

Faço sinal a um garçom e peço tacos de peixe com aioli extra e batatas fritas, depois entrego o cardápio a Kevin, que o analisa com um olhar crítico.

— Vou pular o almoço — diz ele por fim, erguendo a mão de modo virtuoso. — As opções de dieta cetogênica são escassas. Acho que prefiro esperar pelo jantar.

Enfim. Volto ao meu livro até a chegada do almoço, que parece divino. Sinto os olhos de Kevin em mim enquanto me delicio, limpando um pouco de aioli do canto da boca.

— Tem certeza de que não quer nem provar? Está um absurdo de gostoso.

— Não, não — responde Kevin, segurando a água gelada como um rosário ao redor do pescoço.

— Como quiser — digo, pegando a segunda margarita enquanto ele se vira para o iPad.

Ok, Kevin sempre foi disciplinado e cheio de princípios, mas era divertido, não era? Penso na noite em que nos conhecemos — num bar de karaokê em São Francisco para comemorar o aniversário de um amigo em comum. De alguma forma, fizemos um dueto para cantar uma música: “Brandy”, dos O’Jays. Sorrio sozinha, lembrando como foi constrangedor, como éramos desafinados, mas também como nos divertimos. Por outro lado, Kevin nunca mais cantou karaokê comigo depois disso — mesmo quando implorei a ele na noite do nosso primeiro aniversário de namoro. Não, com o passar do tempo, ele foi ficando cada vez mais fechado. Agora que estamos casados, havia levado isso ao extremo. Observo-o limpar os óculos escuros com uma flanelinha que tira da bolsa, segurando-os contra a luz até que cada mancha seja limpa.

— Ei — diz ele uns minutos depois, vestindo a camisa. — Preciso dar alguns telefonemas de trabalho. Te encontro mais tarde?

— Tá bom — respondo, voltando para a piscina com o coquetel na mão.

— O seu marido é tããão bonito — diz uma mulher que parece ter uns cinquenta e poucos anos, nadando até mim. Ela afasta uma mecha de cabelo preto do rosto, revelando alguns fios grisalhos nas têmporas. — Vocês dois estão em... *lua de mel*?

— Obrigada — digo, forçando um sorriso. — E, sim, você acertou em cheio.

— Ah, recém-casados! — Ela dá um sorriso nostálgico. — Sou a Gina. — Ela aponta para o outro lado da piscina. — Está vendo aquele cara sob o guarda-sol, de cabelo bonito e com um livro na mão?

Olho na direção dele e faço que sim com a cabeça enquanto o homem passa a mão pelo cabelo grisalho na altura do queixo, alheio a nós duas, encarando-o da piscina.

— É o meu marido, Grant — diz ela, cheia de orgulho. — Droga, por que os homens ficam mais bonitos à medida que envelhecem? Bem, eu é que não vou reclamar. Afinal, sou casada com ele, e é incrível. Mas não é justo, sabe?

Dou uma risada, já adorando essa mulher.

— Eu sei, não é justo mesmo. Mas, só para constar, o seu marido tem um cabelo

lindo, e você também!

— Você é jovem demais para saber como a menopausa causa estragos — retruca ela, puxando o comprido rabo de cavalo preto. — Querida, eu posso até cair, mas vou cair *lutando*. — Ela sorri. — É aplique.

— O meu também — digo, apontando para o coque bagunçado e tomando o último gole da bebida. — De onde vocês são?

— Los Angeles — responde Gina. — Grant é professor de história na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Eu trabalho em Hollywood.

— Nossa, uau!

— Eu sei, é tão típico de Los Angeles, não? — Ela sorri. — Comecei a minha carreira numa editora, em Nova York. Sempre pensei que seria editora de livros, algo assim, mas você sabe como as coisas são. Acabei sendo contratada como agente literária e depois me mudei para Los Angeles para trabalhar em um estúdio de cinema. Conheci o Grant e, bem, o resto é história. — Ela toma um gole da própria bebida. — E você?

— Hã — balbucio, tentando lembrar qual das minhas histórias de vida se aplica ao momento. — São Francisco — digo por fim. — Eu... trabalho no setor financeiro... relações com investidores. Mas venho de Seattle, da ilha de Bainbridge, não sei se você já ouviu falar.

— Já, sim! — exclama Gina. — Tem uma escritora famosa que mora lá. Eu participei da equipe que adaptou um dos livros dela para um filme da Universal. Parece ser um lugar adorável.

— É, sim — digo. — Estou com saudade de lá.

Ela olha de relance para o marido, que continua com a cara enfiada no livro.

— Parece que faz um milhão de anos desde a nossa lua de mel. Ah, as lembranças! Estamos comemorando o nosso aniversário de 25 anos de casamento nesta viagem.

— Meus parabéns!

— Aproveite tudo, querida: todas as novidades, todas as primeiras vezes. Às vezes, gostaria de poder voltar e reviver o início do nosso casamento... antes dos filhos. — Ela faz uma pausa, rindo. — Antes de precisar usar cinta. Os primeiros dias são tão

especiais. São vocês dois contra o mundo.

— É — murmuro, fingindo entender.

— Deixa eu te perguntar uma coisa — acrescenta ela, aproximando-se de mim. — O que fechou o negócio para você? Tipo, o que a fez querer mergulhar na felicidade conjugal? O talento dele para fazer o café da manhã? Um amor mútuo pelo Will Ferrell? A maneira como ele trata a mãe?

Dou uma risada.

— Sem dúvida não foi o talento dele para fazer o café da manhã.

Ela sorri.

— Então, o que foi?

— Hum, acho que foi... uma combinação de várias coisas?

— Certo — continua ela. — Quando se sabe, não há dúvidas.

— E você? — pergunto, jogando a bola de volta para ela.

Sua expressão torna-se nostálgica, os olhos fitando o oceano, e ela assente decididamente.

— No nosso terceiro encontro, ele me fez rir tanto que fiz xixi nas calças. De verdade.

— Uau! — exclamo, rindo. — Sério?

— Aham — continua ela. — Sim, Grant é professor, mas é divertido, *muito divertido*. Nunca tenho um momento de tédio com ele.

— Adorei isso — digo, sentindo um pouco de inveja enquanto tento me lembrar em vão de alguma vez que o Kevin me fez rir.

— Bem — diz minha nova amiga, chapinhando na água —, é melhor voltar para o meu maridinho. Aposto que nos veremos por aí. — Ela sorri. — Espera, esqueci de perguntar o seu nome!

— Lena — respondo.

Ela dá uma piscadela para mim.

— Divirta-se!

Divertida não é como eu chamaria a minha tarde, que passo evitando Kevin e olhando para o relógio, desejando que os minutos passem logo. Depois de tomar uma

ducha, coloco um vestido frente única de verão e vou à praia. Encontro uma espreguiçadeira vazia sob a sombra de uma palmeira. Com um bocejo, me recosto na almofada, mentalmente exausta. Não consigo deixar de fantasiar em fugir dali. Se fechar os olhos, talvez eu caia no sono e tudo isso desapareça.

Um arrepio desce pela minha coluna quando sinto um toque no ombro. *Kevin*.

— Aí está você — diz ele, sentando-se na beira da espreguiçadeira. — O que está fazendo aqui na praia?

Esfrego os olhos.

— Só estava relaxando.

— Bem, enquanto você estava cochilando, eu fiz uma trilha épica.

Seu tom presunçoso me irrita profundamente; preciso de toda a minha força de vontade para não dar um soco no queixo perfeito dele.

Por sorte, Gina, minha amiga da piscina, se aproxima, salvando-me da prisão.

— Olha, são Barbie e Ken! — exclama ela, rindo enquanto se vira para o marido.

— Não são os recém-casados mais adoráveis que você já viu, Grant?

O marido dela sorri, estendendo a mão para Kevin e depois para mim.

— Vocês vão para o luau? — pergunta Gina, apontando para o gramado ali perto, cravejado de tochas tiki iluminadas a gás.

— Não — começa Kevin —, nós vamos...

— Lógico que vamos — interrompo-o. — Sempre quis aprender a dançar hula.

— Oba! — grita Gina. — Vamos lá, vamos todos juntos!

— Não sei se é uma boa ideia, Lena — sussurra Kevin, hesitante, enquanto uma mulher de saia de fibras de ráfia nos unge com um colar de flores.

Nossas professoras nativas balançam os quadris e nos encorajam a imitá-las. Gina e Grant se encaixam perfeitamente, dançando sem esforço algum ao som da música havaiana enquanto eu tento acompanhar pateticamente.

— Sou péssima nisso — digo a Gina, rindo.

— Todos nós somos — responde ela. — É por isso que estamos aqui. — Ela olha para Kevin, parado ali sozinho, de braços cruzados, amuado. — Pelo visto, ele não gosta de hula, não é?

Encolho os ombros, sem conseguir esconder o aborrecimento.

Gina faz uma careta.

— Diga para ele parar de ser um NPC e vir até aqui!

— Um NPC?

— Ah! — exclama ela com uma risada. — É que você não tem filhos adolescentes, né? NPC é um termo de videogame para “Non-Player Character”, personagem que quem está jogando não pode controlar, ou seja, uma pessoa que está presente, mas não faz a menor diferença, sabe? — Ela ri, continuando a falar enquanto move os quadris em um padrão circular, mas eu fico tão absorta que não entendo nada que ela diz. — É quase um meme na nossa casa.

Kevin, um NPC? Sem dúvida. Mas será que a Gina, sem perceber, também não acabou *me* diagnosticando? Todos aqueles anos vencendo no jogo corporativo, tentando ter o parceiro perfeito, a vida perfeita — mal era uma participante ativa. Estava apenas desempenhando um papel, como um... NPC.

— Ei — diz Kevin, pegando a minha mão. — A reserva para o jantar é daqui a alguns minutos. — Ele sorri educadamente para Gina e depois de volta para mim. — É melhor irmos andando.

— Tenham uma bela noite, vocês dois — diz ela, e Grant lhe dá um rodopio que parece profissionalmente coreografado.

Fico impressionada com a sincronicidade dos dois, o modo como fluem juntos pelo gramado: ele sente seu próximo passo; ela antecipa o dele. Sabem ler um ao outro, como harmonizar; são dois belos instrumentos afinados no mesmo tom. Agora, Kevin e eu? Por fora, somos #casalideal, mas, por trás da fachada, a história é completamente diferente. Juntos, somos descoordenados e extremamente desafinados. Não sabemos dançar no mesmo ritmo. Na verdade, agora percebo que nunca soubemos.

No restaurante, brinco com a comida no prato, separando as beterrabas da rúcula e girando o garfo em círculos para passar o tempo. Se Kevin sente alguma tensão, não deixa transparecer; na verdade, conduz habilmente a conversa de um tópico para o outro, evitando o assunto mais importante: nós.

— Recebi uma mensagem do Matt hoje — diz ele num tom de notícia importante, como se fosse o prefácio de uma história sobre a avó de alguém que acabou de falecer ou um amigo que foi assaltado. Demoro um pouco, mas então ligo os pontos. Matt é... o melhor amigo de ensino médio de Kevin, isso mesmo. — Pelo visto, ele e Natalie estão esperando outro bebê — continua Kevin. — Acho que já é o filho número... quatro? Ou *cinco*? — Ele revira os olhos como se estivéssemos em sintonia sobre a paternidade, ou melhor, sobre o nosso aborrecimento com a paternidade de outras pessoas.

— Você consegue *imaginar* ter tantos filhos assim? — prossegue ele, ao mesmo tempo perplexo e exausto.

Encolho os ombros.

— Não sei. Quer dizer... quem sabe?

— Espera aí — diz Kevin apressadamente. — Você não está *reconsiderando* o que conversamos, está? Lena, pensei que tínhamos concordado que filhos estavam fora de questão.

— Bem — começo, procedendo com cautela —, posso ter minhas dúvidas, não posso?

Ele ri, voltando a dobrar o guardanapo num retângulo perfeito enquanto o sorriso desaparece do seu rosto como o sol que se põe no horizonte.

— Você está brincando comigo, né?

— Na verdade, não. Não estou, não.

Kevin se recosta na cadeira, estremecendo como se eu tivesse acabado de jogar uma bomba na mesa.

— Fraldas, carrinhos... pirraça... — Ele sacode a cabeça. — Você sabe que eu não sou esse tipo de cara.

Com seu Porsche impecável, máquina de café italiano chique e uma gaveta de meias que deixaria Marie Kondo com inveja — não, Kevin não é esse tipo de cara. Embora possa ter achado tais qualidades cativantes — excepcionais, até —, agora vejo as coisas de maneira diferente. Kevin não é necessariamente um cara ruim. Só não é o cara certo para mim.

Acabamos de comer o jantar, cada um em seu próprio mundinho em lados opostos da mesa.

— Desculpa — diz Kevin por fim, quebrando o silêncio. — Eu não queria...

— Tudo bem — respondo, forçando um sorriso. — Eu entendo.

Ele suspira; sua expressão tensa se suaviza quando abre a boca, deixando escapar um bocejo.

— Aquela trilha acabou comigo. Vamos dar a noite por encerrada?

Faço que não com a cabeça.

— Vá na frente. Vou ficar lá fora um pouquinho, olhar para as estrelas. Dizem que é possível ver as constelações no Havaí melhor do que em qualquer outro lugar do mundo.

Kevin dá de ombros, bocejando novamente.

— Não espere acordado por mim — digo enquanto ele se levanta e me dá um beijo, que parece até obrigatório, na bochecha.

— O que devo preparar para você, senhorita? — pergunta o barman quando me sento numa banqueta no bar tiki na beira da praia.

— Sei lá — respondo com um suspiro. — Que tal uma poção para dar um jeito na minha vida?

— Dia ruim, hein?

Concordo com a cabeça.

— Vinho branco costuma funcionar para mim.

— Sauvignon blanc?

— Perfeito — digo enquanto ele abre uma garrafa e serve uma dose generosa, bem na hora que Gina se aproxima, acenando.

— Ei! Achei mesmo que fosse você! — Ela se senta na banqueta ao meu lado e olha para os meus ombros. — Ih, parece que alguém pegou sol demais hoje.

Concordo com ela, estremecendo ao ver os meus braços.

— É, eu devia ter reaplicado o protetor solar. Agora já era.

— Grant é igual a você. O protetor solar é o seu melhor amigo. Sem isso, o homem vira um camarão. — Ela ri. — Enfim, ele está na recepção reservando uma

viagem de mergulho para a gente amanhã, o que, para ser sincera, é a última coisa que eu queria fazer, mas às vezes é preciso trabalhar em equipe, sabe? — Ela sorri de novo, olhando ao redor. — Cadê o seu maridinho?

— Kevin foi dormir mais cedo — respondo com indiferença, mas não consigo enganar a Gina, que arqueia uma sobrancelha.

— Está tudo bem no paraíso? — pergunta ela, pedindo um Negroni.

Meus olhos ficam cheios de lágrimas enquanto estudo o rosto dela. Abro a boca para responder, mas nenhuma palavra sai.

— Vem aqui — diz ela, inclinando-se para me abraçar quando começo a chorar. — O que aconteceu, querida?

Tenho vontade de contar a ela tudo a respeito da minha situação: sobre Kevin, como estou sozinha, como me sinto perdida. Quero desembuchar a história toda, mas fico calada.

— Lena? — pergunta ela, segurando os meus ombros. — O que posso fazer para te ajudar?

— É só que tem sido uma... semana muito difícil — respondo, secando o rosto com um guardanapo. — É complicado demais para explicar.

— Posso tentar entender — diz ela, tomando um gole da sua bebida.

— Deixa pra lá — digo, me recompondo. — E se, em vez disso, eu te contasse uma história... uma ideia para um dos seus filmes.

Ela chega mais perto de mim.

— Pode mandar.

— Então, há uma mulher — começo. — Ela não sabe o que é o amor verdadeiro. Lógico que teve muitas oportunidades: primeiros encontros, relacionamentos, parceiros em potencial... Mas nada deu certo. Talvez por causa da sua infância, do drama do relacionamento com a mãe e sua subsequente morte, ou o fato de ter dificuldade em confiar na própria intuição e se abrir a novas possibilidades. Mas, certo dia, ela vai visitar a tia, adormece e, na manhã seguinte, acorda em Paris, casada com um francês que conheceu num casamento uma década antes. No dia seguinte, com um fazendeiro da Pensilvânia de anos atrás; no outro, com o namorado do ensino

médio; depois, com um irlandês que conheceu num trem na Suíça depois de terminar a faculdade. A cada dia surge uma realidade diferente, um relacionamento diferente do passado que ela tem a oportunidade de vivenciar como se o tivesse escolhido, como se tivesse se casado com aquele cara.

— Nada mal — diz ela, intrigada. — Então é uma comédia romântica?

— Tá mais para um filme de terror — respondo com sarcasmo.

Gina dá uma risada.

— Que nome você daria ao filme?

Sorrio, pensando em Spencer naquela noite na ilha de Bainbridge.

— *Os amores que passaram.*

— Gostei — responde Gina, olhando para o celular. — Talvez eu possa te ajudar a encontrar um agente. É preciso ter muito cuidado com os agentes.

— Obrigada — digo, tomando outro gole.

— Ah, merda — diz ela, olhando para o telefone. — É o Grant. Ele precisa da minha identidade para alugar o carro de amanhã. — Ela me abraça de novo. — Chega de lágrimas, hein?

— Tá bom — prometo.

— E, querida, o que quer que esteja passando, você vai superar. Tenho certeza.

Deixo escapar um longo suspiro.

— Bem, tenho que passar por esta noite primeiro. Sinceramente, eu pagaria uma fortuna para arranjar um comprimido para dormir.

— Ah, quer um Zolpidem? — Ela abre a bolsa. — É a única forma de sobreviver a um voo longo: completamente dopada.

Aceno com a cabeça.

— Quero, sim, *por favor.*

Ela me dá um comprimido branco que engulo imediatamente com um gole de vinho.

— Isso vai te mandar para a terra dos sonhos. De manhã, tudo estará bem melhor.

Espero que sim.

Ela me dá uma piscadela.

— Te vejo amanhã na piscina?

Concordo com a cabeça.

— É... amanhã.

Jogo as sandálias numa pedra e afundo os pés descalços na areia quente, deixando o vento brincar com o meu cabelo — dane-se o aplique.

Graças ao Zolpidem, minhas pálpebras ficam mais pesadas a cada passo. Deito-me assim que avisto uma espreguiçadeira, cobrindo as pernas com uma toalha que alguém deixou ali. A praia está vazia — só eu e o céu noturno salpicado de estrelas, que me fazem companhia como se fossem velhas amigas, do tipo que ficam na sua casa depois de todos terem ido embora da festa para ajudar a limpar tudo e botar os pratos no lava-louça.

— Por favor — sussurro, com o queixo tremendo ao colocar a taça na areia. — Quero voltar para casa. Por favor, me deixe voltar para casa.

Mal consigo manter os olhos abertos. O sono paira sobre mim, pronto para atacar, e, com um último bocejo, deixo que... me leve para longe dali.



*Parte
nove*

Que barulho é esse? Não consigo localizar o grito agudo e estridente, mas acho que vem de... debaixo das cobertas? Afasto os lençóis e pego o que parece ser uma espécie de... walkie-talkie? Seja o que for, transmite um som que me dá calafrios.

Olho para a esquerda, espreitando por cima da enorme pilha de travesseiros no meio da cama king-size — uma barricada? —, e vejo o braço musculoso de um homem que dorme ao meu lado. Ele se remexe, dando um gemido.

— Que horas são? — murmura ele, obviamente irritado, como se eu fosse a única responsável por atrapalhar o seu sono.

— Hum, seis e meia da manhã — respondo, olhando para o despertador na mesinha de cabeceira. Afasto o cabelo do rosto e reparo na aliança que tenho na mão: de ouro com um grande diamante de lapidação princesa rodeado de mais diamantes.

Ele solta um bocejo.

— Pode cuidar dela esta manhã, *por favor*? Tenho uma reunião importante hoje. Lembra?

Meu coração acelera à medida que o choro fica mais alto.

— Hã... tá bom — respondo enquanto ele pressiona um travesseiro sobre a cabeça para bloquear o barulho, imagino... ou a mim?

Estou atordoada — horrorizada? — demais com o ruído irritante para pensar em outra coisa, como onde estou ou com quem estou. Em vez disso, saio da cama como um zumbi, passo na ponta dos pés pela porta e vou para o corredor enquanto o lamento aumenta de volume. Quando alcanço a terceira porta à direita, o som atinge um nível alucinante. Com cautela, giro a maçaneta da porta, olhando para dentro do quarto enquanto os joelhos quase cedem sob o meu peso. Logo adiante, segurando a grade de um berço branco, está uma menina — uma bebezinha — de pijama cor-de-

rosa, com cachos escuros que caem em cascata ao redor do rosto. Assim que ela me vê, seus olhos castanhos se iluminam e o choro se transforma em um balbúcio feliz.

Não consigo me mexer nem falar. Em vez disso, fico parada na porta, contemplando aquela cena. Na Irlanda, eu me tornei madrastra, e hoje? Será que aquela criança é minha? A ideia é ao mesmo tempo comovente e atordoante, ainda mais depois da minha experiência na fazenda com o Nathan. Lembro da cicatriz no meu abdômen e, no entanto, aqui está essa menina preciosa. *Minha* filha?

O nome dela está escrito em letras de madeira cor-de-rosa na parede oposta: SABRINA.

— *Sabrina* — sussurro, maravilhada. Ela tem a minha testa, o meu nariz! Pela primeira vez na vida, compreendo o conceito de amor à primeira vista.

Pisco para conter as lágrimas e me aproximo do berço enquanto ela se enche de alegria e estende os bracinhos para mim. Mas então me detenho, cheia de preocupação. Não sei nada sobre bebês.

Sabrina dá um grunhido e aponta para o chão, onde um ursinho de pelúcia marrom deve ter caído por entre as ripas do berço. Devolvo-o a ela, provocando mais barulhinhos de alegria. O que devo fazer agora? *Será que ela vai me ensinar?* Sabrina agita os braços, estendendo-os para mim, obviamente querendo que eu a pegue no colo. Respiro fundo, aproximando-me do berço devagar, metodicamente, como se estivesse desativando uma bomba prestes a explodir. Coloco as mãos sob os bracinhos dela e a levanto no ar, segurando-a na minha frente com os braços estendidos, e é nessa hora que reparo numa mancha molhada no seu pijama. Ah, não. Não, não. A fralda dela vazou!

Ela ri enquanto eu vasculho o quarto, refletindo sobre o meu próximo passo. Vejo um trocador perto da janela — quer dizer, acho que é isso — com uma pilha de fraldas descartáveis na prateleira de baixo. *Lá vem a surpresa.*

— Muito bem, Sabrina — digo, fingindo confiança, mas na verdade estou uma pilha de nervos —, vamos trocar a sua fralda! — Deito-a com delicadeza sobre a mesa, mas ela se vira para o lado, querendo engatinhar, e quase cai do trocador.

— Não, não! Toma cuidado!

Ela ri, aproximando-se novamente da beirada como se fosse uma brincadeira.

Por sorte, consigo colocá-la de volta no lugar, desta vez mantendo uma das mãos sobre a sua barriga enquanto procuro uma fralda com a outra.

— Pronto — digo quando finalmente consigo abrir o fecho do pijama. Sabrina parece achar tudo aquilo muito divertido enquanto tiro a fralda encharcada, que deve pesar tanto quanto ela. Paro um segundo, com Sabrina pelada e tentando se desvencilhar de mim no trocador. Espera, não preciso de, hã, lenços umedecidos? Sim, decido. Então, *cadê os lenços?* Seguro-a no lugar enquanto procuro na prateleira de baixo. *Nada.* — Tá certo — murmuro, levantando-a de novo com a mesma rigidez de antes, mas desta vez ela está pelada e olhamos uma nos olhos da outra como um confronto. — Lenços umedecidos — digo, fitando seus grandes olhos castanhos. — Você pode me ajudar a encontrar os lenços umedecidos?

Sabrina ri novamente quando eu a coloco no chão e revisto o quarto mais uma vez. Pego uma roupa limpa na cômoda, mas, quando olho para baixo para pegá-la no colo de novo, ela *sumiu*.

— Sabrina! — grito em pânico antes de avistar seu bumbum de fora enquanto ela engatinha para fora do quarto. Saio correndo, surpresa com a sua velocidade enquanto sigo pelo corredor atrás dela até a sala de estar, onde ela se levanta para ficar de pé, agarrando a ponta da mesinha de centro, bem ao lado de um pacote de lenços umedecidos, que afaga com a mão gordinha.

— Ah, então estava aí! — exclamo, aliviada, mas também admirada. — Você estava tentando me mostrar, não é?

Ela balbucia enquanto um jato de líquido escorre pelas suas pernas até o tapete persa elegante disposto sobre o assoalho.

— Ah, não! Não, não, não... — Paro de novo, avaliando a situação. — Tudo bem — digo, respirando fundo. — Não faz mal. Só precisamos colocar uma... fralda em você.

Sabrina balbucia quando a deito no sofá, passando os lenços nela de forma desajeitada. Depois de três tentativas fracassadas com a fralda, finalmente consigo colocá-la, embora fique meio torta. Vesti-la é outro desafio. Embora consiga passar a

camisa por cima da sua cabeça, a calça é um obstáculo — ela não para de se remexer.

— Bem, acho que hoje não vamos usar calça — digo por fim, soltando um suspiro derrotado.

Enquanto Sabrina se ocupa com um brinquedo, aprecio o ambiente, admirando a casa moderna de meados do século XIX com sua planta aberta, arejada e cheia de luz. A cozinha bem equipada tem todas as amenidades possíveis, incluindo bancadas em granito preto e uma adega de vinhos de dois andares. No exterior, ao lado da sala de jantar adjacente, as palmeiras contornam uma piscina retangular de borda infinita encravada à encosta. Olho pela porta de vidro deslizante, apreciando a ampla vista da cidade, imediatamente familiar. Los Angeles, com certeza — aperto os olhos para ver o horizonte —, mas a vista é de... Burbank, talvez — não, Universal City. Há dez anos, quando a Frankie fez uma breve passagem por Los Angeles, fui visitá-la. Rio, lembrando como fomos parar por acaso numa festa de Halloween em... Studio City, acho. A vista é quase idêntica.

Eu me lembro de outra coisa daquela noite — *um homem*. Ele era alto, negro, extremamente bonito, mesmo fantasiado. Rio sozinha, me lembrando do horror e da hilaridade de como ele tinha ido à festa vestido como metade de um sanduíche de pasta de amendoim e geleia. Ele era a geleia; sua parceira — a pasta de amendoim — tinha dado um bolo nele. Eu, por outro lado, fui vestida à la Gatsby, com um vestido de lantejoulas emprestado pela Frankie. Nós dançamos. Rimos. Ele me chamou para jantar no fim de semana seguinte, mas eu tinha que voltar para casa alguns dias depois e não estava interessada em um relacionamento a distância.

Marcus. O nome dele era Marcus.

Olho para a mesa no hall de entrada, com sua coleção de porta-retratos — a maioria das fotos é de Sabrina, mas também há algumas de nós dois. Lá estamos Marcus e eu no dia do nosso casamento. Pego a moldura, estudando a foto, espantada.

Quebro a cabeça, tentando lembrar sobre o que conversamos na noite em que nos conhecemos. Ele era agente de artistas, acho. Não, trabalhava com esportes — futebol? Isso! Era um *agente esportivo*, além de ser engraçado, inteligente — um

cavalheiro, sem dúvida.

Meu coração dá um salto quando vejo as fotos de Sabrina que documentam sua jornada de bebê até o primeiro aniversário, pairando sobre um cupcake com uma vela no topo. Ela deve ter pouco mais de um aninho agora. É uma foto recente.

Suspiro, assimilando tudo enquanto a minha mente se move à velocidade da luz. Então, numa realidade alternativa, Marcus e eu ficamos juntos e o resultado foi este lindo querubim... que parece não estar em lugar algum.

O ursinho de pelúcia e outros brinquedos estão no tapete onde ela estava sentada um segundo atrás, mas a menina sumiu.

— Sabrina? — chamo, em pânico, e corro pelo corredor em direção ao quarto onde acordei.

Eu a encontro ali, engatinhando à velocidade da luz, prestes a entrar no quarto e balbuciando para Marcus, que acabara de sair do chuveiro. Com uma toalha em volta da cintura e uma escova de dentes elétrica na boca, sorri para Sabrina. Ela grita de alegria quando ele a coloca em cima da cama, rolando na capa do edredom como se estivesse coberta por 15 centímetros de neve fresca.

— Obrigado por assumir o turno da manhã hoje. — Ele se vira para a pia para enxaguar a boca. — Ela já disse a primeira palavra?

— Hã, não — respondo, hesitante. — Quer dizer, não que eu tenha ouvido.

— Certo. Enfim, tenho um dia insano pela frente — continua Marcus, deixando a toalha cair no chão e revelando cada centímetro do seu físico esguio. É difícil tirar os olhos dele enquanto se veste, mas me obrigo a olhar para o outro lado enquanto me sento na cama ao lado de Sabrina, usando o corpo como barreira para evitar que ela caia dali. — Se eu conseguir contratar Lorenzo Castranova, será uma tacada e tanto.

— É mesmo? — pergunto, tentando acompanhar.

— Já tenho o Diego, o Rafael e o Paolo. Mas o Lorenzo seria a joia da coroa. — Ele enfia os braços fortes num casaco esportivo e beija o topo da cabeça de Sabrina, depois me olha da porta, com uma expressão meio indiferente no rosto. — Bem, me deseje sorte.

— Boa sorte — digo, tentando chamar sua atenção, mas ele olha para baixo, para

o celular.

— A Sabrina tem aula de música hoje, não? — pergunta ele, virando-se para trás mais uma vez.

— Hã, sim — murmuro, completamente confusa.

— Ok — responde ele. — Divirtam-se.

Escuto seus passos ao longo do piso de madeira, descendo o corredor, e a porta da frente se fecha com um estrondo. *Estou só imaginando coisas ou aquilo foi... esquisito?* É verdade que mal o conheço, mas, pelos padrões de qualquer pessoa, Marcus parecia distante — frio, até. Lembro da pilha de travesseiros entre nós dois na cama, do fato de ele não ter me dado um beijo de despedida, sequer ter tentado fazer isso. *Será que ele é viciado em trabalho? Será que brigamos ontem à noite?*

Suspiro e dou um salto para a frente, agarrando a perna de Sabrina antes que ela caia da cama.

— Muito bem, Houdini — digo, colocando-a nos braços. — Que tal tomar café da manhã?

Vamos até a cozinha, onde a coloco numa cadeirinha de bebê e fico olhando para a geladeira, completamente paralisada. O que se dá de comer a um bebê? Certamente nada com que ela possa se engasgar (o que pode ser *qualquer coisa*) e nada alergênico (o que também pode ser *qualquer coisa*). Acabo decidindo dar uma banana, que encontro na cesta de frutas em cima da bancada, descascando-a e colocando-a em suas mãozinhas.

— Banana — digo a ela.

Sabrina ri e depois a joga no chão.

— Não, não, é para *comer* a banana — continuo, pegando a fruta, lavando-a na pia e persuadindo-a a dar uma mordida, mas ela faz uma careta e tapa a boca. — Tá bom, quer dizer que você não gosta de banana? Não faz mal.

Volto a vasculhar a cozinha à procura de comida para bebê — à procura de qualquer coisa — e finalmente reparo num aparelho esquisito em cima da bancada, ao lado de um livro intitulado: *Manual de alimentos orgânicos para bebês. Uau. Não sou uma daquelas mães que vivem de granola, sou?* Folheio o livro, com dezenas de

páginas marcadas com notas autocolantes. *É, sou, sim.*

— Bem — digo com um suspiro. — Que tal um pouco de leite, então? — Sirvo um copo para Sabrina, levando a borda aos seus lábios, e fico aliviada quando ela toma um gole, depois outro, até se contorcer e arquear as costas, desinteressada. Quando a coloco no chão, ela engatinha depressa de volta aos brinquedos na sala de estar. Só passou uma hora e já estou exausta. Como é que as pessoas fazem isso?

Pego o celular na mesinha de centro — o meu, presumo — e o desbloqueio por reconhecimento facial. Marcus mencionou uma aula de música hoje, por isso checo a agenda e vejo que “Música para Mim e para a Mamãe” começa às nove da manhã. Se formos para a aula, já está na hora de nos arrumarmos — e depressa.

Depois de uma luta de 15 minutos, finalmente venço a batalha contra a calça de Sabrina. No closet, escolho um suéter leve e largo e uma legging, depois me olho rapidamente no espelho do quarto. Minhas bochechas estão mais cheias do que o normal, os quadris um pouco mais largos — peso ganho na gravidez, provavelmente, que *legal* —, e não consigo deixar de reparar nas minhas olheiras, prova da privação de sono, sem dúvida alguma.

— Ok, fofinha — digo, calçando botas Ugg pretas e depois pegando Sabrina no colo. — Vamos sair numa aventura?

Ela sorri, balbuciando incoerentemente enquanto eu pego as chaves junto à porta e saio para a rua, tentando adivinhar qual é o meu carro. Um homem na frente da casa ao lado acena para mim. Com uma garotinha nos braços, ele é mais ou menos da minha idade, atraente, de pele bronzeada e cabelo preto grosso que afasta dos olhos despreocupadamente. Parece um sócio do Enrique Iglesias.

— Bom dia — diz ele, sorridente, caminhando até mim com uma caneca de café na mão.

— Hã, bom dia — respondo, meio nervosa.

— Pronta para a aula?

— Ah! — exclamo. — Você está falando da aula de música, não é?

Ele dá uma risada.

— A própria. Admito que consigo pensar em milhares de coisas que prefiro fazer

a sentar num círculo com um monte de pais enquanto os nossos bebês tocam tambores e sacodem maracas, mas — ele encolhe os ombros — a Charlotte adora isso.

— Pois é — concordo, acompanhando a conversa. — A Sabrina também. — Sorrio, olhando nervosamente para as chaves e reparando no logotipo da Land Rover numa delas. — Bem, é melhor eu ir logo.

— Ah — responde ele, olhando para o relógio, um tanto magoado. — Você vai sair mais cedo? Pensei que fôssemos dirigir juntos.

— Hã — balbucio. — Sim, mas é que eu... preciso passar no Starbucks primeiro. Foi uma daquelas manhãs que começam cedo, sabe como é.

— E como sei! — diz ele, rindo, e nossos olhares se encontram novamente. — Ainda vamos almoçar juntos hoje, certo?

— Hum, certo.

— Ótimo — diz ele, satisfeito. — Eu cozinho. As meninas podem brincar antes da hora da soneca.

— Antes da hora da soneca — repito. — Tá bom.

— Tudo bem então — diz ele com um sorriso largo, passando a mão pelo cabelo ondulado. — Até daqui a pouco.

Quer dizer que sou a melhor amiga do pai gostosão da casa ao lado? Fico imaginando o que o Marcus pensa sobre isso enquanto destranco o Land Rover e olho para a cadeirinha de Sabrina, que parece um alienígena. Ora, e poderia muito bem ser. O que eu devo fazer com todas essas correias e fivelas? Sabrina parece se divertir enquanto eu me atrapalho com os vários fechos — nenhum dos quais parece se alinhar com os outros.

— Pelo menos uma de nós duas acha isso divertido — comento, me perguntando por que alguém inventaria uma cadeirinha de bebê à prova de adultos. Será que estão tentando nos enlouquecer? Acho que sim.

Quando finalmente prendo Sabrina na cadeirinha, sento no meu lugar, meio atordoada. *Uau, eu sou mãe! Criei um ser humano e sou responsável por mantê-lo vivo.* A magnitude disso quase me deixa sem fôlego. Solto um longo suspiro e consulto o GPS para saber qual é o Starbucks mais próximo. Preciso tomar café — o mais rápido

possível. Por sorte, há uma loja a uns dois quilômetros dali, e começo a dirigir, descendo a estrada sinuosa ao longo da encosta e olhando pelo espelho retrovisor de vez em quando para ver se Sabrina está bem. Passamos por milhões de corredores, dos quais desvio para não atropelar ninguém, e ainda mais pessoas com seus cães, incluindo uma mulher que empurra o cachorro dela num carrinho para pet e outra com um poodle toy em um canguru preso ao corpo.

Paro no estacionamento do Starbucks, decepcionada por não ter drive-thru, o que significa que vou ter que prender a cadeirinha de novo. Mas em troca de cafeína? Vale a pena, decido, tirando Sabrina do assento e pegando-a no colo.

— A sua bebezinha é uma *graça* — diz a mulher atrás do balcão, acenando para Sabrina, que esconde o rosto no meu peito e espia um segundo depois, sorrindo timidamente.

— Obrigada — digo, enquanto o homem na fila atrás de nós começa a brincar de esconde-esconde com ela. Com seu terno caro e aparência de CEO, ele não me parece o tipo de pessoa que interage com os humaninhos de outras pessoas na fila do Starbucks, mas, por outro lado, bebês despertam coisas estranhas nas pessoas. Quer dizer, olha só para mim.

— O que podemos preparar para você hoje?

— Vou querer um café com leite de amêndoas triplo.

Ela franze a testa.

— Leite de *amêndoas*?

Encolho os ombros.

— Ah, já acabou?

— Bem, não — responde ela. — Mas você já deve ter ouvido que é preciso um *galão* de água para produzir uma única amêndoa, não? — Ela acena com a cabeça, toda virtuosa. — O leite de aveia é uma opção muito melhor, quer dizer, para o planeta.

— Ah! — exclamo, surpresa com a barista cheia de palestrinha. — Isso é... muito interessante, mas vou ficar com o leite de amêndoas, se não tiver problema.

A mulher assente, visivelmente descontente, como se a minha bebida fosse a única

causa da mudança climática.

Ignorando-a, olho para a prateleira da confeitaria, pensando em Sabrina.

— Ah, também vou querer um donut de chocolate. — Faço uma pausa. — E um *frappuccino* para ela... descafeinado, por favor.

A mulher arregala os olhos.

— Desculpa, você pediu um *frappuccino* para... *ela*?

— Sim, descafeinado — repito, inserindo o cartão de crédito na máquina.

Quando nossas bebidas ficam prontas, sento Sabrina na cadeira de uma mesa perto da janela, colocando o donut em um guardanapo na frente dela.

— Aposto que você gosta de chocolate, não é?

Ela olha para o doce por um bom tempo até pressionar o dedo timidamente no glacê e passá-lo na língua. Sua boca se abre instantaneamente num sorriso. Cinco minutos depois, a cafeína já começou a fazer efeito, e Sabrina está coberta de chocolate, mas fico feliz por ela ter comido... alguma coisa. Ah, e o *frappuccino*? Um sucesso. Na verdade, ela não para de beber. Ignoro os olhares recriminadores das outras mães na mesa ao lado — a Gestapo do *Frappuccino*, sem dúvida. Dá um tempo, qual é o problema com um mimo?

Faço o possível para limpar as mãozinhas e o rostinho de Sabrina, mas ainda ficam algumas manchas de chocolate. Quem me dera ter um lenço umedecido. Espera aí, lenços umedecidos! Fraldas! Numa atitude típica de mãe principiante, não trouxe nada para ela. Minha ansiedade só piora quando olho para o celular: a aula de música da Sabrina começa em dez minutos.

Uma parte de mim tem vontade de deixar a maldita aula para lá e levar a minha filha — *a minha filha!* — para a praia e vê-la brincar na areia, talvez molhar os pezinhos, fazer as coisas do meu jeito. Mas Sabrina tem um compromisso, e eu decido honrá-lo.

Enquanto me atrapalho com a cadeirinha de novo, ela passa uma mão grudenta na minha bochecha.

— Sério? — digo, rindo enquanto tento prender as fivelas.

Quando ela está finalmente segura, digito o endereço no GPS, mas, antes de

colocar o carro em movimento, decido falar com Marcus. Havia algo errado hoje de manhã — pelo menos foi o que me pareceu. Encontro o número nos meus contatos e tento ligar para o celular dele, mas, depois de dois toques, a chamada cai na caixa postal. Alguns segundos depois, ele me responde com uma mensagem de texto genérica: Desculpa, não posso falar agora.

Ligo de novo e, desta vez, ele atende.

— Lena?

— Oi — digo, olhando para Sabrina pelo retrovisor.

— Tá tudo bem?

— Sim — respondo, virando à esquerda. — Só liguei para te deixar a par do nosso dia. Estamos a caminho da aula de música e depois vou... almoçar com... o nosso vizinho.

— Maravilha — diz ele, meio distraído.

Mordo a pontinha do lábio.

— Então... você não se importa, há, que eu vá... almoçar com ele?

Ouçõ um barulho do outro lado da linha, um vozerio.

— Do que você está falando? Por que eu me importaria com isso? Escuta, Lena, estou entrando numa reunião importante. Dá um beijo na Sabrina por mim, tá bom?

— Tá bom — respondo, encerrando a ligação meio desanimada.

Estamos oficialmente cinco minutos atrasadas quando tiro Sabrina da cadeirinha e encontro a sala da aula de música, que fica no terceiro andar de uma velha escola que fora transformada em centro comunitário. Paro na porta, observando os presentes, todos sentados de pernas cruzadas num círculo ao redor dos bebês — só mães, exceto pelo Vizinho Gostosão, que acena para mim assim que me vê. Uma mulher mais velha, com o cabelo grisalho na altura da cintura e uma túnica de estampa tribal, bate um tambor no centro do círculo, conduzindo seus alunos — há, os bebês — pela canção, embora nenhum deles saiba falar, muito menos cantar. Pelo visto, os pais são responsáveis por essa parte.

Tenho vontade de sair correndo — fugir dali bem depressa —, mas o Vizinho Gostosão acabou de abrir espaço para mim no círculo. Não tenho escolha.

— Ok, Sabrina — sussurro enquanto nos encaramos. — Não importa o que aconteça, vamos ser profissionais.

Suas risadinhas aliviam a tensão, especialmente quando nos sentamos e a mãe ao meu lado me dá uma maraca.

— Bem-vinda, Sabrina! — cantarola a professora numa melodia de canção de ninar. — Bem-vinda, Lena. Como... você... está?

Fico olhando para ela, sem saber o que dizer, enquanto Sabrina esconde o rosto no meu suéter. É evidente que detesta ser o centro das atenções tanto quanto eu. Todo mundo está olhando para a gente, e o meu coração dispara. Devo dizer alguma coisa? Cantar alguma coisa? Felizmente, o Vizinho Gostosão cutuca o meu quadril.

— *Muito bem, sra. Marianne. Estou muito feliz por te ver.*

— Ah, sim — digo, com o rosto corado. — Desculpa... tive uma noite difícil.

— Não se preocupe, querida, vamos começar outra vez — responde a professora Marianne calorosamente, voltando a bater no tambor enquanto repete a saudação. — Bem-vinda, Sabrina! Bem-vinda, Lena. Como... você... está?

Desta vez, não saio do ritmo.

— Muito bem, senhora... Marianne. Estou... feliz por te ver.

— Vamos... vamos... brincar — cantarola o círculo de pais, seguido pela professora Marianne: — Vamos... vamos... brincar.

O Vizinho Gostosão é o próximo, e a professora Marianne começa a saudação:

— Bem-vinda, Charlotte. Bem-vindo, Adam. Como... você... está?

Ele responde com perfeição, piscando para mim depois de passar a maraca para a mãe à sua esquerda. Na canção seguinte, Sabrina engatinha para o centro do círculo e pega um chocalho, que sacode e depois enfia na boca.

— Ela é gulosa, adora colocar coisa na boca, não é? — cochicha a mãe ao meu lado, com as sobrancelhas arqueadas. — Quer dizer, foi o que reparei, só isso. — Ela faz uma careta. — Você não fica preocupada com os... *germes*?

Ótimo. A Polícia das Mães ataca novamente.

Tenho vontade de ir para a batalha — de defender os... *modos gulosos* da minha filha —, mas o Vizinho Gostosão, ou melhor, Adam, vem ao meu socorro.

— Não é algo raro, Vivienne. A Charlotte também é assim. E, sabe, as pesquisas relacionam a fixação oral na primeira infância a níveis elevados de QI.

— Ah! — exclama ela de olhos arregalados e possivelmente envergonhada. — Eu... não sabia disso. Eu...

— Tá tudo bem — responde Adam enquanto a professora Marianne começa a passar lenços de seda multicoloridos para as mães e o único pai presente ali.

— Pessoal, está na hora do Círculo do Amor! — grita ela quando o som de flautas doces e cânticos começam a soar pelos alto-falantes. — Por favor, levantem-se e girem os lenços enquanto dançam ao redor das crianças. Sejam extravagantes, sejam livres, sejam *amor*!

Adam e eu trocamos olhares nervosos enquanto as outras mães giram e rodopiam, enrolando os lenços em volta de uma dúzia de bebês indiferentes, muitos dos quais parecem olhar para os adultos com uma repulsa absoluta.

— Desculpa, mas nós realmente pagamos para vir aqui? — sussurro, tentando fazer a minha parte enquanto agito o lenço de um lado para o outro, sem a menor vontade.

— Eu sei — murmura Adam, tentando conter o riso. — É vergonhoso.

Quando começo a rir, ele também ri, mas nos recompomos quando uma das mães nos lança um olhar de reprovação. Pelo visto, não estamos sendo tão livres e extravagantes.

Olho para Sabrina e, opa, há uma mancha escura na parte de trás da sua calça, logo acima da perna direita. Chocolate, espero, embora o meu nariz fareje outra coisa. Ah. Não. Ela fez... *cocô*? Será que foi o donut de chocolate? Ou o *frappuccino*? Ambos, provavelmente. Onde eu estava com a cabeça?

Viro-me para Adam, meu único “amigo” na sala.

— Ei, há, então... a Sabrina acabou de... ter um acidente, e eu, bem, hum... deixei a bolsa dela em casa.

— Ah — responde ele, imperturbável, como se não fosse nada de mais. — Precisa de uma fralda? Lenços umedecidos?

Faço que sim com a cabeça, espantada com a facilidade com que as palavras

fralda e lenços umedecidos saem da sua boca.

Ele vasculha a bolsa cor-de-rosa com estampa de camuflagem ao seu lado e me entrega os itens necessários.

— Aqui, pegue uma muda de roupa limpa também. Parece que você terá que cuidar de um vazamento.

— Um vazamento — repito, apavorada. Mal posso imaginar a tarefa que tenho pela frente.

Adam dá uma risada.

— Ah, o vazamento intempestivo. Não gosto nem de pensar nisso. Na semana passada, a Charlotte teve dois num só dia, ambas as vezes subiu pelas costas dela.

Engulo em seco; suas palavras ataçam a minha ansiedade como a gasolina faz com uma centelha de fogo. O tempo parece passar em câmera lenta enquanto as outras mães continuam a dançar e rodopiar, girando os lenços no ar enquanto a mancha marrom desce cada vez mais pela perna de Sabrina.

— Você está bem? — pergunta Adam, tocando de leve no meu ombro.

— Aham — respondo, recuperando os sentidos.

Com a fralda e os itens de higiene pessoal debaixo do braço, vou até Sabrina e a pego, mantendo-a o mais afastada possível do meu corpo enquanto corro para o banheiro.

— Certo — murmuro no banheiro feminino, tapando o nariz de vez em quando —, não é nada demais. Uma troca de fralda, só isso. Bem, uma troca de fralda *daquelas*. — Por sorte, há um trocador na parede, então deito Sabrina ali e começo a trabalhar. — Você está bem, querida?

Sabrina sorri, olhando para mim com carinho.

— Muito bem, se você não está assustada, eu também não vou ficar. Vamos resolver isso logo.

Ela ri enquanto eu tiro sua calça suja e depois a fralda, que jogo na lata de lixo mais próxima — coitada da lata de lixo.

— Pronto, agora passamos... os lenços?

Abro a embalagem e começo o processo, mas, mesmo depois de vazia, não fico

satisfeita, de jeito nenhum. Ela precisa de um banho, e imediatamente. Penso por um instante, olhando para a pia.

— Muito bem, gracinha, vamos te lavar rapidinho.

Depois de ajustar a temperatura da água, Sabrina grita e brinca enquanto a mergulho na pia, fazendo o possível para lavar o seu bumbum.

— É divertido, não é? — pergunto nervosamente.

Ela ainda não sabe como responder com palavras, mas seus olhos me dizem que *sim* enquanto espirra a água e bate palmas.

Quinze minutos depois, Sabrina está mais ou menos limpa e seca, de fralda e vestida. Eu, por outro lado, mereço uma medalha de honra — e um cochilo.

— Como foi? — pergunta Adam no corredor, com a filha nos braços.

— Ah! — exclamo, um tanto surpresa. — Não precisava esperar por nós.

— Não tem problema nenhum — responde ele. — Também já passei por isso, óbvio. Só queria ver se você precisava de alguma coisa.

— Obrigada — digo, sorrindo meio sem graça quando reparo na sala de aula vazia. *Graças a Deus que já acabou.* — Bem, acho que é melhor irmos andando.

— É, sim. — Ele olha para o relógio enquanto começamos a descer as escadas. — Vou começar a fazer o almoço quando voltarmos, tudo bem?

— Perfeito — digo enquanto nos dirigimos para nossos respectivos carros no estacionamento.

Ele me lança um último sorriso antes de eu colocar Sabrina na cadeirinha, e não posso deixar de me perguntar: será que, nesta versão da minha vida, *estou brincando com fogo?*

De volta em casa, vou me refrescar no banheiro, com o olhar atento em Sabrina, que desenrola um rolo de papel higiênico, o que ao menos a mantém ocupada enquanto passo uma escova pelo cabelo fino e aplico um pouco de batom.

Enquanto Sabrina rasga o papel higiênico no chão, olho ao redor da casa, pensando em Adam — sua vontade de ajudar, o jeito que olhou para mim no estacionamento. Será que há algo mais entre nós do que apenas uma amizade de pais? Tento me convencer de que estou exagerando. Afinal de contas, estamos em 2024. Homens e mulheres podem ser amigos e até mesmo almoçar juntos, ainda mais vizinhos que são pais de crianças pequenas.

Embora não haja nada de vergonhoso em ser mãe e dona de casa, não posso deixar de me perguntar se sou feliz e realizada nestas circunstâncias. Sim, ser mãe é um trabalho importante — o *mais* importante de todos —, e, para algumas mulheres, é o suficiente. Mas para mim? Não tenho tanta certeza assim. Será que a maternidade é o cerne da minha identidade? Ou será que estou apenas à deriva, ansiando secretamente por terra firme?

Espio a sala por trás da última porta do corredor, a mais próxima da cozinha. É um escritório, obviamente meu — o porta-retratos com a foto de uma balsa entrando na enevoadá ilha de Bainbridge é a prova cabal disso. A escrivaninha está limpa e arrumada, com exceção da rosa murcha em um vaso de flores, o que evidencia a óbvia falta de uso do espaço, assim como o monitor da Apple desligado, disposto ao lado de um caderno com capa de couro.

Com Sabrina no colo, sento-me na cadeira de escritório bege coberta por uma manta de lã de sherpa, girando-a sem parar, o que faz a menininha dar gritinhos de alegria. *O que eu faço aqui?* Ou melhor, o que eu *fazia* aqui, antes de ser mãe?

A resposta, ao que parece, está bem na minha cara. Noto a antiga câmera de cinema junto à janela e os dois cartazes de filmes emoldurados na parede lateral, um dos quais parece ter ganhado um prêmio no Festival de Cinema de Sundance. Ao olhar mais de perto, vejo que ambos têm o meu nome: *Lena Lancaster — Diretora de Fotografia*.

Sou diretora de fotografia? Não faz sentido, ainda assim, até que faz. Sempre fui visual, sempre enxerguei a vida por um certo prisma. Então transformei isso em uma carreira — uma carreira próspera, ao que parece —, mas depois... larguei tudo pela maternidade?

Olho para Sabrina e vejo que ela começou a arrancar as páginas de uma revista, então decido ligar o Mac e me conhecer melhor, pelo menos esta versão de mim mesma. Por sorte, minha velha e fiel senha, “RosieOnTheIsland99”, funciona como num passe de mágica e entro no meu e-mail, tomada de curiosidade, ainda mais quando vejo uma mensagem no topo com o assunto “Processo de Divórcio Pendente”.

Engulo em seco, abrindo o e-mail.

Cara Lena,

Espero que você esteja bem. De acordo com o que discutimos por telefone, anexo um rascunho da papelada de divórcio. Por favor, dê uma olhada e me avise se tiver alguma dúvida. Dois últimos assuntos para discussão: 1. detalhes do plano de custódia da Sabrina, e 2. partilha de bens (por exemplo, suponho que você queira ficar com a casa, mas e o Land Rover?). Por favor, dê uma olhada e depois vamos agendar uma ligação para resolver os demais detalhes. Com sorte, vocês já estarão legalmente separados no mês que vem.

Atenciosamente,

Beth

—

Beth Remington

Escritório de Advocacia de Taylor, McHugh & Remington

Recosto-me na cadeira, assimilando o que acabei de ler. Estou tão infeliz assim para querer me divorciar? Olho para Sabrina, brincando alegremente junto aos meus pés, e sou dominada pela emoção. Isso explica o comportamento frio do Marcus hoje de manhã? E quanto a Sabrina? Não deveríamos tentar... por ela? Penso na minha

mãe e em seus inúmeros relacionamentos. A maioria dos namorados dela era, na melhor das hipóteses, desinteressante; outros, um verdadeiro horror. Mas alguns deles? Eu teria ficado feliz se eles ficassem um pouco com a gente — ou até para sempre. Ansiava por um pai, mas, acima de tudo, ansiava por uma *família* — uma família estável —, e aqui estou eu, prestes a repetir a história. Como é que eu posso fazer isso com Sabrina?

Dou um suspiro, olhando para o relógio. Adam pode esperar. Preciso ligar para Frankie.

— Oi — digo, fazendo uma pausa, sem saber o que dizer nem por onde começar.

— Oi — diz ela com seu tom de voz alegre e otimista. — Desculpa pelas mensagens de voz. Sei que você detesta.

— Detesto mesmo — respondo com uma risada. — E não ouvi nenhuma delas, então você vai ter que repetir tudo.

— Sei que você está passando por maus bocados. Só liguei para dizer que pode contar comigo. Você não está sozinha.

— Mas, Frankie, eu estou sozinha, *sim... tão* sozinha. — Sabrina engatinha para perto de mim e se apoia na minha perna, negando o que acabei de dizer enquanto dá uns tapinhas alegremente na minha perna esquerda, batendo nela como se fosse um tambor. — Bem, exceto por você e pela Sabrina, óbvio.

— Ah, meu docinho de menina — diz ela, toda babona. — Diz para ela que a tia Frankie está morrendo de saudade!

Sorrio, tocando na sua bochecha enorme.

— Quais são as novidades... com o Marcus? Vocês estão conversando? Resolvendo as coisas?

Solto um longo suspiro, colocando Sabrina no colo.

— Tá tudo na mesma, acho. E não, nós não estamos conversando.

— Que tal tentar fazer terapia de novo?

Encolho os ombros.

— Quem sabe?

— Lene, ele é um cara legal. Não consigo deixar de imaginar se vocês dois não

estão apenas se afogando no estresse da paternidade, sabe? Quer dizer, Christian e eu quase enlouquecemos depois que os gêmeos nasceram.

Frankie tem gêmeos? Dou um jeito de fingir que não estou surpresa.

— As coisas ficaram bem ruins por algum tempo — continua ela, rindo. — Ei, talvez eu pudesse ir até aí e ficar com Sabrina durante um fim de semana enquanto vocês dois fazem uma viagem.

— Não sei, não — digo. — Quer dizer, quem sabe? Obrigada, Frankie. Vou pensar nisso.

— Ótimo — diz ela. — Só me prometa que não vai tomar nenhuma decisão precipitada, viu?

— Tá bom.

Com Sabrina apoiada no meu quadril, fico parada na porta da casa de Adam, olhando com cautela para a campainha e pensando nas inúmeras mensagens de texto entre nós dois que encontrei no meu celular mais cedo. Embora só tenha passado os olhos por elas e me tenham parecido bastante inofensivas, não consigo deixar de sentir que estamos atravessando uma estrada perigosa.

Dou um passo para trás, reconsiderando o almoço/hora da brincadeira/seja lá qual for o nome, quando a porta se abre.

— Lena! — exclama ele, meio surpreso, com a filha presa a um canguru junto ao peito.

Abro um sorriso nervoso enquanto Sabrina dá gritinhos de alegria, arqueando as costas para tentar se soltar de mim. É evidente que já estive aqui antes — talvez muitas vezes.

— Entrem e fiquem à vontade.

Aceno com a cabeça e entro na casa de meados do século XIX, parecida com a nossa, mas um pouco mais boêmia, com tapetes turcos, almofadas estilo Ikat no chão e um leve cheiro de incenso no ar. Vejo uma garrafa de vinho branco aberta na bancada da cozinha, ao lado de duas taças vazias.

— Ei — diz ele, tirando Charlotte do canguru. — Pode ficar com ela por um segundo enquanto eu vou até o jardim cortar alguns ramos de estragão para a salada?

— Hã, tudo bem — digo enquanto ele a coloca nos meus braços.

— Ela é apaixonada por você. — Ele sorri quando a filha pega o meu colar e começa a puxar. Por sorte, evito o estrangulamento quando ela repara que Sabrina está brincando no tapete e agita os braços, pedindo para descer.

Charlotte toca no nariz de Sabrina e começa a rir. Será que seu cabelo loiro platinado é de nascença ou efeito do sol da Califórnia? Difícil de saber. Imagino como é a mãe dela. Talvez também seja viciada em trabalho, como Marcus. Talvez seja por isso que Adam e eu somos amigos. Dois pais em tempo integral, unidos pelo cansaço e pelas fraldas sujas. Que *excitante*.

Enquanto as meninas brincam, fico parada na cozinha, meio sem jeito, até que Adam volta com o estragão e começa a picá-lo com uma faca de chef toda chique.

— *Voilà* — diz Adam, colocando uma salada e um prato de sanduíches na mesa, então corre para a cozinha para buscar colheres e duas tigelas de... mingau verde. — Brócolis e banana para as meninas — explica ele, sorrindo. — Do livro de receitas de comida para bebê que você me falou.

Ah, aquele!

Sabrina faz uma careta, tapando a boca com a mão.

— Hum, desculpa — digo. — Ela anda meio... enjoada de banana.

— Ah — responde Adam, um pouco magoado. — Ela não gostava delas ontem?

Ontem. Então é rotina, ele e eu juntos?

— Pois é — respondo, pensando rápido. — Você sabe como são as crianças. Num dia, gostam de banana, no outro... de *frappuccino*.

Adam parece confuso, mas prefiro não entrar em detalhes e dou uma mordida no sanduíche. Ofereço a Sabrina um pedaço de muçarela fresca que caiu no meu prato, que ela devora no mesmo instante. Não a censuro. Se tivesse que escolher entre mingau verde e as sobras da comida de outra pessoa, também ficaria com a última opção.

Depois do almoço, Adam serve uma taça de vinho para mim e outra para ele.

— Fico feliz que vocês duas tenham gostado do sanduíche — diz ele, satisfeito.

— Ah, sim — digo, empurrando o prato vazio para o lado. — Posso te ajudar a

lavar a louça?

— Não, vamos deixar aí na mesa — responde ele, dirigindo-se até a vitrola e colocando um vinil do Al Green para tocar antes de se sentar ao meu lado no sofá. — Você ainda não tocou no vinho — continua ele, apontando para a minha taça.

— Bem — digo, tensa —, não é meio cedo para beber?

Ele dá de ombros.

— Isso nunca foi um problema para você.

Nunca. Tá certo. Olho para a taça de vinho, as duas crianças angelicais balbuciando aos nossos pés. Meu coração dispara quando sinto a mão de Adam no meu braço, e ele aponta para algo fofo que nossas filhas acabaram de construir com os blocos no chão.

— Hum — murmuro, afastando-me dele. — É... é melhor eu levar Sabrina para casa... para a hora da soneca.

— Mas nós mal conseguimos conversar — protesta Adam, chegando mais perto de mim. — Olha como as meninas estão se divertindo. Vamos deixar que elas brinquem mais um pouquinho.

— Sim, há, não — digo, levantando-me e recuperando o fôlego. — A Sabrina... não dormiu bem ontem à noite. É melhor levá-la para casa... para tirar uma soneca.

Adam assente, com um sorriso compreensivo no rosto.

— Ah, devem ser os dentinhos dela.

— É, os *dentinhos* — respondo depressa — tipo... por toda a parte. — Não faço a menor ideia do que estou falando, mas fico grata por ter uma desculpa quase plausível. Coloco Sabrina no colo e sigo em direção à porta. — Enfim, obrigada pelo almoço!

— Espera, *Lena* — diz Adam, seguindo atrás de mim. — Eu fiz ou disse alguma coisa errada? — Ele coça a cabeça.

Fecho os olhos com força, mas volto a abri-los quando Sabrina puxa uma mecha do meu cabelo, e reprimo uma careta.

— Não — respondo, tentando me recompor. — Mas, Adam, o que quer que esteja acontecendo entre nós dois, bem, tem que acabar.

Ele olha para mim, visivelmente confuso.

— Sinto muito — digo, virando-me para a porta, mas ele me segue, sem se deixar intimidar, tocando no meu ombro assim que saio da casa.

— Só um minuto, Lena, eu...

— Tenho que ir — digo, correndo lá para fora quando um BMW prata estaciona ao lado da calçada. Um homem alto de terno sai do carro, acenando enquanto caminha em nossa direção.

— Oi, querido! — diz ele, beijando Adam nos lábios. — O aeroporto de Los Angeles estava um pesadelo. Demorei uma hora para pegar a minha mala. — Ele olha pela porta aberta. — Charlotte ainda está acordada? — O rosto dele se ilumina quando ela engatinha até a porta, sorrindo para os dois homens.

— Vi a sua mensagem — diz Adam, pegando Charlotte no colo —, por isso a deixei acordada mais um pouquinho.

O outro homem acena com a cabeça em sinal de gratidão, tira o paletó e afrouxa a gravata, então se vira para mim.

— Obrigado por ser uma amiga tão incrível para o Adam durante a fusão. Estas viagens têm sido brutais. — Ele sacode a cabeça e dá um suspiro de cansaço, então se vira para Charlotte com um brilho nos olhos. — Posso jurar que nosso anjinho está diferente toda vez que chego em casa. Olha só para ela, já cresceu mais um centímetro!

— Acho que está mais para um milímetro — corrige Adam, sorrindo com orgulho.

— Bem — digo quando Sabrina começa a ficar agitada —, acho que está na hora da soneca dessa menininha aqui também. — Volto-me para Adam, aliviada e extremamente envergonhada pela minha interpretação errada da situação. — Obrigada pelo almoço e por... toda a ajuda hoje de manhã.

— Sempre que precisar, estarei aqui — responde ele, mandando um beijo para nós duas.

Sem fôlego, abro a porta da frente e ligo para Marcus.

— Lena? — diz ele, um tanto surpreso. — Só um segundo. — Ele faz uma pausa, a voz cheia de pânico. — Sabrina está bem?

— Sim — respondo depressa. — Ela está ótima.

Ele dá um suspiro.

— Graças a Deus.

— Desculpa — começo a falar, hesitante. — Sei que você está ocupado, mas... a gente precisa conversar. Escuta, posso te perguntar uma coisa?

— Tá bom. — Ele parece preocupado, como se já tivéssemos conversado antes e não tivesse ido nada bem. — O que foi?

Engulo em seco.

— Qual é o problema com a *gente*?

— Sério, Lena? Você quer mesmo falar disso agora?

— É, quero, sim.

Ele suspira outra vez.

Mordo a pontinha do lábio com tanta força que sinto o gosto de sangue na língua.

— Por favor — imploro, à espera da resposta dele, da sua versão da história. *É óbvio que não tenho um caso com o Enrique Iglesias da casa ao lado (graças a Deus), então qual é problema? Como duas pessoas podem criar uma criança tão linda e se distanciar tão rápido assim?*

— Escuta, que tal conversarmos quando eu chegar em casa? — sugere ele.

— Que horas?

— Bem, eu tenho um jantar hoje à noite, lembra?

Solto o ar, desapontada.

Ele faz uma pausa.

— Ok, se você quiser mesmo que eu volte para casa mais cedo, então eu volto.

— Sim — respondo. — Eu quero, sim.

— Tá bom, então eu... volto.

Sorrio sozinha.

— Quer dizer, não sei o que vamos comer, mas eu dou um jeito.

Ele dá uma risada.

— Ou seja, você vai pedir comida de algum restaurante.

— Exatamente.

Imagino o sorriso dele — o sr. Geleia, ainda à procura da sra. Pasta de Amendoim.

— Ok, vou sair do escritório daqui a algumas horas e tentar chegar em casa às seis, tá bom?

— Perfeito.

— Oi — diz Marcus da porta, com uma expressão hesitante, como se a conversa anterior tivesse sido um enigma e eu, uma miragem.

— Oi — digo, olhando para ele enquanto Sabrina se aproxima, puxando a calça do pai para que ele a pegue no colo.

Pego os pratos e talheres e começo a tirar a comida tailandesa da sacola, pondo as embalagens em cima da mesa enquanto Marcus coloca Sabrina na cadeirinha de bebê.

— Quer dar o jantar para ela hoje? — pergunto.

— Sério? — Ele sacode a cabeça, nitidamente chocado. — Você nunca quer que eu faça isso.

— Bem, agora eu quero — digo, secretamente aliviada por passar o bastão, ainda mais quando ele encontra um esconderijo de comida caseira para bebê na geladeira, voltando à mesa com uma colher e um babador. *Um babador teria sido muito útil hoje.*

— Você cuida tão bem dela.

Observo-o dar comida para Sabrina, usando a ponta da colher para raspar o excesso de purê do seu queixo após cada colherada.

— Obrigado. — Ele desvia o olhar quando nossos olhos se encontram. — Queria que você me deixasse ajudar mais. Toda vez que eu tento ajudar, você me afasta.

Percebo como estava enganada em relação ao Marcus hoje de manhã. Pensei que ele fosse um homem frio e viciado em trabalho, mas talvez seja apenas um pai e marido amoroso que foi excluído repetidas vezes — por mim.

Batemos papo durante o jantar inteiro — o que já é um começo — enquanto a Sabrina termina um pote inteiro de comida para bebê, junto com as sobras dos nossos pratos.

— Muito bem, princesa — diz Marcus, tirando-a da cadeirinha de bebê enquanto

eu limpo os pratos. — Agora está na hora do banho. — Ele se vira para mim. — Que tal descansar e me deixar cuidar da hora de dormir?

Abro um sorriso.

— As palavras mais sensuais do mundo.

Ele dá um beijo na bochecha de Sabrina e a leva pelo corredor.

Depois de encher o lava-louça, espio pela porta do banheiro e vejo Marcus sentado ao lado da banheira, passando xampu no cabelo de Sabrina com carinho eorquestrando uma brincadeira elaborada, composta por um barco de plástico e uma baleia azul. Ela espirra a água cheia de bolhas de sabão enquanto ele faz as vozes dos personagens.

— Você não me pega, sr. Baleia — diz ele, enquanto Sabrina se diverte. É um pai (e homem) maravilhoso. Então, o que me levou a me isolar desse jeito? Por que eu o afastei?

Depois que ela está de pijama, sigo-o até o quartinho de Sabrina e escuto da porta enquanto ele lê uma história para dormir e a acomoda no berço com seu ursinho de pelúcia. Quando ela se põe de pé, eu me aproximo, beijando sua bochecha macia e sentindo o cheiro inebriante do xampu de bebê, então Marcus a deita no berço de novo, mas não dura muito tempo. Ela se senta, balbucia, e então diz, de um jeito tão claro quanto o dia:

— Papa.

Ele olha para mim, espantado.

— Você ouviu isso?

Sorrio, fazendo que sim com a cabeça.

— Isso mesmo, querida — diz ele, radiante. — Você disse: “Papa.”

— Papa — repete Sabrina, sua boquinha formando a palavra orgulhosamente, então ela boceja e afunda a cabeça no seu amado ursinho enquanto saímos do quarto na ponta dos pés.

— Ei — diz Marcus na cozinha, abrindo uma garrafa de vinho. — Vou mudar de roupa e buscar a babá eletrônica. Quer me encontrar lá fora?

Faço que sim com a cabeça e depois sirvo uma taça para cada um. Alguns minutos

mais tarde, ele volta de camiseta e shorts — com a babá na mão. Sentamos na espreguiçadeira dupla junto à piscina, observando as luzes da cidade cintilarem ao longe enquanto as palmeiras balançam com a brisa quente da noite.

— Podemos continuar de onde paramos ao telefone? — pergunto, olhando para ele.

— Vamos nessa — responde ele com um longo suspiro.

— Ok, para início de conversa — digo, indo direto ao assunto —, hoje de manhã você estava tão... fechado, e eu só queria saber se...

— Fechado? — zomba ele, tomando um gole de vinho. — Eu poderia dizer a mesma coisa sobre você. — Ele se recosta na espreguiçadeira, olhando para a noite e se virando novamente para mim. — Querida, você *sabe* que anda meio... desligada desde que Sabrina nasceu. A princípio, pensei que fosse o puerpério, mas já faz *13 meses*. Eu... não consigo atravessar suas barreiras. Não sei mais como fazer isso. Você não quer conversar, não quer fazer nada comigo. Até ergueu uma barricada de travesseiros entre nós dois na cama, pelo amor de Deus! Eu tentei, você sabe que sim, mas, Lena — ele faz uma pausa, deixando escapar um longo suspiro de frustração reprimida — ... você tem que tentar também.

Engulo em seco, assimilando o que ele acabou de dizer.

— Sinto muito — digo. — Imagino como você deve estar se sentindo. Não sei nem o que dizer, mas quero que as coisas fiquem bem... para nós dois, para Sabrina. Eu... quero tentar, Marcus.

— Eu também — responde ele com a voz terna. — Só de te ouvir dizer isso, Lena, é... — Marcus faz uma pausa, a voz embargada de emoção. — Bem, significa muito para mim. Eu senti tanto a sua falta, querida. — Ele pigarreia, aconchegando-se a mim. — Também sinto muito. Sei que não sou o marido perfeito. Trabalho demais e poderia ser um ouvinte melhor. — Ele sorri. — Além disso, assisto ESPN demais nos finais de semana e nunca mais levei o café da manhã na cama para você.

Dou uma risada.

— Eu *detesto* tomar café da manhã na cama.

Marcus entrelaça os dedos nos meus enquanto eu pouso a cabeça no ombro dele.

— Já pensou melhor sobre contratar uma babá? — pergunta ele com cautela. — Sei que é um assunto delicado, mas o trabalho significa tanto para você, e a Sabrina está crescendo. Pode começar devagar, com calma... só alguns dias por semana.

Sorrio, olhando para ele.

— Você tem razão — digo. — Acho que já está na hora.

— Quer dizer, não se trata de dinheiro, lógico. Posso cuidar da gente. Só quero que você seja feliz. — Seus olhos brilham quando se volta para mim. — Ah, quase esqueci de te contar. Adivinha quem contratou o Lorenzo hoje?

— Mentira! Sério?

— Assinado, selado e entregue.

— Parabéns!

Ficamos sentados ali por um bom tempo, de mãos dadas, envoltos no ar quente da noite. É perfeito... até ouvirmos um barulho no walkie-talkie, quer dizer, na babá eletrônica: primeiro uma tosse baixa, seguida de uma agitação e depois um choro.

— Fica aqui — insiste Marcus. — Vou ver como ela está.

Ele volta alguns minutos depois, com Sabrina nos braços.

— Ela está meio quente. Talvez seja febre.

— Ah, não! — exclamo, me levantando e levando as costas da mão à testa dela instintivamente, como a minha mãe fazia quando eu era pequena. — Ela está meio quente mesmo.

Marcus confirma a febre dela com um termômetro que pega na cozinha.

— Trinta e sete e meio — diz ele, preocupado. — Vou dar um Tylenol para Sabrina e dormir com ela no quarto de hóspedes esta noite para que você possa descansar.

— Tem certeza?

— Absoluta. Você cuidou dela o dia todo. Está na hora do papai assumir o turno.

Estudo a expressão no rosto de Marcus.

— Obrigada por ficar comigo, apesar de tudo que passamos.

— Eu sempre vou ficar com você, querida.

— Como pasta de amendoim e geleia — acrescento, tocando seu rosto.

Ele ri e me dá um beijinho, então leva Sabrina pelo corredor.

Vou até o escritório e me sento em frente ao computador, abrindo a caixa de entrada do e-mail para procurar a mensagem da advogada que li hoje de manhã. Clico no botão de resposta e começo a digitar:

Cara Beth,

Talvez você fique surpresa, mas mudei de ideia. O divórcio está fora de questão.

Marcus e eu decidimos nos entender, pelo bem da nossa filha. Não preciso nem dizer, mas não vou mais precisar dos seus serviços. Tenho certeza de que compreende.

Obrigada por tudo,

Lena

Depois de enviar, espio o quarto de hóspedes, onde Sabrina dorme aconchegada ao pai, que também dorme profundamente. A cena quase acaba comigo.

Sei que a vida não é perfeita, e muito menos o amor. Na verdade, é confusa, temperamental e repleta de sentimentos. Mas a conexão é a cola. Marcus e eu a perdemos, mas esta noite começamos a encontrar o caminho de volta. Tenho orgulho disso, mesmo que tudo desapareça, pelo menos para mim, quando o sol nascer amanhã de manhã.

Depois de tantos dias pulando de uma realidade para outra, estou começando a me perguntar se a minha antiga visão do amor não é totalmente equivocada. Embora não concorde com a teoria da esteira rolante de Kevin, a ideia de encontrar “o cara certo” parece mais uma fantasia, tão real quanto duendes e unicórnios. Talvez o amor tenha menos a ver com destino e pó de pirlimpimpim e mais com coragem e intenção. Talvez seja tão simples quanto ser *a pessoa certa* para quem se ama.

Entro no quarto na ponta dos pés e me deito na cama queen-size ao lado de Sabrina, com seus bracinhos esticados acima da cabeça, que é exatamente como a minha mãe me disse que eu dormia quando era bebê. Com Marcus de um lado e eu do outro, nós a cercamos como um casulo. Família, conexão, amor, estar presente um para o outro mesmo quando é difícil — agora que tive esta experiência, será que é assim que vai acabar? É, talvez esta jornada insana termine do nada amanhã de manhã, com o rosto doce de Sabrina sorrindo para mim, Marcus bocejando do outro lado da

cama, nós dois discutindo as tarefas matinais dos cuidados de um bebê. Mesmo que não termine e eu acorde em outro lugar, sei que *isso — toda esta experiência —* vai permanecer no meu coração para sempre.



*Parte
dez*

Sinto uma brisa suave no rosto quando abro os olhos. O quarto — onde quer que eu esteja — balança violentamente de um lado para o outro. *Um terremoto?* Talvez eu ainda esteja em Los Angeles. Meu coração dispara. *Sabrina!* Em pânico, me seguro enquanto o balanço continua e um copo d'água escorrega da mesinha de cabeceira, espatifando-se no chão.

Olho ao meu redor, examinando o quarto pequeno e claustrofóbico e a janela circular. Não estou em Los Angeles. Não há Marcus nem Sabrina no berço. Além do travesseiro extra e dos lençóis amarrotados ao meu lado, a cama está vazia. É bem menor do que a cama queen-size de ontem ou as outras em que acordei anteriormente, quase uma miniatura, na verdade. Ou eu sou uma elfa, ou o marido da vez gosta de dormir de conchinha.

Esfrego os olhos, agradecida quando o balanço para, mas meu corpo gela ao ouvir respingos de água vindos da... *escotilha?* Olho para o mar azul-turquesa lá fora. *Estou num barco — um barco bastante agitado.*

Olho para a aliança na minha mão — um simples aro de ouro cravejado de pequenos diamantes, alguns dos quais estão faltando. Casada de novo. Sinto um aperto no peito — pela Sabrina, pelo Marcus, por mais uma vida da qual fui arrancada —, mas se aprendi alguma coisa nesta jornada é que não tenho outra escolha a não ser seguir em frente. Reprimo a dor dentro de mim enquanto a minha imaginação entra em ação. Com quem será que estou casada hoje? Alguém que namorei na faculdade? Depois da faculdade? Talvez um cara que conheci naqueles anos de excesso de cafeína em Nova York? Fico quieta, lembrando-me do belo canadense da última época — Trent? Ele falava em velejar, acho, e era charmoso; isto é, até que descobri que morava no *porão da casa da mãe*.

Ah, não. *Não, não, não, não, não.*

Espera aí, por que eu estou num barco? São férias? Um cruzeiro? Talvez sejamos... náufragos ou... piratas? Faço uma pausa, pensando em todos os livros de aventura que li quando era criança. Rio sozinha, mas então faço uma careta, imaginando o Trent de tricórnio e tapa-olho.

— Olá? — digo, colocando a cabeça para fora da porta e lançando um olhar cauteloso por um corredor surpreendentemente longo. Rolos de corda bem enrolados pendem em ambos os lados. Certo, é um barco *grande*. Ouço o ranger de passos nas tábuas de madeira do assoalho enquanto subo uma escada envernizada que dá acesso ao convés ao ar livre. Um jato de água do mar atinge o meu rosto quando chego ao último degrau. Olho para as duas enormes velas brancas, esticadas pelo vento, e suspiro. Ok, estou num veleiro, mas não um veleiro qualquer — *é um verdadeiro iate*, o tipo de embarcação de onde influenciadores postam fotos no sul da França.

Agarro-me à amurada para me equilibrar enquanto caminho aos tropeços até a proa do barco, onde um homem — só consigo ver suas costas nuas — segura as extremidades de um imenso leme. *O capitão?*

— Oi — digo, aproximando-me enquanto o vento sopra o cabelo no meu rosto.

— Bom dia — responde ele, com o olhar fixo no horizonte. — Estamos adiantados mesmo, não é? — Sua voz me parece familiar, com um sotaque australiano, embora não consiga reconhecê-lo.

— Pode crer... adiantados — respondo, ansiosa para ver o rosto dele.

— Ainda bem que você conseguiu dormir — continua ele, olhando para o relógio de pulso. — Os passageiros embarcam à uma da tarde. Vai ser um dia cheio. — Ele vira o leme de repente e eu tropeço, agarrando-me à amurada enquanto nos desviamos para a direita. — Mas está tudo pronto. Todas as estações preparadas. — Ele finalmente se vira para mim e seu sorriso desbloqueia a minha memória como se fosse uma chave. — Temos algumas horas antes do dia D. Quer se divertir um pouco?

Minha nossa, é o Del? O australiano que conheci em... Positano? Isso mesmo, Positano! Foi no verão antes de Frankie começar a pós-graduação. Ela marcou uma viagem para a Riviera Italiana, mas o Christian não conseguiu tirar folga do trabalho,

então fui no lugar dele. Meu chefe não ficou muito feliz e tive que ser criativa para convencê-lo a me liberar, mas ir para a Riviera Italiana com a minha melhor amiga? Dá! Contudo, por mais improvisada que fosse, era uma verdadeira viagem só de garotas, e eu não tinha o menor interesse em conhecer alguém. Para ser sincera, não estava atrás de cara nenhum. Mas então apareceu o *Del*.

Frankie e eu estávamos dando um passeio matinal, descendo a trilha sinuosa e íngreme até a vila. Quando chegamos à marina para tirar fotos, vi um homem bonito amarrando o veleiro a uma rampa. Lógico que fiz de tudo para impressioná-lo, ou seja, tropecei em frente ao barco dele no cais.

Estremeço, lembrando-me das farpas na minha coxa esquerda. Frankie arrancou a maioria mais tarde, mas algumas foram impossíveis de remover. Resolvemos chamá-las de *souvenirs*. Esfrego a perna, imaginando se um pouco de Positano continua sob a minha pele até hoje.

Nesse dia, Del foi um cavalheiro, oferecendo-se para ajudar e pegando uma caixa de primeiros socorros. De folga por dois meses dos seus deveres de capitão num grande iate, ele tinha o jeitão atlético do Matthew McConaughey — pele bronzeada, mechas douradas nos cabelos por conta do sol e um brilho selvagem e aventureiro nos olhos —, e me deixou de perna bamba, exatamente como agora.

— Que tal seguirmos para o norte? — sugere Del. — Talvez ir até o poço de Thirassia, que você tanto adora?

Fico encantada com as palavras dele, que soam como uma página arrancada de um livro muito amado. Quer dizer que nesta vida frequente piscinas naturais ao largo da costa das ilhas gregas? *Sim, por favor!*

— Então, o que você acha?

— Tá bom — respondo, voltando a mim. — Lógico.

Del sorri, mexendo num botão no painel de navegação.

— Muito bem, vamos para o oeste e atracar lá por umas duas horas, depois vamos buscar nossos convidados em Santorini. Os ventos estão tranquilos, não devem causar problemas. — Ele sorri. — Você e eu, um pouco de calmaria antes da tempestade. É perfeito, não é?

Decido ignorar a palavra *tempestade* e me concentro em *Santorini*. Na verdade, o meu coração começa a palpitar. *Santorini!*

— É, sim — respondo, radiante, enquanto olho para a água cristalina salpicada de ilhas até onde a vista alcança. Algumas são enormes, com falésias rochosas e inúmeras praias de areia branca; outras, parecem miniaturas, basicamente rochas que despontam do mar Egeu.

Quantas vezes contei ao Kevin sobre o meu sonho de visitar as ilhas gregas? Cem? Mil? Lógico que ele sempre tinha razão ao dizer que não era uma boa ideia — tempo, logística, clima. Mas agora finalmente estou aqui. Quanto ao Kevin? Não passa de uma lembrança.

— Querida, por que não vai mudar de roupa? — Del flexiona os braços fortes quando volta a girar o leme. — Estamos a poucos nós de distância. Vou precisar da sua ajuda para baixar as velas.

Ajuda? Ele fala como se eu tivesse alguma ideia de como ser útil num veleiro. Andei de balsa a vida inteira, mas não tenho nenhuma habilidade em navegação — tipo, zero. Sério mesmo, não sei nem como distinguir uma *popa* da minha *bunda*. Desço as escadas e sigo até o pequeno quarto onde acordei, abrindo gavetas e compartimentos, sem sorte. Preciso encontrar um maiô — e toalhas também, não? Levo alguns minutos, mas então abro um baú de armazenamento debaixo da cama, onde encontro o tesouro escondido: meus pertences. Pego um biquíni azul-claro, segurando-o contra a luz. *E eu lá tenho corpo para usar isso?* Suspiro e me visto, então volto para o convés principal, onde Del está ocupado puxando uma das velas.

— Graças a Deus — diz ele. — O vento acabou de aumentar. Posso lidar com a vela principal, mas preciso que você baixe a âncora depressa.

— A âncora — digo, de olhos arregalados, enquanto o vejo subir num poste enorme (o mastro?) e amarrar várias cordas ali. *Ok, se eu fosse uma âncora, onde estaria?* Decido ir até a frente do barco (a cabine de controle?), onde olho ao redor, mas nada parece óbvio. Na verdade, é tudo estranho.

— Lena! O que você está fazendo? Estamos chegando perto da costa. Você tem que baixar a âncora!

Com o coração acelerado, passo os dedos pelas várias alavancas. O que estou procurando? Um botão? Uma manivela? Isso, uma manivela! Agora a vejo, presa a uma corda, a *âncora* pendurada na ponta. Começo a puxar, girando-a no sentido anti-horário.

— Acho que já está bom — grita Del do seu poleiro.

Ufa! Sorrio, olhando para ele, com o braço meio estirado.

— Lena! — grita ele de novo, me deixando assustada. — Prenda a linha!

Fico paralisada, me sentindo completamente deslocada.

— Depressa! Amarre a corda. Estamos sendo arrastados!

Arrastados? Fico paralisada, sem saber o que fazer. Por sorte, Del desce como o Homem-Aranha, avançando com confiança para prender a corda solta.

— Desculpa — digo, meio envergonhada enquanto me sento na cadeira do capitão, esfregando o braço. — Acho que tive uma... câibra.

— Tudo bem, querida — diz ele, apontando para a enseada isolada. A água azul-clara é de tirar o fôlego. — Vamos dar um mergulho? — Del coloca os óculos escuros no painel, e eu o sigo até a borda superior do barco, onde ele pega a minha mão, sorridente.

Meu coração bate mais rápido quando olho para a água lá embaixo.

— Não sei, não — murmuro, nervosa. — É um salto e *tanto*.

Del dá uma risada zombeteira.

— Como é que é? A minha esposa, uma verdadeira sereia, com *medinho*? — Ele sorri, me puxando para a borda e fazendo cócegas na minha barriga. Eu me encolho, rindo, e nós dois caímos, afundando no mar.

Arfo, afastando o cabelo do rosto, enquanto Del recupera o fôlego e mergulha outra vez, voltando à tona alguns momentos depois, triunfante.

— Você viu o polvo?

Antes que eu consiga lembrar se polvo — ou polvos? — é amigável ou não, Del mergulha de novo. Alguns segundos depois, ele volta à superfície com a presa na mão: uma criatura de aparência pré-histórica em que eu *não* quero tocar. Mantendo a distância, começo a nadar enquanto ele coloca o pobre animal no convés traseiro do

barco antes de ir para a segunda e depois para a terceira rodada.

— Pronto — diz ele, exibindo sua última captura com orgulho. — Os aperitivos desta noite.

Não deixo de ficar maravilhada com o conhecimento que Del tem do mar, uma linguagem que obviamente desconheço. É verdade que cresci nadando em Puget Sound, mas é muito diferente de navegar em alto-mar. Para ser sincera, sempre tive um medo profundo do oceano — do seu poder, mistério e imprevisibilidade. Mas a minha ansiedade é dissipada pelos braços fortes e capazes de Del, que me embalam na água azul-clara. Por um momento, o peso da minha vida desaparece. Por um momento, sinto-me... leve.

— Por que não tomamos banho e vestimos nossos uniformes antes de irmos para Santorini? — sugere Del enquanto nos secamos no convés. — Quero que a gente esteja pronto quando chegar ao porto.

Uniformes?

— Você sabe como esse pessoal chique do Reino Unido é exigente — continua ele, revirando os olhos de um jeito exagerado. — Vamos ter uma semana *daquelas*.

— Tá bom — digo nervosamente, descendo as escadas para tomar banho. Na gaveta debaixo da cama, encontro uma camisa polo azul com um logotipo bordado que diz: IATES MAJESTOSOS. Visto-a, junto com um short cáqui que não me cai nada bem, e prendo o cabelo molhado num rabo de cavalo.

Del surge com um visual idêntico, com o acréscimo do chapéu de capitão. Entramos na marina e fico de queixo caído com a beleza deslumbrante de Santorini, suas construções de estuque branco imaculado encravadas na falésia, salpicada de flores de buganvília cor-de-rosa.

— Joga a corda da popa para mim — diz ele, pulando para o cais.

— Hum... — Faço uma pausa, paralisada pela confusão. *Qual é a corda da popa?*

Ele aponta para a corda bem na minha frente, e eu a jogo pela amurada, batendo o dedão do pé. Obviamente, calculei mal a distância, pois a corda cai direto na água. Del se inclina sobre a borda para pescar a corda e a amarra. Se está irritado, não deixa transparecer.

De volta ao convés e em pleno modo de capitão, ele esfrega a testa, andando de um lado para o outro.

— Muito bem, a cozinha está abastecida, certo?

— Certo — respondo em tom de *sim, senhor*, embora não faça ideia de onde fica a cozinha nem se está abastecida.

Ouçõ um barulho alto e olho para a direita, onde um homem acaba de içar uma enorme mala da Louis Vuitton no convés. Acho que Del não estava exagerando quando disse que era uma gente chique.

— Ótimo — continua Del em tom de comando. — Os carregadores estão a bordo. — Ele se vira para mim. — Que tal abrir e servir o champanhe?

— Champanhe, ok — digo, entrando em ação. Desço uma escada em espiral no centro do barco que dá acesso a uma cozinha de chef, e é aí que me dou conta: *meu Deus, eu sou a “chef”, não sou?*

Como isso aconteceu? Eu não sei cozinhar. O que essa gente vai comer? Sanduíche de pasta de amendoim e geleia? Em pânico, procuro as taças de champanhe, que encontro no armário de baixo. Coloco seis taças numa bandeja e abro a adega, de onde tiro uma das dezenas de garrafas de Dom Pérignon.

Luto com a rolha por um minuto, mas finalmente consigo tirar aquela coisa maldita, e sirvo espumante em cada taça, dando um golinho (coragem líquida, sabe como é) antes de voltar para o convés superior. Por um milagre, consigo segurar a bandeja com firmeza e a coloco sobre uma mesa de teca no momento em que chegam nossos primeiros convidados, e, ah, mas que *chegada!*

Uma mulher de quarenta e muitos anos embarca primeiro, vestida com uma túnica branca, chinelos da Chanel e um lenço de seda da Hermès em volta do pescoço. Ela ajeita os enormes óculos escuros redondos, abanando o rosto.

— Querida — diz ela com um sotaque britânico —, seja uma fofa e me traga uma garrafa de San Pellegrino, pode ser?

— Há — murmuro enquanto ela me dá sua bolsa da Birkin. — Lógico.

— Obrigada — responde ela com um suspiro. — E guarde a bolsa na minha cabine, está bem? Este sol escaldante é péssimo para o couro.

Concordo com a cabeça e desço as escadas. Não faço a menor ideia de onde fica a “cabine” dela, então jogo a Birkin em cima da bancada e pego uma garrafa gelada de San Pellegrino.

— Pronto — digo, entregando a garrafa de água para ela. Um homem igualmente elegante havia chegado e está ocupado interrogando Del sobre o curso que seguiremos nesta semana. — Vocês gostariam de tomar champanhe? — pergunto, estendendo a bandeja.

A mulher pega uma taça e toma um gole delicado.

— Você faz parte da tripulação?

— Há, sim. Eu sou Lena. E você é?

— Victoria — diz ela. — Meu marido, Charles, está ali, falando com o capitão.

— Bem — respondo, dando um sorriso meio sem graça. — Bem-vinda a bordo.

— Nossos amigos vão chegar em breve — continua Victoria. — Bem, família, presumo; Pamela é minha irmã mais nova. Ela está aqui com o novo marido, que é um tanto esquisito. — Ela suspira. — Você vai ver.

— Ah, é? — murmuro, meio confusa.

— Querida, me diga uma coisa: quem é o chef de cozinha nesta viagem?

Engulo em seco.

— Ora, sou eu mesma.

Ela arregala os olhos.

— Por favor, me diga que estudou na Le Cordon Bleu.

— Mas é lógico que sim — minto.

— Ótimo — diz ela com uma fungada esnobe. — Muitas tripulações de marido e mulher, capitão e chef de cozinha, não são minimamente refinadas. — Ela abana o rosto, franzindo a testa quando um homem muito alto sobe a bordo, com o rosto oculto atrás da enorme caixa que tem nas mãos. — Por falar no diabo — sussurra Victoria com um revirar de olhos. — Chegou o meu cunhado *irlandês*.

— Toda viagem precisa de um fornecimento adequado de uísque irlandês — diz ele, colocando a caixa no chão com um baque que faz chacoalhar as garrafas lá dentro. — Ora, olha só para isso — continua ele, examinando toda a extensão do barco, e é

nessa hora que o sangue praticamente se esvai das minhas veias. *Este rosto, esta voz.* —
Passei de remar na lama para navegar em alto-mar!

Colm.

De repente, sinto as mãos úmidas — não, completamente suadas. *Como é possível uma coisa dessas?*

Fico paralisada, com o coração martelando. Victoria abre e fecha a boca, provavelmente falando alguma coisa, mas não consigo ouvir nada — é só *blá-blá-blá*.

Ocupado com o navio, Colm ainda não reparou em mim.

— É um veleiro ou um castelo flutuante? — brinca ele, passando a mão ao longo do gradil de madeira polida. — Olha só para esta belezinha. Minha nossa, como é grandiosa!

Quando ele se vira, nossos olhos finalmente se encontram e sua expressão despreocupada se transforma em puro choque.

— *Lena?* — pergunta ele de olhos esbugalhados.

Victoria nos fita com desconfiança.

— Perdão, vocês dois se *conhecem*?

— Hã — começamos a dizer em uníssono, dando uma risadinha nervosa.

— Foi há muito tempo — explica Colm, concluindo o assunto. — Não foi?

— Sim — murmuro, sem saber o que dizer.

— Nós nos conhecemos em um trem — continua Colm — na Suíça, se me lembro bem.

Aceno com a cabeça, sorrindo.

— Exato.

Presumo que ele não tenha consciência do nosso reencontro nem do belo pedido de casamento no pub da sua família. Mas parecia tão real — foi real —, pelo menos para mim.

— Uau! Como você está? — pergunta ele, estudando o meu rosto enquanto Victoria nos observa.

— Hã, ótima — digo, escolhendo as palavras com cuidado. — Uma aventura atrás da outra!

Ele esfrega a testa nervosamente.

— Então, você trabalha com turismo, suponho?

— Eu... sim — respondo, olhando para a frente, onde Del é mantido como refém por Charles. — Sou a chef e aquele ali é o meu... marido, sabe, o capitão. — Tenho certeza de que nunca proferi uma frase mais estranha aos meus próprios ouvidos.

— Uma dupla dinâmica — retruca Colm, enxugando uma gota de suor da testa.

Victoria suspira, servindo-se de outra taça de champanhe. Eu a ignoro, mantendo os olhos fixos em Colm.

— Então... você também está... *casado*?

Ele assente.

— É, acabei de me casar.

— Colm, querido — interrompe Victoria, transformando a cara feia em um sorriso doce fingido. — O que você fez com a minha irmã?

— Ah — começa ele, sem saber o que dizer. — A Pamela resolveu ir... às compras. *Pamela*. A simples menção do nome faz o ar gelar.

— Compras? — Victoria suspira, visivelmente aborrecida. — Você não informou à sua adorável esposa da nossa partida iminente? Ah, minha querida irmãzinha, nunca compreendeu a virtude da *pontualidade*.

Colm coça a cabeça, sorrindo nervosamente enquanto desvia o olhar de Victoria para mim.

— Vickie — diz ele por fim —, acho que ambos sabemos que a Pamela *faz* o que a Pamela *quer*.

— Suponho que tenha razão — responde a irmã mais velha, soltando um suspiro exausto. — Ainda assim, as crônicas de suas aventuras inoportunas se tornarão histórias de dormir para as gerações futuras. — Ela dá um sorriso malicioso. — Lembra-se do mês passado em Cannes, quando Pamela insistiu em passar na Cartier pouco antes do nosso voo? Quanto tempo ficamos sentados na pista, esperando por ela? — Faz uma careta. — Devo dizer que isso já está se tornando bastante cansativo.

Antes que Colm possa responder às queixas da cunhada, nossa atenção é atraída para um alvoroço no convés de trás. Uma mulher loira de trinta e poucos anos toma conta da cena, dando um gritinho estridente que ecoa pelo ar.

Chegou o Furacão Pamela.

Colm avança em direção a ela, de olhos arregalados.

— Querida — diz ele, pegando a mão dela —, você está bem?

— Até estaria, se algum membro da tripulação me ajudasse a subir a bordo — esbraveja ela, tirando o salto pontiagudo de um dos Louboutins de um vão no convés de teca. Em seguida, olha ao redor do navio, franzindo a testa. — Ah, mas que encantador, um *armário de vassouras* flutuante.

Colm me lança um olhar de desculpas quando ela larga a sacola de compras no convés.

— Vickie, pensei que você tivesse me dito que se tratava de um *iate* — continua ela. — Talvez tenha reservado a excursão minimalista por engano, não?

Victoria está nitidamente irritada com a birra da irmã, mas não há dúvidas de que as duas sejam farinha do mesmo saco.

— Eu sei, querida — diz ela, devolvendo a taça de champanhe vazia para mim e ajeitando os enormes óculos escuros. — É *tão* simples, não? Uma pena; as fotos no site davam outra impressão. Bem, vamos sobreviver.

— Querido — diz Pamela, lançando um olhar exasperado a Colm —, por favor, encontre alguém da tripulação e peça que estas sacolas sejam levadas para a nossa cabine. Comprei azeite grego para a mamãe e quero que as garrafas fiquem bem longe deste calor.

Colm olha para mim, nervoso, e assente para a esposa.

— Sim, meu amor, mas primeiro quero te apresentar uma velha amiga. — Ele muda de posição, sorrindo para mim. — Esta é a Lena. — Brinca com as mãos, como se não soubesse o que fazer com elas. — Nós nos conhecemos um milhão de anos atrás, em uma viagem de trem pela Suíça. O marido dela é o capitão; os dois comandam este navio.

Pamela olha para mim com indiferença.

— Que pitoresco.

Sinto a mão de Del no meu ombro.

— Lena, aposto que nossos convidados estão loucos para se refrescar. Por que não os levamos às suas cabines?

— Certo, isso mesmo — digo, seguindo seu comando.

— Caramba — diz Del mais tarde na cozinha, colocando um polvo na bancada. — Deve ser o grupo mais esnobe que já pegamos até agora.

— É mesmo — digo, olhando com receio para os tentáculos nodosos da criatura.

— Quer dizer que você... conhece aquele cara, hein? — Ele endireita a aba do chapéu. — O irlandês?

— Sim — respondo, evitando contato visual. — Mundo pequeno, não é?

— Até demais — diz ele, coçando a cabeça. A preocupação em seus olhos desaparece quando ouvimos o barulho de vidro quebrado no convés superior. — Eu cuido disso — diz ele, revirando os olhos. — Que tal começar a preparar o polvo?

Faço que sim com a cabeça, olhando para o espécime de oito pernas por um bom tempo, até finalmente pegar um cutelo e me forçar a trabalhar. Estremeço a cada corte, sem ter a menor ideia do que fazer. Quer dizer, já comi lula, mas polvo é uma criatura totalmente diferente. Devo fritar? Assar? *Cantar* para ele? Pego um livro de receitas da prateleira de cima e folheio o capítulo de frutos do mar até encontrar uma receita de ceviche de polvo. *Isso, ceviche!*

Embora não consiga encontrar metade dos ingredientes, temos limão, cebola e sal. O que Pamela disse mesmo? Isso, vou fazer um *ceviche minimalista* para uma *excursão minimalista*. Rindo sozinha, coloco o polvo dissecado em uma travessa, regando-o com suco de limão e sal e acrescentando cebolas para enfeitar.

— Lá vem a surpresa — sussurro, subindo as escadas para o convés superior.

Encontro os nossos convidados tomando sol nas espreguiçadeiras à direita.

— Gostariam de um ceviche? — pergunto, pigarreando. — O capitão pescou hoje de manhã.

Colm tira os olhos do celular, sorridente.

— Sim, por favor!

Entrego-lhe um guardanapo quando ele pega um pedaço — bem, uma perna — e morde a pontinha.

— Gostou? — pergunto, ansiosa.

Ele tapa a boca, faz que sim com a cabeça e depois tosse.

— Você disse que é ceviche? — pergunta Victoria, olhando para a travessa com desconfiança enquanto Charles se serve.

Faço que sim com a cabeça.

— E de origem local. Nós o pescamos hoje de manhã.

— Hum — murmura ela, finalmente pegando um pedaço, que examina por um bom tempo. — Que apresentação peculiar!

Pamela faz cara de nojo, deitada na espreguiçadeira com um biquíni de estampa geométrica que deixa muito pouco para a imaginação.

— Nem me ofereça — diz ela, fazendo careta. — Parei de comer *criaturas sencientes* há dez anos. — Suspira, pegando o frasco de óleo corporal ao seu lado. — Colm, querido, passa nas minhas costas, por favor?

Ele assente e se levanta na mesma hora; a protuberância na bochecha direita deixa evidente que ainda não engoliu o primeiro bocado.

Pamela se deita de lado e Colm começa a passar óleo na sua pele. Com amor ou apenas obrigação? Não sei dizer. Os dois são casados, lógico — eu também —, ainda assim, vê-los juntos me provoca um aperto no peito. Sim, a lembrança da nossa conexão continua fresca na minha memória, porém é mais do que isso. Como o Colm podia ser feliz com uma mulher daquelas? Deixo a travessa na mesa e saio de fininho antes que alguém se dê conta da minha ausência.

— Lena — diz Del, preocupado, quando me encontra na parte da frente do barco, encolhida num canto, com os joelhos junto ao peito. — O que foi?

— Nada — minto, me recompondo. — Para ser sincera, estou... com saudade de casa.

— Ah! — exclama ele, sentando-se ao meu lado. — Este estilo de vida afeta a gente de vez em quando, não é? — Ele olha para o mar, para as enormes velas brancas ondulando ao vento. — Mas não é fantástico estarmos aqui? Viver assim? Só você, eu e o mar. — Ele ri, gesticulando para o convés de trás. — Bem, e aqueles idiotas.

Abro um sorriso.

— Você sente saudade de casa?

Del dá de ombros.

— De terra firme? Às vezes. É o que 330 dias náuticos por ano fazem com você, suponho. Mas de casa? — Ele balança a cabeça. — Não, o mar é o meu lar, o *nosso* lar.

Já ouvi histórias sobre pessoas aventureiras como Del — montanhistas, triatletas, praticantes de parapente. Elas vivem da adrenalina, perseguem-na como se fosse uma droga. E daí se você escalar o Monte Fuji? Ainda falta o Kilimanjaro. Lar não é um único lugar onde você deita a cabeça todas as noites, mas sim a jornada. É evidente

que Del adora isso. Mas e eu? Tenho que admitir que é bem mais empolgante do que a minha carreira em relações com investidores. Será que era isso que me faltava esse tempo todo?

Ficamos sentados em silêncio por um bom tempo, até que Del pega minha mão.

— Escuta, deve ser a pior hora para te dizer isto, mas preciso desabafar.

— O que foi?

Ele brinca com a aliança de ouro por um momento.

— Sei que você estava decidida a visitar a sua tia Rosie no mês que vem, mas... Eu fiz besteira. Não prestei atenção à nossa agenda. Temos uma excursão na mesma semana e não há como cancelar. O grupo reservou a viagem há um ano e, de alguma forma, não notei a sobreposição das datas. Sinto muito, querida, mas vamos ter que remarcar a sua viagem para casa.

— Ah — murmuro, meio decepcionada, não que isso importe (nunca faríamos essa viagem de qualquer maneira), mas suas palavras me magoam mesmo assim.

— Bem — diz Del, olhando para o horizonte. — É melhor voltar ao trabalho. A previsão do tempo mudou para pior. Vem uma tempestade por aí. A coisa pode ficar feia.

Sigo seu olhar até as nuvens escuras no céu, que ameaçam acabar com aquele tempo maravilhoso a qualquer momento. O vento também aumentou, provocando ondas revoltas por todo lado. Tremo, sentindo uma gota de chuva cair no meu braço.

Emocionante, talvez, mas, nesta realidade, o mar é a minha prisão. E para Del, com um brilho febril nos olhos rebeldes? É o amor da vida dele.

No final da tarde, a tempestade chega com força total. A chuva respinga no convés, fazendo Pamela e Victoria correrem das espreguiçadeiras para se abrigarem enquanto Charles anda de um lado para o outro, nervoso, e enchendo Del de perguntas.

— Quantas tempestades já enfrentou na sua carreira? Cadê os coletes salva-vidas? A quantos nós o vento está soprando? Será que a tempestade vai passar antes da hora do coquetel?

— Escuta só, amigo — diz Del por fim, obviamente frustrado. — Garanto que vamos ficar bem, mas preciso que me deixe fazer o meu trabalho. A situação vai ficar

bem pior até melhorar.

Charles arregala os olhos, digerindo as palavras de Del.

— Certo — diz ele, retirando-se para o convés inferior.

Os bíceps de Del flexionam enquanto ele segura o leme, virando-o para a esquerda.

— Lena — chama ele. — Fica no meu lugar por um segundo, por favor? Tenho que recolher as velas antes que o vento fique mais forte.

— Tá bom — digo, apavorada, enquanto assumo o leme com relutância. Não tenho ideia do que estou fazendo, só sei que preciso *segurar firme*, e é o que faço (ferozmente).

Quinze minutos depois, a tempestade continua aumentando e, quando Del volta para retomar seu posto ao leme, fico aliviada.

— Bom trabalho, querida — diz ele. — Estamos navegando a quarenta nós em direção ao sul. Com sorte, estaremos fora de perigo daqui a três horas, talvez quatro.

— Quatro horas? — pergunto, assustada, enquanto a chuva e a água do mar batem no rosto de Del. Seus olhos brilham, não de medo, mas de animação. É nítido que ele nasceu para isso. Eu, por outro lado, só quero fugir dali e me esconder.

— Escuta — continua ele, segurando o leme —, talvez seja tarde demais, mas preciso que você proteja o que restou no convés superior. Cadeiras, mesas... tudo. Amarre o que puder, jogue o resto lá embaixo. — Ele me olha nos olhos. — Toma cuidado, viu?

Concordo com a cabeça, agarrando-me à amurada para ir até o centro da embarcação, onde Pamela grita histericamente, encolhida ao lado de Victoria. As duas parecem enjoadas e, quando Pamela se abaixa, vomitando por todo o convés, a visão desperta algo na irmã, que a imita. Desvio o olhar, tapando a boca quando a bile sobe pela minha garganta.

— Garotas — grita Colm, subindo as escadas. — Desçam, depressa! — Ele acompanha as duas mulheres para o convés inferior e volta a subir. — Posso fazer alguma coisa para ajudar?

— Sim, por favor — digo, segurando uma das cordas para me firmar enquanto a

chuva não para de cair. — Precisamos prender toda a mobília: amarrar o que pudermos, desmontar o resto e levar tudo lá para baixo.

— Ok — diz ele, mobilizando-se rapidamente. — Eu fico com o lado esquerdo e você com o direito.

Faço que sim com a cabeça, assustada, mas pelo menos temos um plano. Fecho um conjunto de cadeiras de teca, depositando uma delas no convés inferior, então perco o equilíbrio. Caio de lado e escorrego pelo convés quando a frente do barco se eleva no ar. Quando volta a descer, a força me atira na direção oposta, depositando-me numa poça do vômito de Pamela.

— Lena! — grita Colm, rastejando em minha direção. — Você está bem?

— Acho que sim — digo com um suspiro, agarrando-me a uma corda com toda a força.

Ele pega meu braço.

— Não é seguro aqui. Você tem que ir lá para baixo.

— Mas a mobília... — digo, olhando ao redor enquanto o vento arranca uma cadeira do chão, girando-a como uma pena até levá-la para o mar.

— Que se dane a mobília — retruca Colm enquanto nos preparamos para mais uma onda. É muito perigoso andar os cinco metros necessários para chegar à escadaria, por isso nos agachamos ali mesmo. — Segure-se em mim! — Ele agarra a corda com uma das mãos e me segura com a outra. Sinto sua barba por fazer na bochecha e o cheiro da sua colônia. Eu, por outro lado, estou fedendo ao ácido estomacal vegano de Pamela.

— Não me solte — diz Colm quando uma mesa desliza pelo convés, quase nos atingindo. — Vamos sair dessa.

— Tá bom — sussurro, com o queixo tremendo enquanto me agarro ao braço dele.

É um milagre que Del ainda esteja com as mãos no leme.

— Aguentem firme — grita ele da proa. — Já estamos passando pela pior parte.

Um relâmpago ilumina o céu escuro, seguido de um estrondo de trovão e mais gritos vindos lá de baixo. Reconheço a voz de Charles em meio à sinfonia histérica

que se ouve no convés inferior, quando outra cadeira vem em nossa direção. Por sorte, Colm pensa rápido, protegendo o meu rosto e esticando a perna para amortecer o impacto.

Aperto o bíceps dele com tanta força que talvez esteja prendendo sua circulação. Não preciso ser uma marinheira experiente para saber muito bem que a qualquer momento podemos sucumbir ao poder do oceano. Ele poderia nos agarrar em seus tentáculos e nos atirar nas profundezas. Será que é essa emoção que Del tanto persegue, a fragilidade e o temor de estar à mercê do mar? Talvez. Eu, por outro lado, mal posso esperar que isso termine. Estou tonta.

— Vamos fazer um joguinho — sugere Colm, tentando aliviar o clima.

— Que sugestão mais estranha numa hora dessas, não acha?

— Que nada — diz ele, sorrindo. — A única maneira de passar por uma situação difícil é se distrair.

— Tá certo — digo. — Então, qual é o jogo?

— Lugares.

— Hã — murmuro. — Que tal me dar mais detalhes?

— Pois muito bem — continua ele. — Se pudesse se teletransportar para longe deste inferno agora mesmo, para onde você iria?

— Você primeiro — digo.

Colm assente.

— Kinsale, Irlanda. Beberia uma cerveja e depois comeria um prato do frango assado da minha mãe. — Ele faz uma pausa, olhando para mim com ceticismo. — Que cara é essa?

— Qual cara?

— Você está fazendo uma *careta*.

— Não estou nada!

— Está, sim!

— Bem — digo por fim, rindo —, acho que pensei que você fosse falar de algum lugar chique, como o... Hotel du Cap-Eden-Roc, em Antibes.

— Hotel du quê? Querida, você vai ter que traduzir isso para este humilde

irlandês.

Dou um sorriso.

— É um lugar sobre o qual li na *Vanity Fair*, sabe, o tipo de hotel que você e Pamela frequentam.

Ele protege o rosto da chuva.

— Posso te contar um segredo?

— Pode.

— *Desprezo* coisas chiques e sou alérgico ao esnobismo.

— É melhor não admitir uma coisa dessas para a sua esposa — comento, rindo. —

Nem para a Victoria Beckham.

Colm aperta a minha cintura.

— Tenho uma confissão a fazer.

— Fala.

— A Pamela comprou estes chinelos horrorosos da Louis Vuitton para mim em Santorini, e eu detestei. Pareço um palhaço, não é?

— Foi mal, mas parece mesmo.

Ele franze a testa.

— Devo atirá-los ao mar? Dizer a ela que a tempestade os levou?

— Você não se atreveria.

Ele ri, tirando os chinelos dos pés e jogando-os no mar, um de cada vez.

— Nossa! — exclama ele, virando-se para mim. — Foi estranhamente catártico.

— Fico feliz por ajudar.

— Muito bem — continua ele. — Agora é a sua vez: se pudesse estar em qualquer lugar agora, onde estaria?

— Essa é fácil — respondo. — Na casa da minha tia Rosie, numa pequena ilha chamada Bainbridge, no estado de Washington.

— Pelo visto, somos uma dupla de bichos do mato — diz ele, olhando para o céu, onde um raio de sol atravessa as nuvens escuras. — Parece que o céu vai ficar azul logo adiante.

Como se fosse uma deixa, há uma pausa momentânea na trepidação, e Colm

aproveita a oportunidade para nos conduzir cuidadosamente até o meio do barco, e então somos atingidos por outra onda e nos abrigamos debaixo do balcão do bar.

— Tem certeza de que não se machucou? — pergunta ele, colocando o braço em volta do meu ombro de novo.

Respondo que não com a cabeça, tirando um pedaço de vômito da minha camisa.

— Tenho, mas *mal posso esperar* para tomar um banho.

Colm dá uma risada.

— Foi mal.

— Você acha que a Pamela está bem?

— Vai ficar — responde ele. — Pamela pode até parecer uma violeta murcha, mas não se deixe enganar. Ela vem de uma longa linhagem de britânicos durões, cheios de coragem nas veias. Mantenha a calma e siga em frente, sabe?

— Sei — digo, aninhando a cabeça no ombro dele quando outro jato de água do mar espirra sobre a amurada.

— Que loucura te encontrar de novo — continua ele, maravilhado —, e nestas circunstâncias. É como se fosse... o destino.

— É — digo com uma sobrancelha arqueada. — *Quase* isso.

Uma hora depois, uma ave marinha grasna no céu, batendo as asas no horizonte. Os ventos diminuíram e a água está novamente calma.

— Tudo limpo — diz Del, olhando debaixo da mesa onde Colm e eu esperamos a tempestade passar. Ele pega minha mão e me ajuda a levantar. — Você está bem, querida?

— Estou — respondo, puxando a camisa suja. — Só... preciso de um banho imediatamente.

— Vai lá — diz Del antes de virar para Colm. — Valeu, cara, por cuidar da minha garota.

— O prazer foi meu, Capitão — diz ele, lançando-me um último olhar e descendo.

Depois de tomar um banho quente e mudar de roupa, volto para o convés superior e vejo que Del acabou de ancorar numa baía tranquila, junto a uma ilha

salpicada de ciprestes.

— Pode ficar de olho aqui enquanto eu vou à casa das máquinas? — pergunta ele.

— Quero ter certeza de que está tudo em ordem.

— Aham — digo, encontrando um lugar seco na beira da proa. Sento ali, balançando as pernas sobre a borda. Ninguém parece ter fome, por isso, em vez de fazer o jantar (se é que poderia chamar assim), fico vendo o sol começar a se pôr lentamente no horizonte. Com largas pinceladas de laranja e carmesim, exibe-se com toda a pompa e circunstância de uma despedida.

Quando ouço passos perto de mim, olho para cima e vejo Colm.

— Nada melhor do que o pôr do sol depois de uma tempestade — diz ele, segurando dois copos. — Que tal um pouco de uísque irlandês para esquecer os problemas?

— Obrigada — digo enquanto ele se acomoda ao meu lado.

Ele me entrega um copo.

— Foi uma viagem muito louca. Como você se sente?

— Bastante traumatizada — respondo com uma risada —, mas continuo viva. E você?

— Também. Continuo de pé, continuo sorrindo, e com um belo copo de uísque na mão. — Seus olhos brilham. — Acho que é tudo que um cara pode querer da vida.

Sorrio, quebrando o contato visual.

— E a Pamela?

Ele coça a barba por fazer no queixo.

— Ela está estável, finalmente, mas vai passar a noite lá embaixo. Os outros também. Vou apenas dizer que tenho pena dos vasos sanitários daquelas cabines.

Mordo a pontinha do lábio.

— Espero que não tenha sido o ceviche.

— Aquilo combinado com as ondas? — Colm dá uma risada. — É a tempestade perfeita.

— Sinto muito — digo, tentando não rir, mas o humor tem vontade própria e, de repente, nós dois caímos na gargalhada. — Tenho que admitir uma coisa —

continuo, tentando me recompor. — Não estudei na Le Cordon Bleu. Não sei cozinhar... nadica de nada.

— Ah, você achou que tivesse me enganado, é? — Ele sorri. — Eu sabia o tempo todo.

Faço uma careta.

— Era *tão* óbvio assim?

— Era — responde ele, com conhecimento de causa. — Por outro lado, nasci com um sexto sentido para detectar travessuras.

— Hahaha — digo, resistindo ao impulso de descansar a cabeça em seu peito enquanto minha mente se volta para Liam. *Liam!* — Hã — começo, fazendo uma pausa —, como está o... seu filho?

Colm sacode a cabeça.

— Espera, como é que você sabe do...

— Pamela — minto, acenando com a cabeça. — Eu, hã... eu a ouvi falar sobre ele.

— Sério? — diz Colm, em tom de zombaria. — A Pamela falando sobre o Liam? É uma bela surpresa. Ela mal se lembra do aniversário dele, quanto mais da sua existência.

— Ah — murmuro, fazendo uma longa pausa.

— Escuta, não quero falar mal da minha esposa nem nada, é só que... as coisas são como são. Algumas mulheres são mães incríveis, mas a Pamela não é uma delas. — Ele acena com a cabeça, como se tentasse justificar todas as escolhas que o trouxeram até aqui. — Eu esperava que o papel de mãe... bem, de madrastra... fosse surgir naturalmente para ela, mas... nada feito. Ela e o Liam são como óleo e água. Ela não o entende, e ele não a suporta.

Lembro quando coloquei Liam para dormir, quando ele perguntou se podia me chamar de “mãe”. Posso até não ser uma mãe “nata”, mas de uma coisa tenho certeza: era muito fácil amar aquele menino. A Sabrina também. Uma emoção começa a tomar conta do meu peito, mas eu a reprimo.

— Então... cadê ele? Por que não veio nesta excursão?

A expressão de Colm torna-se pensativa.

— Olha, como eu disse antes, a Pamela vem de uma família britânica muito prestigiada. Há séculos, mandam seus filhos para o mesmo colégio interno.

Colégio interno.

— Era lógico que déssemos a mesma oportunidade ao Liam — continua ele. — Quer dizer, com todas as nossas viagens e os meus negócios, fazia muito sentido. — Ele sorri, cheio de orgulho. — Caso não saiba, sou o proprietário de uma das destilarias mais populares de Londres. Na verdade, estamos bebendo uma das minhas melhores safras.

Ele bate com o copo no meu, mas eu fico mais perturbada do que admirada. Olho para uma ilha ali perto, onde uma ave marinha acaba de soltar uma concha na encosta rochosa. Então, Colm abandonou aquele lindo vilarejo, despediu-se do amado pub da família e partiu para pastagens mais verdes — ou seja, uma vida de prestígio e riqueza ao lado de uma mulher insensível que usa Louboutins. E ainda mandou o filho para longe? O homem que pensei conhecer não faria isso.

— Quando nos conhecemos — começo com cautela —, você me contou sobre o pub da sua família em Kinsale. Achei tão encantador. — Engulo em seco. — Sua mãe ainda cuida do lugar?

— Não — responde ele, balançando a cabeça solenemente. — Depois que ela teve um derrame, assumi o posto por algum tempo, mas as viagens a Londres eram constantes, e a Pamela não via sentido em tentar manter um negócio em dificuldades, ainda mais depois que a minha própria empresa começou a deslanchar.

Sinto um aperto no peito ao me lembrar do Dalton's Pub, onde ele me pediu em casamento com Liam ao seu lado.

Ele dá um suspiro.

— Vendi o pub. Quer dizer, eu não queria fazer isso, mas era o mais lógico. Minha mãe tinha um monte de despesas médicas e recebemos uma boa oferta de um construtor que andava atrás da gente há décadas. Meu irmão, Declan, se opôs terminantemente, mas eu aprendi muito com o pai da Pamela. Nos negócios, não dá para seguir o coração.

— Sei — digo, desviando os olhos para o mar. *O que é que o pai de sangue azul da*

Pamela sabe sobre um pub irlandês adorado há gerações?

— Ei — diz Colm, tocando no meu braço. — Por que a cara amarrada? Não gostou do uísque?

Balanço a cabeça, forçando um sorriso.

— O uísque é... muito bom — digo, escolhendo as palavras com cuidado. — Escuta, sei que nos conhecemos milhares de anos atrás, e só por um breve momento, mas acho que fiquei surpresa com o rumo da sua vida. Quer dizer... — Faço uma pausa, sem saber como continuar ou mesmo se devo. — Bem, não importa. Parabéns por todo o seu sucesso.

Ele sacode a cabeça, contemplativo.

— O que você ia dizer? Vá em frente, seja franca comigo.

— Bem — começo devagar —, a Pamela é a *última* pessoa com quem eu imaginava que você iria se casar.

— É justo — diz ele, acenando com a cabeça. — Não vou mentir, a Pamela é, bem...

Faço uma careta.

— A Pamela?

Colm dá uma risada, e sua expressão se torna novamente pensativa, o olhar distante.

— Eu a conheci numa festa em Londres, nós éramos tão diferentes quanto um seixo e uma pedra preciosa. Mas, de alguma forma, eu a fiz rir, e ela não ria há muito tempo, sabe? — Ele faz uma pausa. — Depois tivemos alguns encontros e, quando ela me disse que o pai estava interessado em investir no meu negócio, me pareceu bom demais para ser verdade, mas logo veio a transferência... direto na minha conta bancária. — Ele esfrega a testa. — Foi uma sorte inesperada para mim, e não poderia ter vindo numa hora melhor. Sem o investimento, teríamos fechado. Ela me salvou e, bem, acho que senti que tinha de fazer o que era certo para ela.

— E com isso quer dizer se casar com ela — acrescento.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Então, você fez o que era certo para ela e errado para o seu filho?

— Ah, Lena — diz ele, apoiando-se nos cotovelos. — Tão simplista. A vida é mais complexa do que isso, não acha?

Sacudo a cabeça, tentando entender.

— É mesmo?

Colm enche os nossos copos enquanto pensa no assunto.

— O sucesso é uma coisa engraçada. Você passa a vida toda atrás dele, mas, quando o alcança, o que acontece? Será que fica mesmo mais feliz? — Ele dá de ombros. — Não sei se fiquei. Mas posso dizer que ser rico torna a vida muito mais fácil.

Encolho os joelhos contra o peito, tomada de decepção — e simpatia — por Colm. Esta versão da vida dele parte o meu coração tanto quanto me deixa furiosa; ainda assim, quem sou eu para julgar? Pouco tempo atrás, eu estava casada com um vigarista que dava golpes em aposentados.

Tudo que sei é que, quando estávamos juntos, Colm tocava a vida seguindo seu coração, e o resultado havia sido algo lindo em Kinsale. Sim, embora ainda possa enxergar um vislumbre daquela versão nele, é só um eco do homem por quem me apaixonei — em outra vida. Acima de tudo, o dia de hoje colocou uma lupa sobre seu caráter: o que ele é ou não é capaz de fazer. Pensei que ele fosse forte, e talvez seja, em certo sentido. Mas Colm não tem âncora. Ele é uma pena à deriva na brisa, a direção do seu caminho sujeita à próxima rajada de vento.

— Bem — digo por fim, tomando outro gole de uísque premiado e me pondo de pé. — Acho melhor me recolher.

— Espera, Lena — diz ele, levantando-se também. — Antes de ir... posso te fazer uma pergunta?

— Pode.

Ele olha em volta, certificando-se de que não haja ninguém à vista, ou ouvindo.

— Naquela noite em que nos conhecemos no trem... eu te dei o meu telefone, lembra?

Faço que sim com a cabeça.

— Sempre quis saber... por que você não me ligou?

— Eu queria te ligar — respondo. — Quer dizer, eu pretendia te ligar, mas, quando cheguei no hostel, o pedaço de papel tinha sumido do meu bolso. Acho que caiu em algum lugar.

— Ah — diz Colm com uma expressão cheia de pesar. — Mas por que não tentou me procurar? No Facebook, ou algo do tipo. Você sabia meu sobrenome... eu te disse... mas eu não sabia qual era o seu.

Faço uma pausa para organizar os pensamentos.

— Faz tanto tempo — digo, e nossos olhos se encontram por um momento. — Uma parte de mim imagina como as nossas vidas seriam se eu tivesse ligado para você, mas, no fim das contas, só temos uma vida.

Colm assente, sério.

— Então, o que você está dizendo é que não fomos...

— Feitos um para o outro — respondo, antes que ele possa terminar.

Ele olha para baixo, as mãos agarradas à amurada de laca.

— E isso basta para você? No mar com seu capitão australiano, cuidando de gente exigente como nós semana após semana?

— Eu não te chamaria de exigente, Colm. Mas os outros do seu grupo? Aí, sim.

Ele dá uma risada.

— Culpado por associação, suponho.

— Para ser sincera, só estou tentando descobrir como levar a vida, igual a você. Fazendo todo o possível com as cartas que tenho nas mãos.

— Certo — diz ele com um longo suspiro. — Falando nisso, é melhor ver como está a patroa. — Ele sorri; o mesmo sorriso que ficará gravado para sempre no meu coração. — Lena, foi incrível te ver de novo. — Não posso deixar de notar um resquício de solidão em seus olhos enquanto ele estuda o meu rosto.

— Sim — digo com um sorriso genuíno. — Foi ótimo te ver também.

O sol mergulha no horizonte. Enquanto Del traça o curso do dia seguinte no mapa, desço até o meu quarto. Com um bocejo, ignoro meu estômago roncando ao encostar a cabeça no travesseiro, de onde espio pela escotilha, dando uma última olhada lá fora antes que tudo desapareça. Sob o luar, um brilho de fosforescência chama a minha

atenção. Fico maravilhada quando feixes de luz verde e azul dançam sob a superfície da água. Não é nada sobrenatural, apenas o fitoplâncton que irradia luz em resposta às mudanças das marés. Rosie me explicou o fenômeno quando eu estava no sétimo ano, logo após a morte da minha mãe, e acho que, de alguma forma, esses momentos se fundiram no meu cérebro. Não consigo ver a fosforescência sem pensar *nela* — sem pensar em casa.

Estou a milhares de quilômetros de distância, óbvio, no meio do mar Egeu, mas a minha casa parece mais próxima do que nunca — como se estivesse quase ao meu alcance. Será que é porque a névoa está finalmente se dissipando, permitindo que eu veja a minha vida e a mim mesma de novas maneiras? Não sei ao certo, mas tenho a sensação de saber — o que importa e o que não importa, o que eu achava que queria na vida e o que realmente *preciso*.

No momento, uma dessas coisas é dormir. Com o coração pesado, eu me encolho toda na cama. *Por favor, me deixe ir para casa. Quero a minha vida de volta. Não aguento mais isso.*

*Parte
onze*

Quando acordo, a primeira coisa que ouço é a chuva batendo na janela — mas não é uma escotilha, graças a Deus, e sim uma janela de verdade. Também há um novo homem deitado ao meu lado — nenhuma surpresa —, e logo me desvencilho dos seus braços. Grata por estar em terra firme? Sim. Mas a saga continua. Preparo-me para a iteração de hoje, que começa no apartamento chique de algum arranha-céu com um quadro de arte moderna na parede e um homem sem camisa deitado de bruços no travesseiro.

Caminho na ponta dos pés até o closet para me vestir e depois entro na sala de estar. A vista familiar da janela me anima: a Smith Tower, meu edifício preferido em Seattle. *Seattle!* Continuo presa a esta situação, mas pelo menos estou de *volta*, com a ilha de Bainbridge a uma viagem de balsa dali. Já sei o que preciso fazer.

Sigo em direção à porta, parando na cozinha quando vejo a carteira de um homem na bancada de mármore ao lado de uma garrafa de vinho vazia e duas taças — uma delas com batom na borda. Olho para o documento dele: Robert Fenway. Olhos verdes, 1,87 m de altura, 88 kg. Doador de órgãos. Faz o meu tipo, pelo menos. Agora falta me lembrar dele. *Quem é você, sr. Fenway?* Quebro a cabeça por um minuto, mas então algo em seu sorriso chama a minha atenção: a ausência de *aparelho*.

Robbie? Lembro-me da minha paixãoite aos 14 anos, os dois de aparelho nos dentes, e o nosso quase beijo. Imagino os lábios dele, fazendo beicinho, enquanto tiro o American Express da carteira, juntamente com algumas notas de cem dólares e outras de vinte.

— Lena? — chama ele do quarto. Meu coração acelera enquanto corro até a porta, entrando no elevador no corredor.

Lá fora, a chuva atinge meu rosto enquanto desço a rua Pike, acelerando o passo

ao ver uma balsa chegando na baía de Elliott. Estremeço, pensando na provação de ontem no veleiro, na tempestade, em Colm. Tenho vontade de me ajoelhar e beijar o chão, mas não paro; na verdade, aumento o ritmo, percorrendo as ruas familiares da minha adolescência — desta velha e bela cidade caótica — até chegar à doca da balsa, onde pago o bilhete para a próxima travessia. Finalmente vou para *casa*.

— Rosie? — grito, olhando com cautela pela porta da frente. Meu coração palpita quando vejo as fotos na parede do hall de entrada, então tiro os sapatos e afundo os pés no velho tapete de lã com as borlas esfarrapadas. *Graças a Deus, voltei para cá!*

Ouçõ música tocando lá dentro — jazz dos anos 1950 — e passos na sala de estar, atravesso a cozinha e entro na sala. É então que fico de queixo caído ao ver minha tia dançando com um homem junto à lareira.

Pigarreio.

— Ah, olá, querida! — diz Rosie. — Que surpresa boa! Não ouvi você entrar. — Ela olha para o homem ao seu lado, que parece igualmente sobressaltado. — Este é o Jim, meu amigo e parceiro de dança. Jim, esta é a minha sobrinha, Lena.

Desde quando Rosie dança — na sala de estar — às onze da manhã?

— Oi — digo a Jim, de gravata-borboleta e com o ralo cabelo grisalho bem penteado. Ele tem um jeitão de professor de geometria aposentado que lidera uma tropa de escoteiros nos finais de semana.

— É um prazer te conhecer — responde ele, ajustando o botão de rosa na lapela.

Rosie fica radiante.

— Jim é o melhor dançarino da ilha.

— Só perco para você, minha querida — retruca ele.

— E também é um excelente jardineiro! Foi assim que nos conhecemos. — Ela olha para Jim. — Conte para Lena sobre o seu trabalho no Jardim Botânico de Bainbridge.

— Bem — começa ele, num tom meio *constrangido*. — É um trabalho de amor. Sou voluntário lá faz algumas décadas. Não há nada melhor do que colocar uma semente no solo e vê-la crescer.

Travessuras de gente aposentada.

— Bem, é melhor deixar vocês duas colocarem a conversa em dia — continua ele, beijando a bochecha de Rosie enquanto ela o afasta como uma colegial mandona, com uma paixonite secreta.

— Quem é *esse* aí? — pergunto depois que o Casanova setentão de Rosie vai embora.

— Eu já te disse — responde ela, sorrindo de um jeito confidente. — O meu parceiro de dança. Jim é um profissional absoluto no swing ocidental, e no oriental também. — Ela sorri, tomando um comprimido de farmácia de manipulação, que engole com um copo d'água. — Por que não ligou antes, querida? — pergunta ela. — Eu teria feito o almoço para você.

— Desculpa — digo. — É que... aconteceu tanta coisa nos últimos dias. Podemos conversar um pouquinho?

— E então? — pergunta Rosie, sentada ao meu lado no sofá. — Está tudo bem entre você e Rob?

Robbie. Robbie do Aparelho.

— Hum, sim, tá tudo bem. Mas, escuta, posso ficar aqui esta noite?

— Lógico, querida. Seu antigo quarto está...

— Na verdade, eu estava falando da casa de hóspedes.

Rosie me olha com curiosidade.

— A casa de hóspedes?

Pego a mão dela e, aos poucos, começo a explicar tudo que tem acontecido comigo: os homens, as circunstâncias, todas as reviravoltas. Ela fica calada por um bom tempo, abrindo e fechando as mãos sobre o colo.

— Então, o que está dizendo é que nada para você... é real?

Balanço a cabeça enquanto uma pontada de emoção sobe pelo meu peito.

— Esta não é a minha vida.

Rosie aperta a minha mão, com uma expressão forte e segura no rosto, indicando para mim que, não importa o que aconteça, vai ficar tudo bem.

— Bem, eu, por outro lado, não me importaria de acordar ao lado de um belo francês.

Dou uma risada.

— Não *daquele* francês. Sebastian era... complicado, para dizer o mínimo.

— E quanto ao Marcus? — pergunta ela. — Ele me parece simpático. E aquela doce bebezinha...

— Sabrina — digo, sentindo um nó na garganta. — O nome dela é Sabrina.

Rosie leva a mão ao coração.

— E aquele irlandês? — Ela arqueia a sobrancelha. — Sempre gostei do sotaque irlandês.

Olho pela janela para a praia, onde um bando de irritantes gansos canadenses se assusta e voa para longe.

— Colm ganhou o meu coração, mas depois o perdeu.

Rosie encolhe os ombros.

— Talvez, na vida real, ele seja...

Balanço a cabeça.

— Nem na vida real nem em qualquer vida... simplesmente não.

— Bem — continua ela. — Tantos solteiros cobiçados à disposição... é demais para o meu velho coraçãozinho.

— Para ser justa — acrescento —, alguns deles eram um pouco menos *cobiçados* do que outros.

Rosie tira os óculos e se vira para mim, com uma expressão curiosa no rosto.

— Como você se sente em relação a tudo isso?

— Como se eu tivesse sofrido um traumatismo craniano — respondo. — Assustou-me demais ver como a minha vida poderia ser diferente, mas também me abriu os olhos.

— De que maneira?

— Bem — continuo —, por exemplo, percebi que eu poderia ser mãe, e uma boa mãe.

Rosie assente.

— E que vivia no piloto automático há tanto tempo que não reparava na paisagem ao longo do caminho, não aproveitava as coisas boas que acontecem

quando você sai da rota. E pensar que eu estava sentada nesta mesma poltrona dez dias atrás, com o coração partido porque Kevin não tinha me pedido em casamento, e agora, bem, estou aliviada.

— Kevin?

— Kevin Shmevin.

Rosie dá uma risada.

— Escuta, esse tempo todo, venho tentando descobrir como isso aconteceu, como funciona. Quer dizer, por que a casa de hóspedes? Tem a ver com os seus cristais? Com o continuum espaço-tempo? Ou outra coisa?

— Outra coisa, de fato — responde ela, assentindo. — O que exatamente? Não tenho certeza. Só sei que aquele cantinho da ilha é especial. Sempre tive essa sensação.

— Rosie entrelaça as mãos no colo, contemplativa. — Então, tudo começou quando você adormeceu na casa de hóspedes, certo?

Faço que sim com a cabeça, olhando pela janela para a pequena cabana na beira do penhasco. Está mais acabada do que nunca, mas, felizmente, desta vez não foi demolida.

— Então, hoje à noite, é lá que você deve ficar.

A tarde passa voando, e eu aproveito cada minuto na companhia de Rosie. Depois do jantar, sirvo uma taça de vinho para cada uma e ficamos sentadas na sala de estar junto à lareira.

— Mal posso esperar para falar com você sobre tudo isso amanhã — diz ela, apertando a minha mão de um jeito reconfortante, como se o nosso experimento científico estivesse predestinado a correr sem problemas. Mas a verdade é que nenhuma das duas tem certeza de nada. Tudo o que podemos fazer é ter esperança.

Permanecemos ali por muito tempo, compartilhando lembranças, até começarmos a bocejar.

— Já está na hora? — pergunta ela por fim.

Faço que sim com a cabeça, respiro fundo e sigo Rosie até a cozinha, onde ela pega uma chave de latão enferrujada de uma gaveta e a coloca na minha mão.

— Vou sentir a sua falta — digo, memorizando o rosto dela.

— Chega dessa conversa! Vamos nos ver pela manhã. — Ela abre um sorriso, pega um livro na bancada e me mostra a capa: *Cinquenta tons de cinza*. — Peguei na biblioteca um dia desses; talvez seja meio escandaloso para uma senhora como eu, mas, ei, só se vive uma vez, não é?

Pisco para conter as lágrimas.

— Tenho a impressão de que você vai gostar da leitura.

Rosie sorri, me entregando uma colcha e lençóis limpos, me dando um beijo na bochecha.

— Boa noite, minha querida.

— Boa noite — digo enquanto ela segue em direção ao seu quarto.

O vento sopra mais forte quando atravesso o gramado até a casa de hóspedes e, tremendo, abro a porta. Lá dentro, tudo continua igual, talvez com mais algumas teias de aranha. Ao deitar na cama, penso na estrada que me trouxe até aqui, as pessoas que encontrei ao longo do caminho, algumas mais cativantes do que outras, e em todas as vidas alternativas que experimentei. Para o bem ou para o mal, todas essas lembranças estão comigo agora, algumas mais atraentes do que outras. Mas a experiência adquirida me faz perceber que sou capaz de fazer algo mais da minha vida, embora talvez não trabalhando como chef de ceviche no Mediterrâneo ou corretora imobiliária na Flórida.

Cada dia tem sido como um livro do tipo “Escolha a sua aventura”, com algumas escolhas empolgantes e outras extremamente assustadoras. Mas todos me ensinaram a valorizar a vida que tenho, mesmo que seja falha e nem sempre aconteça conforme os meus planos. Por muito tempo, tenho seguido um roteiro, riscando todos os itens na minha lista. Mudar de rumo do nada parece assustador, até mesmo um pouco rebelde, mas há uma sensação de liberdade em sair do roteiro, e finalmente estou pronta para aproveitá-la. Fico deitada ali por um bom tempo, observando as estrelas pela janela e ouvindo as ondas baterem na praia. Estou em casa, sim, mas não exatamente — *ainda não*. Mal posso esperar pelo dia de amanhã. Já estou pronta.

A decorative graphic featuring a curved dotted line with several four-pointed stars of varying sizes. The stars are positioned at the beginning and end of the curve, with smaller dots filling the gap.

*Parte
doze*

Uma mola de colchão duro range debaixo de mim quando mudo de posição, puxando o cobertor até o pescoço quando uma corrente de ar frio atinge minha pele. Esfrego os olhos e a névoa do sono se desvanece à medida que o quarto entra em foco. Estou na *casa de hóspedes*. Não há nenhum homem desconhecido ao meu lado. Vejo o dedo anelar sem aliança e tenho uma sensação de vertigem que percorre o meu corpo como uma febre. *Deu certo! Deu certo mesmo!* Pulo da cama e olho para mim mesma no espelho do banheiro; nunca fiquei tão feliz ao ver o meu cabelo curto, liso e sem graça.

Meu celular toca na mesinha de cabeceira. É a Frankie. *A Frankie!*

— Oi!!!!!! — grito ao telefone, quase beijando a tela.

— Vejo que já tomamos a nossa dose de cafeína da manhã. — Seu sarcasmo nunca me pareceu tão doce. — Então, como você está?

— Maravilhosa! Frankie, eu estou em casa! Estou finalmente em casa!

— Há, é, eu sei. Lena? Você está... bem?

— Sim! Na verdade, nunca estive melhor!

— Ah, que bom, porque você estava completamente histérica ontem.

— Eu te amo tanto, Frankie! E amo que você e Christian se amem!

— Cara — diz ela. — Para que tanto amor assim?

Dou uma risada.

— Depois eu te explico. Tenho que encontrar Rosie!

Corro pelo gramado, sorrindo de orelha a orelha. A casa da minha infância nunca me pareceu tão bonita, mesmo com o céu cinzento e a chuva atingindo meu rosto. Abro a boca para pegar uma gota na língua, aliviada por estar em casa — *realmente* em casa. De volta à minha vida.

— Rosie? — grito da porta, tirando as botas apressadamente.

Na cozinha, ela olha para mim do fogão, virando uma panqueca.

— Ah, oi, querida — diz, sorridente. — Você dormiu até depois das nove. Que bom. Precisava mesmo de um descanso.

Passo os braços em volta dela, abraçando-a com tanta força que ela quase deixa cair a espátula.

— Kevin ligou algumas vezes — diz ela, hesitante, enquanto estuda o meu rosto.

— Kevin?

— É, acho que está preocupado com você. — Ela faz uma pausa, abrindo um sorriso. — Parece que ele quer consertar as coisas.

Sacudo a cabeça.

— Rosie, eu não quero consertar as coisas.

— Mas ontem você estava tão...

— Escuta — continuo, respirando fundo —, podemos conversar?

Juntas, sentamos nas poltronas junto à lareira.

— Não sei nem por onde começar.

— Que tal pelo começo?

Como ontem, conto a Rosie sobre a minha experiência — o fluxo aparentemente interminável de novas realidades, diferentes homens e vidas divergentes, todos os altos e baixos. Ela me escuta com atenção, como se fossem capítulos extras de *Cinquenta tons de cinza*, e, quando termino, acena com a cabeça, seus olhos cheios de compaixão e compreensão. Mas, se conhece os segredos da casa de hóspedes, guarda-os para si mesma.

Paro de falar quando noto uma pintura familiar pendurada na parede da sala de estar que não estava ali antes — o quadro de natureza-morta com o jarro de cerâmica ao lado das duas peras maduras que ficou trancado no antigo quarto da minha mãe por décadas.

— Achei que já estava na hora de exibirmos as obras de arte dela — diz Rosie, seguindo o meu olhar, com a voz embargada de emoção. — Não faz o menor sentido manter tanta beleza escondida. Ela realmente tinha o dom de fazer o comum parecer

extraordinário, não é?

Concordo com a cabeça.

— Pensei muito nela enquanto estava longe. Percebi que há muito mais dela em mim do que eu imaginava. Durante todos estes anos, acho que tive medo de encarar essas semelhanças.

— Ah, querida — diz Rosie, virando-se no assento para me olhar nos olhos. — Sim, vejo muitos reflexos da sua mãe em você. É o legado da família. Ela era tão brilhante quanto falha. Mas você é única. Nunca, nem por um segundo, pense que está predestinada a seguir os passos de outra pessoa. Você pode escolher as coisas boas e descartar as más. — Ela sorri. — Já começou a fazer isso.

— Você acha que sim?

— Eu sei que sim.

Coloco os joelhos junto ao peito, encostando a cabeça na poltrona.

— Eu me pergunto como ela seria agora, se ainda estivesse aqui.

— Eu também — diz Rosie, assentindo. — Mesmo depois da morte, você nunca deixa de procurar pelos seus entes queridos. Sabe quantas manhãs entrei na cozinha, certa de que estava ouvindo Bill sentado à mesa do café da manhã, comendo cereal com passas?

Abro um sorriso.

Ela respira fundo.

— Sim, continuo à procura dele, e da sua mãe também, porque sei que, se prestar atenção, vou encontrá-los nos lugares mais inesperados.

— Até na mesa do café da manhã — acrescento, com a visão embaçada pelas lágrimas.

Rosie fica de pé e alonga os braços.

— Que tal a gente esquecer dessa história toda e ir até o Pike Place esta tarde? Preciso comprar mel e um milhão de outras coisas. Topa?

— Topo — respondo.

— Ótimo. Primeiro, vou terminar alguns projetos no jardim, mas vamos sair pouco depois do meio-dia.

Enquanto a Rosie vai lá para fora cuidar das hortênsias, penso, não pela primeira vez, como ela deve se sentir sozinha ali, com saudade de Bill. Sorrio sozinha, lembrando do parceiro de dança septuagenário de ontem: Jim, de gravata-borboleta e botão de rosa na lapela. Onde ele disse que era voluntário mesmo? No Jardim Botânico de Bainbridge? *Isso*. Eu ainda era criança na última vez que fui lá, mas sei que não é muito longe. Pego o celular para pesquisar no Google Maps e fico surpresa ao descobrir que fica ainda mais perto do que eu esperava — a menos de um quilômetro da costa. E se ele estiver lá agora? Pego o casaco e saio pela porta dos fundos.

— Olá — digo a alguém ao longe, pairando sobre um canteiro de jardim.

Uma mulher olha para mim em meio ao nevoeiro, com uma espátula de jardim na mão.

— Sinto muito, mas só estamos abertos ao público nos finais de semana.

— Ah, tá bom — digo apressadamente. — Eu só estava procurando Jim.

— Jim? — Ela olha para mim, confusa, enquanto sacode a terra das luvas.

— Isso, ele... é voluntário aqui, não é? Um cara alto, mais velho, ficando careca. Gosta de dançar.

— Aaaaaaah! — exclama ela por fim, como se eu tivesse acabado de lhe dar o aperto de mão secreto. — Você está falando do Coronel!

— Hum, *Coronel*?

— Sim, o Coronel da Horta.

— Certo — digo, tentando manter a cara séria. — Isso mesmo.

— Todos temos nossos postos aqui — continua ela em tom oficial. — Eu sou a Rainha das Ervas. Fred é o Duque dos Delfínios. Mary é a Condessa da...

— Deixe-me adivinhar — interrompo a mulher. — Da Couve-flor?

— Da Couve, na verdade — responde ela, com um tom rigoroso e sério. — Temos 14 variedades de couve. — Penso em Barb e Babbs. Elas estariam no céu das couves.

— Uau! — exclamo. — Mas e o Jim, há, o Coronel... sabe onde posso encontrá-lo?

— Sei — responde ela, apontando para uma trilha de cascalho. — Ele está na outra esquina, colocando as sementes de cenoura na terra.

— Obrigada — digo e, ao olhar mais adiante, vejo um homem segurando uma pá ao lado de um montinho de terra preta e fresca. — Jim?

Ele olha para mim, um tanto confuso.

— Desculpa — digo depressa. — Devo chamá-lo de Coronel?

Ele dá uma risada.

— Jim está ótimo. Suponho que já conheceu Mary.

— A Rainha das Ervas? Já. — Dou um sorriso. — Escuta, sou sua vizinha. — Aponto para o sul. — E vim aqui para te pedir um favor meio *incomum*.

— Está sentindo a *energia*? — Rosie sorri, radiante, quando pisamos nos paralelepípedos da rua Pike. Respiro fundo, sentindo a singular mistura de aromas do mercado: frutos do mar, pão fresco, carne defumada grelhando em um restaurante persa nas proximidades.

— Não há nenhum lugar no mundo igual a este — continua ela, caminhando em frente.

Eu a sigo pela multidão enquanto ela para nas suas barracas preferidas, comprando um buquê de flores, um monte de legumes e frutas, e três potes de mel. Como se não bastasse, encomenda outra caixa, de uma edição especial.

— Será que precisamos de mais alguma coisa antes de irmos embora? — pergunta Rosie enquanto passeamos, com seus tesouros transbordando da cesta de palha.

— Sim — respondo, olhando para as escadas que dão acesso ao piso inferior do mercado. — De um café.

Juntas, descemos a escada, sentindo o cheiro de grãos de café recém-torrados no ar. O Café Vita fica logo adiante e, de pé na frente da vitrine, vejo... Spencer.

Fico paralisada, apertando o braço de Rosie enquanto vejo a cena.

— É ele, não é? — pergunta ela. — O velho amigo que você mencionou?

— É, o Spencer.

Rosie assente.

— Ele é um sonho.

Ela vê a minha expressão mudar quando uma bela loira se aproxima e lhe dá um abraço demorado. Spencer segura o rosto dela nas mãos por alguns instantes, então se vira quando alguém toca em seu ombro. A mulher fica ao lado dele, sacudindo os longos cabelos cor de linho do jeito que eu costumava fazer no ensino médio.

— Lena? — chama Rosie, sentindo meu desconforto. — Você quer entrar para dar um “oi” ou...

— Não — digo às pressas. — Vamos embora. Agora mesmo.

A campainha toca às sete em ponto; Rosie ergue os olhos do livro, irritada.

— Não estou esperando nenhuma encomenda. — Ela franze a testa. — Deve ser aquele garoto que vem aqui a cada duas semanas para vender barras de chocolate para o time de beisebol. No meu tempo, não incomodávamos as pessoas depois do jantar!

— Vou ver quem é — digo, ignorando seu discurso rabugento enquanto sorrio maliciosamente, olhando pela janela lateral e vendo Jim parado lá fora, vestido de terno com um botão de rosa enfiado na lapela. *Perfeito.*

— Espero não estar atrasado — diz ele, meio sem graça, segurando um buquê de rosas compradas no supermercado.

— Você chegou bem na hora — digo, abaixando a voz para um sussurro. — Eu devia ter te avisado que a minha tia não sabe nada sobre isso e que... *ela é muito teimosa.*

— Bem, eu entendo um pouco de mulheres teimosas — diz ele, endireitando a manga. — Fui casado com uma por quarenta anos. É como eu sempre disse: “Espere o melhor, prepare-se para o pior.” — Ele sorri. — Acho que vamos nos divertir.

— Talvez seja melhor planejar uma rota de fuga só por precaução — sugiro enquanto entramos na sala de estar, os dois nos preparando, especialmente eu.

— Quem bateu à porta? — pergunta Rosie, virando a página do romance em suas mãos, o livro seguinte da série *Cinquenta tons de cinza*, pelo que me parece.

— É uma visita — respondo. — Para você.

Ela parece confusa e um pouco envergonhada enquanto enfia o livro debaixo da almofada da poltrona — escondendo as provas.

— Rosie — começo —, este é o Jim. Ele é um excelente dançarino; eu o convidei

para saber se você gostaria de dançar.

— Olá! — diz Jim, entregando-lhe o buquê de rosas.

Rosie sacode a cabeça. Não sei dizer se ela está irritada ou achando divertido — ou as duas coisas.

— Dançar? Lena, o que foi que deu em você?

— Você já dançou swing? — pergunta Jim, tentando aliviar a tensão.

— Ora, sim — responde Rosie, cautelosa. — Mas isso foi antes que o meu velho quadril parasse de colaborar.

— Aceito trocar o seu quadril pelo meu ombro — diz ele, dando um tapinha na articulação do lado esquerdo. — Que tal flexionarmos os nossos velhos músculos e darmos uma nova chance?

Rosie se remexe na poltrona, visivelmente agitada. Por um segundo, eu me arrependo daquela ideia, mas então ela sorri para Jim, perdendo a determinação, e se volta para mim.

— Lena, você devia ter me avisado que um belo cavalheiro vinha me visitar. Eu teria passado um batonzinho, pelo menos.

— Você é perfeita desse jeitinho mesmo — interrompe Jim, oferecendo a mão a Rosie, que fica imediatamente corada.

— Devo colocar um disco? — pergunto enquanto ele empurra a mesa de centro para o lado.

— Sim — responde Rosie, apontando para o velho toca-discos. — Do Benny Goodman.

— Ah, vejo que você tem um excelente gosto musical — comenta Jim enquanto eu vasculho os discos dela. — Mas e quanto aos seus dotes de dançarina?

— Ora, eu já ia perguntar a mesma coisa para você — retruca ela, as palavras ao mesmo tempo brincalhonas e cortantes, enquanto eu tiro o álbum da capa e coloco a agulha no lugar.

Quando a música começa, o velho vinil arranhado e cheio de pátina, Rosie agarra-se aos ombros de Jim, e eu observo da cozinha enquanto ele a conduz suavemente pela sala.

— É só disso que você é capaz? — zomba ela antes de Jim a baixar tanto que seu cabelo quase roça no chão.

— Melhor assim? — pergunta ele, com um sorriso largo e confiante, enquanto a levanta outra vez.

— Eu diria que sim — diz ela, meio sem fôlego.

E, sem mais nem menos, Rosie volta a sorrir. Os dois riem histericamente enquanto ele a rodopia de um lado para o outro ao som do jazz. O clarinete, o trompete, a bela simplicidade de dois passos para a frente e um passo para trás. Será que teriam se conhecido sem a minha intervenção? Passado um pelo outro na praia ou se cruzado no supermercado, talvez no corredor de cereais? Talvez sim. Talvez não. Verdade, fui eu que orchestrei este momento, mas é muito bom ver algo tão redentor surgir da minha jornada angustiante — um brotinho saindo da escuridão em direção à luz. Posso ter plantado a semente, mas é Rosie que terá de cultivá-la.

DUAS SEMANAS DEPOIS

Com os olhos turvos, estendo a mão até a mesinha de cabeceira para silenciar o alarme do celular. Faz 14 dias que acordei na casa de hóspedes. Agora estou de volta ao meu antigo quarto de infância, onde um pôster de Justin Timberlake com luzes platinadas no cabelo continua colado na parede.

Meu mundo, ao que parece, deu uma reviravolta completa. Todas as coisas que eu achava que queria antes desta experiência desvairada passaram para o segundo plano, deixando espaço para o presente: o nascer do sol em tons de laranja sobre Puget Sound, uma xícara do chá de camomila com mel de Rosie, o estalo dos seixos sob os meus pés na praia durante a maré baixa. Embora esteja em casa, continuo confusa — tentando entender os altos e baixos das minhas vidas alternativas. E, embora possa sempre questionar os “comos” e os “porquês”, talvez para o resto da vida, o tempo que passei “longe de casa” me deixou com uma sensação de clareza: o que é e o que não é importante para mim.

Acima de tudo, porém, percebo que recebi uma dádiva rara: a oportunidade de saber como a minha vida seria se eu tivesse escolhido um caminho ou outro. É o tipo de coisa que muda uma pessoa, e certamente mudou a mim. Esta experiência me ensinou muitas coisas, mas, acima de tudo, que as nossas escolhas são importantes, bem mais do que imaginamos. Muitas vezes, a vida pode parecer tão limitada, tão prescritiva: você tem que ser bem-sucedida. Encontrar o parceiro perfeito. Preencher todos os requisitos. Eu fiz isso, bem, ao menos tentei, mas me perdi ao longo do caminho. Estava tão concentrada na linha de chegada que esqueci de ver todos os belos momentos ao longo do percurso. Agora entendo que escrevemos as nossas histórias a cada minuto de cada dia e que tudo importa: deixar uma avó cansada

passar na sua frente na fila da caixa do supermercado; ir à festa de aniversário de uma amiga, mesmo que prefira ficar em casa, pedir comida e assistir Netflix; sorrir para outro passageiro no trem; ter coragem de se candidatar ao emprego dos seus sonhos ou de se demitir do trabalho que a deixa esgotada. Todas estas decisões, grandes ou pequenas, acabam por se tornar a história da sua vida.

Quanto à minha, ainda estou tentando descobrir o que fazer. Para começar, decidi tirar uma licença do trabalho. Minha chefe, Christina, ficou injuriada quando lhe dei a notícia, mas permaneci firme. “Faz cinco anos que não tiro férias”, disse a ela ao telefone. O que não expressei, no entanto, foi a crescente incerteza sobre passar o resto da minha carreira “gerando valor” para empresas sem alma e suas equipes de executivos insensíveis.

— Você podia abrir uma confeitaria de cupcakes — sugeriu Frankie ao telefone há alguns dias.

Rejeitei a ideia na mesma hora.

— Não há mercado para cupcakes incomíveis.

— Que tal começar a escrever? Tentar elaborar um roteiro?

É verdade que tenho bastante material, além disso, eu era uma escritora de sucesso — em outra vida. Talvez possa até procurar Gina, a mulher que conheci no Havaí. Ela não se lembraria de mim, lógico, mas eu poderia lhe apresentar a minha história, com que se identificou tanto na praia naquela noite. Quem sabe?

— Ah, já sei! — acrescentou Frankie. — Você podia canalizar o seu lado artístico; talvez terminar alguns quadros da sua mãe!

Quando Frankie veio me visitar, levamos toda a variedade de cavaletes e telas da minha mãe para a sala de estar de Rosie. Até encomendei alguns pincéis e potes de tinta acrílica na Amazon. Mas, toda vez que eu me sentava para começar, minhas mãos pareciam feitas de chumbo.

Depois de mais uma tentativa frustrada, dou um longo suspiro e largo o pincel, bem na hora que o telefone da cozinha começa a tocar.

— Atende para mim, querida? — grita Rosie do quarto.

— Alô? — digo, atendendo a ligação.

— Rosie? — pergunta uma mulher.

— Não, sou a sobrinha dela — respondo. — Posso ajudá-la?

— Aqui é a Kelly, da loja Firefly Honey, no Pike Place Market. Sua tia encomendou uma caixa da nossa edição especial de mel e já a recebemos. — A mulher faz uma pausa. — Se ela pudesse vir buscar, seria ótimo. Quanto mais cedo, melhor. Tipo, hoje mesmo. Estamos ficando sem espaço aqui.

— Tá bom — digo. — Desculpa. Vou avisar a ela.

— Maravilha, obrigada.

— Quem era? — pergunta Rosie, entrando na cozinha.

— A loja de mel — respondo. — A sua encomenda acabou de chegar no mercado. Eles querem que você passe lá hoje mesmo.

Seus olhos se iluminam.

— O *mel de mirtilo*?

Encolho os ombros.

— Não sei. Ela não me disse qual era.

— Você pode buscar para mim, querida? Jim vem aqui logo depois do almoço — diz ela, com um brilho no olhar —, estamos ensaiando uma *coreografia nova*.

— Lógico — digo, dando um sorriso de orelha a orelha.

Quando saio da balsa em Seattle, as gaivotas grasnam e batem as asas por cima da minha cabeça. O mercado não fica muito longe — a uma curta caminhada da avenida Alaskan Way — e, por sorte, o sol brilha no céu. Passo pelo infame “muro dos chicletes” ao percorrer o beco Post Alley, sorrindo ao me lembrar daquela noite depois do baile de formatura em que Mike e eu fomos tomar sorvete e depois grudamos dois pacotes de chiclete ao longo da fachada de tijolos, logo abaixo da entrada do mercado — um rito de passagem em Seattle, por mais nojento que pareça.

É um dia de primavera excepcionalmente quente, e a rua Pike está cheia de turistas, que param para tirar fotos sob o famoso letreiro do MERCADO PÚBLICO CENTRAL. Outros observam com admiração os peixeiros balançarem um enorme salmão para a frente e para trás de forma teatral. Vou até a barraca de flores mais adiante e escolho um buquê bem cheio de peônias cor-de-rosa — as flores preferidas

de Rosie —, depois busco o mel. Coloco os potes na sacola e me dirijo à saída, parando diante da escada que leva ao Café Vita quando o meu celular toca: é Frankie.

— Oi — digo, colocando a sacola pesada na calçada de paralelepípedos sob os meus pés. — Pensei que você fosse para a Islândia hoje. — Ela e Christian vinham planejando aquela viagem o ano inteiro. Ele queria ver um vulcão de verdade e ela sonhava em mergulhar na Lagoa Azul.

— Sim, acabamos de chegar em Reykjavik — começa ela, exasperada. — Você não vai acreditar no que acabou de acontecer.

— O quê?

— A companhia aérea colocou a etiqueta errada na minha mala no Aeroporto Internacional John F. Kennedy e parece que agora está a caminho de Paris — explica ela com um suspiro.

— Ah, não!

— Ah, sim. E nem se atreva a me dizer...

— Dizer o quê?

— O que todo mundo diz: que você só conhece o caráter de uma pessoa quando ela perde a bagagem. Eu estou furiosa! Podia ter estrangulado a funcionária da companhia aérea agora mesmo. Ela olhou para mim e deu de ombros, como se dissesse: *Que azar, madame*. Enfim, Christian está no balcão de atendimento ao cliente tentando resolver a situação, mas parece que vou usar a mesma roupa pelos próximos cinco dias.

Fico mal por ela, mas tenho que reprimir uma risada quando imagino a minha melhor amiga com jet lag e cheia de fome enfrentando a funcionária desavisada na retirada de bagagem.

— Tenta esquecer isso — sugiro. — Talvez você possa parar em algum lugar e comprar umas roupas novas. — Sorrio sozinha, lembrando o que Spencer me disse naquele dia na ilha de Bainbridge. — Você está apenas passando por um momento de Viajante Desamparada. Christian vai ser o Viajante Capaz.

— Lena, do que diabos você está falando?

— É algo que li num livro — respondo, rindo sozinha. — De qualquer forma,

não deixe que isso estrague as suas férias. É só uma mala.

— É — diz Frankie com um longo suspiro. — Você tem razão.

— Então, me mande fotos e seja legal com as funcionárias da companhia aérea. Te amo!

Guardo o celular na bolsa e, com as palavras de Spencer ecoando na cabeça, desço a escada até o Café Vita. Meu coração bate mais rápido assim que entro, pegando um lugar no final da fila.

A cafeteria parece igual, mas diferente — da melhor maneira possível: novas bancadas de mármore e uma vitrine de confeitaria maior cheia de doces de aparência saborosa. Penso no que Spencer me disse, na sua visão para a cafeteria: as mudanças que queria fazer e as coisas que prometera manter. Sorrio ao ver as velhas poltronas — esfarrapadas e puídas, mas ainda dispostas junto à janela. Não posso deixar de imaginar se aquilo tudo é coisa dele — seu sonho realizado.

Atrás do balcão, uma mulher tatuada de piercing no nariz e franja reta me cumprimenta com um sorriso.

— O que você está a fim de beber hoje?

— Hã, um *chai latte*, por favor — respondo —, com leite de amêndoa. — Olho por cima do ombro dela para a máquina de café *espresso*. — Ei — continuo, hesitante. — O Spencer está aqui, por acaso?

Ela nega com a cabeça.

— O chefão foi para Nova York hoje de manhã.

— Chefão?

— É, o Spencer — responde ela. — Sabe, o proprietário.

— Ah, sim... tá bom — murmuro.

Ela entrega a minha bebida.

— Você já deve ter ouvido falar que vamos abrir uma franquía no Brooklyn. Ele vai ficar lá por um bom tempo, montando a nova fábrica de torrefação. — Ela aponta para uma prateleira de sacos de grãos de café ao meu lado. — Já experimentou o nosso blend de aniversário?

Faço que não com a cabeça.

— Compre enquanto pode, pois o estoque irá acabar até o final da semana, se não antes. — Ela sorri. — E não esqueça que, a cada saco vendido, repassamos dez por cento aos fazendeiros sul-americanos.

Abro um sorriso, cheia de orgulho. Spencer conseguiu fazer o que queria — e exatamente como tinha planejado.

— Vou levar quatro.

Ela me olha com curiosidade enquanto guardo o café na sacola já bastante pesada.

— Você é amiga do Spencer ou algo do tipo?

— Sim — respondo, sorridente. — Uma *velha* amiga.

Subo a escada meio sem rumo, carregando o peso dos meus pensamentos — e da enorme encomenda de mel da Rosie. Sorrio sozinha, pensando em Spencer, que me consolou naquele dia na ilha de Bainbridge, me abraçando com tanta ternura. Foi tão natural, como se a gente... combinasse, ainda assim, foi a primeira vez que eu o enxerguei por este prisma, a primeira vez que considere algo além da amizade. Talvez eu o veja outra vez, talvez não. Mas agora tenho que pegar a balsa.

Acelero o ritmo, passando por um grupo de turistas que andam devagar enquanto me dirijo à saída, parando de repente quando *acho* que ouvi o meu nome.

— Lena? — grita a voz de um homem novamente de algum lugar no meio da multidão.

Viro-me para trás, olhando de um lado para o outro até encontrar um rosto familiar a alguns metros dali.

— Spencer? — Fico parada no meio do caminho enquanto estranhos irritados se desviam de mim. Ele continua igual (o mesmo sorriso de rapaz da casa ao lado, os mesmos olhos azuis gentis), embora esteja um tanto mudado, parece mais polido e profissional enquanto caminha na minha direção com um casaco desportivo azul-marinho e uma mochila de couro pendurada no ombro.

— Uau! — exclama ele, visivelmente surpreso. — Lena! Eu nem acredito! Pensei que fosse você, mas não tinha certeza. Há quanto tempo não nos vemos? Dez anos, talvez mais?

Não, algumas semanas, tenho vontade de dizer. Vinte e dois dias, para ser exata.

— É, por aí — respondo em vez disso.

— Você voltou para Seattle?

Faço que não com a cabeça.

— Eu moro em São Francisco, mas vou ficar na cidade por um tempinho, visitando a minha tia na ilha de Bainbridge. É bom tirar uma folga do trabalho para desanuviar a cabeça, sabe?

— Nem me diga — comenta ele. — Acho que não tirei um único dia de folga desde que assumi a cafeteria há três anos.

— Parabéns! — digo, sentindo uma certa agitação no peito. — Eu, hã, estive lá agora há pouco... passei para... dar um “oi”. Uma das baristas me disse que você estava em Nova York. — Estudo o rosto dele.

— Meu voo foi cancelado — responde ele com um encolher de ombros. — Parece que há um furacão se formando no Atlântico.

Coloco a sacola cheia no chão; nunca me senti tão grata por ouvir falar de um furacão do que neste momento.

— Que engraçado esbarrar com você depois de tanto tempo — continua ele, radiante, quando um raio de sol atinge sua bochecha esquerda.

— É — concordo, meio sem fôlego. — Engraçado mesmo.

Ele coça a cabeça.

— Vai parecer loucura, mas estou tendo um momento de déjà vu, como se isso já tivesse acontecido antes.

— Eu também — digo, completamente atordoada.

Ele olha para a minha sacola.

— Quer dizer que você estava fazendo umas comprinhas?

— Ah, estou aqui por causa de um assunto muito importante. Tive que vir buscar a encomenda especial de mel da minha tia.

— Mel.

— Isso mesmo, quer um pouco? Agora temos um fornecimento vitalício.

Spencer sorri, colocando a minha sacola pesada por cima do ombro, o que deixa o meu coração quentinho.

— Quando você vai voltar para São Francisco?

— Não sei. Ainda estou tentando decidir. Tirei uma licença do trabalho. É complicado. Eles me querem de volta, mas não tenho certeza se quero voltar.

Spencer me olha com curiosidade, e não posso deixar de perceber que seu olhar se volta para o meu dedo anelar.

— Então, presumo que você não seja casada, é?

Balanço a cabeça.

— Espero que não.

— Ainda não encontrou o *cara certo*?

— Só um monte de *caras errados* — respondo, lembrando-me da mulher que o vi abraçar quando estive no mercado da última vez. — Escuta — continuo, um tanto constrangida. — Preciso confessar uma coisa.

— Ah, é?

— Vim ao mercado com a minha tia no mês passado e vi você com a sua *namorada*.

Ele dá um sorriso.

— Estava me espiando, é?

— Não, não — retruco, meio envergonhada. — Eu só estava... passando por ali e reparei em você na vitrine.

— E essa mulher com quem você me *viu* — continua ele — era alta? Loira?

— Hã, era.

— Mais algum traço característico?

— Bem, ela sacudiu o cabelo desse jeito. — Faço um gesto exagerado com a mão.

— Você estava *mesmo* me espiando.

Fico com as bochechas afogueadas.

— Não estava, não!

Ele dá uma risada.

— Era Anne, a minha *irmã*. Ela estava na cidade naquela semana, veio de Pittsburgh me visitar.

— Ah! — exclamo, mortificada, embora os cantos da minha boca comecem a

esboçar um sorriso (sem a minha permissão).

— É, eu continuo solo.

Olho para Spencer, pensando se deveria ou não tomar uma atitude, mas então meus olhos encontram os dele.

— Talvez a gente possa fazer uma dupla — digo de repente, aproveitando a oportunidade. — Bem, para o jantar hoje à noite, isto é, se você estiver livre.

— Sim — responde ele. — Quer dizer, não. Quer dizer... — Ele faz uma pausa. — Eu *não* tenho planos e, *sim*, adoraria jantar com você. Já foi ao Matt's?

Nego com a cabeça.

— Bem, prepare-se para um banquete. São as melhores ostras da cidade. Depois, a gente podia ir até a cafeteria e jogar Rummikub em nome dos velhos tempos. Acredite se quiser, mas aquela caixa velha continua debaixo do balcão.

— Perfeito — respondo. — Quer dizer, isso se você quiser levar uma surra.

Ele dá uma risada.

— Bem, acho que nós sabemos quem é o campeão de Rummikub, e seu nome não é Lena.

— É o que vamos ver — retruco.

Sinto um arrepio na nuca enquanto percorremos o mercado, ouvindo as palavras da minha mãe na minha cabeça. Ela estava certa, tão certa: as coisas mais bonitas da vida estão quase sempre bem diante dos nossos olhos. Levei 35 anos e uma montanha-russa de dez dias para descobrir isso.

— Quer que eu pegue mais um copo de *chai* para você? — pergunta Spencer.

— Você ainda *lembra* — digo, olhando para ele, surpresa e feliz.

— E como eu ia esquecer? — Seus olhos fitam os meus como se ele sondasse a minha alma.

Sorrio, com a mente — e o coração — a mil. *Era ele*. De terno ou avental, nesta ou noutra versão da minha vida, *sempre foi ele*.

Enquanto caminhamos em direção à escadaria que leva ao Café Vita, meu salto fica preso num paralelepípedo. Quando tropeço para a frente, Spencer dá um salto para amortecer a minha queda e me oferece a mão, que seguro firme.

E não solto. Na verdade, acho que nunca mais vou soltar.

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido escrito não fosse pelo meu querido amigo e parceiro de crime, o produtor de cinema Chris Goldberg. Nossa amizade de mais de uma década abriu o caminho, sem dúvida, mas sua mente brilhante também foi de grande ajuda. Ainda me lembro de ler um e-mail dele com o assunto: “Os caras errados.” “Você estaria interessada em colaborar?”, perguntou ele. Minha resposta foi um “sim” imediato (quando é uma boa ideia, você sabe na hora), e passamos os meses seguintes montando a história juntos. Embora o romance tenha sido escrito na minha voz, há muito do Chris nestas páginas: o humor, a visão para a história, o jeitinho sorrateiro de me impedir de complicar as coisas demais, algo que tenho a mania de fazer. Chris, adorei escrever este livro com você e adoro ser sua amiga. Agora, vá tomar as suas vitaminas, por favor.

Às minhas incríveis agentes literárias, Elisabeth Weed e Jenny Meyer (e D. J. Kim e Heidi Gall), devo todo o sucesso da minha carreira a vocês — por acreditarem nas minhas histórias e em mim. Sou eternamente grata pela nossa parceria e amizade.

Um grande agradecimento, também, à minha intrépida e sábia editora na William Morrow, Liz Stein, que adorou este livro desde o começo, quando não passava de um punhado de páginas e um rascunho. Suas ideias brilhantes e anotações ponderadas nos ajudaram a criar uma história da qual todos nos orgulhamos. Liz, você é uma estrela do rock, assim como os seus colegas na Morrow, incluindo Jen McGuire, Ellie Anderson e a equipe dos bastidores que merecem a minha sincera gratidão.

Também gostaria de agradecer aos meus amigos Aimée O’Carroll e Nabil Benali, que me apoiaram na pesquisa e com questões técnicas, bem como às autoras de best-sellers Emily Giffin e Nita Prose, que reservaram um tempo em suas agendas ocupadas para ler o manuscrito inicial e prestar seu apoio. (Emily, desculpe por te

passar covid-19!)

Às minhas amigas da CAA, especialmente à minha agente Michelle Weiner e à equipe dos sonhos de Hollywood, Ilda Diffley, Cat Vasko e a supermulher Sofia Stern: obrigada por se apaixonarem por este romance tanto quanto nós nos apaixonamos por vocês. Aquela semana, em Los Angeles, continua sendo uma das minhas experiências profissionais favoritas até hoje. Amigas para sempre: dentro ou fora do tapete vermelho!

Aos meus três filhos, que me ouviram falar deste livro (sem parar) em viagens de carro de ida e volta para a escola. Carson, Russell e Colby, a única coisa que eu amo mais do que ser escritora é ser a mãe de vocês (e segunda mãe de Josiah, Evie e Petra — adoro vocês três!).

À Sarah Gelman, Natalie Quick, Lauren Vogt, Lisa Curran, Claire Bidwell Smith, Mimi Jung, Tess Andersen, Mariana Emsenhuber, Linda Duffus e inúmeras mulheres para mencionar aqui: o amor é ótimo, mas as amigas são tudo. Obrigada por serem a minha tribo de pessoas *certas*.

Por último, mas não menos importante, à Viviana e Brandon: Vivi, você é o yin do yang de Chris, uma bela alma e amiga querida. Obrigada por todas as maneiras pelas quais você o apoiou (e a mim) enquanto trabalhávamos neste projeto. E a Big B, meu marido e o amor mais certo da minha vida: pensar em todos os passos que me levaram a você me faz apreciar cada um deles (até os tempos mais difíceis). Eu te amo com todo o meu coração.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajuciro

EDITORA RESPONSÁVEL

Mariana Rolier

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Júlia Ribeiro

Mariana Oliveira

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Theo Dominique

REVISÃO

Emanoelle Veloso

DIAGRAMAÇÃO

Alfredo Loureiro

LIVRO DIGITAL:

Digitaliza Brasil

Este e-book foi gerado em 2025 para a Livros da Alice.